

BEST-SELLER DA AMAZON
NANA PAUVOLIH

Ferida 2

Série Segredos
VOLUME 2.5

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ferida2

Nana Pauvolih

Livro 2.5 da Série Segredos

Série Segredos:

Livro 1 – Proibida.

Livro 2 – Ferida.

Livro 2.5 – Ferida 2.

Dedicatória:

Quando decidi escrever a Série Segredos eu estipulei para mim mesma que seria composta por quatro livros e fiz uma ordem das histórias. Mas no decorrer do primeiro livro, um dos irmãos Falcão começou a tomar demais os meus pensamentos e aconteceu uma daquelas coisas inexplicáveis, quando o personagem parece tomar vida própria. "Ferida" seria o último livro, mas Theo Falcão é impaciente e dominador, não me deixou em paz até que eu mudasse tudo e adiantasse o livro dele, que passou a ser o segundo. Não satisfeito, ele ainda tomou tanto conta da história, que um livro não foi o bastante e tive que escrever mais um, daí surgiu Ferida 2.5.

Não estava nos meus planos, mas que amei escrever.

Vou sentir falta de Theo e Eva, mas meu consolo é que virão mais dois livros da Série ("Seduzida", com a história de Micah, e "Rendida", com a história de Pedro e Heitor). E eles aparecerão nesses também.

Como sempre, para mim foi um prazer escrever e será sempre. Comecei e termino a história de Theo Falcão com amor e é repleta desse sentimento maravilhoso que:

Dedico Ferida a todas as "nanetes", minhas fãs e amigas que amo de paixão e que também posso chamar carinhosamente de "Coelhinhas".

Dedico também a todos os leitores que entram em contato com meus romances e que, assim, fazem parte da minha vida.

E dedico de coração à minha família, que às vezes reclama que não largo o computador, mas que está sempre comigo; e às minhas amigas queridas que me ajudaram fazendo quotes e book trailer, divulgando, trocando capas do face pela capa de Ferida 2, indo para o Twitter e as redes sociais para que meu trabalho seja mais conhecido, sugerindo avatar, música ou imagem, sendo minha leitora beta, fazendo a revisão.

Estão no meu coração e a vocês sou eternamente grata.

*Com todo meu amor,
Nana.*

Copyright © 2014 Nana Pauvolih
1ª Edição Setembro de 2014

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução em todo ou parte em quaisquer meios sem autorização prévia escrita da autora.

Título

FERIDA 2

Autora

Nana Pauvolih

Revisão

Valéria Avellar

Capa

Eliane Sales

pauvolih@outlook.com

nanapauvolih.blogspot.com.br

CAPÍTULO 1

THEODORO FALCÃO

15 de Outubro de 2014

*"(...) All the Love gone bad
Turned my world to black
Tattooed all I see, all that I am, all I'll be... yeah (...)"*

*"(...) Todo o amor tornou-se mal
Transformou meu mundo em escuridão
Tatuando tudo que vejo, que sou, tudo que sempre serei (...)"*
(Pearl Jam, Black)

Eu estava sozinho em meu escritório naquela bela manhã de outubro e tinha chegado há poucos minutos. Havia trabalho acumulado sobre a mesa, pois com os últimos acontecimentos tinha ficado mais fora do que ali. Mas não tive pressa. Tomando um gole de café quente na xícara de porcelana, caminhei até a ampla janela com vista para morros verdejantes e fiquei olhando para fora através do vidro, minha mente trabalhando sistematicamente.

Muita coisa tinha acontecido em minha vida nos últimos dias e vindo sem que eu esperasse. Primeiro foi o nascimento de minha filha Helena de forma prematura, quando minha esposa Eva estava com sete meses de gravidez. Felizmente deu tudo certo e as duas já estavam em casa, saudáveis, desde o dia anterior. A outra surpresa foi a volta do meu irmão Micah à Florada depois de 15 anos sem dar notícias.

Emoções violentas e controversas me abalavam. Sabia que Micah não retornaria assim sem mais nem menos. E ele mesmo havia confessado que havia um motivo. Uma ameaça em forma de uma vingança do passado. Mas não quis contar mais do que isso. O que me deixava ainda mais nervoso. Aquele mistério todo não podia

significar coisa boa e eu me sentia impaciente, querendo desvendar logo tudo.

Tomei todo o café e voltei até minha mesa, depositando a xícara no pires, franzindo o cenho, perturbado. Alguma coisa apertava meu peito, me dava uma sensação estranha e ruim. Parecia um alerta, mas por mais que eu tentasse entender, parecia fugir, escapar à minha compreensão.

Sacudi a cabeça e resolvi começar a trabalhar. Ainda naquela manhã teria que sair mais cedo e dar um pulo no cartório para registrar Helena. O trabalho só não estava mais acumulado por que eu tinha Valentina, meu braço direito ali, que sempre eficiente tinha resolvido parte dos problemas. Mas era muita coisa e ela já tinha coisas demais para se preocupar.

Tinha acabado de sentar em minha cadeira e pegar o primeiro relatório para analisar quando meu celular tocou. Estava sobre a mesa e vi o número de Joaquim. Franzi o cenho e indaguei ao meu irmão caçula:

- Tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

- Theo, você pode dar um pulo aqui na fazenda?

Na mesma hora senti um aperto no peito e a sensação estranha e ruim voltou com força redobrada. Um frio percorreu minha coluna e me levantei, alerta:

- O que foi, Joaquim? Aconteceu algo com Eva ou Helena? Com Gabi ou Caio?

- Não. Mas precisamos de você aqui para resolver uma coisa. É sério.

- Porra, fale de uma vez! – Bradei, nervoso, agarrando as chaves do carro que estavam sobre a mesa, já andando apressado para a porta.

- Recebemos uma ameaça, Theo. Já chamei a polícia e o delegado Ramiro está vindo pra cá.

- Ameaça? – Saí da sala e passei por Eurídice, minha secretária, sem nem vê-la pela frente. Com passos largos pelo corredor, entrei no elevador, apertando forte o celular. – Que ameaça? De quem?

- Do comparsa da mãe de Gabi. Olha, vem pra cá e te explico tudo. Estamos no casarão e todo mundo está bem. Só venha logo.

- Já estou a caminho.

- Tá.

Desliguei e guardei o celular no bolso, muito preocupado. A mãe e a irmã de Gabi, que tinham jurado se vingar da minha família, mas permaneceram quietas e sumidas por meses. Sem ameaças, telefonemas ou bilhetes ameaçadores. Micah tinha chegado no dia anterior e avisou que sua vinda se relacionava com elas. Agora Joaquim falava em ameaça.

Eu odiava ser o último a saber das coisas e ser pego de surpresa. O fato de Micah não ter explicado direito o que estava acontecendo e agora Joaquim falar de ameaça sem maiores detalhes me deixava doente. Saí às pressas do prédio e praticamente me joguei dentro do carro, já o colocando em movimento, querendo chegar logo à fazenda e saber o que tinha ocorrido a ponto dele chamar o delegado Ramiro. Tinha que ser algo grave e dirigi nervoso para fora de Florada, acelerando muito ao chegar na estrada.

O que ainda me acalmava era a garantia do meu irmão caçula de que todos na fazenda estavam bem. Mas mesmo assim eu continuava tenso, preocupado, furioso. Não via a hora de descobrir o paradeiro daquelas mulheres e do comparsa delas, Lauro Alves. Só quando eu os tivesse isolado e preso, eu poderia respirar aliviado.

Enquanto dirigia, as imagens de Estela e de Luiza Amaro vieram em minha mente, como eram há muitos anos atrás. Quando as vi pela última vez eu tinha apenas 18 anos e isso tinha sido há 24 anos. Não conseguia entender como permaneceram ligadas naquela vingança por tanto tempo e o que esperavam conseguir dela. Destruir minha família? Conseguir suas terras de volta? Matar um de nós? Embora seus objetivos fossem claros, eu ainda não entendia que planos tinham, já que levar Gabriela para o lado delas não tinha dado certo.

Impaciente, pisei mais no acelerador e lembrei as duas na cidade logo depois de perderem o sítio e de Pablo ser encontrado morto na prisão. Pareciam duas moradoras de rua, sem nada, furiosas, gritando aos quatro cantos contra a injustiça de tudo

aquilo. Lembrei principalmente de Luiza, na época também com 18 anos, o ódio e o desejo em seus olhos sempre ao se deparar comigo.

Eu nunca gostei dela. Não era apenas o fato de pertencer a uma família que era inimiga da minha. Desde pequeno fui alertado pelo meu pai para não me relacionar com qualquer Amaro. Observei os dramas envolvendo meu pai, minha mãe, Pablo e Estela Amaro. Sabia que a tensão entre os dois casais só crescia e acabaria chegando a um ápice ou a uma tragédia, como aconteceu. E como filho dos Falcão era impensável eu me relacionar com a filha dos Amaro.

Nunca me incomodei com aquilo. Não foi o que me impediu. Mesmo sendo da mesma sala de aula de Luiza desde sempre e de saber o quanto era bonita e me olhava com desejo, nunca me aproximei dela. Simplesmente a ignorava, como se não existisse. Eu não sentia desejo por ela. E nada do que fazia para chamar minha atenção dava certo. E ela fazia muitas coisas.

Tentou se aproximar de mim diversas vezes. Puxava assunto na escola, parecia estar sempre perto, não tirava os olhos de mim, se grudava em meus amigos. E quando nada disso deu certo, passou a frequentar os mesmos locais que eu e se oferecer cada vez mais claramente. Eu apenas fingia não perceber, sempre frio. E não fazia isso por que meu pai proibia contato com pessoas da família dela, mas por que eu não queria aquele contato. Apesar de linda, nunca me atraiu. Havia algo nela que me dava uma sensação ruim, como uma certeza de que havia uma maldade latente em seu sangue. Eu simplesmente tinha repulsa dela, não sei se por tudo que eu sabia que havia entre nossas famílias ou por um instinto mais visceral.

Luiza tentou. Até se tornar inconveniente. Ela me perseguia em todos os lugares e tive que ser bruto algumas vezes. No entanto, quanto mais eu a desprezava, mais ela se tornava insistente. E finalmente, pouco antes de toda tragédia, quando seu pai tentou matar o meu e foi preso, eu a encontrei em uma festa de amigos. Eu tinha bebido um pouco demais e fui ao banheiro. Não sei como ela conseguiu entrar e ali me agarrou e se declarou, implorou, se

esfregou em mim, foi uma cena ao mesmo tempo ridícula e incômoda.

Eu estava com o pau pra fora, quando fui literalmente atacado. Disse que me amava, que não conseguia mais viver sem pensar em mim, caiu de joelhos e começou a me chupar. Fiquei excitado com toda cena em si. Por um momento deixei que me chupasse, impressionado com sua fome e seu desespero. Então agarrei seu cabelo, a ergui e joguei-a contra a parede. Implorou para ser fodida. E quase o fiz, só por que era homem e ela pedia por aquilo já há muito tempo.

No entanto, fitei seus olhos, percebi sua adoração e obsessão e soube que não significava nada para mim. Nem para uma foda de uma única vez Luiza serviria, pois nunca mais me deixaria em paz. E já havia confusão demais entre nossas famílias para arrumar mais uma. Além de tudo, não me senti realmente tentado. Não lembro ao certo o que disse a ela, mas deixei claro que nunca teria nada de mim e a desprezei claramente. Implorou e se humilhou, tentou me beijar. Eu a escorracei para fora do banheiro e fui extremamente bruto. Praticamente joguei-a longe. Saiu chorando e jurando vingança. Mas serviu. Depois daquela vez, passou a me olhar com ódio mortal. Mas pelo menos parou de me perseguir.

E logo veio toda a tragédia, Pablo apareceu morto, elas ficaram sem nada e foram embora. Nunca perdi meu tempo pensando em Luiza todos aqueles anos, somente ocasionalmente. Eu as queria sob as vistas e tentei encontrá-las somente como forma de evitar algum ataque surpresa, mas as duas sumiram no mapa. Até aparecerem tentando se aproximar de Gabi, filha de Luiza. Era estranho imaginar que a irmã de criação que eu amava demais tinha o mesmo sangue que aquela mulher, mas felizmente Gabi era muito diferente. E eu agradecia por ela ter sido criada longe daquelas duas. O mesmo eu não podia dizer de sua irmã caçula. Sabe-se lá que tipo de monstro se tornou tendo uma mãe como Luiza.

E agora elas atacavam. Não devia ser coisa pouca, para trazer Micah de volta e deixar Joaquim transtornado, a ponto de chamar o delegado Ramiro por causa de uma ameaça.

Eu dirigia nervoso, rápido, minha mente tentando encontrar o que elas poderiam ter feito daquela vez, o ódio já tomando conta de mim. Independente do que fosse, elas que não ousassem mexer com ninguém da minha família. Eu as caçaria até o inferno e seria implacável, nada me impediria de destruí-las se assim fosse.

Pensei em Eva com minha filha Helena recém-nascida e fiquei mais tranquilo ao saber que elas estavam protegidas em casa. Joaquim e meus outros irmãos não deixariam nada acontecer com elas.

Respirei aliviado quando passei pela porteira da fazenda e acelerei ainda mais, ansioso por chegar logo, saber o que estava acontecendo e agir. Fiquei mais preocupado ainda ao ver dois carros da polícia, a moto de Pedro e o cavalo de Heitor na frente do casarão. Pelo visto estava todo mundo lá e me perguntei se Micah também seria avisado. Mesmo que fosse, ele não pisaria na fazenda.

Parei o carro e já fui pulando fora. Com o cenho franzido e nervoso, subi os degraus de dois em dois e irrompi na sala, meus olhos já abarcando todo o ambiente, buscando alguma forma de perigo e entender o que estava acontecendo.

Estava cheia e todo mundo olhou para mim. Num relance vi o delegado Ramiro e mais três policiais conversando com Heitor e Pedro à minha esquerda, Tia sentada desolada em uma poltrona com a mão sobre o carrinho de Helena, que dormia serenamente, indiferente ao que acontecia à sua volta. Em outro sofá estava Joaquim abraçado à Gabi, com o rosto vermelho de chorar, Caio no colo dela adormecido. E sentada em uma cadeira que foi puxada da mesa, encostada na parede, estava Eva. Foi nela que meu olhar se fixou. E tomei um susto com o que vi. Na mesma hora andei até ela, alarmado, no exato instante em que erguia os olhos para mim.

Sua aparência era de uma pessoa derrotada. Arrasada, desolada, sofrida, desesperada. Estava mortalmente pálida, os olhos inchados de tanto chorar, despenteada, o seu olhar para mim me deixando extremamente preocupado e nervoso. Muito mal vi outras coisas a minha frente, quase não notando que Joaquim se levantava de repente ou que Pedro e Heitor se aproximavam. Fui direto até ela:

- Eva...

Ergueu-se com certa dificuldade e seu rosto se contorceu em desespero. Tremia muito, soltou um soluço que mais lembrava o lamento de um animal ferido e cambaleou, olhando-me como se suplicasse algo. Meu coração disparou e na mesma hora eu a agarrei e puxei para meus braços, angustiado, temendo saber o que a tinha deixado naquele estado.

- Coelhinha, o que aconteceu? Fizeram alguma coisa contra você?

Eva agarrou-se em mim e começou a chorar e soluçar fora de si, em extrema aflição e como que em pânico. Olhei em volta quando vi Heitor e Pedro ao meu lado esquerdo e Joaquim ao direito. Os olhares deles me alertaram. Havia cautela, preocupação, nervosismo. Nunca os tinha visto daquele jeito e senti um alarme dentro de mim. Indaguei nervoso:

- O que está acontecendo aqui?

Gabi começou a chorar em seu lugar, com Caio no colo. Tia se levantou e veio perto, apoiando a mão em meu braço, seu olhar de pena e desespero, tentando me passar algo que não entendi. Murmurou:

- Theo...

- Porra, o que está havendo aqui? – Exigi saber, puto, quase fora de mim. Apertei Eva em volta dos braços e ela não parava de chorar em um lamento horrível, dor sacudindo-a, o clima pesado e tenso em toda sala, como se todo mundo se concentrasse em mim. – Cadê meu pai?

- Ele está bem, no quarto com Margarida. – Respondeu Heitor. Fitei-o e, com seu jeito sereno, mas perturbado, disse baixo:

- Deixe a Eva e sente-se. Precisamos falar com você.

- Deixar a Eva? – Franzi o cenho e a apertei mais. – Olha o estado dela! Digam logo que porra está acontecendo aqui!

E ao mesmo tempo, tentei olhar para o rosto dela, mas enfiou-o mais em meu peito, agarrando-me sofregamente, enquanto eu murmurava:

- Calma, coelhinha. Diga pra mim por que está assim.

- Me perdoe... – Suplicou deplorada, em um lamento tão terrível que senti o medo percorrer minha espinha em um arrepio.

- Perdoar o quê? Eva? – Nervoso, segurei sua cabeça com firmeza e a ergui, obrigando-a a me olhar. Nunca vi tanto desespero nos olhos de uma pessoa e fiquei completamente afligido, preocupado, arrasado. – Diga.

- Theo, escute... – Tia começou, nervosa também, tentando puxar meu braço, afastar-me um pouco da minha mulher.

- Vamos contar tudo e não temos muito tempo. – Pedro segurou meu braço do outro lado, sua seriedade me deixando ainda mais tenso. – Deixe a Eva com a Tia. Precisamos falar com você.

- Fale. – Eu não a soltei um milímetro, pelo contrário, mantive-a mais firme em meus braços e dali ela não escaparia nem que quisesse. Como se tivessem vida própria, voltei meus olhos carregados para Eva e soube que, o que quer que fosse, tinha a ver com ela. Exigi baixo: - Conte o que aconteceu. Agora.

A sala ficou completamente silenciosa. A tensão era tão densa que poderia ser cortada com uma faca. Senti todos os olhares sobre mim e meus irmãos se aproximaram mais, como se fossem intervir em algo. Senti como se tomasse um soco no estômago e o terror se espalhou dentro de mim. Era um sentimento estranho, com o qual não estava acostumado. Mas veio feroz, me rasgando, ainda mais ao encontrar os olhos suplicantes e sofridos de Eva. Havia uma coisa muito errada ali, algo sério demais. Pensei rapidamente em tudo, em seu estado, no pedido de perdão, nos meus irmãos e Tia tentando me afastar dela. E soube que Eva havia feito algo muito grave.

Veio sem que eu esperasse. Uma clareza de pensamento, um aviso ou pressentimento, não soube ao certo. Era quase como uma certeza, um alerta, mas não consegui me concentrar. Eu sabia que se não estivesse tão perturbado descobriria o que era, mas não conseguia me fixar na informação, apenas ter uma sensação horrível de que meu mundo racharia, acabaria. E o medo me dominou mais forte do que qualquer coisa, me paralisou.

Eu não sentia medo de nada. Mesmo quando tive que assumir a frente dos negócios da família, ou vi Micah com o sangue dos meus pais nas mãos ou mesmo quando estive na mira de bandidos

no atentado que sofri, eu não tive medo. Sempre me senti acima de tudo, forte, implacável, disposto a qualquer coisa para reverter a situação. Mas ali, com Eva nos braços, minha filha recém-nascida no carrinho, meus irmãos com olhares alarmados a minha volta, eu vacilei e senti como se tudo estivesse prestes a desabar sobre minha cabeça.

Por um milésimo de segundos, não quis saber o que tinha acontecido. Tive vontade de erguer Eva no colo e levá-la ao nosso quarto, escondê-la do mundo e me esconder também, fugir de cada verdade que podia destruir. Mas isso foi apenas temporário, pois logo senti as forças retornarem e a coragem para enfrentar o que quer que viesse pela frente.

Olhando bem dentro dos desesperados olhos verdes dela, eu exigi forte e profundamente, sem admitir qualquer fuga:

- Diga o que está havendo.

Lágrimas escorreram por suas faces. Ela não piscou, não se escondeu, não respirou. Era como se o mundo tivesse parado. O ar estagnou, as pessoas na sala não se mexeram, tudo se concentrou especificamente naquele momento. E enfim eu vi. Vi a dor, o caos, o fim. Quando seus lábios se abriram, eu quis fechá-los, pois sabia inconscientemente que suas palavras me destruiriam, mas então já era tarde demais e nunca fui um covarde. Por isso olhei e ouvi, deixei que falasse. E me destruísse:

- Eu... Não sou Eva Camargo. Meu nome é... Eva Amaro. – Sua voz saiu baixa, trêmula, mas real. Seus olhos desesperadores fixos nos meus quando completou bem baixinho: - Sou filha de Luiza Amaro. Neta de Pablo e Estela Amaro.

Eu não me movi. Por um momento, nem tive reação. Eram apenas palavras soltas, eternizadas na memória, mas ainda incongruentes. Então veio lenta e voraz a verdade dentro de mim, ali, jogada na minha cara, diante da minha família, dentro da minha casa, como um soco na cara. Por um momento fiquei desnordeado, chocado, perplexo. O chão escapou de sob meus pés, nunca me senti tão atingido, tão dolorosamente atacado, sem nem saber de onde tinha vindo aquilo.

Com o corpo imobilizado, os olhos ainda nos dela, eu contraí meus dedos em volta de sua cabeça segurando fortemente seus cabelos como garras, respirando para entender aquela realidade que se apresentava diante de mim. E então, não teve como fugir. E eu vi toda a verdade diante dos olhos, o tempo todo ali, a traição clara e transparente na forma daquela mulher que havia se tornado tudo para mim, meu mundo, meu amor, minha vida.

E a dor me rasgou por dentro, violenta, tão horrível que tive vontade de gritar, bater, morrer. Rosnei como um animal mortalmente ferido, senti como se eu deixasse de ser eu mesmo, entendi o quão enganado fui por Eva o tempo todo, usado, dilacerado, a dimensão de tudo aquilo vindo com força total, me destroçando e destruindo, me reduzindo a nada em milésimos de segundos.

Emiti um som furioso de dor, de sofrimento maior que tudo, de puro desespero e, num gesto de repulsa e violência, empurrei-a brutalmente contra a parede e minhas mãos foram em sua garganta, apertando, meus olhos nos dela em um furor de raiva, sentindo-me traído e atacado, aquela realidade difícil demais de ser suportada, o ódio tão feroz que me deixou cego, surdo e mudo para tudo o mais enquanto eu rosnava como um animal ferido:

- Desgraçada...

- Theo! – Tia gritou.

Outros gritos vieram, mas tão longe, tão distantes do modo avassalado que eu me sentia, que mal os percebi. Senti mãos fortes me puxando, vozes de homens, pedidos de calma, meu nome dito várias vezes. Mas ninguém conseguiu me afastar de Eva, daquela mulher a quem entreguei minha vida, a única a quem me dei por inteiro e confiei sem vacilar, que agora enfiava uma faca em meu coração e torcia, que me matava ainda em vida, que mostrava que minha felicidade foi o tempo todo uma mentira.

Eu só conseguia ver seus olhos. Arregalados, temerosos, e ao mesmo tempo entregues, como se soubesse que merecia aquilo. Não lutou, apenas segurou meus pulsos e deixou que eu apertasse seu pescoço, dominado por uma dor que me cortava e golpeava, ainda maior do que o ódio. O pior de tudo era imaginar que tudo

não passou de uma farsa, que toda felicidade que senti era falsa, forjada, manipulada. Que o tempo todo eu, que tanto prezei a inteligência e a honestidade, caí como um pato naquela armadilha e nunca desconfiei de nada.

Ali, naquele momento, eu quis matá-la. E quase, quase mesmo, eu o fiz. Cheguei a apertar mais seu pescoço e soube que seria fácil, do jeito que eu estava fora de mim. Ninguém me tiraria de cima dela, não com toda fúria e todo desespero que me consumiam. Em um estalo eu o quebraria, mas então algo mais forte que eu, que todo ódio e toda mágoa, segurou meus dedos. Eu aliviei a pressão e apenas a segurei, olhando-a, lacerado e acabado, traído e morto, destruído. Foi a pior coisa que senti na minha vida, um misto de dor, vergonha, desespero, agonia. Ali eu entendi como uma deslealdade poderia acabar com uma pessoa. E Eva tinha literalmente acabado comigo. Eu não era mais nada. Nada.

- Theo, calma. Solte a Eva! Solte! – Um dos meus irmãos falava, nem sei quem. Tentavam me tirar dela, mas era como se eu tivesse uma força sobre-humana.

E somente por que eu mesmo me impedi de seguir em frente, deixei minhas mãos caírem e dei um passo para trás, sem querer tocar mais nela, como se me contagiasse com sua presença. Um lado ainda racional em mim percebeu sua respiração entrecortada, seu olhar suplicante, ali encostada e com lágrimas escorrendo dos olhos desesperados. Meus irmãos me soltaram. Alguém disse algo sobre conversar e me acalmar. Mas tudo parecia girar, louco, fora da realidade, duro demais para aceitar. A dor era o pior de tudo, lacerando, rompendo algo dentro de mim, deixando-me até sem ar.

Quase implorei para que negasse tudo, embora soubesse que não havia como. Era apenas uma parte minha querendo se proteger, querendo negar a verdade explícita e dura demais para suportar. Eu só conseguia olhar para Eva, ver diante de mim a mulher que me deixou completamente apaixonado e agora destruído, que invadiu minha vida e tomou tudo de mim, até minha essência. A ponto de não saber mais quem eu era sem ela. Mas agora teria que reaprender. Teria que renascer das cinzas, de uma traição que doía e latejava, que matava.

- Theo... – Foi sua voz em um murmúrio, em uma súplica, que me despertou para a vida.

Ali eu senti vir com tudo a traição e o ódio. Gritei dentro de mim mesmo, tanto que fiquei surdo, perdi a razão. Quis causar nela a mesma dor que me rasgava e consumia, senti vontade de destruí-la. Foi mais forte do que eu, tão rápido e violento que pegou todo mundo desprevenido. Ergui o punho e fui com tudo, para acertá-la, machucá-la, aniquilá-la.

Mas no último milésimo de segundo, eu não consegui. Eu desviei o punho e o soco explodiu na parede ao lado de sua cabeça, estraçalhando meus dedos, espalhando uma dor aguda na pele que se rompia e nos ossos que se chocavam contra o cimento, a dor percorrendo a mão e o braço até o ombro, o sangue escorrendo dos ferimentos, manchando de vermelho a pintura branca que se estilhaçou.

Gritei em um lamento em que a dor nos dedos não era nada perante a que me consumia. Fui agarrado por trás e puxado para longe dela. Todos gritaram. Eva chorou em um lamento sofrido e angustiado. Eu lutei, fora de mim, como um animal ensandecido, e precisou de meus três irmãos para me segurar, tentarem me conter. Tia chorava e me tocava pela frente, os bebês gritavam, vozes e desespero se confundiam naquela sala. E o tempo todo eu não conseguia tirar meus olhos de Eva, obcecado, alucinado, fora de mim.

- Desgraçada! – Rosnei e tentei avançar nela, mas eram muitos braços me contendo, muitas pessoas me segurando, me impedindo. Até o delegado Ramiro teve que ajudar, pois minha força era descomunal. Eu lutei e grunhi, até que a vi cair de joelhos a minha frente, lágrimas inundando seus olhos, escorrendo de seu rosto, sua voz saindo em lamentos doloridos e desesperançados:

- Por favor, me perdoe... me perdoe, Theo... Eu te amo e isso nunca foi mentira... Eu te amo...

- Filha da puta, desgraçada... – Eu não sei o que faria se a pegasse. Queria machucá-la, dilacerá-la como fazia comigo com a sua traição. – Mentirosa!

- Theo, calma! – Pedro me puxou, segurando meus braços para trás. Heitor veio pela frente, escondendo Eva do meu olhar obcecado e mortal, tentando me conter e atrair minha atenção, dizendo firme:

- Não faça nada do que vai se arrepender depois. Ela é a mãe da sua filha, Theo. Ainda está de resguardo.

- Foda-se! – Berrei alucinado, tentando me soltar. Joaquim ajudou a me segurar, enquanto Tia corria até Eva e a ajudava a se levantar com dificuldade. Ela chorava e tremia, cambaleava, segurava a barriga como se estivesse com dor.

Eu quis destruir Eva com todas as minhas forças. Lutei, pois precisava pôr minhas mãos em cima dela, exigir saber por que foi tão falsa, causar nela um pingo da dor que me matava e torturava, mas em meio ao caos e à dor suprema, ao ódio e ao desejo de vingança, só uma coisa poderia me parar. Foi quando ouvi os gritos de Helena, seu choro desesperado. Alguma coisa dentro de mim travou e na mesma hora eu me imobilizei. E percebi que havia uma inocente naquela história, minha filha que era fruto de duas famílias inimigas, que já tinha nascido em meio ao ódio, à traição e à discórdia.

Respirei fundo e, mesmo aniquilado, sofrendo mais do que um dia julguei possível, fiquei quieto. Não me debati nem lutei. Olhei em volta, vi os olhos dos meus irmãos sobre mim, seus desesperos também, a preocupação e o sofrimento. Cada um deles tinha sido atacado de alguma maneira. E eu, que devia protegê-los, que era o chefe da família, os coloquei naquilo. Eu levei nossa inimiga para dentro de casa, eu os deixei em perigo, fui burro e tolo, fui enganado terrivelmente. A culpa de tudo era minha.

Fiquei completamente arrasado. E os gritos de Helena só aumentaram minha dor, me fizeram ver que havia um ser inocente no meio de tudo, que era também minha responsabilidade. Nada era mais importante do que ela.

- Podem me soltar. – Falei baixo, frio.

- Theo... – Começou Joaquim.

- Não vou tocar nesta mulher. Nunca mais. Quero só a minha filha. – Minha voz saiu gelada, dura, enquanto ouvia o choro de

Helena e o de Eva, aumentado por minhas palavras. Mas não quis mais olhar para ela. Eu me recusei.

- A Tia já foi cuidar de Helena, Theo. Vem aqui se acalmar e...

- Começou Heitor.

Eu o encarei, duro, minha respiração pesada, meu corpo tenso, retesado.

- Já falei pra vocês me largarem. Se quiserem, façam uma barreira para proteger essa traidora. Eu só quero a minha filha. Agora me soltem, porra!

Eles vacilaram. Heitor me soltou, mas continuou na minha frente, como um escudo a Eva atrás dele, cujos soluços eu ouvia. Joaquim também tirou as mãos de mim e ficou ao lado de Heitor, alerta. Pedro por fim largou meus braços. Ao lado dele, o delegado Ramiro disse baixo:

- Precisamos de você controlado, Theo. O tempo está correndo.

Não entendi ao certo sobre o que ele falava, mas acenei com a cabeça. Voltei as mãos para o lado do corpo e a direita latejava. Acho que quebrei pelo menos três dedos e sentia o sangue quente escorrendo deles. A dor era forte e contínua, mas nada perto de como eu me sentia por dentro.

Virei e fui até onde Tia estava tentando conter Helena, que não parava de gritar. A senhora que foi mais do que uma mãe para mim olhou-me arrasada, com pena, parecendo ter envelhecido dez anos naquele dia. Era assim que eu me sentia também. Mas sua pena só me encheu mais de vergonha e dor, de mais raiva de mim mesmo por ser tão burro.

- Quero minha filha, Tia. – Estendi os braços e ela disse preocupada:

- Filho, olha a sua mão...

Eu não quis olhar nem me importei com aquela dor. Peguei Helena como se daquilo dependesse minha vida, evitando sujar sua mantinha de sangue, acomodando-a em meu colo. Por um momento, consegui me acalmar e fechei os olhos, respirei perto de sua cabeça e senti seu cheiro de bebê.

- Calma, Helena... Papai está aqui...

E como se minha presença fosse seu bálsamo também, ela foi parando de chorar. E ficamos os dois quietos, tirando forças um do outro. Percebi que havia um motivo para mim, maior que tudo. Além da fazenda, dos negócios e da família, eu tinha minha filha. E era nela que eu deveria me concentrar dali para frente, protegendo-a, evitando que um dia sofresse tanto quanto eu sofria naquele momento.

Ainda não conseguia pensar com clareza em tudo, na real dimensão de toda aquela traição de Eva, mas algumas coisas vieram logo em minha mente. Foi ela que invadiu o quarto de Gabi em uma festa e deixou um bilhete ameaçador e fotos, inclusive uma sobre mim, no Clube Triquetra, com uma mulher na coleira. Desde o início sabia tudo sobre mim, do que eu gostava e como me atrair. Ela era filha de Luiza e continuou o trabalho da mãe, sendo muito mais vitoriosa do que ela. Conseguiu me conquistar, me ter nas mãos, me enganar como se eu fosse a porra de um palhaço. Tão fácil, tão certo...

E então as informações vieram em jorros na minha mente. O atentado que sofri e quase tirou minha vida. Tudo armação, para que ela me encontrasse naquela favela e invadisse a minha história, entrasse de alguma maneira no meu meio, tivesse a oportunidade de chamar minha atenção. Como se fosse automático, senti uma pontada no ombro onde tomei o tiro e na mesma hora me virei, ainda com Helena acomodada em meu braço esquerdo, o direito com os dedos inchando e pingando sangue, escorrendo para meu pulso, latejando.

Encarei Eva com fúria e desespero. Ela estava encostada na parede, abraçando a si mesma, chorando sem parar, seus olhos fixos em mim como se me suplicassem algo. Mas agora eu já sabia quem ela era. Não me enganava mais.

- Você fez parte do atentado que quase me matou. – Falei baixo, gelado, duro. Todo meu corpo estava retesado, contraído, meu coração apertado em uma garra fria.

- Theo, eu não... – Desencostou-se da parede, cambaleou um pouco, seus lábios tremendo. – Nunca quis que tomasse um tiro, eu... Tudo fugiu ao controle. Por favor, acredite...

- Foi minha salvadora. Para que eu e minha família achássemos que devíamos algo a você. – E tão mal acabei de falar, empalideci ao me dar conta de algo. De que o delegado a investigou e descobriu que tinha sido criada em um orfanato e tinha 22 anos. Fiquei imobilizado, olhando para ela, dando-me conta de que até aquilo foi forjado. Era uma identidade totalmente falsa. Indaguei devagar, baixo: - Quantos anos você tem?

Eva não respondeu. Mordeu o lábio e estremeceu. Novas lágrimas inundaram seus olhos e sacudiu a cabeça, como se estivesse sem condições de falar.

- Responda, porra! – Falei furioso e dei um passo à frente. Helena se assustou e voltou a chorar. Eva me olhou desesperada. Meus irmãos se meteram na frente dela, Heitor veio até mim:

- Calma, Theo, vamos saber de tudo.

- Eu quero saber agora e ela vai dizer! Saiam da frente, já disse que não vou tocar mais nessa mulher! – Respirei fundo e parei, tentei acalmar Helena, mas ela esperneava assustada.

- Deixa que a seguro, Theo. – Gabi veio até mim. Tinha deixado Caio no carrinho e estendeu as mãos. – Por favor.

Eu precisava da minha filha. Mas sabia que do jeito que eu estava, não podia ficar com ela. Cerrei o maxilar, com dor, com lamento, mas entreguei-a a Gabi. Fitei seus olhos, sabendo que era irmã de Eva, era também filha de Luiza, neta de Estela e Pablo Amaro. Mas nunca nos traiu. Nunca nem cogitou mudar de lado em nome daquela vingança. Bem diferente de Eva.

Voltei a olhar para Eva, atrás de meus irmãos, pálida, acabada, mas não mais do que eu. Não acreditei em nada da sua dor. O que ela tinha era desespero por que foi pega, estava com medo do castigo, queria nos enganar, como fazia desde o início. Mas agora era tarde demais.

E mesmo sabendo que era caçula, eu exigi que dissesse em voz alta:

- Quantos anos você tem?

- Dezenove. – Murmurou em um fio de voz.

Eu não disse nada, mas senti a dor triplicar dentro de mim. Tudo foi uma mentira. E eu que já me achava um pervertido por ter

me envolvido com uma moça de 22 anos, agora via que era pior do que pensei. Uma garota. 19 anos. Idade para ser minha filha.

Quase surtei de novo. Tive vontade de quebrar tudo pela frente, de extravasar um pouco daquela fúria assassina que me comia vivo, eu precisava de algum alívio. Mas me segurei, pensei novamente na minha filha, na minha família ali presenciando tudo, na vergonha que eu sentia. E apenas olhei-a, meu olhar dizendo o quão horrível e dilacerado eu me sentia.

- Theo... – Tia estava ao meu lado e segurava meu braço, envolvendo cuidadosamente minha mão em um pano branco. – Precisamos cuidar dessa mão.

Deixei que envolvesse o linho em volta dos meus dedos. E ainda olhando fixamente para Eva, eu indaguei baixo:

- O que mais você fez? Além de me fazer ser um babaca, o último a saber que fui enganado e traído? Até Micah, que vivia longe daqui, soube antes de mim. Por isso ele voltou. O tempo todo a ameaça estava aqui e fui eu que trouxe para cá.

- Não... – Sacudiu a cabeça e apoiou a mão no encosto da cadeira, como se estivesse fraca, muito pálida.

Por um momento, lembrei que tinha apenas dois dias que deu a luz a nossa filha, ainda estava de resguardo. Mas afastei aquele pensamento tão logo o tive. Eu nunca mais me preocuparia com ela. Podia morrer, eu não queria saber.

Como não explicou, olhei em volta e indaguei frio:

- Como descobriram tudo? O que aconteceu?

Tia terminou de cuidar da minha mão e acariciou meu braço, apenas para me tocar, me dar conforto, mostrar que estava comigo, como sempre foi no decorrer da minha vida. Fiquei quieto, no mesmo lugar, tentando apenas respirar, sair de tudo aquilo com o mínimo de dignidade. Mas estava difícil. Era um padecimento sem igual, uma dor que corroía por dentro. Acho que eu preferia mais estar morto, do que vivenciando aquilo.

No entanto, não era hora para lamentações. E quando o delegado Ramiro começou a falar, eu me concentrei nele:

- O homem que era o chefe da quadrilha que roubava gado e conseguiu fugir, Lauro Alves, o mesmo que deu o tiro e a coronhada

em você no atentado que sofreu, é comparsa de Luiza Amaro. Mas parece que ele cansou da parceria e de viver escondido. Ligou essa manhã para Eva e a chantageou, pedindo que o encontrasse e levasse dinheiro e joias para que pudesse fugir. Deu o prazo de uma hora e temos pouco mais de vinte minutos para arrumarmos uma armadilha para ele. Não podemos demorar mais, Theo.

Meus olhos foram de novo para Eva, que tinha se sentado na cadeira, como se não tivesse mais forças de permanecer de pé. Sua aparência era de derrota, as mãos no colo, a cabeça baixa, os ombros caídos. Não tive pena. Só muito ódio, muita mágoa. Aquele homem a chantageou por que era comparsa dela. Era da mesma sujeira que Eva e a mãe. Todos a mesma merda.

- Como vocês descobriram? – Perguntei com uma frieza que desmentia meu estado.

- Micah me contou ontem. – Foi Joaquim quem respondeu, atraindo meu olhar. Continuou: - Ele ia te falar tudo hoje, Theo, mas queria conversar com Eva primeiro, dar a ela a oportunidade de se explicar.

Meu ódio aumentou e franzi o cenho, revoltado, encarando os olhos verdes claros do meu irmão caçula.

- Dar a ela a oportunidade de se explicar? Vocês me deixaram fazer papel de idiota mais tempo por causa dela? – Apontei para Eva com nojo, usando a mão machucada e enrolada no tecido, pouco ligando para a dor.

- Não é isso, irmão. – Joaquim se explicou rapidamente. – Micah foi procurado por Luiza no Rio de Janeiro. Ela queria que ele fosse seu aliado, pois disse que Eva tinha mudado de lado e desistido da vingança. Por isso ele achou que ela merecia ao menos ser ouvida.

Eva ergueu o rosto e me fitou. Nada em mim abrandou. Falei friamente, olhos fixos nos dela:

- E você acreditou Joaquim?

- É verdade... – Ela murmurou. – Há muito tempo desisti de tudo, eu juro. Só queria proteger você, Theo, e...

- Cale a boca. Não quero que se dirija a mim. Nada do que disser vai me convencer de que não é uma dissimulada, falsa,

traidora. – Ergui o queixo, a custo controlando minha fúria. – O que estamos esperando? Vamos pegar logo esse ladrão e acabar com essa palhaçada. Está na hora de colocar todos eles onde merecem: na cadeia.

- Lauro exigiu que Eva vá sozinha até as terras que eram da família dela, na fazenda, e deixe as joias e o dinheiro ao pé da primeira árvore. Disse que se ela envolvesse a polícia ou levasse alguém, contaria a você quem ela é. – Explicou Ramiro, coçando o cavanhaque. – Temos que pegá-lo aí, pois não sabe que tudo já veio à tona.

- Certo. – Acenei com a cabeça e olhei friamente para Eva, ordenando: - Levante-se.

Ela não vacilou. Mesmo parecendo abalada, pálida, acabada, levantou-se, sem tirar os olhos inchados de mim.

- Theo, o que vai fazer? – Perguntou Heitor, preocupado.

Eu o ignorei. Caminhei até a escada e avisei sobre o ombro:

- Vou pegar minha arma.

- Theo! – Tia correu atrás de mim, agoniada. – Por favor, não faça isso!

Eu parei com um pé no degrau e me volvei para ela, garantindo:

- Não vou sujar minhas mãos com essa mulher. Vou no carro dela preparado para pegar o bastardo, só isso.

- Mas a polícia...

- Eu vou junto, Tia. E não tem conversa sobre isso. – Subi os degraus pisando duro e mais ninguém conseguiu me impedir.

Nunca foi tão difícil atravessar um corredor e entrar em um quarto. Senti o baque da presença de Eva, seu cheiro, sua marca em cada coisa. Evitei olhar a cama, mas ali sozinho, a dor pareceu me estraçalhar por dentro, as lembranças da minha falsa felicidade duelando com a dura realidade que tinha me golpeado tão de repente.

Peguei minha pistola em uma caixa na parte de cima do closet com a mão esquerda. E tirei o pano que Tia tinha enrolado na mão direita. Vi o estado da minha mão, as falanges dos dedos sem a pele, vermelhas de sangue, os quatro dedos tão inchados que mal

podia movê-los, muito menos segurar uma arma. Com certeza estavam quebrados e só escapava o polegar.

Xinguei um palavrão, mas não desisti da arma. Enfiei-a nas costas da calça e saí do quarto, logo sabendo que logo teria tempo para ter a dimensão verdadeira da traição de Eva e saber todos os seus planos. Agora eu precisava pegar o comparsa dela e acabar pelo menos com mais uma ameaça.

Desci logo as escadas. Caio dormia no carrinho e Gabi tinha conseguido fazer Helena adormecer também. Ela estava no colo da tia, que se sentou de volta no sofá e olhava em volta desolada. Eva continuava no mesmo lugar, de cabeça baixa. Tia dizia algo a ela, baixinho, preocupada. Meus irmãos falavam algo com o delegado Ramiro e todos me olharam quando voltei.

- Theo, o que está pensando fazer? – Perguntou Pedro, se aproximando, seu rosto fechado, tenso.

- O comparsa dela não a mandou levar dinheiro e as joias? Vamos seguir com esse plano. – Nem olhei na direção de Eva. – Ela leva um pacote falso, sai do carro, deixa ao pé da árvore e volta. Vamos nos aproximar por direções diferentes e tentar cercá-lo e pegá-lo quando for recolher o pacote.

- Mas é muito perigoso! – Exclamou Tia. – E se o homem desconfia e atira em Eva?

Senti um baque por dentro com aquela possibilidade, um medo verdadeiro e aterrador, mas isso só me enfureceu ainda mais. Eu nunca mais me preocuparia com ela. Respondi gelidamente, olhando para Eva com desprezo.

- Isso é problema dela. Não escolheu esse caminho? Agora que arque com as consequências.

- Não Theo... – Gabi suplicou do sofá, com lágrimas nos olhos. – Por favor, não faz isso...

- É perigoso, mas pode ser o único jeito de pegarmos o bandido. – Opinou o delegado. – Ainda mais com o pouco tempo que dispomos.

- Ela está de resguardo, fraca, dá para ver que não está bem. – Joaquim me fitou. – Vamos pensar em outra maneira, irmão.

- Não tem outra maneira. – Falei baixo.

- Eu vou. – Eva deu um passo para frente, olhando-me. Parecia corajosa, disposta a se redimir um pouco, mas tudo que consegui sentir foi mais raiva, mágoa e desconfiança.

- Claro que você vai. – Afirmei em tom ameaçador. – E eu vou com você. Se na hora tentar dar uma de esperta e fugir para o lado dele, sugiro que não fique na minha mira. Não vou ter pena de atirar.

Ela ficou ainda mais pálida e entreabriu os lábios, arquejando, como se entendesse até que ponto chegaria meu ódio.

- Theo, por favor. Está tudo confuso demais, o tempo curto, pode dar tudo errado. – Tia passou o braço em volta da cintura de Eva. – A menina acabou de ter filho, está se tremendo toda. Essa quebra de resguardo pode...

- Chega Tia. Ela vai e ponto final, nem que eu a arraste daqui. – Falei furioso, minha respiração irregular, todo meu corpo doendo como se tivesse levado uma surra.

Todos pareciam sem saber o que fazer. Por fim, Ramiro tomou a palavra:

- Vou no carro com você e Eva. Ela dirige e vamos agachados, para que não nos veja caso esteja nos observando. Meus policiais e seus irmãos se espalham em outros carros e tentam fechar as principais saídas de fuga. É o máximo que podemos fazer em tão pouco tempo.

E tudo foi preparado de acordo com aquele plano. Enquanto cada um sabia sua posição, uma bolsa de papel foi arrumada e colocado dentro dela objetos sem importância. Tia deu água a Eva e fiquei furioso ao ver como a abraçou e confortou, mas não falei nada, apesar de me sentir ainda mais traído. O que só piorou quando Gabi fez o mesmo e se aproximou com Helena no colo.

Eva a pegou, beijou, chorou baixinho. Disse algo que não ouvi ao devolver Helena a Gabi. Parecia arrasada, devorada pela dor. Mas isso não me tocou. Era uma falsa. Tudo que viesse dela só podia ser mentira. E eu estava doído demais para me comover.

- Theo... – Heitor se aproximou de mim e apoiou a mão em meu ombro, antes de se afastar, fazendo-me encará-lo. Estava sério, preocupado. – Não faça nada do que vai se arrepender depois.

Apesar de tudo, ela é só uma garota. Foi criada no meio do ódio. E é mãe da sua filha.

- Se eu quisesse matá-la, já o teria feito. – Falei entredentes.

- Ela está correndo perigo.

- Quem correu perigo fomos nós, quando eu coloquei essa bandida na nossa casa. – Olhei-o, muito irritado, encerrando o assunto: - Ela só vai encontrar o que procurou. - E saí de perto.

Cada um seguiu em um carro, para locais diferentes da fazenda. Eva se acomodou ao volante de seu Nissan Frontier 4x4 verde Army metálico que eu tinha comprado para ela no início do nosso casamento, logo depois que tirou sua carteira de motorista. E enquanto o delegado Ramiro se acomodava atrás e eu na frente, sofri um novo baque ao me dar conta de que aquela carteira era falsa, como toda a identidade dela. Como nosso casamento. Ele não tinha validade, pois Eva Camargo, que assinou a certidão, não existia.

Fiquei imobilizado, a dor me comendo cada vez mais por dentro, tanta mentira me deixando doente. Olhei para frente, consumido por ela e pela raiva, por um sentimento indescritível de traição. E ali, eu soube que nunca a perdoaria. Ela tinha acabado comigo. Agora eu me sentia pior do que fui antes de conhecê-la, duro e implacável. Eva me pagaria caro por tudo aquilo. Ela se arrependeria do dia que cruzou o meu caminho.

CAPÍTULO 2

EVA

Meu pior pesadelo tinha se tornado realidade.

Enquanto dirigia pelas estradas da Fazenda, eu tremia por dentro e por fora. As lágrimas não paravam de subir aos meus olhos, como se uma fonte infinita dentro de mim não pudesse secá-las mais. Eu piscava, afastava-as da minha visão embaçada, e continuava em frente, segurando firme o volante, tentando cumprir com o que eu mesma criei ao me envolver naquela vingança.

Todo meu corpo doía, mas a dor na barriga e as pontadas na vagina eram quase insuportáveis. Eu sentia o sangramento do pós-parto mais intenso, enchendo o absorvente e a cada vez que precisava pisar no acelerador ou no freio, a dor picava dentro de mim e me fazia empalidecer e suar frio, mas eu nem ousava reclamar ou me recusar a continuar. Não com Theo ao meu lado, cheio de ódio.

Eu evitava olhá-lo. Ou então choraria até me acabar e não conseguiria seguir em frente. Por que pior do que o sofrimento físico era o que me rasgava por dentro e me arrasava completamente. Theo havia descoberto tudo e foi ainda pior do que imaginei. Eu pensei que ele me mataria. E enquanto vivesse nunca esqueceria o ódio, a mágoa, a dor e o desespero que vi nos olhos dele. Todo amor e toda paixão com que me fitava tinham sumido. E eu me dilacerava ao saber que fui eu que causei aquilo, toda aquela dor e desprezo, o fim de tudo. Ele nunca me perdoaria.

Novas lágrimas inundaram meus olhos e pisquei rapidamente, mordendo os lábios para não soluçar, agarrando ainda mais o volante, respirando fundo para me manter lúcida, tentando não me importar com as dores e o desespero. Eu só precisava seguir em frente, mostrar a ele que pelo menos não me esconderia ou fugiria do que provoquei. Eu sabia que tentaria me castigar de todas as formas, que não se importava mais comigo e que me faria pagar por

aquela traição. E estava disposta a receber meu castigo por tudo que fiz a ele, mesmo que o amasse com loucura, com todo meu ser e soubesse que havia desistido da vingança pelo seu amor.

Theo era um homem visceral, emocional, intenso. Sempre soube que não me perdoaria e por isso nunca tive coragem de contar a ele. Eu me enganei quando achei que poderia esconder tudo aquilo para sempre, criar um conto de fadas em cima de tanta mentira, como se meu amor fosse suficiente para desculpar tudo. E não era. Pois nem no meu amor ele acreditaria mais. Nada seria suficiente para que acreditasse ao menos naquilo, que eu morreria por ele se fosse necessário. Como estava disposta a fazer.

Mordi os lábios e engoli uma pontada de dor no útero quando pisei no acelerador, arrepios percorrendo minha pele, deixando-me um pouco tonta. Estava no meu limite, meu corpo fraco e abusado. Meu emocional um caos. Meus seios doíam inchando de leite e me preocupei com Helena, que logo sentiria fome. Minha vagina doía até a barriga ainda inchada. Não tinha sido cortada por baixo para o parto, mas mesmo assim eu parecia ferida, como se ardesse e queimasse, latejasse e estivesse aberta, incomodando demais. Cólicas na barriga me davam calafrio.

Lutei para não chorar ainda mais ao me dar conta que Theo não se importava com nada daquilo. Ele me odiava tanto que por pouco não me deu um soco na cara com toda força e quebrou o meu pescoço. Eu ainda não sabia o que o tinha segurado e impedido, o que o fez quebrar os dedos e rasga-los com violência contra a parede pouco antes de me acertar. Haveria ainda algum sentimento por mim, mesmo que mínimo, que o controlou quando parecia completamente fora de si? Eu sabia como a violência era parte do seu ser, como poderia dominá-lo. Mas no final das contas, quem estava machucado era ele, com a mão arrebatada.

Lancei um olhar rápido para sua mão ferida e inchada em seu colo, vendo o estado deplorável de seus dedos, as lacerações e o sangue seco, o roxo em volta das falanges, obviamente quebrados. Deviam doer demais, mas ele estava frio, olhando para frente, seu semblante carregado, quase sem se mover. Seus olhos pareciam vidros, sem vida, sem o calor e a paixão que me acostumei a ver

neles. E saber que fui eu que destruí tudo aquilo me desesperava demais, me fazia querer realmente morrer.

Olhei para frente, angustiada, sofrendo horrores, querendo muito me encolher em um canto e só chorar e gritar até perder as forças. Eu estava em meu limite e minha cabeça latejava, agora a dor generalizada em cada pedacinho de mim, por dentro e por fora. Até respirar parecia difícil. Mas lutei para me manter firme e seguir em frente.

O carro era todo protegido por vidro fumê e quem estava de fora não podia ver quem estava dentro. Assim, eles não precisaram se abaixar.

Cerrei firme o maxilar para conter as dores violentas no útero que me faziam suar frio quando a estrada se tornou mais íngreme ao se aproximar da ponte e os sacolejos do carro aumentaram. Respirava pesadamente e senti o olhar de Theo sobre mim, fixo, duro. Mas não ousei fitá-lo, concentrada em manter o mínimo de lucidez e força, tremendo ainda mais ao avistar do outro lado do rio as terras que foram da minha família. Tanta dor e desespero por aquilo. Eu estava perdendo o amor da minha vida e minha felicidade por uma vingança da qual tinha desistido, mas da qual fiz parte. E agora pagava duramente.

Senti o medo se juntar a todo o resto e meus olhos varreram em volta em busca de Lauro, angustiada, sabendo como uma tragédia poderia ocorrer ali. Eu me sentia culpada, arrasada, como um animal indo para o abate e quase desejava aquilo. Se alguém deveria pagar por tudo, era eu. E nunca me perdoaria se algo acontecesse com Theo ou um dos irmãos dele.

Ao mesmo tempo, senti sem querer uma mágoa por dentro, por saber que Theo me fazia ir até ali mesmo ainda em resguardo, com meu útero e meus órgãos internos ainda doloridos e sensíveis após o parto, e pior, sabendo que eu poderia correr risco de vida. Por que nada impedia de Lauro atirar em mim se desconfiasse de uma armadilha ou ainda eu ser pega no meio de um fogo cruzado. Isso deixou mais do que claro que ele não me amava, que seu ódio era tanto que não se importava nem pelo fato de ser mãe da sua filha.

Novas lágrimas nublaram minha visão e eu pisquei rapidamente, fazendo-as escorrer, lutando para manter as forças em meio ao desespero, à dor e às tormentas do corpo. Minha cabeça latejava tanto que até respirar se tornava doloroso. Eu parecia ter levado uma surra violenta. Mas mantive-me o mais firme possível e atravessei a ponte com o carro, alerta, sentindo que os dois homens dentro do carro puxavam suas armas, o medo dentro de mim se tornando colossal.

- Pare logo depois da ponte, Eva. – Começou o delegado Ramiro, atrás de mim. – Escute com atenção. Vá até aquela árvore mais próxima à nossa direita. Saia do carro com cuidado e não olhe em volta. Tente parecer segura. Deixe o pacote ao pé da árvore e volte. Se por acaso avistar Lauro, não vá até ele. Jogue-se de bruços no chão e saberemos que está nas redondezas. Mas lembre-se, deve se proteger no chão e não levantar, para não ser acertada por tiros. Entendeu?

- Sim. – Consegui murmurar, nervosa, me tremendo tanto que meus dentes começaram a bater. Parei o carro logo após a ponte e me dei conta de que estava nas terras que foi do meu avô.

Estremeci da cabeça aos pés e indaguei se seria ali que eu iria morrer, para pagar por meus pecados. Desesperada, virei o rosto e fitei Theo, que me olhava fixamente.

Se sua aparência sempre foi dura, agora era mil vezes pior. A ruga entre suas sobrancelhas era mais pronunciada, a expressão carregada, os olhos ferozes e ao mesmo tempo frios. O ódio estava em cada ângulo e parte dele, tão evidente que gotejava, tomava conta de tudo, tornava o ar no carro pesado e angustiante, dilacerante. Tudo em mim se tornou mais dolorido e só pensei em morrer mesmo, para nunca mais ser alvo de um desprezo tão grande. Como eu poderia viver com aquilo?

Então pensei em Helena, pensei nos inúmeros olhares de Theo para mim durante aqueles meses de casamento, cheios de amor e desejo, como se eu fosse o centro do seu mundo. E me agarrei em uma esperança vã, que talvez nunca existisse, mas que me manteve lúcida e me deu forças naquele momento. Eu passaria cada dia da minha vida tentando mostrar a ele que o amava e que

desisti da vingança muito tempo atrás. E mesmo que ele não acreditasse, eu lutaria por seu perdão até não poder mais.

Theo não disse nada. Apenas me olhou e não havia ali preocupação ou vacilação. Só ódio e desprezo. E eu soube que seria uma batalha árdua e dura, talvez já perdida. Uma guerra.

- Aqui está, Eva. Preparada? – Ramiro me entregou a bolsa de papel e a segurei, olhando-o. Apesar de tudo, ele parecia preocupado. E aquilo só me deixou mais nervosa. – Entendeu tudo o que falei?

- Sim.

- Tente manter a calma. E tenha cuidado. – Observou-me, talvez reparando que eu sentia dor, que tremores me varriam, que o suor frio escorria da minha testa e das minhas têmporas. – Sente-se em condições de seguir em frente?

- Sim. – Era tudo que eu conseguia dizer.

Lancei um último olhar a Theo, mas ele não me olhava. Segurava a pistola com a mão esquerda e tentava enfiar o dedo inchado e ferido da mão direita no gatilho. Não demonstrava, mas estava pálido. Imaginei que sentia dor também, mas aquilo não o impediria. Indaguei a mim mesma se seu ódio seria tanto a ponto de mirar a arma em mim e me matar quando eu estivesse lá fora. Mas no fundo, soube que ele nunca faria aquilo.

Respirei fundo e abri a porta do carro. Mesmo tremendo de medo e de dor, me sentindo muito fraca, saí o mais rápido possível e bati logo a porta, isolando os dois homens lá dentro da visão de quem estivesse do lado de fora. Encostei no carro, pois minhas pernas pareciam gelatina.

Quase me curvei para frente com a dor no útero, que se contraiu em espasmos e cólicas, despejando muito sangue em meu absorvente. Minha cabeça rodava, latejava, deixava-me tonta. Os seios doíam duros de leite. Nunca me senti tão arrasada, tão mal. Levei alguns segundos para me acalmar a aceitar a dor, me acostumar um pouco com ela. Então desencostei do automóvel, afastei o cabelo que se grudava em meu rosto suado e consegui dar alguns passos, trêmula, meio cambaleante. Sentia meu corpo no limite, quase sem forças. E o medo só piorava tudo.

Ergui a cabeça e passei na frente do carro, meus olhos fixos na primeira árvore. Não havia nem sinal de Lauro. Era só todo aquele verde me rodeando, as folhas da árvore balançando, outras atrás dela formando um labirinto fechado onde uma pessoa poderia facilmente se esconder. Mas segui em frente, pisando na grama, nas terras que eram alvo da disputa de duas famílias. Que agora eram minha desgraça.

Fui atenta, mas cambaleei de leve com as dores e contrações no útero, que me deixavam mais e mais tonta. Apoiei a mão livre no baixo ventre sobre o vestido creme e segui em frente, concentrada, trêmula, nervosa a ponto de ter um ataque cardíaco. Busquei sinal de perigo com os olhos, mas tudo parecia parado, estagnado, deixando-me mais tensa e alerta.

Finalmente cheguei até a árvore, meus dentes batendo incontrolavelmente. Esperei que Lauro pulasse detrás do tronco atirando, mas nada aconteceu. Com muito medo, deixei a bolsa de papel perto da raiz no chão e, quando me ergui, fiquei ainda mais tonta. Apoiei uma das mãos no tronco grosso e tentei respirar, mas minha visão nublou e começou a ficar cheio de pontinhos coloridos.

- Não... – Murmurei em pânico, sem controle do meu corpo. A cabeça girava, meu corpo ficava todo dormente e mole, até respirar parecia difícil.

Lutei contra a inconsciência. Quis sair dali correndo, entrar no carro, escapar de qualquer perigo, acabar logo com aquilo. Mas meu corpo não me obedeceu, mesmo quando implorei a Deus que me ajudasse. Minhas pernas enfraqueceram e os joelhos dobraram, ainda tentei me escorar no tronco, mas já era tarde demais. Escorreguei para o chão e caí na grama, ainda sentindo tudo. Então veio uma espécie de alívio e só uma escuridão me afastando de tudo.

THEO

Desde que Eva saiu do carro eu não tirava os olhos dela. Tenso, sentia cada músculo e tendão do corpo contraído, esperando

o momento de agir. Mesmo com muita dor na mão, eu consegui colocar o dedo machucado no gatilho e amparava a pistola com a mão esquerda também, mirando perto da árvore, esperando o bandido aparecer a qualquer momento e atirar nele.

Conscientemente eu sabia que ele não apareceria por enquanto, mesmo achando que Eva não contaria nada a ninguém e estava sozinha por conta da chantagem. Ele devia estar escondido, esperando ela se afastar com o carro para então pegar a bolsa com o que achava que tinha joias e dinheiro. Mas tudo podia acontecer e os riscos de dar tudo errado eram grandes.

Mesmo contra a vontade, eu senti o medo me corroer por dentro quando a vi sozinha e desprotegida do lado de fora. Parecia apenas uma menina, pálida, o rosto inchado de tanto chorar, o vestido largo contornando a barriga ainda arredondada do parto recente, os cabelos longos se colando ao rosto suado, espalhando-se despenteados. O sol incidia sobre ela e era como um holofote, atraindo a atenção, tornando meu medo algo vivo, pulsante.

Não quis ligar para ele e me agarrei ao ódio. Disse a mim mesmo que não me importava com nada que acontecesse a Eva, que ela só colheria o que plantou. Mas era mais forte do que eu e me vi sem ar, quase em pânico, temendo verdadeiramente que fosse atingida. Cada parte de mim ficou alerta e foi um custo me conter, não sair do carro e trazê-la de volta. Lutei incansavelmente comigo mesmo e, cada passo que ela dava em direção à árvore, era como uma pequena morte para mim.

Ramiro estava armado, mirando também, pronto para agir. Dentro do carro a tensão era absurda, o ar carregado. E eu me rasgava por dentro em um pavor que era maior que tudo e me devorava, mas com o qual eu brigava para conter.

Imóvel, vi Eva parar em frente ao local combinado, de costas para mim. Mantive o cano da arma encostado no vidro, o dedo doendo no gatilho, esperando a qualquer momento o pior acontecer. Não pisquei nem respirei. E soube que, apesar de tudo, se algo acontecesse a ela, eu nunca me perdoaria.

Apoiou-se no tronco e vi que parecia fraca, meio cambaleante. Deixou a bolsa no chão e demorou a voltar ao normal.

Por um segundo, imaginei se não seria algo combinado dela com Lauro, uma armadilha, talvez tudo programado naquela vingança. Eu não sabia mais quem era Eva e do que era capaz, qual seu plano verdadeiro naquilo tudo. Casar comigo, engravidar, ter uma herdeira que lhe garantiria parte nas terras, naquelas terras malditas que foram da sua família? E depois me matar para ter acesso a tudo? Seria esse o objetivo de tudo? Eu poderia ser o alvo ali?

E ao mesmo tempo em que pensava isso, eu não tirava os olhos dela e sentia o pavor me consumir enquanto via seu corpo se escorar mais na árvore e por fim escorregar para o chão. Quando caiu deitada, eu senti meu coração falhar uma batida e pouco liguei se poderia ser uma armadilha. Temi por ela mais do que tudo e, mesmo não tendo ouvido disparo nenhum, fiquei alucinado com a possibilidade que pudesse ter sido atingida.

Abri a porta com brutalidade e pulei para fora.

- Theo! – Gritou o delegado Ramiro sem esperar minha reação.

Não vi mais nada pela frente. Foi como se eu estivesse a ponto de morrer. Adrenalina se espalhou no meu sangue enquanto eu corria como um louco até Eva, desprotegido, sabendo que nada mais importava a não ser salvá-la. Mesmo com os dedos arrebetados, eu segurei a arma firme e corri com ela apontada para frente, pronto a disparar caso o bandido saísse de trás da árvore.

Meus olhos varreram tudo enquanto caía de joelhos ao lado dela e felizmente não via nenhuma mancha de sangue em seu vestido. Mas estava pálida demais, desacordada, o que por si só bastou para me desesperar. Busquei uma ameaça em volta ao mesmo tempo em que a puxava para meus braços e a apertava contra o peito, aliviado ao ver que respirava, meu coração batendo tão forte que parecia a ponto de sair pela boca.

- Coelhinha... – O murmúrio escapou sem que eu pudesse conter, agoniado, enquanto eu levava a mão esquerda a seu rosto e tocava-a, sentindo como estava gelada, o medo me devorando, a dor me golpeando forte e duramente. – Não faz isso comigo...

E num momento de puro desespero, todas as minhas guardas baixaram. E só tardiamente ouvi os tiros e fui empurrado para baixo pelo delegado Ramiro, caindo deitado sobre Eva no chão enquanto ele gritava e corria até o tronco, atirando para frente:

- Ele está atrás das árvores! Fique deitado!

Protegi Eva com meu corpo e senti as balas passando zunindo por sobre a minha cabeça. Então, pararam e o delegado gritou:

- Leve-a ao carro e avise aos outros por telefone onde ele está! Precisamos fechar o cerco! – Saiu correndo em direção ao labirinto de árvores.

Por um momento quase fui com ele, para pegar logo o desgraçado e dar apoio, mas não podia deixar Eva ali sozinha, mesmo com meu peito doendo e sangrando, imaginando que tudo aquilo podia ter sido armação dela para me matar. Ergui-me com ela no colo e voltei rápido ao carro, abrindo-o, deitando-a no bando de trás. Cheio de preocupação, raiva, ódio, desconfiança, eu a sacudi furioso pelos ombros.

- Acorde porra! Pare de fingir! Eva! – Sacudi-a mais, no entanto parecia mesmo desacordada, muito pálida. E foi então que vi o vestido todo manchado de vermelho perto das coxas.

Fiquei gelado de tanto pavor e perdi o ar. Ergui rápido a sua saia, buscando tiros e ferimentos, mas vi que era uma hemorragia. Tinha sido coisa demais após um parto muito recente. Desesperado, fechei a porta e corri para o volante, colocando o carro em movimento de volta para o casarão enquanto largava a arma no chão e tentava sacar o celular com a mão arrebetada, a dor pouco me impedindo. Não sei como consegui fazer as duas coisas, mas Pedro atendeu.

Expliquei correndo o que tinha acontecido e para onde o delegado tinha ido. Garantiu que estavam seguindo para lá dar apoio e desliguei, pisando no acelerador. Nunca dirigi tão rápido na minha vida. E só no caminho consegui ligar para o hospital e avisar que eu a estava levando desacordada e com hemorragia, para não perderem tempo. Até chegar lá, eu quase morri de tanto desespero. Nunca na minha vida me senti tão mal, tão dilacerado, torturado, atingido, atormentado.

As dúvidas me despedaçavam, assim como o medo de que tivesse acontecido algo sério com ela, a ponto de desmaiar. Eu não sabia o que pensar e somente agi. O resto eu veria depois.

O médico ginecologista e obstetra de plantão a atendeu ficou quase uma hora com Eva no consultório e eu já estava desesperado andando de um lado para outro do lado de fora. Uma enfermeira quis cuidar da minha mão, mas não deixei. Eu exigia respostas sobre o estado de Eva, mas só me mandavam esperar.

Também não conseguia falar com nenhum dos meus irmãos e só naquele momento Heitor me ligou e atendi rapidamente com a mão boa:

- Pegaram o filho da puta? – Rosnei fora de mim.

- Não.

- Porra! – Quase dei um soco na parede de novo, alucinado, nervoso.

- O cara sumiu, Theo. Deve conhecer alguma estrada secundária, pois o caçamos em todo lugar e nem sinal dele. Achamos só marcas de pneus, mas ao dar na estrada calçada sumiam. – Ele estava irritado.

- Alguém se feriu?

- Não. Estou com Pedro vindo para a delegacia com o delegado. Vamos procurar Micah. Talvez ele saiba algo do paradeiro de Luiza e através dela podemos pegar os dois.

- Boa ideia.

- Onde você está? E a Eva?

- Estou com ela no hospital. Traga Micah para cá. Quero saber de tudo, Heitor.

- Calma, vai saber. Estamos a caminho. Cuidou dessa mão?

- Depois vejo isso.

- Deixa de ser teimoso! Está no hospital!

- Tá bom.

Não discuti e desliguei o celular. O médico saiu do consultório e eu o cerquei, ansioso, com o coração disparado.

- Como ela está?

- Senhor Falcão, sua esposa continua desacordada, o que é até bom, nestas circunstâncias. – Falou cauteloso, observando-me.

- Que circunstâncias? – Sentia-me paralisado, preocupado.

- O puerpério precisa ser respeitado e não foi o caso dela. Pelo menos por trinta dias, no caso do parto normal, mesmo sem a episiotomia, que é o corte entre o ânus e a vagina para facilitar a passagem do bebê. Ela não precisou e não levou pontos, mas por dentro, na região onde ficava a placenta, ficam pequenas feridas que cicatrizam com o tempo. Se este não for respeitado, pode haver hemorragia e infecção. Para ter uma ideia, o útero cresce 50 vezes o seu tamanho durante a gestação e precisa do resguardo para voltar ao normal.

- Ela está com infecção?

- A febre é baixa, felizmente. Parece estar esgotada fisicamente, mas às vezes algum trauma pode ser a causa. Ela se aborreceu, abusou, carregou peso, dirigiu? Pois parece que os vasos sanguíneos do útero se romperam.

Eu passei a mão esquerda pelo rosto, angustiado. Senti-me culpado, arrasado, pois em meu ódio eu passei por cima do seu estado. É claro que passou por um trauma, abusou, dirigiu. Tudo ao mesmo tempo. Olhei-o, nervoso:

- Quais os riscos que Eva corre?

- Se ficar em repouso e tomar os medicamentos, nenhum. Mas precisa ter cuidado com ela. Não a deixe se levantar ao menos por três dias e nem que se aborreça.

- Ela vai ficar internada?

- Não é necessário, ainda mais se tiver alguém para cuidar dela. Só vamos esperar o tempo do medicamento no soro fazer efeito.

Acenei com a cabeça, menos angustiado.

- E pode amamentar?

- Sim, pode. Deve, até. Está com os seios duros de tanto leite retido e a amamentação faz o útero se contrair e voltar mais rápido ao tamanho normal. Mais uma hora e poderá levá-la para casa, mas não esqueça, respeitando tudo que lhe falei.

- Obrigado.

O médico apontou para minha mão:

- Agora podemos ver isso?

- Depois.

- Não vai demorar. E assim fica liberado mais rápido para ir embora com sua esposa. Vamos lá, senhor Falcão, se não cuidar logo dessa mão a dor daqui a pouco vai enlouquecê-lo. Vou chamar um ortopedista.

Eu ia negar. Mas foi só ele falar para que eu tomasse conhecimento dos meus ferimentos. Começou a doer terrivelmente até o ombro, parecendo que meu braço estava sendo arrancado. Travei o maxilar e concordei com a cabeça.

Ao final de uma radiografia e exames, foi constatado Fratura do Boxer, onde o terceiro, quarto e quinto metacarpiano foram atingidos e houve uma ruptura dos ossos que ligavam o pulso aos três últimos dedos. Como não houve desvio rotacional das falanges, o médico achou que não seria necessário uma cirurgia. E optou por uma imobilização por quatro semanas e medicamentos, para depois saber se seria necessário mais tempo de imobilização ou fisioterapia.

Depois de um analgésico e de um anti-inflamatório, concordei de má vontade com a imobilização. Mas não aceitei gesso, insisti em uma tala, que daria um pouco de movimentação relativa do polegar e do indicador. Saí da sala dele com a mão direita em uma tala e segurei-a contra a barriga, pois se abaixasse doía ainda mais e eu já me irritava com aquilo. Encontrei Pedro, Heitor, Micah e o delegado. Conversei com o médico e ele nos cedeu a sala em que fui examinado para conversarmos em particular. Tão mal entramos, Micah disse de cara feia:

- Vocês deviam ter ligado para mim. Tô acostumado a trabalhar com esse tipo de coisa, seria mais difícil esse bandido fugir.

- E você iria na fazenda? – Inquiri, ainda nervoso com tudo.

- Na casa, não. – Fitou-me, bem sério. – Mas nas terras sim. Sou treinado nesse tipo de coisa.

- Nem deu tempo de avisar e planejar nada. – Completou Heitor, puxando a cadeira do médico e se sentando. – Foi tudo corrido, feito às pressas.

- Por sorte não foi pior. – O delegado virou para mim. – Você e Eva podiam ter sido atingidos.

Eu acenei com a cabeça, lembrando que ele me empurrou para baixo quando me distraí, preocupado com Eva desacordada, cego para tudo mais.

- Obrigado, Ramiro.

- Eu tinha que ter pego o desgraçado. – Suspirou, com raiva. – Mas ele corria demais. Não tenho mais idade para isso!

- Vamos pensar o que podemos fazer agora. – Pedro cruzou os braços, encostado na porta fechada. Fitou Micah: - Sabe onde Luiza mora?

- Ela não quis me dizer. Descobri que é em Ituiutaba, mas ainda estou averiguando a casa. – Ele respondeu.

- Porra, ela vai ser alertada pelo desgraçado e fugir! – Falei puto, revoltado, andando pela sala. E eu nem podia pressionar Eva para me dar o endereço, desacordada e sem poder se aborrecer. – Merda!

- Ela deve ter comprado a casa ou alugado com um nome falso. – Explicou Micah. – E não deve ser muito de fazer amizade com vizinhos. Fui lá e ninguém sabe dela, mas com mais gente podemos aumentar o número de casas visitadas e descobrir mais rápido.

- Vou convocar uns policiais para ajudar nas buscas. – Prometeu Ramiro.

- Também vamos ajudar. – Heitor se levantou. – Começamos agora?

- O quanto antes, melhor. – Concordou Micah.

- Vou levar Eva para casa e vou para Ituiutaba com Joaquim. – Eu caminhei para a porta e Pedro a abriu, apontando para minha mão:

- Melhor você ficar em casa. Já passou por muitas hoje, irmão.

- Acha que posso ficar em casa tranquilo? Quero pegar esses dois.

Ele acenou com a cabeça, sabendo que nada me demoveria da ideia.

Eva não acordou e continuei preocupado enquanto a levava no banco ao lado, que reclinei totalmente, presa pelo cinto. A todo momento eu a olhava, ainda como se tudo que aconteceu fosse irreabilidade. Minha mente era preenchida pelos meses de felicidade que vivi a seu lado, por todos os sonhos que ousei ter, tudo uma farsa. Dúvidas, ódio, desespero, tudo parecia travar uma batalha dentro de mim, difícil de suportar. Nunca imaginei amar tanto uma mulher e me decepcionar em igual escala. Eu nem sabia mais o que era mais forte dentro de mim.

Parei o carro em frente ao casarão e por um momento não me movi, cansado, exausto de uma maneira como nunca me senti. Virei o rosto devagar e olhei para ela. E a dor me dominou totalmente, me deixou com a sensação de ser um desgraçado, um nada, padecendo como um condenado. E o pior de tudo era saber que fui traído, que me envolvi em uma mentira, que até aquele encontro com Lauro Alves poderia ser uma armadilha para me matar. Até que ponto aquele era o objetivo de Eva?

Corri meus olhos desesperados por ela, seu cabelo espalhado, seu rosto pálido, os lábios entreabertos, o corpo ainda arredondado pela gravidez recente, linda como sempre foi. Apenas uma garota. 19 anos. E me tinha nas mãos. Acabava comigo sem precisar me matar realmente, pois eu me sentia vazio, vazio, destruído. Ela tinha tirado minhas forças, minha essência, tudo. O que seria da minha vida dali para frente, como eu poderia viver sabendo que fui tão cruelmente enganado?

Respirei fundo e saí do carro, arrasado, sem precisar disfarçar para mim mesmo o quanto fui atingido. Tudo em mim doía. Meu coração, meus sentimentos, a certeza de que nada na vida tinha me preparado para passar por aquilo. De que me adiantava a idade, a experiência, a riqueza, a dureza? No final eu era aquilo, um idiota, tolo, enganado, acabado. Destruído.

Abri a porta do lado dela e soltei seu cinto. Não queria olhar para Eva nem tocá-la. Tudo parecia ainda mais dolorido. E mesmo sabendo que era errado, que não devia, levei minha mão ao seu rosto e a virei para mim. Saiu antes que eu pudesse conter, um murmúrio dolorido:

- Coel...

Calei-me na hora e endureci, com ódio de mim mesmo. Ela não era mais minha coelhinha e nunca mais seria. Disse mais forte, tentando acordá-la:

- Eva. Eva!

Nem se moveu e não tinha como fingir aquilo. Estava mesmo desacordada e o médico disse que era melhor assim, inclusive pelos medicamentos e trauma que passou. Talvez nem o corpo dela tivesse suportado tudo que aconteceu, mas nada perdoava o fato de ser culpada.

O ódio veio forte dentro de mim, suplantando todo o resto. E foi ele que me deu forças de seguir em frente e não me deixar abalar ainda mais por Eva. Eu teria que ter muito cuidado com ela.

Travei meus sentimentos. O mais friamente possível a peguei no colo e chutei a porta do carro, subindo os degraus da varanda e levando-a para dentro, onde pude ouvir o choro da minha filha. Tia estava com ela na sala e me olhou, muito preocupada e nervosa.

- Ah, meu Deus! – Tia correu até nós com Helena no colo, que gritava.

- Ela está bem, só precisa de repouso. E Helena?

- Está esfomeada, tadinha. Eu a tapeei com chá de erva doce, esperando vocês chegarem. Gabi tentou amamentá-la, mas não quis. Como é que pode isso, tão pequena e sabe que não é a mãe, mesmo com fome? Já ia desistir e fazer uma mamadeira. Ah, Theo, meu Jesus! Quanta tragédia! – Disse desolada, com lágrimas nos olhos, seguindo-me escada acima enquanto eu seguia para a suíte.

Deitei Eva com cuidado na cama e me afastei, não querendo olhar demais para ela e me comover. Peguei Helena dos braços de Tia e falei:

- Abra o vestido dela e tente acomodar Helena para mamar, Tia. Vai aliviar as duas. Preciso ir, mas não deixe Eva levantar de jeito nenhum quando ela acordar. Precisa de repouso absoluto por três dias. – E enquanto Tia ia fazer o que falei, dei-lhe as costas e tentei confortar Helena que berrava, toda vermelha, esfomeada. – Calma, filha... calma...

- E você, meu filho? Como você está?

- Bem.

- Não está bem. – Lamentou, chorosa, da cama. – E sua mão?

- Tudo sob controle, Tia. Chamei alguns seguranças, que vão manter vigília em volta da casa. Qualquer coisa, chame um deles ou ligue para mim.

- Seguranças? Mas...

- Só precaução. – Tranquilei-a.

- Vem aqui, bebezinha... – Tia veio até mim e pegou Helena, que gritava estridente a ponto de ficar vermelha. Dei um beijo em sua cabecinha e, antes de caminhar para a porta, a senhora me chamou: - Theo...

Eu a olhei. Fitou-me suplicante.

- Sei que está se sentindo horrível com tudo isso, que foi um golpe muito duro, mas...

- Não quer falar disso agora, Tia. Tenho muita coisa para resolver.

- A Eva ama mesmo você, dá para ver isso. E...

- Ama tanto que me levou para uma emboscada. – Olhei-a, furioso, a dor da traição me comendo por dentro.

- Mas...

- Não tem mas, Tia. O homem estava lá, esperando só eu sair para mandar bala em cima de mim!

- Ela não desmaiou de verdade?

- Não sei! Não sei até que ponto armou tudo! Será que não entende? Para ela, para essa maldita vingança, eu sirvo melhor morto!

- Ah, Deus! – Deu um passo para trás, chocada, abraçando forte Helena. – Não diga isso!

- É a verdade. – Tentei me acalmar, mas era impossível. O sofrimento e as desconfianças eram atroz, a dor em minha mão parecia se tornar insuportável, mas meu coração era o que mais padecia. Nunca me senti tão cansado, mas me recusei a me entregar. Assim como me recusei a sequer lançar um olhar para aquela mulher em minha cama. – Tia, eu preciso ir.

- Tá, meu filho. Mas se cuide, por favor.

- Pode deixar.

Decidido, caminhei para a porta. Era só o início daquela merda toda. E eu não sosseitaria até resolver tudo nem me entregaria à dor. Eva quase me derrotou com aquela traição. Quase. Mas eu me recuperaria. E destruiria todos os inimigos da minha família.

CAPÍTULO 3

EVA

Eu acordei e estava na cama, com Helena dormindo quietinha ao meu lado. Por um momento sorri pela delícia que era abrir os olhos e dar de cara com minha bebê linda, sua penugem loira caindo sobre a testa, as bochechas rosadas deixando-a ainda mais fofa, parecendo um anjo. Ainda me sentia sonolenta e suspirei, feliz. Mas então a consciência retornou com força total e vi na minha mente os irados olhos azuis de Theo, cheios de desprezo. Foi como tomar um soco e fiquei até sem ar.

Lágrimas inundaram meus olhos na hora e todos os últimos acontecimentos vieram com força total, golpeando-me duramente, fazendo-me sentir a tristeza, o medo e a dor como uma mortalha dentro de mim.

Eu abri as pálpebras e olhei em volta, dando-me conta que estava de novo em casa e não caída perto daquela árvore. Na hora pensei em Theo e me enchi de preocupação, tentando sentar na cama, tonta, tremendo.

- Ei, Eva, calma! – Tia levantou da poltrona em que estivera sentada e veio logo até mim, segurando meus ombros. Fitei-a.

- Tia, e o Theo?

- Ele está bem, todos estão bem. – Ela sentou na beira da cama, conferindo que Helena dormia e me olhando de novo. Ajudou-me a deitar de novo no travesseiro.

Eu me sentia exausta e aliviada. Respirei fundo, até me sentir mais forte e perguntar:

- O que aconteceu lá? Pegaram Lauro?

- Não. – Disse desolada e torceu a mão no colo, encarando-me. – Ele estava lá.

- Mas então...

- O que eu soube foi que você desmaiou e Theo saiu do carro, ficou preocupado. Quando chegou até você, o bandido atirou.

- Ah, meu Deus... – Fui engolfada pelo pânico.

- O delegado tinha saído do carro, empurrou vocês para baixo e correu atrás desse Lauro, mas ele escapou.

Eu tremia, imaginando como corremos perigo, o que podia ter acontecido com Theo. Então, senti uma pontada de esperanças.

- Tia, o Theo... ele saiu do carro por minha causa?

- Sim, mesmo achando que tudo era uma armadilha para ele.

- Mas...

- Pense comigo, Eva. Você o levou até lá e desmaiou. Sabe que ele não ficaria no carro, mesmo com toda revolta que sentia. E acabou sendo recebido por tiros. Isso depois de descobrir que foi enganado por você. Na cabeça dele, você o quer morto.

- Não! – Eu engasguei, dilacerada, sentando-me de novo. Tonteei e Tia me fez deitar, mas agarrei seus braços e falei suplicante, com lágrimas nos olhos: - Isso nunca, Tia! Eu prefiro morrer a deixar que algo aconteça com Theo.

- Eva... – Ela sacudiu a cabeça, abatida, parecendo ter mais rugas no rosto cansado. – Foram muitas mentiras. Não sabemos quem você é.

- Eu sou Eva Amaro. Mas não sou inimiga. E amo o Theo. Amo o Theo e Helena mais do que tudo nessa vida. – Comecei a chorar, arrasada. – Juro que não faço parte dessa vingança há muito tempo. Tentei convencer minha mãe, achei que ela tivesse desistido... Fui burra, quis acreditar que podia ser feliz em cima de mentiras, mas eu tinha tanto medo de perdê-lo! Tanto! Precisa acreditar em mim, Tia.

- Quero acreditar. Vi como foi feliz e o fez feliz esse tempo todo. Isso é difícil de fingir. Vejo seu desespero agora. Mas entenda, Eva. Fomos pegos de surpresa. E como ele disse, você agora tem um trunfo. Tem Helena. Theo morto deixa herança ao menos para ela e você é sua mãe.

- Não! Não... – Lamentei em um murmúrio angustiado, chorando copiosamente.

- Calma. Olha, talvez eu não devesse, mas acredito em você. Agora se acalme, por favor. Ainda está de resguardo, vai ter hemorragia de novo.

Tia acariciou meu cabelo e contou como foi tudo e como parei no hospital. Lutei para me conter, enxuguei os olhos, fitei Helena e a acariciei, tentando ter forças. Era muito pequenininha e precisava de mim. Eu não podia me esconder agora. Precisava lutar, mesmo que tudo parecesse perdido.

O medo agora era meu fiel companheiro. Medo de ter perdido Theo para sempre, de ser afastada de Helena, de que algo acontecesse com ele, pois minha mãe e Lauro poderiam estar tramando algo. Eu tinha que estar atenta, impedir, provar que o amava. Ia ser uma luta inglória. Não sabia o que poderia fazer comigo, entendia seu ódio. E talvez fosse uma tola por ainda ter esperanças, mas não podia desistir.

- Eles estão procurando a casa da sua mãe em Ituiutaba.

As palavras de Tia me tiraram do devaneio e a olhei rapidamente.

- O quê?

- Eles acham que podem pegar Lauro lá.

- Duvido. A essa hora devem estar longe. – Disse agoniada, dividida. Apesar de tudo, ela era minha mãe. E tinha medo do que Theo poderia fazer se a pegasse. – Mas... sabem onde é a casa?

- Não. Estão procurando. Micah... Meu menino está de volta. – Tia disse, emocionada. – Ainda não o vi, mas não vejo a hora. Joaquim disse que me leva hoje na cidade para encontrar com ele. Micah descobriu a cidade, mas estão em busca pela casa.

Olhou-me e eu entendi seu olhar. Eu sabia onde era a casa e poderia facilitar aquela busca.

Por um momento, fiquei muito dividida. Lembrei que passei anos da minha vida lá, que cresci vendo minha avó e minha mãe combinando como destruiria os Falcão e participei dos planos. Agora eu estava no meio, entre Theo e minha mãe. Se eu dissesse onde ficava a casa, ele poderia pegá-la e eu temia o que faria com ela. Se eu não dissesse, ele me odiaria ainda mais. Todos achariam que eu estava do lado dela naquela vingança.

Pensei que não aguentaria mais chorar, mas novas lágrimas vieram aos meus olhos e senti a cabeça latejar. Tia sacudiu a cabeça, desolada, sem me pressionar. Murmurei:

- Eu só queria que tudo isso acabasse.
- Minha filha, ainda está longe disso. Sua mãe esperou por anos. Não vai desistir agora. Sabe disso.

- Eu sei.

- Durante anos, achei que tivesse sido o fim. Que sua avó e sua mãe foram embora para nunca mais voltar, seguiram em frente. Acho que me enganei. – Encarou-me. – Conheci Estela, sua avó. Ela nunca desistia de nada. Fui apenas uma tola. E você, melhor do que ninguém, deve ter noção que essa vingança vai até às últimas consequências.

Suspirei, muito cansada. Senti-me uma traidora, mas soube que teria que tomar uma posição. Assim, mesmo arrasada, falei baixo:

- Vou dar o endereço da casa. Mas não sei se minha mãe ainda mora lá. Ela estava comprando outra casa.

- Tem certeza? – Tia parecia saber o que aquilo significava para mim.

- Tenho. Ligue para o Theo e passe o endereço, Tia.

Ela acenou com a cabeça e se levantou, caminhando até o telefone. Eu me recostei no travesseiro e fechei os olhos. Agora era oficial. Além de ter desistido daquela vingança, eu me voltava contra minha mãe. E ela nunca perdoaria isso.

MICAH

Fechávamos o cerco na cidade de Ituiutaba. E como soubemos que a avó de Eva tinha morrido depois de um câncer, como Luiza mesmo me contou, tive a ideia de irmos até o hospital da cidade. Enquanto os outros continuavam as buscas pelo bairro, eu e Theo entramos lá e pedi para falar com o administrador. Depois de apresentar minha carteira da ABIN, consegui convencê-lo a olhar os registros e descobrimos algumas Estelas internadas.

Partimos do pressuposto que, como Eva, elas usariam o mesmo nome e só mudariam o sobrenome. Se isso não desse certo,

teríamos que ampliar as investigações.

De acordo com a idade, o tipo de doença e a data próxima do falecimento, chegamos a apenas uma Estela que esteve internada ali. Usava o nome de Estela Oliveira e tinha tido a filha como acompanhante, que contava na ficha da assistente social como Lúcia Santos. Não era Luiza, mas podia ser um nome falso dela.

O administrador chamou duas enfermeiras do setor e pediu que descrevesse as duas para nós.

- A dona Estela estava muito doente, um câncer terminal. Mas teve sorte, pois a filha não a deixou sozinha. Esteve sempre presente. – Explicou uma enfermeira de meia idade.

- Ela tinha uma neta? – Theo perguntou. – Loira, mediana, cabelo comprido?

- Ah, sim. Vinha pouco aqui, mas já a vi sim. – Concordou e a outra completou:

- Também vi.

Troquei um olhar com Theo. Pedi a elas:

- Podem descrever como era Lúcia Santos?

- Sim. – Disse a mais jovem, meio sem entender, mas não se negando. – Alta, magra, loira, por volta dos quarenta anos. Muito bonita. Cabelos na altura dos ombros, olhos castanhos.

- É Luiza. – Falei, certo, lembrando da minha meia-irmã. Voltei para as enfermeiras. – Obrigado pela cooperação.

Enquanto elas saíam, Theo se aproximou da mesa do administrador. Estava tenso e nervoso, embora sua aparência fosse fria. Falou baixo:

- Precisamos do endereço que deram aqui.

- Claro, vou providenciar agora.

Podiam ter dado endereço falso, mas como era uma cidade relativamente pequena, seria fácil de ser descoberto. Assim, calculei que fosse o endereço delas mesmo. Agradecemos e saímos de lá, nos dirigindo para o local. Theo ligou e avisou ao delegado. Quando desligou, ficou quieto, sério, olhando para frente.

Por mais que parecesse frio, eu sabia que estava em seu limite. Nunca o tinha visto tão transtornado. E tive pena de sua situação. Lembrei seu cuidado com Eva quando o vi com ela ao sair

do hospital no dia em que cheguei à cidade, o amor refletido no olhar e nas ações. E agora sua expressão dura, a mão machucada, a aura de ódio que o envolvia. Tinha sido um golpe duro para ele.

- O eu pensa em fazer daqui pra frente, Theo?
- Prender esses dois. – Quase rosnou.
- E quanto à Eva?

Eu dirigia pelas ruas calmas de Ituiutaba, mas senti quando me olhou. E falou, sem vacilar:

- Ela vai ter o que merece.
- Vai denunciá-la?
- Eva vai para a cadeia junto com os dois da mesma laia que ela. Assim que eu voltar à Florada, vou a delegacia acusá-la de Falsidade Ideológica e tudo o mais que descobrir sobre ela. E logo depois entro com o pedido de anulação do casamento.

Eu ouvi. Entendia seu lado, sua mágoa. E mesmo depois de quinze anos sem vê-lo, sabia como era sua personalidade. Mesmo duro, autoritário, sempre procurou ser justo e correto. Odiava mentira e falsidade. Imaginava como devia se sentir sendo traído daquele jeito pela mulher que escolheu para ser sua esposa.

E mesmo sabendo que ele estava furioso demais para me ouvir, assim mesmo falei:

- Quando Luiza me procurou, ela disse que tinha perdido o apoio da filha. Que Eva mudou de lado ao se apaixonar por você.
- E acreditou?

- Pense comigo, Theo. Se não fosse verdade, se Luiza e Eva continuassem juntas, por que ela se arriscaria me procurando? Eu fui sua última cartada.

Ele ficou quieto e achei que pensava. Mas respondeu ainda muito furioso:

- Pode ter várias explicações. O que importa é que Eva mentiu para mim o tempo todo. E hoje aquele homem estava me esperando para me matar.

- Talvez ela não soubesse de nada.
- É, mas talvez soubesse. E eu estou cansado de ter dúvidas. Quero fatos e esses são bem claros. Ela mentiu para mim, casou com documentos falsos, é só a porra de uma menina de 19 anos

que cresceu me odiando e que quase conseguiu me destruir! Se eu morrer e vocês continuarem com pena dela, vai ficar com Helena e ser administradora da herança da minha filha. Conseguirá o que planejou com a mãe. – Disse tudo friamente, mas lancei um olhar a ele e vi como estava sério, transtornado, arrasado.

- Eu entendo seu lado, sua desconfiança. Mas por que não deixa a poeira assentar para fazer a denúncia? O delegado Ramiro não vai te pressionar. Então pode agir com mais calma.

Theo me olhou, puto, quase fora de si.

- Não vou esperar nada. Vou fazer o que deve ser feito.

- Vocês tem uma filha.

- Sei disso muito bem. E a sorte é que ainda não a registrei, pois também não teria validade com o nome da mãe falso. Infelizmente vou ser obrigado a colocar o nome verdadeiro dela. Por mim, nem isso teria. E te falo mais, Micah. Quero um teste de DNA.

- Mas acha...

- Não acho mais nada. Quero certeza.

Eu me calei, vendo como estava nervoso. O que na verdade só mascarava a dor que devia estar sentindo.

Quase chegávamos até a casa que procurávamos, quando meu celular tocou. Por um momento pensei que pudesse ser Luiza. Eu tinha o número dela e liguei muito, sem retorno. Mas era um número desconhecido. Isso já me preocupou, pois pouquíssimas pessoas sabiam meu número.

Mesmo sendo contra a lei, atendi enquanto dirigia. E acabei acertando meu palpite, embora ela ligasse de um outro número. Gritou furiosa em meu ouvido:

- Seu falso! Virou as costas para a sua família! Fingiu estar do meu lado e correu para contar tudo para os Falcões malditos, os mesmo que te expulsaram, como se fosse um deles e não a merda de um bastardo!

- Por que não acabamos logo com isso? Não acha que foi longe demais? – Perguntei com calma.

- Você ainda não viu nada! Só liguei para avisar que vou pegar cada um de vocês! Vou destruir todos, nem que seja a última

coisa que eu faça na vida! E pode mandar rastrear esse celular, ele está indo para o lixo!

- Está com seu comparsa?

- Isso não é da sua conta! Mas se não fosse Lauro me contar que estavam atrás dele, iam me pegar, por que confiei em você!

Dei-me conta que chegaríamos realmente tarde, mas não desisti.

- É ela? – Theo indagou ao meu lado e, antes que eu pudesse impedir, arrancou o telefone da minha mão e xinguei um palavrão, mas me concentrei em dirigir.

THEO

O ódio me consumia quando falei ao telefone:

- Pensou que me mataria, Luiza? Estou vivo e sei de tudo.

Houve silêncio do outro lado e achei que tivesse desligado. Então a ouvi arfar e continuei:

- Vocês quase conseguiram. Quase. Mas vou continuar vivo e só vou sossegar quando pegar você e seu comparsa.

- Eu que vou te pegar! – Gritou, histérica, fora de si. – Vou te matar, Theo Falcão! E destruir sua família! Vou...

- Vai nada. É uma burra, idiota. Tentou jogar as duas filhas nessa vingança ridícula e agora pergunto, o que pode conseguir? Porra nenhuma! Só anos de cadeia pela frente. – Rosnei, cheio de raiva, mas falando com uma frieza que passava longe de sentir.

- Eu ainda tenho Eva! – Luiza riu, parecendo uma bruxa. – Ou acha que você é tão fodão que a fez se apaixonar mesmo? Ela vai te destruir e, junto com minha neta, vai recuperar nossas terras!

Fiquei gelado com suas palavras. E como se soubesse que me atingiu, berrou ainda mais:

- Ela vai te destruir, desgraçado! E vou rir sobre o seu túmulo!

- Não vai me destruir, já sei de tudo, vagabunda. Só aviso uma coisa, se esconda em um buraco bem fundo e fedido e fique lá, pois vou te buscar nem que seja no inferno. E aí vamos ver quem vai para o túmulo primeiro.

- Desgraçado, filho da puta! Acabo com você, Theo Falcão, nem que seja a última coisa que eu faça na vida!

- Venha tentar.

- Ahhhhhhhhhhhhhhh... – Gritou furiosa e desligou.

Só então fui me dar conta do meu estado. Eu tremia por dentro e sentia meu coração apertado, massacrado, suas palavras ecoando em minha mente: “Ela vai te destruir e, junto com minha neta, vai recuperar nossas terras!”. Como se Eva já não tivesse feito metade daquele serviço, que era me destruir. Eu estava completamente acabado, ainda mais achando que ela ainda tentaria me matar.

- Ela está nervosa, significa que está com medo. Sabe que estamos na cola dela. É questão de tempo até pegar os dois, Theo. – Disse Micah e apenas acenei com a cabeça. Mas continuei muito perturbado.

Micah parou o carro em frente à casa, em uma rua pacata e quase vazia àquele horário. E antes que pudéssemos sair, foi meu celular que começou a tocar. Eu atendi logo enquanto abria a porta, ao ver o número de casa.

- Sou eu, meu filho. – Disse Tia.

Saí do carro, preocupado, seguido por Micah, que o contornou e veio para o meu lado. Indaguei tenso:

- Aconteceu alguma coisa?

- Não, está tudo bem. É que... Eva acordou. E me disse onde fica a casa da mãe dela. Posso passar o endereço?

Eu já estava lá. Mas mesmo assim concordei:

- Pode falar, Tia.

E ela deu o nome da rua e o número da casa. Batia certinho com aquele.

Por um momento, senti um fio de esperança por Eva ter contado aquilo sem que eu exigisse. Mas logo a razão retornou e me dei conta que poderia ser mais um de seus jogos e armações, para me amansar, se reaproximar fingindo arrependimento. No fundo, devia saber bem que a mãe não estava mais ali e que de uma forma ou de outra chegaríamos ao local.

- Obrigado, Tia. Micah já tinha descoberto o local. Estamos aqui.

- Ah, que bom. Ele... Ele está aí? – Disse chorosa.

- Está sim. – Olhei para Micah, que parecia tenso, quieto.

- Não quero só ouvir a voz dele. Diga que hoje Joaquim me levará para vê-lo. – E começou a chorar.

- Calma, Tia. Eu digo sim. – Fiquei com pena, uma parte de mim quebrada. Era muita coisa fora do lugar, muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, o passado cobrando o preço de velhas dívidas.

- Tá, filho. Se cuida. Aqui está tudo bem.

- Pode deixar. Se cuida também. Depois a gente se fala.

Quando desliguei, olhei para meu irmão.

- Tia está querendo muito rever você. Mais tarde Joaquim vai levá-la em sua casa.

Eu vi como ele ficou, embora quase não se alterasse. Mas havia uma saudade e uma agonia perceptível em sua expressão, uma emoção contida e vibrante em seu olhar. Apenas acenou com a cabeça e caminhou em direção à calçada, mas me senti mal por tudo que tinha acontecido, pelos anos de distância, por toda tragédia entre ele e meu pai, embora nada daquilo fosse culpa minha. Mas tinha afetado a todo nós.

A casa era velha e feia, com tinta branca manchada e cercada por muro alto de cimento, o portão enferrujado e trancado. Por mim, arrombávamos e entrávamos, mas Micah pediu calma, ou toda prova que encontrássemos lá dentro não poderia ser usada futuramente contra Luiza em um tribunal.

Andei impaciente pela calçada naquela tarde nublada, enquanto esperávamos o delegado Ramiro chegar com a polícia local e um mandado de busca autorizando nossa entrada. Só então um dos policiais arrombou o portão e então a porta da frente. Logo Heitor e Pedro chegaram também e todos entramos.

Olhei em volta, sabendo que Eva passara boa parte da sua vida ali.

O quintal era pequeno e mal cuidado, com mato crescido. Havia um latão de lixo verde perto da porta, cheio. Micah disse ao

passar por ele e espiar:

- Lixo fresco. Saíram daqui não tem muito tempo. – Virou-se para o delegado Ramiro. – Peça para os policiais falarem com os vizinhos, para sabermos se alguém viu como Luiza e Lauro saíram. Talvez o tipo de carro, placa. Assim podemos encontra-los mais rápido.

- Eu tinha acabado de pensar isso. – Concordou ele, já chamando os policiais e avisando antes a Micah: - Não mexam nas coisas, a perícia está vindo para cá.

- Pode deixar.

Fui o primeiro a entrar na sala, atento, seguido por Micah, um dos policiais, Heitor e Pedro, todos em silêncio. A sala era pequena. Sofá antigo, tapete puído no chão, mesa a um canto com toalha de plástico colorida, chão de vermelhão. Estava limpa, sem grandes informações.

Segui pelo corredor e entrei na primeira porta. Um banheiro pequeno, com o armário aberto, algumas coisas espalhadas na pia, maquiagem caída no chão, toalha úmida pendurada. Pelo visto Luiza saiu às pressas e só tinha catado algumas coisas.

Ao lado do banheiro, ficava a cozinha. Tinha restos de café da manhã na mesa e louça na pia. Era velha, mas limpa. Saí logo de lá e voltei ao corredor, onde havia duas portas fechadas. Uma era de um quarto de casal, com cama desfeita, porta do guarda-roupa aberta, várias coisas espalhadas. Pedro entrou ali e foi olhar mais detidamente, comentando:

- A safada deve ter levado tudo que podia ferrar com ela.

- Saiu correndo, talvez tenha deixado algo para trás. – Micah foi levantar o colchão, mas não achou nada embaixo.

Deixei os dois lá e fui ao outro quarto, onde Heitor já estava e tinha acendido a luz. Eu parei na porta enquanto ele andava por lá, olhando tudo. Por um momento, não tive reação, pois aquele ambiente tinha a presença de Eva e foi impossível não imaginá-la ali ainda menina.

Era pintado de rosa, mas tudo feio, de má qualidade. Ainda assim, havia uma tentativa de ser um quarto feminino e infantil. Em um canto havia bonecas velhas. O guarda-roupa era branco e sem

uma das portas. Havia duas camas de solteiro, uma com lençol branco e outra com lençol rosa, esta com um urso encardido e sem um dos olhos em cima. O chão era grosseiro, de vermelhão.

Imaginei Eva sendo criada ali, com poucos brinquedos, ouvindo o que a mãe e a avó falavam de nós, aprendendo a nos odiar. E senti a angústia me corroer, me dominar por dentro, pressionar meu peito. Heitor me olhou em silêncio e, sem uma palavra, passou ao meu lado e saiu do quarto, apenas dando um tapa amistoso em meu ombro, como se soubesse como eu me sentia.

Entrei e vacilei em meu ódio. Por alguns segundos, quase tive pena de Eva e a entendi. No final das contas, era jovem demais. Dezenove anos, sendo criada pela louca da Luiza. Ao mesmo tempo, não era mais criança. Podia escolher. E, de uma maneira ou de outra, sendo influenciada ou não, optou por fazer parte naquela vingança. Mesmo quando contei a ela sobre a família de Gabi, não me disse nada. Ela calou e consentiu. Me traiu desde o início, quando soube e participou do ataque na estrada que me fez tomar um tiro. Assim como podia ter combinado tudo com Lauro para atirar em mim naquela manhã. No fundo, eu tinha que tomar cuidado com ela. Era meu ponto fraco, minha perdição.

Ao final de tudo, foram recolhidos caixas e objetos para análise, mas não parecia ter muita coisa importante. Infelizmente eram provas da polícia e não pudemos pegar, só olhar. Depois tudo seria analisado e mostrado a nós. Duas caixas estavam com cadeados e foram abertos pela polícia e revirados, mas sem grandes pistas. Uma delas foi encontrada sob a cama de Eva e dei uma espiada.

Parecia que podia sentir o cheiro e a presença dela ali. Havia uma foto dela com uns sete anos, agarrada em uma boneca, olhos enormes e tristes que fez meu coração se apertar e me deixou sem ar. E no meio de tudo, coisas que para qualquer um pareciam sem importância, me deixaram com um nó na garganta. Pedras e flores secas, batom, um cacho de cabelo, cd's, peças de roupa antigas, folhas soltas com letras de músicas, uma flauta barata, um caderno

com capa amarela, enfeites infantis de cabelo e mais um punhado de pequenas coisas.

Um dos policiais trancou de volta a caixa mediana e exigiu:

- Abra, estou olhando. É da minha esposa.

- Desculpe, senhor. – O policial era de Ituiutaba e não de Florada, não devia me conhecer. – As ordens do meu delegado é não deixar que mexam em nada.

- Abra. – Ordenei puto.

Ele me olhou de cara feia e Micah se meteu na minha frente, dizendo sério:

- Quer ser preso por desacato à autoridade?

- Foda-se! Esse moleque não sabe com quem está se metendo! – Rosnei, fora de mim.

- Sou uma autoridade! – Disse o policial.

- Theo, é o trabalho dele.

- São as coisas de Eva, porra! Pode ter informações ali!

- Calma. Vou acompanhá-los à delegacia e conversar com o delegado. – Micah apaziguou. – Espero catalogarem tudo e prometo que consigo de volta, entrego a você. Mas esse é o procedimento correto. Não vamos arrumar problema aqui. Não vai adiantar nada. E se tiver alguma prova no meio, fica infundada.

Eu estava muito nervoso e com raiva. Foi um custo me controlar, sabendo que ele tinha razão. Olhei com ódio para o policial, que agarrou a caixa e saiu logo. Passei a mão pelo cabelo e andei pelo quarto, angustiado, reparando nos quadros feios na parede, naquele ambiente que me oprimia e ao mesmo tempo me dava tristeza.

Como não achamos mais nada que pudesse nos dar informações imediatas, saímos dali. Foi um alívio chegar lá fora e me encostar no meu carro, que Micah tinha vindo dirigindo para que eu poupasse a mão.

No final das contas, apenas um vizinho tinha visto Luiza saindo com um homem alto e moreno em um Fiat Pálio preto, mas não anotou a placa. Isso tinha sido ainda de manhã, mas ele não sabia a hora ao certo. E continuamos na mesma, embora fosse soltado um alerta nas principais estradas de um casal de fugitivos

em um Pálio negro. Agora só restava à polícia investigar e tentar chegar até eles. É claro que eu contrataria gente para fazer o mesmo. E enquanto não eram pegos, teria que proteger a minha família e redobrar os cuidados.

- Vão para casa. – Disse Micah para mim, Heitor e Pedro. – Eu acompanho os policiais e espero analisarem tudo. Tenho autoridade para isso. Depois recolho o que for possível e entro em contato com você para buscar, Theo. Não vai adiantar nada irem juntos.

- É o melhor mesmo. – Concordou Heitor. – Foi um dia atribulado.

Eu estava cansado demais. Não era só o físico, mas também o emocional. E de nada adiantaria minha presença naquela delegacia. Ramiro também não estava ali e resolvi deixar as denúncias para o dia seguinte. Assim, concordei com a cabeça.

Mas antes de sair, olhei para Micah e falei, baixo e sério:

- Obrigado.

Sabia que ele não tinha obrigação de voltar e muito menos me ajudar. Metade dele era da família de Eva. Havia uma tragédia o separando de nós, muitas mágoas do passado, muita coisa sem explicação. Mas se não fosse ele, talvez eu ainda estivesse sendo enganado, vivendo em uma falsa bolha de felicidade e talvez correndo risco de vida.

Ele ficou sério também e acenou com a cabeça de volta. Disse apenas:

- Fiz o que era certo.

Eu, Pedro e Heitor ouvimos.

Nem sempre foi assim. Como nosso pai também não havia agido certo com ele.

Muita coisa tinha acontecido e continuava acontecendo. O passado mal resolvido voltava com força total e tudo se entrelaçava. Mas ao menos uma coisa nós tínhamos: o apoio um do outro. E era com aquilo que eu contava para resolver tudo.

Eu não estava sozinho naquela jornada.

CAPÍTULO 4

EVA

Eu não pude fazer nada naquele dia. Tia me proibiu de sair da cama e só me levantei para ir ao banheiro e tomar banho. Ela cuidou de mim, trouxe comida, deixou-me com Helena, mas andou com ela pelo quarto e conversou comigo. Se não fosse isso, eu enlouqueceria ali presa e sem notícias de Theo.

Minha hemorragia melhorou, assim como as dores na barriga e na cabeça. Mas eu continuava me sentindo em frangalhos, arrasada, angustiada, nervosa. Recostada nos travesseiros, eu apenas torcia minhas mãos e pensava em tudo, enquanto Tia caminhava pelo quarto pondo Helena para arrotar, falando baixinho com ela. Foi naquele momento que a porta da suíte abriu e Theo entrou.

Na mesma hora meu coração disparou e perdi o ar, imobilizada, meus olhos varrendo-o vorazmente. Ele não me olhou, indo direto até Tia e Helena. Mas eu o olhei com fome e sede, com desejo e preocupação, com um amor que doía e latejava sem controle.

Mesmo alto e arrogante como sempre, parecia cansado e abatido, mais pálido que o normal, a barba mais densa, a roupa amarrotada. Senti o peito apertado ao ver sua mão direita em uma tala, lembrando que Tia disse que quebrou três dedos. Por quase me acertar um soco, mas mudar de ideia no último segundo.

Tremi demais e me sentei na cama, minha atenção totalmente voltada para ele enquanto beijava suavemente a cabeça de Helena e depois a face de Tia, que o olhou preocupada, indagando:

- Meu filho, como você está?

- Bem. Não deu para voltar antes. – Sua voz era baixa, até fria.

Nem por um segundo olhou para mim, como se eu não existisse. Engoli as lágrimas, acabada, dilacerada.

- Sem problema, ficou tudo bem aqui.

- Sei que a senhora tinha suas coisas, queria ficar um pouco com Gabi e Caio também.

- Não se preocupe, Gabi está bem e toda hora eu ia lá. – Ela garantiu.

- Vou tomar banho e aí pego Helena, Tia. Joaquim está esperando a senhora para levá-la até a cidade e encontrar Micah.

- Ah, Theo, nem acredito que vou ver meu menino depois de quinze anos. – Ela engoliu a emoção, para não chorar. – Mas vai se cuidar. E cuidado para não molhar essa mão.

- Pode deixar.

Theo foi ao closet e depois sumiu no banheiro, sem me olhar nenhuma vez. Eu me senti um nada, desprezada, invisível. Sabia que ia ser assim, mas era pior do que pensei, insuportável.

Tia veio com Helena até perto da cama, olhando-me com pena. Disse baixinho:

- Dê um tempo a ele.

- Nunca vai me perdoar, Tia. – Murmurei, angustiada.

- Calma. É tudo muito recente, Eva.

Eu queria muito acreditar que, com o tempo, Theo veria meu amor, me perdoaria. Mas a dor rasgada dentro de mim parecia me avisar de que seria impossível, como sempre soube.

- O que posso fazer? – Olhei para a senhora, suplicante. – Por favor, me ajude, Tia.

- Precisa se recuperar, ficar boa para cuidar da sua filha e lutar por Theo. Não adianta tentar pôr o carro na frente dos bois, Eva. Tem que ser paciente.

Eu respirei fundo, mas tinha um medo atroz de que nada, nem o tempo ou o fato de termos uma filha, pudesse fazer Theo voltar para mim.

Olhei para Helena, com a cabecinha no ombro de Tia, bocejando. Fui envolvida por uma imensa vontade de chorar. Imaginei como seria sem aquela vingança a nossa volta, Theo na cama comigo e com nossa filha, carinhoso, acariciando-nos, dizendo o quanto nos amava, seu olhar para mim sem ódio ou desprezo. Como eu queria aquilo! Mais do que viver. No entanto, talvez nunca mais tivesse.

Fiquei quieta, sentada contra os travesseiros, observando Helena arrotar e Tia falar com ela carinhosamente. Então, Theo saiu do banheiro e entrou no quarto.

Estava descalço, usando um jeans que caía nele com perfeição, uma camisa branca e macia de botões, barba cerrada, cabelos úmidos penteados para trás.

Não me olhou, como se eu nem estivesse no mesmo lugar que ele. Mas eu o olhei desesperadamente, reparando em cada detalhe de sua beleza máscula, sua expressão fechada, aquela ruga entre a testa deixando-o mais duro e inalcançável. Mordi o lábio, cheia de sofrimento e vontade de chorar. Eu o amava tanto que doía demais receber sua completa indiferença.

- Eu fico com ela agora, Tia.

- Já mamou e arrotou. Capaz de dormir agora. – Com cuidado, a senhora entregou-lhe a bebê, que soltou pequenos sons ao ser acomodada entre os braços dele, minúscula, envolvida na manta lilás com franjinhas.

Era uma cena linda. Theo alto e viril, com aquela cara de mau, tão cuidadoso com Helena, feminina e pequena. Eu os admirei em silêncio, sentindo-me sozinha e excluída, fora da vida deles.

- Não vou demorar. – Continuou Tia e olhou dele para mim, um pouco incerta. – Precisam de algo?

Eu sacudi a cabeça que não, sem condições de falar.

- Não, Tia. Obrigado. – Theo não sorriu, mas seu semblante se desanuviou ao fitá-la.

Tia acenou com a cabeça e acariciou o braço dele.

- Tome cuidado com essa mão. Tchau. – Tentou sorrir para mim, como se passasse força. E então saiu, fechando silenciosamente a porta atrás de mim.

Eu senti um medo absurdo me invadir. Não achando que Theo faria algo contra mim, mas medo de ser completamente desprezada, de estar sozinha com ele e mesmo assim não ser vista, ser ignorada.

Observei-o andar com Helena no colo até a janela e abrir a cortina, olhando para a paisagem da fazenda lá fora. A noite chegava e o céu estava tingido de roxo, lilás e laranja, escurecendo. Dentro do quarto, o silêncio era sepulcral e mantive-me quieta

olhando seus cabelos e suas costas largas, implorando silenciosamente por qualquer migalha de atenção, que não veio.

Theo acariciava suavemente Helena e ficava lá, ninando-a calmamente enquanto ela dormia. O desespero crescia dentro de mim, a ponto de me sufocar. E sem aguentar mais, falei baixo:

- Theo, me perdoe.

Senti que se enrijeceu, mas não se virou nem disse nada. Torci as mãos no colo e aumentei a voz, agoniada, meus olhos queimando:

- Precisamos conversar. Por favor, me escute. Olhe pra mim.

Nada nele mudou, mas eu sabia que não era surdo. Então continuei:

- Theo, eu fui criada odiando vocês. Sempre foi assim. Quando mandei os bilhetes para Gabi, fiz aqueles telefonemas ou mesmo concordei com aquele atentado contra você, eu os odiava. Eu não tinha ideia de quem eram. Eu... Sei que fui errada. Mas não era para você ser baleado. Eles iam roubar seu carro e te deixar desacordado e eu... eu ia te achar. Assim, teria uma dívida comigo, como aconteceu. Mas ao mesmo tempo, foi tudo diferente. Desde o início tudo foi diferente.

Não se moveu nem parou de ninar Helena, que dormia quietinha, indiferente à tragédia dos seus pais. Parei de falar, pois minha voz embargou, as lágrimas escorreram sem controle. Peguei a ponta do lençol e as enxuguei, tentando me manter forte. Respirei fundo, voltei a falar:

- Acho que amei você desde o início. Desde que abriu os olhos e me encarou naquele terreno na favela, baleado, cheio do sangue que ajudei a derramar. Talvez antes, quando vim disfarçada em uma festa aqui na sua casa e vi você na minha frente. Nunca mais esqueci você. Eu juro que era contra aquele atentado, mas estava com raiva. Você era meu inimigo. Eu... Eu...

Estremeci, abalada, nervosa demais. Sabia que devia continuar a falar, mas era como se Theo não ouvisse nada. Mesmo assim, insisti:

- Nunca fingi que era louca por você. Eu era mesmo e sou. Eu te amo tanto, que desisti dessa vingança, tentei convencer minha

mãe a parar e...

Theo se virou devagar para mim e seus olhos azuis encontraram os meus. Foi como ser fuzilada. Perdi o ar e a fala. Não era nem preciso palavras. Estava tudo ali, o desprezo, a raiva, a repulsa. Sob aquele olhar eu me senti pior do que um inseto.

- Theo... – Implorei baixinho, talvez por uma chance, talvez apenas para que não me olhasse daquele jeito e me matasse aos pouquinhos.

Ele veio andando até parar de frente à cama, muito concentrado, as palavras saindo frias quando seus olhos ardiam:

- Eu não quero ouvir suas mentiras, Eva. Quero apenas os fatos.

- Mas não são mentiras...

- São. Muitas. – Não alterou sua voz e Helena continuou em seus braços, adormecida. Friamente, disse, sem tirar os olhos dos meus: - Vamos ao início. Você falsificou seus documentos e os registros do orfanato. A Eva Camargo de 22 anos, órfã, nunca existiu. O que me contou sobre sua solidão e vida no orfanato era tudo falso.

- Não, Theo, contei como me sentia...

- Eu tenho 42 anos e já me achava um perverso transando com você, sem nem imaginar que só tem 19 anos. Não podia aumentar muito a idade por sua aparência, mas o objetivo era esse, não é? Aparentar ser ao menos um pouco mais velha, depois dos vinte, para me convencer mais rápido. Parabéns, foi bem pensado. Burro fui eu em acreditar em seus olhos inocentes e não ter ido ao orfanato pessoalmente ter pedido seus registros. Teria sido desmascarada desde o início.

Eu mordi o lábio, controlando a custo o choro diante de sua raiva e sua mágoa. Sacudi a cabeça e murmurei:

- A idade nunca importou.

- Talvez não. Aos 18 anos eu já tinha minha personalidade formada e sabia muito bem quem eu era e o que queria da vida. A idade não desculpa suas escolhas. Optou por mentir, trair e enganar. Nada mais importa. Foi escolha sua.

- Foi, mas me arrependi! Será que não entende? Eu...

- Não quero saber. – Cortou-me, gelado, cerrando as sobancelhas. – Me odiando ou não, foi uma criminosa quando participou de um atentado que quase me matou.

- Theo, eu estava com raiva. Lauro disse que na tentativa do roubo do gado, você matou Abel com um tiro na cabeça, que era frio e mau. Eu acreditei!

- Ele matou Abel.

- Agora eu sei disso, mas na época não. E eu achava que tinha matado Flávio também, o irmão de Lauro, quando ele saiu da delegacia. Hoje sei que não foi você, mas ele era meu namorado e...

- Namorado? – Franziu o cenho, com um ódio frio. – Dá para entender que seja namorada de ladrão. Pegou o irmão também? Lauro era seu amante?

- Não! – Gritei horrorizada, mas vi como não acreditou. – Eu era virgem! Você sabe disso muito bem!

- Sim, virgem, tudo para chamar atenção do burro aqui. Mas e depois, Eva? Quando eu virava as costas ia se deitar com Lauro, virava a puta dele?

- Nunca! – Meus olhos encheram-se de lágrimas e levei as mãos ao peito, que doía horrores. – Você foi o único a me tocar. Depois que conheci você, era o único homem que importava na minha vida. Nunca teve ninguém importante como você.

- Fica difícil acreditar em uma mentirosa. Vou pedir um exame de DNA para comprovar se Helena é minha, embora ache que não seria tão idiota ao tentar me enganar nisso. Afinal, ela é sua garantia.

- Não, Theo... – Supliquei, lágrimas enchendo meus olhos sem controle, a dor me arrasando. – Não tive outro homem, nunca... nem em pensamento.

- Aqueles dias em que sumiu...

- Eu estava no hospital com minha avó. Você não entende, eu estava dividida entre elas e você, perdida, sem saber o que fazer. Tentei me afastar de você, mas...

- Não tente subestimar minha inteligência. Tomou as decisões que quis. Você mentiu, armou tudo, concordou com meu atentado. Assim como fez aqueles telefonemas a Gabi e tentou virá-la contra

nós. Você invadiu minha casa e o quarto dela naquela festa, deixou fotos da minha intimidade e da intimidade dos meus irmãos para nos fazer parecer sujos. Sabia dos meus gostos e veio pronta para usar essas informações. – Mesmo furioso, Theo falava baixo, segurava Helena protetoramente. – E não foi só isso, não é, Eva? E o ataque à Tininha, a batida na cabeça dela para incriminar Joaquim, que poderia ter matado a menina?

- Eu não fiz isso, juro! Fui contra!

- Como se eu acreditasse. – Disse com desprezo.

- Theo... – Afastei a coberta, pronta para sair da cama, angustiada, desesperada, mas sua voz cortante me impediu:

- Não se levante, porra! Se tiver hemorragia de novo, te largo naquele hospital! Fique aí, chega de me dar trabalho. Dê-se por satisfeita, ainda está aqui e não na cadeia, por causa de Helena. Mas se me provocar, Eva, eu esqueço isso também!

Sua fúria era como uma mortalha. Encostei à cabeceira, pálida, com medo que me expulsasse mesmo dali. Eu não queria ficar longe da minha filha nem dele. Não queria perder a chance de tentar convencê-lo de que o amava. Por isso, mantive-me quieta na cama, respirando fundo, tremendo.

- O que mais você fez, Eva? Que outras mentiras e traições cometeu? Vou descobrir tudo, é melhor me falar antes.

Eu mordi o lábio e olhei para minhas mãos, arrasada. E soube que era melhor acabar com todas as mentiras de uma vez. Falei baixinho:

- No dia do nosso casamento, quando houve o roubo do gado. Eu... Eu tive medo que você prendesse Lauro e ele contasse tudo sobre mim. Então... Então, eu... Liguei para minha mãe e ela o avisou. Por isso ele conseguiu fugir.

- Desgraçada. – Theo disse entredentes.

Eu ergui os olhos, chorosa, suplicante:

- Eu não podia perder você. Olhe para mim, como posso ter fingido tanta paixão, tanto amor? Eu fiz tudo achando que a única chance de ficarmos juntos era se não soubesse de nada.

- Mentiu mais uma vez. Mesmo no dia em que eu me dava a você por inteiro, você me traiu.

- Não...

Theo estava pálido, suas feições ainda mais duras. Eu podia ver como aquilo era pesado para ele, como se sentia traído, com ódio, como me olhava com um desprezo que parecia que nunca teria fim. E aquilo era difícil demais de aceitar. A culpa me remoía, o medo me dilacerava.

- Diga tudo. – Exigiu, seco. – Como controlou sua mãe e Lauro esse tempo todo? Por que eles ficaram quietos? Deu dinheiro a eles?

Eu soube que estava perdida. E, sem coragem de dizer mais nada, acenei afirmativamente com a cabeça. Ele apenas me olhou, feroz, com repulsa.

- Estavam esperando só a Helena nascer para tentarem me matar.

- Não! – Gritei fora de mim, fazendo menção de sair da cama.

- Fique aí, porra! – Theo gritou também, furioso, impedindo-me só com sua voz. Agarrei o lençol e estremeci, sacudindo a cabeça que não, desesperada. Helena acordou e choramingou, mas mesmo fervendo de ódio, ele a ninou e protegeu, até que cochilava de novo.

- Nunca quis matar você, Theo, nunca! Se você morrer, eu morro. Você é minha vida, não consegue perceber isso?

- Pensa que não entendi seu plano? – Seus olhos nem piscavam, cortantes nos meus. – Por isso seu comparsa atirou hoje de manhã. Você desmaiaria e eu sairia do carro, afinal, sou um babaca, não é? Foi tudo certo e combinado entre vocês. E então eu seria baleado. E você teria Helena, minha herdeira.

- Não, não foi isso... – Eu chorava e soluçava, angustiada. – Eu desmaiei sem querer, Theo. Eu tive hemorragia.

- É, talvez tenha tido uma ajuda da natureza.

- Meu Deus, olha o que está dizendo! Eu...

- Vou contar como vão ser as coisas, Eva. Avise a sua mãe e o comparsa dela, que não vai ser tão fácil. Primeiro, estou pronto para eles. Segundo, se conseguirem me pegar e me matar, você sai dessa com uma mão na frente e outra atrás. Amanhã anulo nosso casamento e faço uma denúncia oficial contra você na delegacia.

Falsidade ideológica, participação no atentado contra Tininha e contra mim, tentativa de homicídio. Aposto que posso encontrar mais algumas coisas para encher sua ficha e deixar você mofando na cadeia. Nunca terá a guarda de Helena, mesmo que eu morra. E meus advogados vão cuidar disso.

Eu escutava tudo, chocada, perplexa, cada palavra dita me perfurando e cortando por dentro. Olhei apavorada para nossa filha em seus braços e lágrimas desceram grossas por meus olhos, pois tudo que eu queria estava na minha frente, Theo e Helena. Não conseguia nem imaginar como seria minha vida se ele morresse ou se minha filha fosse tirada de mim. Solucei, tentei me conter, mas fiquei em prantos, fora de mim.

Theo continuou frio, olhando-me, até que consegui balbuciar:

- Nunca... Nunca planejei sua morte. Eu te amo e... amo nossa filha. Pode me deixar presa aqui, me castigar, mas... por favor, não tire Helena de mim, Theo.

- Ela é sua garantia.

- Não, ela é minha vida. Como você. – Tentei secar as lágrimas, mas elas voltavam, me embragando.

- Não acredito. E nada do que disser vai me convencer. Vai ficar aqui enquanto ela precisar de você. Mas só sairá desse quarto se eu deixar. Terá um segurança aí fora e outros em volta da casa o tempo todo. Nem pense em fazer nada com Helena ou tentar fugir com ela, pois aí vai me ver realmente furioso. – Sua voz era fria e cheia de desprezo. Seu olhar parecia me cortar ao meio. Eu era como lixo, suja, imunda para ele. Parecia ter nojo de mim. – Amanhã faço as denúncias e só sai daqui para ir para a prisão.

- Não, por favor...

- Se sair dessa cama, se tiver outra hemorragia, vou te prender no hospital, está ouvindo? E aí sim vai ficar longe de Helena. Não teste minha paciência. Não me dê mais motivos e nem dê mais trabalho do que já está dando. Minha paciência com você está por um fio.

- Theo... – Comecei a suplicar, arrasada em minha dor.

- Quero ficar um pouco com minha filha, longe de você. Por mim, nunca mais ouviria sua voz ou olharia na sua cara. Dê-se por

satisfeita por que ainda deixo você ficar aqui, enquanto a amamenta.

E caminhou para a porta com Helena no colo.

A dor me rasgou e me vi impossibilitada de lutar, de mudar tudo aquilo, de fazer o tempo voltar atrás e tentar fazer diferente. Quis suplicar, mas apenas chorei, com medo de enfurecê-lo mais e perder o pouco que eu ainda tinha ali.

Theo saiu e trancou a porta. Eu desabei na cama, chorando e me contorcendo de desespero, minha cabeça explodindo, meu corpo todo se sacudindo em um pranto convulsivo e avassalador. Nunca senti tanta vontade de morrer como naquele momento, pois o sofrimento era insuportável.

THEO

Eu saí daquele quarto praticamente morto.

E por mais incrível que pudesse parecer, era minha filha em meus braços, tão pequena e frágil, que me dava forças de seguir adiante. Pois nunca me senti daquele jeito, tão arrasado que parecia que nada, nem minha família ou minhas responsabilidades com a Falcão, poderiam me reerguer. A traição de Eva tinha sido dura demais e ser obrigado a ficar em sua presença só piorava tudo.

Caminhei, um passo diante de outro, sabendo que era isso que teria que fazer com o que me restou. Juntar os cacos, erguer a cabeça e seguir em frente, mesmo com o coração em frangalhos, o orgulho no chão, a vergonha e o sofrimento apunhalando meu coração.

Acomodei melhor Helena nos braços e descii as escadas da casa silenciosa. Saí até a varanda, onde me sentei no sofá e olhei para o rostinho rosado e delicado da minha filha, meu coração ainda mais confrangido. Era como uma miniatura de Eva. A cada vez que eu a olhasse, seria lembrado do que era amar sem limites e ser traído. Seria lembrado das escolhas que fiz, de como fui cego e burro, como me dei de uma maneira que nunca julguei ser capaz.

Suspirei e a envolvi na manta, embora a noite fosse fresca, tranquila. Recostei a cabeça no espaldar e deixei meus olhos vagarem em volta da fazenda iluminada, reparando na imensidão de tudo aquilo. Tantas pessoas sob a minha responsabilidade, um negócio grandioso daquele e eu seria chacota de todo mundo. Logo se espalharia a notícia de que fui enganado, que uma menina de dezenove anos conseguiu me derrubar. Mas eu não abaixaria minha cabeça nem seria motivo de pena. Arrasado ou sofrendo, eu ergueria meu queixo e seguiria em frente, como sempre fiz. E um dia tudo aquilo seria só passado.

Fiquei lá, quieto e sozinho, apenas minha bebê adormecida como companhia, sentindo-me pior do que tudo naquela vida. Eva não saía da minha cabeça, suas palavras, seus olhos, sua palidez, sua dor que parecia tão real. Mas como acreditar, se eu só via uma mentirosa na frente, se eu sabia que confiar nela poderia significar a minha morte? Tudo o que ela fez foi grave demais. Não dava para esquecer nem fingir que não aconteceu. Me fazia sangrar, doía forte e fundo, nunca mais me deixaria confiar tão cegamente em alguém.

Quando me senti mais forte para reagir, peguei o celular do bolso com a mão esquerda, sentindo os dedos da direita doerem cada vez mais ao amparar Helena. Mas era bom sentir aquela dor, parecia me distrair daquela maior dentro de mim. Logo o chefe dos seguranças que contratei atendia:

- Senhor Falcão.
- Robson, como estão as coisas?
- Tudo tranquilo, senhor. Há uma equipe fazendo a ronda em volta da casa.
- Vou precisar do segurança para a parte interna, como conversei com você.
- Claro, quer que o mande agora?
- Mais tarde. Eu ligo e aviso, mas já deixe tudo preparado.
- Sim, senhor, pode deixar.
- Certo. Boa noite.

Desliguei e guardei o celular, passando a mão suavemente sobre a manta de Helena, algo dentro de mim abrandando ao vê-la dormir tão suavemente. Tentei relaxar um pouco e só fiquei lá, sem

me importar com a dor na mão ou a fome, já que passei o dia todo sem comer. Eu só precisava de um pouco de paz.

Ia deixar realmente um segurança do lado de fora do quarto de Eva e outro sob sua janela, além de uma equipe na fazenda. Não apenas para evitar qualquer ataque surpresa de Luiza e seu comparsa, já que duvidava que seriam burros aquele ponto. Mas principalmente por que eu não confiava em Eva e tinha medo que ela tentasse fugir com Helena e usasse nossa filha em alguma chantagem ou armadilha. Para mim, ela seria capaz de tudo. Mas eu tomaria meus cuidados.

O tempo passou. Não sei se uma ou duas horas. Até que o carro de Joaquim passou em frente à casa e Tia desceu. Meu irmão levou o 4x4 para a garagem e ela subiu os degraus segurando sua bolsa, olhando-me preocupada.

- Tudo bem com vocês?

- Sim, Tia. – Observei que usava calça, uma de suas melhores blusas e estava com o curto cabelo grisalho bem penteado. Perguntei baixo: - Encontrou Micah?

- Encontrei. – Ela sorriu e veio se sentar ao meu lado, emocionada. Sua voz embargou: - Não acreditei, Theo. Durante anos eu o imaginei morto ou como um bandido, viciado, sofrendo. Mas ele superou a si mesmo. É um homem da Lei, um oficial, voltou por sua causa. Não esqueceu da gente. Eu senti tanto orgulho dele!

- Entendo o que quer dizer. – Acenei com a cabeça.

Ela suspirou, olhando para frente, perdida em lembranças.

- Sabemos o que vimos quinze anos atrás e tudo que houve para culminar na tragédia. Micah me disse que nunca se livrou da culpa pelo que aconteceu a Mário. Mas não quis falar sobre aquele dia. Só eles dois sabem o que realmente se sucedeu naquele escritório quando a arma foi disparada tantas vezes e seu pai quase morreu. Mas sabe, Theo... Eu não consigo culpar Micah. Seu pai deve ter feito algo pior do que tudo que fez com ele no decorrer dos anos. Ou não teria chegado a esse ponto.

- Eu sei.

Acho que foi aquilo que nos fez ser mais complacentes com toda a tragédia. Meu pai era violento e mau com Micah. Por saber

que não era seu filho, que foi fruto de uma traição. Desde que descobriu, quando Micah tinha 9 anos, até seus 18, quando aconteceu a tragédia, o ódio do meu pai por ele só aumentou. E embora eu, meus irmãos e Tia tivéssemos tentado intervir, amenizar as coisas, tudo caminhou para aquele fim, onde a raiva tomou proporções gigantescas e terminou com tiros ecoando no escritório após uma briga violenta entre eles.

Meu pai nunca quis falar no assunto, nem explicar através de gestos. E Micah sumiu. Soubemos apenas o que vimos. O sangue e os ferimentos. O rompimento no meio de nossa família no mesmo dia que enterrávamos nossa mãe. Era como se a presença dela, mesmo que sempre aérea e dentro do seu mundo, tivesse contido tudo. Quando morreu, explodiu a verdade e a tragédia.

- Eu fico pensando... – Tia me encarou. – Como seu pai vai reagir quando souber que Micah está na cidade. Melhor ninguém contar nada. Afinal, ele vive em seu mundo próprio. De que adianta saber?

Acenei com a cabeça, embora soubesse que, dependendo do tempo que Micah ficasse, meu pai acabaria descobrindo. Mas nisso eu deixaria para pensar depois.

Tia suspirou de novo e mudou de assunto:

- Heleninha está dormindo desde aquela hora?

- Sim.

- Daqui a pouco acorda gritando, querendo mamar. – Sorriu e passou o olhar em mim. – Você e Eva conversaram?

- Não há o que conversar.

- Theo...

- Não quero falar sobre ela, Tia. – Falei sério, encontrando seus olhos.

Naquele momento, Joaquim subiu os degraus da varanda e nos olhou, preocupado. Indagou a mim:

- Tudo bem?

- Tudo, Joaquim.

- E sua mão?

- Boa. – Menti. Os dedos latejavam e pareciam ainda mais inchados dentro da tala. Julguei que estava na hora de tomar o anti-

inflamatório, mas não falei nada.

- Já jantaram? Estou faminto.

- Ainda não, já vamos. Gabi deve estar esperando você para descer com ela e Caio. – Disse Tia.

- Vou lá então e já volto com ela. – Olhou-me. – Precisa de mim, Theo?

- Não. Vá cuidar deles. – Não sei como, consegui sorrir. Eu me orgulhava dele, do modo como amava e protegia Gabi. Como se importava com a gente. Era um bom rapaz e seria um pai sem igual.

- Tá certo.

Depois que ele entrou, Tia se debruçou sobre mim e pegou Helena dos meus braços, dizendo:

- Agora você vá se cuidar, jantar, tomar seus remédios que deve estar na hora. Eu levo Helena para o quarto, já está quase na hora dela mamar.

- A senhora já fez demais por hoje.

- Que nada, filho. – Ergueu-se com minha filha no colo, seus olhos preocupados nos meus. – Vai dormir em seu quarto?

- Não.

- Eu imaginei. Deixa que durmo lá essa noite e tomo conta de tudo.

Eu não queria explorá-la, mas sabia que ficaria muito mais tranquilo.

- Obrigado, Tia. Será só por hoje. Amanhã contrato uma das enfermeiras do meu pai para passar a noite aqui, até Eva se recuperar e poder dar conta de Helena sozinha.

- Eu posso ficar com elas.

- Não, só hoje. – Eu me levantei também e a mão latejou terrivelmente, mas pouca atenção dei a ela. – Haverá um segurança na porta da suíte. Não quero que Eva saia do quarto sem minha autorização.

- Mas Theo...

- Vai ser assim. Não confio nela. Pode querer roubar minha filha.

- Não... – Tia sacudiu a cabeça, com uma certeza que me irritou. Mas não debati, apenas insisti:

- É assim que vai ser, Tia. Fique de olho também. Nada nesse mundo é mais importante para mim do que Helena.

- Eu sei disso. – Parecia querer dizer mais alguma coisa, mas veio até mim e se esticou para me dar um beijo no rosto. – Agora me prometa que vai jantar e tomar seu remédio. Está muito pálido.

- Pode deixar. – Falei da boca pra fora, pois eu não sentia vontade de fazer nada, só ficar sozinho.

Observei-a se afastar com Helena e fui até uma das pilastras da varanda, olhando para a paisagem lá fora, que eu já conhecia de cor. A fazenda sempre teve um prazer benéfico sobre mim, mas daquela vez nada aliviava o peso e a dor em meu interior. Tive uma vontade imensa de sumir, mas soube que, aonde quer que eu fosse, aquele sofrimento ia junto. E eu só queria uma maneira de esquecer, nem que apenas por alguns instantes.

Entrei em casa e fui para o escritório. Lá preparei um copo de uísque puro e tentei ler meus e-mails, mas nada me deixava ficar concentrado. Terminei a bebida, que queimou em meu estômago vazio. Servi-me de mais uma dose e me sentei no sofá, olhando para o nada, bebendo em grandes goles.

Ali, sozinho, eu não precisava mais ser forte. Deixei minha armadura de ódio e desprezo cair e só sobrou a dor. Minha mente se encheu de imagens de Eva e foi como se uma faca me rasgasse por dentro. Fechei os olhos, nocauteado, alquebrado.

Foram imagens e sensações aleatórias, pegando-me desprevenido. Eu a vi rir e me beijar, seus olhos verdes brilhando de paixão, de um amor falso no qual acreditei. Vi seus seios, sua pele, senti seu cheiro. Pude sentir na ponta dos dedos a textura do seu cabelo, a maciez de suas formas, fui preenchido pela felicidade gritante que foi minha vida naqueles meses de casados.

Eu a vi andando comigo pelas terras da fazenda de mãos dadas, colocando uma coroa de flores sobre os cabelos, vindo para meus braços, sussurrando em meu ouvido o quanto me amava. Eu a senti sob mim, deitada, recebendo meu pau dentro dela e gemendo em minha boca enquanto eu sabia que nunca seria tão terrivelmente feliz. E fui, mais do que um dia julguei possível.

Levantei e fui encher meu copo. Voltei para o sofá com a garrafa e abri a camisa, com calor, com ódio, com desespero. Tomei o líquido ardente e enchi de novo até a borda. E enquanto bebia mais e tentava esquecer, eu só lembrava. De tudo. De cada instante que na hora pareceu tão simples, mas que agora voltava com força total. De como achei que estava no paraíso para me ver ali, perdido no inferno.

As dores me golpeavam. O desespero fazia meu coração se apertar. Vi seu olhar naquela manhã, ouvi suas palavras ao repetir na minha cabeça "Eu sou Eva Amaro", destruindo todos os meus sonhos, me mostrando como fui tolo e enganado, como me dei a alguém que não me merecia. Era só uma menina, mas acabou comigo. Eu não era mais nada, só uma casca. Só um vazio me comendo, me consumindo e dilacerando. Até que não restaria mais nada.

Bebi. Bebi muito, até quase esvaziar a garrafa e meus pensamentos se embaralharem, a ponto de não saber mais o que era realidade. Lembranças boas vieram e me agarrei a elas. A dor na mão sumiu. Caí deitado no sofá e o copo vazio rolou pelo chão. Fechei os olhos e só vi Eva, sorrindo, se debruçando sobre mim, dizendo baixinho:

- Eu te amo, Theo.

Tentei lembrar por que não devia acreditar naquilo, mas não quis. Eu me agarrei naquela imagem, naquela felicidade fugaz, mas algo ainda me machucava, me alertava para acordar. Mas era tão bom!

- Coelhinha... Minha coelhinha...

Falei baixo, sentindo sua presença, achando que me abraçava. Então a dor passou e mergulhei num sono profundo, finalmente me sentindo um pouco em paz.

CAPÍTULO 5

THEO

Não sei como consegui levantar na manhã seguinte. Parecia que minha cabeça ia explodir e todo meu corpo doía por ter ficado no sofá curto e apertado. Estava suado e me sentia mal, com estômago embrulhado. A mão doía e latejava, a ponto de me fazer xingar meia dúzia de palavrões.

Saí do escritório ainda antes das seis da manhã e subi a escada cerrando o maxilar para conter as pontadas na cabeça a cada passo. No corredor, vi o segurança sentado na cadeira e ele me cumprimentou. Eu resmunguei bom dia e entrei no quarto, ainda descalço.

Tia não estava mais ali. Na certa tinha descido para tomar café da manhã. Mas parei, olhando para a cama, onde Eva e Helena estavam deitadas, uma bem perto da outra. Senti como se fosse golpeado, a dor interior vindo com toda força de volta, nem todo álcool que consumi na noite anterior podendo me aliviar.

Eva usava uma camisola branca comprida e estava de lado, os cabelos se espalhando em seu ombro e braço, a mão sobre o corpinho de Helena, que tinha a cabecinha recostada contra seu peito. Raios de sol começavam a invadir o quarto e iluminavam a cena.

Estavam lindas e me senti muito abalado. Mas então respirei fundo e dei as costas a elas, caminhando para o banheiro, torturado. Teria que me acostumar a não acordar mais com Eva ao meu lado, com seu cheiro em minhas narinas, sua pele contra a minha. Estava acabado.

Tomei uma chuveirada com cuidado para não molhar a mão, livrando-me do suor pegajoso, conseguindo me sentir um pouco melhor. Vesti calça azul marinho, camisa cinza claro, pus o paletó, sapatos italianos e saí do quarto, reparando que as duas ainda dormiam, mas não me demorando ali.

Ao chegar à cozinha, encontrei Tia, Pedro, meu pai e a enfermeira dele, Margarida, tomando café em volta da mesa.

- Bom dia.

Tia me olhou horrorizada enquanto eu ia até a pia e tomava um analgésico e um anti-inflamatório com um copo d'água, sem saber se fariam efeito com todo álcool que ainda devia circular em meu organismo.

- Theo, você está horrível, pálido, cheio de olheiras. – Disse Tia, passando a mão em meu braço.

- Obrigado. – Falei entredentes.

- Está com dor? – Havia preocupação em seu semblante enquanto eu ia me sentar à mesa e ela vinha encher minha xícara de café quente.

- Vai passar.

- Ham... – Meu pai rosou, franzindo o cenho, olhando da minha mão para meu rosto, sem entender nada. – O... ham... que...

- Eu me machuquei, pai. Mas não é nada sério. – Afirmei, não querendo preocupá-lo.

- Ham... – Insistiu, pouco convencido. Olhou-me insistente, como se exigisse saber. – O...q...que...

- Ele escutou a confusão na casa ontem e queria saber o que estava acontecendo. Ficou nervoso. – Explicou Margarida, sem graça. – Expliquei que devia ser algo sobre os ladrões de gado, não é?

- Foi, mas já está tudo resolvido, pai. – Afirmou Pedro, seguro. Sorriu. – Fique tranquilo.

Meu pai olhou-me, insistente. Mas por fim acenou e voltou a comer, mesmo ainda parecendo desconfiado.

- Coma alguma coisa. Sei que nem jantou ontem. – Tia colocou sanduiches diante de mim, aproveitando para acariciar meu ombro, tentando me passar conforto com seu toque. Estava preocupada e disse baixo: - Tentei te chamar ontem no escritório e não consegui.

- Estou bem, Tia. – Voltei a afirmar, mas forcei um sorriso para tentar tranquilizá-la.

Acabei devorando o café, os sanduiches e um suco. Pedro se despediu, dizendo que ia para o frigorífico e mais tarde passaria no escritório. Terminei de comer e só então me ergui, dando tchau para meu pai e Margarida. Tia me seguiu até a porta da frente e falou:

- Hoje vou colocar algumas coisas suas no quarto de hóspedes. Não tem necessidade de dormir no escritório.

- Fique tranquila. – Afirmei e, antes de sair, olhei-a. – A segurança vai mudar. E não esqueça, Tia, Eva não deve se levantar da cama pelo menos até amanhã. Muito menos sair do quarto. Hoje vou ligar para uma enfermeira e combinar tudo com ela.

- Mas posso ficar e...

- Vai dormir na sua cama hoje e descansar. – Beijei sua testa.
– Qualquer coisa, ligue para mim.

- Certo. Se cuide, meu filho. E não deixe de almoçar.

Acenei com a cabeça e saí.

Não fui direto para o escritório. Passei antes na delegacia e Ramiro me recebeu com simpatia, indicando-me uma cadeira em frente à dele, onde me acomodei, encarando-o e perguntando:

- Alguma novidade?

- Ainda não. Mas nós e a polícia de Ituiutaba estamos contando com o apoio de delegacias de todo estado. Eles não vão conseguir se esconder para sempre. Vão precisar aparecer, conseguir dinheiro.

- Isso que me preocupa. Eva disse que dava dinheiro a Luiza. Ela pode ter uma reserva guardada e ir para longe com o comparsa, sumir de Minas.

- Pode ser, mas o dinheiro não vai durar para sempre.

- Eu sei. E o desejo de vingança dela é muito obsessivo para sumir de vez. Tentará alguma coisa, talvez não agora, mas logo.

Ramiro concordou e se recostou em sua cadeira, enfiando mais seu chapéu branco na cabeça.

- Você e sua família precisam de proteção, Theo.

- Contratei seguranças na fazenda.

- Mas cada um de vocês tinha que ter um segurança, até mesmo na estrada, aqui na cidade. Esses dois podem armar alguma emboscada.

Eu fui engolfado pela raiva, por ter minha liberdade minada por dois bandidos. Mas não respondi. Mudei de assunto, bem sério:

- Vim denunciar Eva.

Não pareceu muito surpreso, só cauteloso. E disse devagar:

- Somos amigos há muitos anos, Theo. Conheço você e sua família, sei o quanto são justos e já fizeram pelos moradores dessa cidade. Vi quantas pessoas você ajudou a sair da favela Sovaco de Cobra e arrumou trabalho. Além de um homem da Lei, sou também um homem justo e para mim nada está acima da honra e da amizade.

- Eu sei disso. – Afirmei.

- Pois então. O caso de Eva ainda não veio à tona. Somente nós sabemos de tudo e pode ficar assim por enquanto. Posso fazer “vistas grossas”, como dizem por aí. Acusamos publicamente Luiza e Lauro como ladrões de gado e culpados por seu atentado e deixamos Eva de fora, por enquanto, até tudo se resolver. Mais tarde, vemos como fica.

Eu senti a vergonha me dominar. Ele estava certo, por enquanto as pessoas não precisavam saber nada sobre Eva. Mas seria temporário. Só que eu sabia e Ramiro também. E eu ainda não conseguia me perdoar por ser tão cego e burro.

- Quero fazer a denúncia. – Falei friamente.

O delegado pegou uma caneta sobre a mesa e brincou com ela, pensativo. Por fim, indagou:

- E vai denunciá-la por quais crimes?

- Pelo que sei, posso fazer uma queixa-crime por falsidade ideológica, já que é uma ação civil pública. Vou usar essa denúncia para dar entrada ao pedido de anulação do casamento.

- Sim, o delito de Falsidade Ideológica está prescrito no artigo 299 CPP, e como ofendido você pode fazer a denúncia a uma autoridade policial ou ao Ministério Público. Não será difícil provar, uma vez que Eva usou identidade falsa, tirou carteira de motorista e até casou com documentos forjados. – Ramiro concordou, atento. – Se é assim que quer, darei entrada para você.

- É assim que quero.

- Mais alguma acusação?

- Tentativa de homicídio. Duas vezes. Contra mim e contra Tininha.

Ramiro largou a caneta sobre a mesa e acenou a cabeça.

- Sabe que são acusações graves.

- Sei.

- Theo, entendo que esteja furioso com tudo isso, mas escute...

- Não quero ouvir nada. – Falei duramente, irritado. – Ela só vai pagar por crimes que cometeu, assim como a mãe e o comparsa deles, quando forem pegos.

- Claro, mas me deixe falar. – Ele se inclinou para frente e apoiou os cotovelos na mesa. – Ela é muito jovem e vocês tem uma filha. Agora, tudo está fervendo, seu ódio exige justiça, mas já pensou se novos fatos surgem e percebe que ela é inocente?

- Eva não é inocente.

- Talvez não, mas muita coisa pode mudar. E será tarde demais. Entendo que queira denunciá-la por falsidade ideológica e precisa fazer mesmo, pois o casamento de vocês não é válido e não pode registrar sua filha com documentos falsos da mãe.

Eu o ouvia, pronto a intervir. Mas Ramiro continuou:

- A pena pode chegar a três anos de detenção, mas sabemos que com um bom advogado Eva pode escapar dessa apenas com serviço comunitário e multa. Agora se a acusar de tentativa de homicídio, ela pegará muito mais tempo de prisão. Se for um crime simples, pode chegar de 6 a 20 anos e, se for qualificado, de 12 a 30 anos de detenção. Claro que, como foi tentativa é ela é ré primária, terá isso reduzido de 1/3 a 2/3, mas ainda assim ela ficará presa pelo menos uns três anos, no mínimo.

Eu sabia daquilo. Mas ouvir assim parecia tornar tudo oficial. E mesmo com todo ódio que eu sentia dela, com a vontade de puni-la, eu não conseguia imaginá-la em uma cadeia, no meio de um monte de presas perigosas. Pensei também em Helena e aquilo pareceu horrível.

Fiquei calado, abalado, nervoso. Ramiro disse com cuidado:

- Espere um pouco, Theo. Vamos esclarecer o resto, caçar os dois bandidos. E enquanto isso, terá tempo para saber se é isso

mesmo que quer. Não é questão de burlar a lei, mas de ser coerente. Não tenho pressa.

- Tudo bem, Ramiro. – Acenei com a cabeça, pois não podia suportar em levar aquilo adiante, pelo menos não naquele momento.

– Eu a acuso de falsidade ideológica.

- Certo. Vamos aos trâmites legais.

Só saí da delegacia quando tudo estava preparado. Ainda naquele dia eu iria ao cartório de Pedrosa e daria entrada ao pedido de anulação do casamento.

Foi difícil trabalhar naquela manhã. Eu não conseguia me concentrar em nada e liguei para casa duas vezes para falar com Tia e saber se estava tudo bem.

Tinha uns relatórios importantes para assinar e chamei Valentina para uma reunião, pois ela era sempre muito eficiente e eu estava com medo de fazer alguma besteira, perturbado demais. Nunca me senti tão aéreo, sem capacidade para me focar em algo, minha mente o tempo todo voltada para os acontecimentos do dia anterior e para Eva.

- Tudo bem, Theo? – Valentina prendeu uma mecha do cabelo preto atrás da orelha, sentada à minha frente, olhando preocupada para meu rosto e minha mão direita. – Sofreu um acidente?

- Sim, mas não é nada grave. Só não posso assinar nada e estou meio grogue por causa dos medicamentos. Preciso que me ajude com esses relatórios.

- Claro. Tem algo mais que posso fazer? Quer um café?

- Não, estou bem. Podemos começar?

Ela concordou. Pegou o primeiro relatório e leu. Logo discutíamos os detalhes e eu consegui me concentrar mais no trabalho. Como minha diretora e assistente ali, ela podia assinar certos documentos e eu autorizei que assinasse aqueles. Estávamos lá cerca de uma hora, quando o interfone tocou.

- Sim, Eurídice?

- Seu irmão está aqui e deseja falar com o senhor.

- Pode mandar entrar. – Calculei que fosse Pedro, embora ele nem precisasse se apresentar, geralmente entrava direto.

Desliguei o interfone e me recostei na cadeira. Sentada à minha frente em suas roupas formais, sempre muito segura e centrada, Valentina me olhou ainda com uma ponta de preocupação.

- Quer continuar em outra hora?

- Talvez seja melhor. Já adiantamos bastante.

- Certo. Se precisar, é só chamar. – Ela se levantou, esticando a saia reta que ia até os joelhos, alta e elegante. Eu também me ergui e nós dois olhamos para a porta que se abria.

Micah parou lá, erguendo um pouco as sobrancelhas que lhe davam um ar meio endiabrado. Tia sempre dizia isso, que ele tinha uma maneira de levantá-las que o fazia parecer cínico e era verdade.

Com seu jeans surrado, jaqueta de couro e coturnos, cabelos escuros espetados para todo lado e barba por fazer, não combinava em nada com o ambiente austero e elegante do escritório. Mas pouco pareceu se importar. Bateu a porta atrás de si e entrou, dando uma mordida em uma barra de chocolate que trazia na mão, comida pela metade. Acenou com a cabeça para mim e olhou para Valentina de cima abaixo.

Ela estava imóvel, um tanto pálida, fitando-o chocada. E então me dei conta que ainda não devia saber que Micah estava de volta. Lembrei que eram da mesma idade e Valentina morou na cidade até os dezoito anos, inclusive tinha estudado na mesma escola que ele, possivelmente na mesma sala.

- Chocolate à uma hora dessas? – Indaguei secamente.

- Entre os meus vícios, achei o menos prejudicial neste horário. – Deu de ombros, parando à nossa frente. – As outras opções eram um cigarro ou uma cerveja.

Sorriu com cinismo e ofereceu-nos:

- Querem um pedaço?

- Não, obrigado. – Acabei dando um meio sorriso e Micah fitou Valentina, que continuava muito quieta.

- E você, madame, aceita? É o que mais gosto, meio amargo com castanhas. Uma tentação.

- Madame? Não lembra de Valentina? – Indaguei a Micah e depois a ela: - Lembra-se do meu irmão Micael, não é?

Ela ainda parecia imobilizada. Então piscou rapidamente e acenou com a cabeça, lançando-me um olhar estranho, perturbado, que não entendi. Estava pálida.

- Claro, eu lembro. – Disse baixo, mais séria e fechada que o habitual.

- Valentina? – Micah ergueu as sobrancelhas de novo, olhando-a com toda atenção, o que só parecia deixá-la mais desconfortável. – O nome não é estranho, mas acho que não lembro de você.

Ela empalideceu ainda mais. E ergueu o queixo, um tanto irritada. Disse friamente:

- Imagino que não.

Eu os olhei, quieto, notando um ar pesado ali. Micah também sentiu e fitou-a com mais interesse, o que só perturbou-a mais. Geralmente era uma pessoa tranquila, contida, sem grandes alterações. Mas estava muito tensa naquele momento.

- Eu lembro de uma Valentina que sentava na minha frente na escola e me dava cola. – Disse pensativo. – Mas ela usava óculos e era grandona.

- Grandona? Gorda, você quer dizer. – Sua voz era uma pedra de gelo e ergueu o queixo, como se o desafiasse. – Era eu mesma. Emagreci e fiz cirurgia para miopia.

Micah ficou evidentemente surpreso e assobiou, dando-lhe uma olhada de cima abaixo. Sorriu, cínico.

- Está linda. Parabéns. Acho que nunca agradei as colas que me deu. Naquele ano fiquei reprovado, mas valeu a intenção.

- Não é de surpreender. Passava mais tempo bêbado do que estudando. – Seu tom foi cortante, gelado. Isso chamou a atenção dele, fixando-se mais nela, um tanto curioso com sua agressividade.

Eu também estava surpreso e pensei comigo mesmo que Valentina devia ter sido uma das pessoas que Micah irritou no passado. Ele era especialista em tirar todo mundo do sério naquela época.

- Depois volto para terminarmos esses relatórios, Theo. – Ela se virou para mim, parecendo ansiosa em sair dali. – Qualquer coisa, estou em minha sala.

- Certo.

- Adeus, Micael. – Disse friamente ao meu irmão.

- Micah. Micael é nome de anjo, não combina nada comigo. – Ele piscou um olho pra ela, mas se o objetivo era amansá-la, não adiantou. Apenas encarou-o com o nariz empinado e caminhou decidida até a porta.

Meu irmão se virou a acompanhou-a com o olhar, sem disfarçar que admirava sua bunda e seu andar. Sacudi a cabeça e voltei para minha cadeira. Somente depois que Valentina bateu a porta, Micah se voltou com um sorriso safado e virou a cadeira em frente, sentando-se ao contrário e apoiando os braços no encosto. Eu avisei, guardando os relatórios em uma pasta:

- Não se meta com ela.

- Por quê?

- Não é para seu bico.

- Não mesmo. – Disse bem humorado. – Parece uma pedra de gelo. Lembro que era mais legal gordinha e de óculos. Mas achei engraçado esse jeito pomposo dela. Pensei que fosse puxar uma arma e me dar um tiro.

- O que aprontou com ela no passado?

- Não lembro. Sei que era estudiosa, só tirava dez. E eu pedia cola a ela, sempre me deu. Acho que gostava de mim naquela época. – Deu de ombros.

- Deve ter feito alguma merda.

- Pior que nem lembro. Mas com certeza foi besteira. – Terminou seu chocolate e jogou a embalagem na lixeira sob a mesa. Sorriu. – Quem sabe eu possa me desculpar agora.

- Nem tente. Valentina é noiva, vai casar no início do ano que vem.

- É sério?

- Bem sério. E tem mais.

- O quê?

- É sua vizinha. A casa dela é ao lado da sua.

- Ela que escuta aqueles rocks no último volume? – Disse divertido. – Eu me amarro.

- Deve ser o filho dela, o Cacá.

- É mesmo? O moleque tem bom gosto. Deep Purple, Guns N' Roses, Scorpions, AC/DC, Black Sabbath, Metallica... To pensando em ir na casa dele pedir para baixar umas músicas pra mim. – Olhou-me, curioso. – Quer dizer que ela já foi casada?

- É viúva. Como eu disse, Valentina não é para seu bico.

- Vamos ver.

- Como assim, vamos ver?

Micah apenas sorriu, misterioso. Sacudi a cabeça. E pensei que não precisaria me preocupar, Valentina o colocaria no lugar dele. Mudei de assunto:

- Como foi na delegacia ontem?

- Tudo certo em Ituiutaba. Em poucos dias vão liberar as duas caixas encontradas na casa e trago para você. Precisam ver o que é ou não relevante ao caso.

- Entendo.

- E estão à caça de Luiza e Lauro. Também estou usando alguns conhecidos meus para ajudar.

- Obrigado. – Observei-o com atenção. – Vai ficar aqui até as coisas se resolverem?

- Tenho férias acumuladas. Posso passar um tempo aqui. – Concordou, mas sério demais.

Eu soube o quanto aquilo devia estar custando a ele, depois da tragédia e de permanecer quinze anos longe. Não havia mais interesse ali do que me ajudar e fiquei sem saber o que dizer. Por fim, fui direto ao ponto:

- Isso incomoda você?

- Bastante. Não quero que o velho saiba que ando por aqui.

Referia-se a meu pai. Concordei.

- Ele não precisa saber.

- Assim espero. Mas se tiver qualquer transtorno, eu me mando.

- Transtorno nenhum. – Garanti. E não pude deixar de agradecer: - Obrigado por ter voltado e me ajudado a saber toda a verdade.

- Somos irmãos. Ao menos por parte de mãe.

- Mas você é também irmão de Luiza, por parte de pai.

- Não concordo com os quesitos dela. – Ergueu as duas sobancelhas. – Sou um homem da Lei, lembra?

- Difícil acreditar, mas um dia chego lá.

Micah sorriu com meu comentário. Então, meteu a mão no bolso e tirou uma caixa pequena e azul marinho de lá. Colocou-a sobre a mesa, diante de mim e explicou:

- É para Helena. Trouxe uma parecida para Caio.

- O que é isso? – Eu peguei a caixa de veludo e a abri. Era uma delicada pulseira de ouro com um minúsculo pingente de figa.

- Para proteger a Helena.

Eu o olhei em um misto de emoção e divertimento, indagando:

- Quando ficou supersticioso?

- Sei lá. Confio nessas coisas. Tenho uma tatuagem de ferradura e ela sempre me protegeu. Não custa nada ter fé. Vai colocar nela?

- Claro.

- Não deixe de pôr, mesmo sem acreditar, Theo.

- Vou colocar. – Garanti, no fundo gostando de sua preocupação com minha filha. Guardei a pulseira na caixa e esta dentro do bolso do paletó. – Obrigado.

Micah acenou com a cabeça, sério. Então indagou:

- Decidiu o que vai fazer com Eva?

- Eu a denunciei hoje por Falsidade Ideológica e vou mais tarde ao cartório dar entrada no pedido de anulação do casamento.

- Tem certeza?

- Claro que tenho certeza. – Olhei-o, irritado. – Ela tem que agradecer por que ainda não fiz uma acusação formal de tentativa de homicídio.

- Theo... – Micah suspirou, cauteloso. – Acho que ela se arrependeu mesmo e mudou de lado. Quando falei com Luiza...

- Não quero saber dessa conversa. Só me importam os fatos.

- Sei disso. Mas Luiza me pareceu realmente furiosa com a filha, como se depositasse todas as esperanças em mim. – Micah passou a mão pelo cabelo desgovernado, arrepiando-o ainda mais. –

Vai com calma com a Eva. Ela pode ser melhor do que você pensa. E...

- Chega de falar dela. – Cortei, pois como se não bastasse ficar no meu pensamento, entranhada em mim, até meu irmão a defendia.

- Certo. – Micah se levantou, colocando a cadeira direito no lugar. – Só fique ligado para não fazer algo do qual vá se arrepender depois. Qualquer novidade, passo pra você. E qualquer coisa, não deixe de me avisar. Lembre que trabalho com casos complicados, posso ter mais experiência se Luiza e Lauro entrarem em contato.

- Certo, pode deixar. Precisa de algo, Micah?

- Não, tudo sob controle. – Sorriu, preguiçoso, fazendo um gesto com a mão como se batesse continência. – A gente de vê por aí. E não esqueça de colocar a pulseira em Helena.

- Não vou esquecer.

- Se cuida, cara.

- Você também.

Depois que ele saiu, esfreguei as mãos no rosto, cansado.

Havia um mundo de decisões para serem tomadas e riscos a serem corridos. Eu queria logo pegar Luiza e Lauro e me livrar daquelas ameaças, deixar a todos em segurança. Mas teria que ser paciente e cuidadoso.

Mesmo contra vontade, liguei para a firma de segurança e contratei um particular para seguir cada um dos meus irmãos e até Tia quando saísse da casa. Odiava ter alguém na minha cola, mas teria que dar exemplo para que eles aceitassem. Assim, teria sempre alguém de olho na gente, pronto a interferir ou pedir ajuda caso algo acontecesse.

Depois liguei para a agência de enfermeiras e cuidadoras que contratava para cuidar do meu pai e contratei mais duas para se revezarem à noite com Eva e Helena, pelo menos até o resguardo passar e não haver mais riscos de hemorragia para Eva.

Só então pude voltar aos negócios, só uma parte de mim concentrado ali. Eu continuava perturbado demais para me desligar completamente dos problemas e do sofrimento. Mas ao menos tentei.

EVA

Era horrível ter que ficar o dia todo deitada. A hemorragia tinha parado e o sangramento que continuava era o normal após o parto. A dor na barriga e de cabeça também tinha sumido. Mas o desânimo, a preocupação, a saudade de Theo, todos os problemas e o desespero continuavam. E me deixavam arrasada, sem vontade de nada. Se não fosse Helena, eu estaria com certeza em depressão.

Tia me ajudava muito. Estava sempre presente, cuidava de Helena para que eu não fizesse esforço, conversava comigo. Gabi também veio ao meu quarto naquele dia e ficou lá com Caio. Sua recuperação era ótima e ela nem parecia que tinha acabado de ter um filho.

Havia um clima estranho entre nós. E embora eu tenha pedido perdão pelo que fiz, pelas cartas, bilhetes, telefonema e mentiras, e ela ter dito que me perdoava, ficava uma sensação ruim de falsidade e traição. Eu sabia que ela ainda tinha medo de confiar em mim e, como todo mundo, tinha suas desconfianças. Só o tempo poderia provar que eu dizia a verdade quando falei que desisti da vingança e realmente amava Theo como homem e Gabi como minha irmã.

Eu sabia que devia ser paciente e lutar para provar tudo aquilo. Mas o desânimo e a tristeza estavam difíceis de suportar.

Gabi conversou comigo, ficou bastante tempo lá e isso me alegrou um pouco. Tia aproveitou para cuidar de suas coisas na cozinha e toda hora vinha ver se estava tudo bem. Assim, foi mais fácil passar por aquele dia, embora não conseguisse parar de pensar em Theo e seu desprezo nem por um segundo.

Comi por que me deram comida e por que sabia que Helena precisaria de um leite forte. Tomei banho por que Tia me ajudou a ir ao banheiro. Mas fiz tudo mecanicamente, sem poder parar de sofrer e ansiando para ver Theo, nem que fosse para me olhar com raiva. Eu estava sentindo desesperadamente a falta dele.

Era uma tortura imaginar que nunca mais me tocaria, me olharia com paixão, sorriria para mim. Eu sentia vontade de morrer e

acho que se não fosse minha filha, teria realmente me entregado à dor. Pois parecia impossível que nosso caso tivesse solução. Eu conhecia Theo, sabia do seu gênio, seu senso de justiça. Como teria confiança novamente? O que eu poderia fazer para que acreditasse no meu amor? O quê?

Já era noite e Tia me avisou que uma enfermeira foi contratada para passar a noite comigo e Helena, que logo chegaria. Mas que se eu precisasse, ela, Tia, estaria alerta. Agradei, sabendo que a senhora já não era mocinha e precisava descansar, afinal já ficava praticamente o dia inteiro comigo.

Helena mamou e dormiu. Tia deixou-a na cama ao meu lado e saiu para tomar banho e se cuidar. Prometi que não levantaria e fiquei recostada nos travesseiros, quieta, perdida em pensamentos, sentindo-me mais sozinha do que nunca. Passei os dedos pela penugem loira que cobria a cabecinha de Helena, observando-a com amor, maravilhada como podia ser um pedacinho meu e de Theo. Ela era minha vida, meu tesouro. Por ela eu morreria e lutaria até o fim da minha vida.

Lembrei como fui criada e jurei a mim mesma que nunca deixaria Helena sofrer. Eu a protegeria, a amaria, daria a ela o melhor de mim. Seria sua amiga e companheira, alguém com quem ela pudesse contar sempre. Bem diferente do que minha mãe fez comigo e com Gabi, pouco se importando com a gente e só pensando na maldita vingança.

Tudo que eu mais queria na vida era ter Theo perto de mim de novo e com ele passar por cima de tudo aquilo, para que criássemos Helena juntos e formássemos uma família. Mas o futuro que se descortinava diante de mim era muito mais negro e negativo do que eu desejava e nada do que eu pensasse ajudava a resolver aquela situação.

Fiquei quieta no quarto, até que a solidão e o silêncio me oprimiam e se tornavam insuportáveis. Peguei o controle da tevê embutida na parede e a liguei, só para me distrair de alguma maneira e ter uma companhia. Mudei de canais sem poder me concentrar em nada, até que parei em um de vídeos de músicas internacionais com legenda. Deixei baixinho, apenas por que eu

precisava esquecer nem que fosse por um momento meus próprios pensamentos.

Só que foi o contrário. A música que começou a tocar, *Angel, de Sarah Mclachlan*, começou triste e lenta, ao som de piano, com uma letra que parecia feita para mim:

*"Spend all your time waiting
For that second chance
For a break that would make it okay(...)"*

*"Gaste todo seu tempo esperando
Por aquela segunda chance,
Por uma mudança que resolveria tudo(...)"*

E me vi fazendo aquilo, esperando por uma segunda chance, que talvez nunca mais viesse. E enquanto a música me envolvia, eu não esqueci minha dor ou me distraí, eu a senti latente e absurda dentro de mim, quase impossível de suportar. E desejei a "*mudança que resolveria tudo*". Por que faria qualquer coisa para sair daquele abismo e ter minha segunda chance. Só mais uma, para fazer tudo diferente.

E naquele exato momento, quando me sentia tão frágil e sensível, com os nervos à flor da pele, a porta do quarto se abriu e eu vi Theo entrar. Ele parou, olhou para mim e senti o amor e o desespero me engolfarem com igual força. Eu quis chorar e implorar, quis contar a ele tudo que me espezinhava por dentro, jurar e fazer promessas, suplicar por mais uma chance, qualquer migalha.

Fitei-o com minha alma exposta, minha dor nos olhos, minha entrega ali, toda para ele. Sabia que falar não adiantaria, mas queria que Theo visse, que sentisse e entendesse como eu não era nada sem ele. E enquanto a música triste tocava baixinho e nossa filha dormia, fomos só nós dois ali. Eu perdi o ar, não ousei nem piscar. Fiquei suspensa na esperança, que era vã e frágil, mas ainda era tudo que eu tinha.

Alguma coisa aconteceu. Do mesmo modo que eu me expunha toda, vi parte de sua armadura desabar. Não sei como ou por que. Não durou quase nada. Mas o ódio e o desprezo, a frieza e a indiferença, foram substituídos apenas pela dor e por uma pergunta muda e sentida: por quê? Como se ele gritasse e exigisse: Por que fez isso comigo?

Eu soluzei e aquele som minúsculo foi o bastante para alertá-lo. Seu olhar endureceu e em questão de segundos tudo estava de volta, cada polegada dele preparada e armada contra mim. Ainda lamentei baixinho, mas tudo tinha passado como se nem tivesse existido:

- Theo...

Seu olhar foi para Helena, dormindo na cama ao meu lado. E então, como se eu não merecesse nem uma palavra ou um pingo da sua atenção, terminou de entrar no quarto e deu-me as costas. Entrou no closet e tentei respirar, controlar minha dor, ser capaz ao menos de ter forças e lutar.

Ele não demorou. Saiu de lá com uma sacola onde enfiou algumas roupas nos braços e um par de sapatos. Eu fiquei com muito medo que estivesse me deixando de vez e indaguei baixinho:

- Aonde você vai?

Não respondeu. Não me olhou. Mas não saiu do quarto de uma vez. Ao contrário, se aproximou da cama e fiquei nervosa, meus olhos bebendo de sua imagem, engolindo-o com fome.

Theo não ia ali por mim, mas por Helena. Inclinou-se sobre ela e beijou suavemente sua cabecinha. Vi quando pegou uma delicada pulseirinha de ouro com um pequeno pingente de figa e colocou no pulso direito dela. Eu me emocionei ainda mais com seu gesto carinhoso, terno.

Estava tão perto que senti seu cheiro, sua energia pulsante, sua presença que era sempre impactante para mim. Vi seus lábios tocando nossa filha, o carinho da sua expressão, e quis desesperadamente aquilo para mim. Lágrimas inundaram meus olhos, amor e paixão me encheram além do limite, eu perdi o parco controle que tinha conseguido manter o dia todo.

Ergui a mão e, sem poder me conter, corri meus dedos em seus ondulados cabelos escuros. Foi como acariciar um leão selvagem. Na mesma hora reagiu com violência e se afastou de mim, olhando-me com ódio ardente, com uma fúria que permeou cada palavra dita entredentes:

- Não toque em mim. Nunca mais.

Eu gelei, abri os lábios para conseguir respirar, fui golpeada por sua raiva e certeza. Não havia nenhuma brecha ali, nenhuma saudade ou desejo, só o ódio puro e bruto. Arquejei e murmurei angustiada:

- Não posso... Vou morrer se não tocar em você...

- Então morra. – Ergueu-se no alto de seus mais de um metro e oitenta de altura, suas palavras machucando-me mais do que tudo, seu olhar frio e cheio de desprezo. – Por que se me tocar de novo, eu acabo matando você.

Era dor demais para suportar. Lágrimas desceram por meu rosto e meu queixo tremeu sem controle. Nada se abrandou em Theo. Deu um passo para trás e soube que me deixava mesmo, que nunca mais seria meu. O desespero foi estarrecedor, embora eu já soubesse daquilo. Mas ter tanta certeza era ver qualquer sementinha de esperança ser esmagada diante dos olhos.

- Theo... – Consegui falar, baixo, com dor. – O que vai ser de mim?

- Você vai ter o que merece, Eva.

Não havia mais “coelhinha”. Talvez eu nunca mais ouvisse aquela palavra vinda de seus lábios. Tentei segurar um pouco o sofrimento, engoli em seco, murmurei:

- O que... quer dizer? Vai me mandar embora daqui?

- Hoje denunciei você na delegacia.

Foi como tomar um soco e continuei olhando-o, apavorada, doída, arrasada. Seus olhos azuis pareciam duas pedras de gelo.

- Falsidade ideológica. Quero que me entregue seus documentos verdadeiros para poder registrar Helena. Por que a Eva Camargo não existe, assim como não existe nosso casamento. Dei entrada na anulação hoje.

Eu escutava, cada palavra uma apunhalada dentro de mim.

- Ficaré aqui enquanto estiver amamentando a minha filha e até eu pegar seus comparsas. Então acuso você de tentativa de homicídio, junto com eles. Mas eu aviso, se tentar qualquer gracinha, é a primeira coisa que faço e sai daqui direto para a prisão.

Senti muito medo e muita mágoa. Mas não retruquei, não quando eu sabia que provoquei tudo aquilo. Eu estava acuada e sabia que ainda estava naquela casa e com minha filha por que Theo deixava. Estava nas mãos dele.

- Não farei nada. – Sussurrei.

- Não mesmo. Tem gente de olho em você.

O modo que me olhava era como se eu fosse sua inimiga. Não sua mulher, sua amante nem a mãe da sua filha. E estava difícil demais suportar aquilo. Como eu aguentaria um dia após o outro naquela situação, rasgada de tanta dor? Era como contar as horas até o momento em que me enviasse para a cadeia, esquecendo que eu existia, afastando-me de tudo que era mais importante para mim.

Olhei-o me dar às costas e sair do quarto pisando duro.

Não me movi.

Tentei ser forte e seguir um dia de cada vez. Afinal, eu tinha Helena. E ainda não conseguia desistir totalmente de fazer Theo enxergar o meu amor.

Decidi ser o mais obediente e quieta possível, não ficar no caminho dele nem irritá-lo, até que sua raiva diminuísse ou que algo acontecesse e eu pudesse lutar. Por que não me restava mais nada além de ter um fio de esperança. E era nela que eu ia me agarrar.

CAPÍTULO 6

THEO

Eu fui forte ao não entrar mais na suíte em que dormi com Eva desde que nos casamos. Durante todos os dias daquela semana eu não a vi e pedi que Tia pegasse parte das minhas coisas e deixasse no quarto de hóspedes. Era ela também quem trazia Helena para mim e eu ficava com minha filha até ela querer mamar e ser levada de novo para a mãe.

Achei que não ver Eva me ajudaria a seguir em frente mais facilmente, mas estava sendo um tormento. Eu não dormia nem comia direito. Não me concentrava no trabalho, estava difícil tomar decisões e conversar com as pessoas. Era como se só passasse pela vida, superficialmente, meu coração e minha mente concentrados naquela traição que acabava comigo.

Nunca pensei que pudesse me enfraquecer tanto. Por que era assim que eu me sentia, um fraco, impossibilitado de reagir e mudar, de voltar a ser eu mesmo. Tudo parecia parado e sem sentido. Os únicos momentos em que me sentia vivo era quando via minha filha e a tinha nos braços. Somente então eu tinha emoções boas, eu pulsava e conseguia sorrir. De resto, era como se a cada manhã eu me obrigasse a levantar para viver uma penitência.

Não conseguia aceitar aquela traição de Eva. E mesmo assim, dominado pela raiva e pela certeza de que nunca a perdoaria, eu pensava nela 24 horas por dia. Eu me odiava por passar em frente à porta do seu quarto, cumprimentar o segurança e sentir sempre aquela vontade enorme de entrar e olhar para ela. Só olhar e ouvir sua voz, nem que fosse para odiá-la mais. Era uma fome visceral, um desejo alucinado, mas eu sempre me controlava, decidido a extirpá-la de dentro de mim por bem ou por mal.

Não houve notícias de Lauro e Luiza. Deviam estar escondidos em algum buraco, preparando uma nova armadilha. Enquanto isso continuavam sendo procurados. E mesmo contra a vontade segui as recomendações do delegado Ramiro e aumentei a segurança, tanto na fazenda quanto no escritório e frigorífico. Havia sempre um

guarda- costas para um membro da minha família, nem que fosse para dar só um pulo na cidade.

Pedro reclamou demais de ter um carro na sua cola e se recusou a deixar de ir e voltar de moto para o trabalho ou para suas saídas. Mas acabou se acostumando a ter um segurança que o guardava de longe. Para todos os efeitos, tinha porte de arma e vivia preparado para qualquer eventualidade.

Heitor e Joaquim trabalhavam na fazenda, então eram mais fáceis de proteger. Não se importaram muito com a segurança e logo esqueceram que ela existia. Gabi quase não saía de casa devido ao resguardo e, quando o fazia, era sempre com Joaquim ou um de nós, então estava protegida. Tia fez amizade com os seguranças que a acompanhavam quando precisava ir à Florada e com os mais próximos da casa e os que se revezavam guardando o quarto de Eva. Até fazia bolos para eles e já sabia seus nomes e informações sobre suas famílias.

Micah achou graça quando soube que havia um segurança para ele também. Deu de ombros e fez pouco caso, como se achasse aquilo ridículo, mas não se importou. Ele estava sempre usando todos os meios para descobrir o paradeiro de Luiza e ficava furioso por não encontrá-los.

Sua presença na cidade gerou falatório e se tornou o assunto principal dos fofoqueiros. Os mais antigos lembravam suas estripulias de jovem e rebeldia, contavam aos mais novos todas as loucuras que tinha feito. E se indagavam sobre seu sumiço há quinze anos e sua volta inesperada. Curiosos, queriam saber o motivo. Assim como estranhavam o fato de termos seguranças. Rolavam vários boatos e suposições, até que espalhamos que tudo tinha a ver com o roubo de gado e ameaças dos ladrões, o que acabou ajudando a acalmar a curiosidade de todos.

Naquela semana Tia me entregou os documentos verdadeiros de Eva e fiquei com dor no coração ao ver sua foto com cara de garotinha e me dar conta de quanto era jovem. Isso sempre mexia comigo e aliviava um pouco seus erros, aumentando os meus por me envolver com uma garota. Mas não era o bastante para entender

o que ela havia feito, pois ao final era adulta o suficiente para tomar suas decisões.

Havia o nome da mãe nos documentos, mas pai desconhecido. Imaginei-a criada só por Luiza e Estela no meio do ódio e no fundo lamentei por ela. Mas não havia muito que pudesse fazer sobre aquilo. Usando seus documentos, finalmente pude registrar Helena.

Ainda naquela semana Micah trouxe da delegacia de Ituiutaba as caixas que foram encontradas na casa de Luiza e me entregou. Tinham sido lacradas pela polícia e segundo meu irmão não havia nada ali que ajudasse as autoridades a descobrir o paradeiro dos bandidos. Eu sabia que tinha coisas de Eva e as levei para casa.

Havia dentro de mim um misto de curiosidade e aversão. Não me sentia ainda pronto para saber mais dela, pois era uma luta fingir que Eva não existia e seguir um dia após o outro. Então enfiei as duas caixas lacradas no fundo do guarda-roupa em meu quarto de hóspedes e deixei-as lá, para olhar quando eu estivesse mais forte e dono de mim mesmo. Era horrível admitir que ainda doía demais tudo dentro de mim.

Em casa, soube por Tia que Eva tinha se recuperado e já não sentia dores. Cuidava de Helena, andava pelo quarto, melhorava a olhos vistos.

Eu estava na varanda, na noite de sexta-feira, olhando para fora e não vendo nada, perdido em meus pensamentos enquanto Tia me falava daquele dia. Em determinado momento, ela me encarou e deu sua opinião:

- Theo, entendo sua raiva e revolta. Eva não reclama de nada e nem uma vez pediu para sair do quarto. Quando trago Helena aqui fora para tomar um ar e dar uma volta, ou quando a trago para você, ela fica lá sozinha, como se achasse que merece esse castigo. É uma prisioneira aqui. Mas, filho... Podia deixá-la ao menos vir aqui fora, tomar um sol, respirar fora do quarto ou...

Eu a olhei na hora e a interrompi, irritado:

- Ela tem que agradecer por não estar vendo o sol nascer quadrado. Podia estar agora em uma prisão mesmo.

- Eu sei disso, Theo. Mas a menina acabou de ter filho e está isolada. Pode ter uma depressão pós parto e até mesmo...

- Problema dela.

Tia sacudiu a cabeça, angustiada.

- Pense bem. É só sair um pouco do quarto. A fazenda está cheia de seguranças e fico um pouco com ela, fico de olho.

- Não.

- Theo...

- Não, Tia. – Olhei-a decidido, escondendo uma ponta de desespero. No fundo, além de querer castigar Eva, eu também queria me proteger. Mantê-la isolada era uma maneira de não vê-la e assim conseguir me livrar dela dentro de mim. Eu queria excluí-la da minha vida, esquecer que ela existia.

Tia suspirou, derrotada. Eu odiava vê-la assim e, com a mão direita ainda na tala, acariciei seu cabelo grisalho e abrandei o tom:

- Preciso de um tempo, Tia. Estou fazendo o melhor que eu posso.

Ela fitou meus olhos, como se entendesse. Então, segurou minha mão e beijou-a perto dos dedos ainda inchados e doloridos, acenando com a cabeça.

- Está bem, filho. Vamos deixar o tempo passar.

E mesmo com o tempo passando, nada mudou.

Novos dias vieram, mas a dor continuou latente e feroz dentro de mim, sem se abrandar, apenas se acumulando. Eu acordava, comia, trabalhava, seguia em frente como um robô. Mas sonhava com Eva, tinha pesadelos, passava noites em claro suado e desesperado, sem me perdoar por ter sido tão cego e por continuar obcecado por ela mesmo sabendo de tudo.

Era uma tortura passar em frente a sua porta e saber que estava do outro lado. Que bastava abri-la e eu estaria lá, fitando seus olhos verdes, sentindo seu cheiro, vendo cada parte daquela mulher maldita que tinha arrancado uma parte de mim e estava agarrada em minhas entranhas, com as unhas cravadas em meu coração. Mas eu seguia e lutava comigo mesmo, contra o ódio, a mágoa e o desejo.

Para dormir melhor e muitas vezes só apagar e esquecer tudo, passei a beber muito. Tinha noites em que eu resistia, mas em outras a dor era tão insuportável que eu só a aplacava quando caía desmaiado com o uísque. Naquele ritmo viraria um alcóolatra ou teria uma cirrose, mas era minha fuga, meu bálsamo, uma parte do que consegui para manter o controle.

No fundo, nada adiantava. E depois de duas semanas naquele martírio, todo mundo que eu encontrava na rua, na cidade ou no escritório me perguntava o que estava acontecendo. Eu tinha emagrecido, andava irritado, não me concentrava em nada. Era só Eva, Eva, Eva, martelando em minha mente, tirando minha paz e sossego.

Não dava satisfações a ninguém. Saía irritado se um dos meus irmãos ou Tia tentasse conversar comigo. Eles queriam ajudar, mas não havia o que fazer. Eu contava com o tempo para fazer aquele trabalho, mas ele também me sabotava. E tudo só se acumulava dentro de mim a ponto de sentir que a qualquer momento poderia explodir.

No trabalho, eu também não me concentrava. A ponto de perder um contrato milionário com um parceiro de negócios a quem eu distribuía carnes, por ter duas vezes não cumprido prazos. Isso fez com que Valentina e Pedro marcassem uma reunião comigo e, naquele início de novembro, me olhavam preocupados em minha sala. Foi Pedro quem expôs tudo:

- Acho que você devia tirar um tempo para si, Theo, se afastar.

Eu os olhei, furioso, minha paciência por um fio.

Valentina era discreta demais para perguntar o que realmente estava acontecendo, mas com certeza sabia que os problemas eram bem mais sérios do que todos diziam. E tentava ajudar da sua maneira. Disse serenamente:

- Esqueceu de assinar contratos, brigou com alguns fornecedores, chegou a enviar documentos errados, Theo. Eu nunca vi isso acontecer. Trabalho há um tempão aqui e você sempre foi excepcional, sem erros. Estamos preocupados e querendo ajudar.

- Ajudar em quê? Sou uma máquina, não posso errar nunca?
– Acusei.

- Não é isso, irmão. – Pedro me observava, sério. – Mas está sob pressão. É normal não conseguir se concentrar. Só queremos o melhor para você.

- O melhor é me deixarem em paz, fazendo meu trabalho como sempre fiz. Esses erros não tornarão a acontecer.

- Theo... – Valentina foi cautelosa. – Se eu puder ajudar... Quando não tiver certeza de algo ou estiver sem cabeça, fale comigo e eu ajudo.

- Você já tem trabalho demais, Valentina. – Olhei-a e depois ao meu irmão, odiando me sentir um incapaz. – Você também, Pedro.

- Mas sempre podemos ajudar. – Ele me observava, pensativo. – Sabe, Theo, ontem encontrei Micah no Falconetes e ele me disse que está pensando em voltar ao Rio e continuar as investigações de lá. Acha que não está ajudando muito por aqui. Mas penso que, de todos nós, é o que pode ajudar mais se os bandidos derem as caras. É o trabalho dele.

Concordei com a cabeça. Eu preferia saber que Micah continuava na cidade, não apenas por aquele motivo, mas por segurança. Ficaria mais tranquilo com todos ali. Sem contar com o fato de que era meu irmão e o passado dele continuava sem ser resolvido. Parecia que tudo se embolava e mesclava e eu sentia que a presença dele ali era fundamental. Mas não podia ser egoísta e atrapalhar a vida dele.

Pedro continuou:

- Ele me disse que está de férias e tem várias outras acumuladas para tirar. Então, não tem nada que o force a ir embora. Tive umas ideias.

- Que ideias? – Foi Valentina quem perguntou, preocupada.

- Sabe que ele é formado em Direito e Administração de empresas? – Pedro olhou dela para mim. – E que tem um QI elevado, praticamente de um gênio? Fiquei pensando que poderíamos unir o útil ao agradável.

- Diga de uma vez, Pedro. – Falei.

- Se ele se sentir mais útil, vai querer ficar mais um tempo e, se precisarmos dele, estará aqui. Além disso, eu e Valentina estamos sempre cheios de trabalho. Micah poderia aparecer aqui e dar uma ajuda a você, sem compromissos. Apenas se precisasse. Ele aprende o trabalho e te desafoga um pouco.

Eu já ia negar, sentindo-me um merda por precisar de ajuda para fazer um trabalho que sempre fiz, mas surpreendentemente foi Valentina quem falou primeiro, parecendo um tanto ansiosa:

- Acho isso desnecessário. Ele daria mais trabalho até aprender tudo e posso muito bem ajudar Theo se ele precisar. O irmão de vocês sempre foi impaciente e na certa já está querendo ir embora para suas aventuras, não ficar preso aqui.

- Valentina tem razão. – Acenei com a cabeça.

- Eu não acho. – Pedro insistiu, olhando-me fixamente. – Não vai doer você admitir que está sob pressão, Theo. A Falcão sempre foi importante demais para você, com certeza sabe que não está podendo dar o melhor de si e não custa ter ajuda, ainda mais sendo nosso irmão. Volto a repetir, todo mundo sairia lucrando. E sei que Micah quer só um motivo para ficar. Vamos dar esse motivo a ele. Você continua como presidente e tomando as decisões finais, só vamos ter mais apoio.

Eu o observei, passando por cima do meu orgulho, sabendo que ele tinha razão. E no fim, eu queria Micah por perto. Ainda tínhamos um mundo de coisas para responder.

Vendo que eu pensava sobre o assunto, Valentina foi mais insistente:

- Não concordo com isso. Micael não sabe nada do serviço. Pode atrapalhar mais do que ajudar.

Pedro olhou-a, desconfiado e foi direto:

- Qual o seu problema com ele, Valentina?

- Problema? Nenhum, claro! – Retrucou, nervosa. – De onde tirou essa ideia? Mal o conheço!

- Exatamente. – Ele concordou.

- Sei que sempre foi um irresponsável.

- Foi. Agora ele tem trinta e três anos e é um agente da ABIN, não pode ser tão irresponsável assim. – Pedro me olhou. –

Sabe que fui um dos que mais desconfiei da vinda de Micah para cá. Mas ele só tem nos ajudado. E algo me diz que poderá ajudar mais.

- Eu sinto o mesmo. – Admiti.

Valentina ficou quieta, mas apertava os lábios, contrariada. E acabei tomando minha decisão:

- Vou conversar com ele. Talvez possamos tentar. E eu vou me concentrar mais, é apenas muita coisa na minha cabeça.

- Compreendo, irmão. Tome seu tempo.

E a reunião foi finalizada. Depois que eles saíram, me senti ainda pior, um merda. Nem o trabalho, ao qual dediquei toda minha vida, era o suficiente naquele momento para mim. Eva tinha destruído tudo.

No dia 13 de novembro Helena e Caio completaram um mês de vida. No dia anterior, tirei a tala e fiz radiografias. Meus dedos continuavam inchados, doloridos e com as falanges roxas. Mas os ossos tinham se calcificado bem e o médico disse que nos primeiros dias era normal sentir incômodo e dor. A fisioterapia ajudaria a melhorar mais rápido. Mas tudo estava bem.

Havia quase um mês que eu não via Eva. Exatos vinte e sete dias. Mas não passava um segundo sequer sem pensar nela, minha vida tinha virado uma tortura. Nada mais tinha valor ou importância e o que ainda mantinha minha sanidade era Helena. Passava o maior tempo possível com ela, me deliciava com seu cheiro, o modo como me olhava e agarrava meus dedos, sua semelhança absurda com a mãe. Era como matar um pouco a saudade estando com ela, saudade que eu sentia de Eva mesmo sem querer sentir.

Com exceção dos olhos que se tornavam cada vez mais azuis como os meus, de resto minha filha era um miniatura da mãe. E eu a amava tanto que chegava a doer. E já sofria por ela, imaginando-a longe de Eva, pois eu não a queria mais na minha vida e sabia que não abriria mão de Helena. Era muita preocupação e perturbação na minha cabeça.

Na manhã em que Helena e Caio completavam um mês de vida, eu tomava café da manhã antes de sair de casa, bem cedo. Só Tia estava lá, sentada ao meu lado bebericando seu café, um tanto

calada. Praticamente todos os dias me falava que Eva precisava sair do quarto, que era loucura isolá-la daquele jeito, que precisava voltar ao médico para fazer exames de rotina após o parto e ser liberada oficialmente do resguardo. Eu me mantinha firme em minha posição e ela reclamava que falar comigo era o mesmo que bater contra um muro de concreto, que eu era teimoso demais.

No entanto, estava quieta demais naquela manhã e olhei-a, um tanto preocupado com seu desânimo. Indaguei:

- É necessário manter as enfermeiras ainda?

- Não. Pode dispensá-las. – Nem me olhou ao responder.

Eu sabia que se sentia impotente. Tentava me ajudar, pedia que eu não bebesse tanto, insistia para que comesse bem, mas se desesperava ao ver que nada melhorava ou avançava. Mas o que eu podia fazer, quando o desespero me devorava vivo e eu lutava a cada dia para me manter lúcido e firme, sem saber como lidar com tudo aquilo, inseguro pela primeira vez na vida?

Micah tinha começado a aparecer no escritório e, surpreendentemente, foi muito bom. Ele me aliviou de algumas obrigações com as quais eu não tinha cabeça para me preocupar e aprendeu o trabalho muito rápido. Sentia que havia rugas entre ele e Valentina, o que parecia até diverti-lo, mas eu não tinha cabeça para me preocupar muito com aquilo. Fazia o que podia e o resto passava para ele. Pelo menos as coisas lá passaram a entrar nos eixos.

Estava terminando meu café, quando Gabi entrou na cozinha empurrando o carrinho de Caio e com Joaquim ao lado dela, ambos sorrindo. Estavam felizes e sempre apaixonados, curtindo juntos cada minuto da aventura de serem pais. Mais de uma vez peguei-me invejando-os, mesmo sem querer. Helena nunca tinha os pais juntos, só seu tempo com cada um. E no fundo, também me culpava por aquilo.

- Bom dia. – Eles nos cumprimentaram, acomodando-se em volta da mesa.

- Bom dia. – Falei baixo.

- E essa mão? – Joaquim fitou meus dedos ainda arroxeados e levemente inchados, enquanto se servia de café, deixando seu

chapéu em uma cadeira vazia.

- Já está boa.

- Quase boa. – Corrigiu Tia. – Tem que fazer fisioterapia.

Eu não disse nada, sabendo que não perderia meu tempo com aquilo. Ia esperar os dedos voltarem naturalmente ao normal.

- Theo. – Gabi me chamou e eu a olhei. Seu semblante era preocupado e emocionado, deixando-me alerta. – Preciso pedir algo a você.

Eu aguardei, sério. Ela respirou fundo e disse suavemente:

- Sei como tudo que aconteceu tem sido difícil para você. Para mim também foi, pois Eva é minha irmã. Mas sei que para você foi muito pior, por isso não me meti, deixei o tempo rolar, as coisas se acalmarem. Mas agora...

- Agora o que, Gabi?

- Ela está há um mês trancada naquele quarto e nem um dia sequer reclamou, como se aceitasse qualquer castigo que quisesse dar a ela. Come, toma banho, toma conta de Helena, faz tudo como deve ser. Mas está tão triste quanto você.

- Não quero falar sobre isso. – Arrastei a cadeira e me levantei.

- Mas precisa me ouvir! – Surpreendendo-me, Gabi se levantou também, olhando-me decidida e ao mesmo tempo suplicante, com lágrimas nos olhos. – Se quer matar a Eva, vai conseguir, Theo! Ela está definhando naquele quarto, aquilo não é vida, pelo amor de Deus! Grite, xingue, mas não deixe-a nessa tortura nem se torture mais! Não dá para ficar imparcial vendo tanta destruição!

- Ela quis assim! – Falei entredentes.

- Sim, ela errou! Está pagando! Mas não somos carrascos! Eva é mãe da sua filha, merece ao menos ter o direito de andar pela casa, de pegar um sol lá fora e respirar ar puro. Merece o direito de ir ao médico!

- Vou mandar o médico vir aqui hoje para ver vocês duas.

- Tá! Mas não pode deixá-la para sempre naquele quarto! – Suspirou, secando as lágrimas com as pontas dos dedos, dizendo em um lamento: - Por favor, Theo, pense nisso. Ninguém aguenta viver

assim, até na cadeia os presos precisam de uma hora fora da cela para não enlouquecer. A casa está cheia de seguranças em volta, ela não vai fugir. Eu e Tia ficamos com ela. Confie em nós, por favor.

Eu me senti horrível. Suas palavras calaram forte dentro de mim e percebi que além de Gabi, Joaquim e Tia pensavam da mesma maneira. E vi o quanto fui realmente um carrasco, mas não me sentia preparado para ver Eva, para me desesperar além do que eu já estava.

Senti-me muito cansado. Estava duro demais suportar aquilo. Mas soube que eles tinham razão.

- Quero o segurança de olho nela. E vocês também. E que não se afaste das redondezas da casa. Quando eu voltar do trabalho, ela deve estar no quarto. Não quero que cruze o meu caminho.

- Está bem. – Gabi concordou rapidamente.

- Graças a Deus! – Tia se levantou aliviada e veio até mim. Segurou minha cabeça e me puxou para beijar meu rosto, acariciando meu cabelo. – Não vai se arrepender, filho.

- Assim espero, Tia.

Saí de lá arrasado, mas era assim que eu vivia agora.

EVA

Foram dias difíceis e fui testada até meu limite. Eu acordava e ia dormir apenas por causa de Helena. Caso contrário, para que comer, respirar e viver? O que eu tinha para me fazer seguir em frente além daquela dor, da saudade e da culpa? Eu tinha minha filha e foi nela que depusitei todas as minhas forças.

Não enlouqueci por ela e por Gabi e Tia, que estavam sempre comigo, conversando, aconselhando, distraíndo, dando conselhos. Aprendi a não criar expectativas nem me entregar à ansiedade, pois nada se resolveria de uma hora para outra. E apesar de sofrer, me preocupar e me sentir morrer um pouco a cada dia, algo dentro de mim ainda me dava esperança, mesmo que mínima. Era como uma

gota no oceano, mas a qual eu me agarrava firmemente e não deixava escorrer.

Pensei em Theo a cada segundo. Chorei e sofri por ele. Rolei na cama de saudade. Lembrei do seu sorriso com aqueles dentes caninos mais compridos, da ruga entre as sobrancelhas que lhe dava um olhar duro, do seu corpo e cheiro, do seu beijo e toque, da força de suas mãos e autoridade dos gestos, da maneira de me pegar e acariciar, penetrar, me fazer dele. Lembrei cada pequena coisa e eram essas lembranças que também me ajudavam a seguir.

Eu era uma prisioneira, mas ainda suportava e me equilibrava naquela situação. Tentava ver televisão, ler, ouvir música, passear na internet, aprender bordado com Tia. Conversava com ela e Gabi. Brincava com Helena, que me olhava e sacudia perninhas e braços, sem saber da dor dentro de mim disfarçada por meu sorriso. E minha maior distração sempre foi olhar pela janela a fazenda e o mundo lá fora, como se eu estivesse isolada em uma torre inalcançável. Foi ali que também matei um pouco daquela saudade absurda de Theo.

A janela do quarto dava para a lateral da casa e só de um cantinho eu podia ver um pedaço da entrada da frente. Aprendi a me esgueirar ali no final da tarde e esperar. Só para ver o carro preto dele passar na estrada e conseguir ter um vislumbre ocasional dele entrando na casa. Não era muito, apenas uma passagem rápida. Mas era tudo que eu tinha, uma migalha para me alimentar em minha saudade angustiante.

Adorava quando Helena abria os olhos. Eram cada vez mais parecidos com os de Theo, não só na cor e no formato, mas na intensidade. Eu quase a podia ver mais velha com aquela ruga entre as sobrancelhas, decidida, fazendo as pessoas terem vontade de obedecê-la. Eu sorria e acariciava-a entre os olhos, dizendo baixinho:

- Theozinha...

E ela apenas me olhava, como se já soubesse de tudo.

Naquele dia 13 de novembro acordei e Helena chorava no berço. Eu a peguei no colo e a enchi de beijos, levando-a para a cama e trocando sua fralda, cantando baixinho:

- Parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida...

Ela reclamava querendo mamar, sacudindo as perninhas.

- Minha princesa linda, coisa fofa da mamãe... – Eu falava com ela, debruçada, totalmente recuperada do parto, meu corpo praticamente o mesmo de antes. Ainda tinha a barriga levemente arredondada e os seios mais cheios, mas fora isso fisicamente eu estava bem.

Sentei em uma poltrona e a acomodei no colo, até que abocanhou meu mamilo e mamou sofregamente, sossegando quando teve o que quis.

- Parece o pai... – Murmurei, acariciando suavemente sua penugem loira e lisa, olhando-a cheia de amor, a saudade doendo como sempre dentro de mim.

Imaginei por um minuto como seria ter Theo dividindo comigo aqueles pequenos momentos. E comemorando o primeiro mês de vida de nossa filha. Não pude deixar de sentir, além de tudo, também o desejo corroendo minhas entranhas. Poderíamos voltar a fazer amor, livres, intensos como sempre. Se estivéssemos juntos. Por que agora, eu duvidava que ele tocasse em mim. Não queria nem me olhar.

Empurrei a tristeza e o desespero para o fundo de mim, lembrando-me de repetir meu mantra de “um dia de cada vez”, para poder suportar tudo e seguir em frente.

Acabei de amamentar Helena e levantei, apoiando-a contra o peito para arrotar, andando devagar pelo quarto e cantando baixinho pra ela.

Naquele momento, bateram na porta e, somente por alguns segundos, ousei ter esperanças que fosse Theo. No fundo eu sempre esperava ansiosamente o momento em que poderia vê-lo de novo na frente. Meu coração disparou e senti o corpo mole, dormente. Mas não foi ele quem entrou e sim Gabi com Caio no colo, acompanhada por Tia. Minha irmã sorriu, falando:

- Viemos dar os parabéns da Helena!

- E eu quero beijar o Caio. – Sorri de volta, embora ainda fosse um sorriso triste.

Trocamos os bebês e fiquei com Caio no colo, beijando sua carequinha e desejando a ele sinceros sentimentos de saúde e felicidade. Era um garotão, grande e robusto, com os olhos verdes do pai, bem mais pesado que Helena por ter nascido de nove meses, enquanto ela era prematura. Mas ambos estavam saudáveis e bem.

- Eu e Tia compramos dois balancinhos para neném, estão lá no jardim, embaixo de uma árvore. Assim, podemos deixar eles lá e sentar perto enquanto conversamos. – Disse Gabi. Já ficava mais à vontade comigo, como se tivesse me perdoado de vez e acreditasse em mim. – Tia disse que vai fazer um bolo e podemos cantar parabéns para Caio e Helena à tarde lá fora. O que acha?

- Eu... Vai ser legal. – Forcei um sorriso, embora soubesse que não poderia ver aquilo. – Tirem fotos.

- Claro! Você pode tirar as suas também. Vamos lá ver?

- Mas eu... Eu não posso... – Murmurei.

- Pode sim. – Tia sorriu para mim e abriu a porta do quarto. Vi o segurança lá fora. – Theo mudou de ideia, não é mais prisioneira deste quarto. Mas não quer que ande sozinha por aí nem se afaste da casa. Já é alguma coisa, não é?

Eu senti aquela sementinha de esperança crescer ainda mais dentro de mim e uma emoção indescritível se espalhou em cada parte do meu ser. Lágrimas inundaram meus olhos e não tive condições de falar, só acenei com a cabeça.

Gabi se aproximou e beijou meu rosto, dizendo emocionada:

- Tudo vai dar certo, Eva. Não desista.

- Não vou desistir. – Consegui sussurrar.

- Theo é osso duro de roer, mas aos poucos vai enxergar tudo, vai ver, como nós, que você o ama.

Olhei-a, cheia de dúvidas, mas querendo muito me agarrar naquilo.

- Mas olha, tem que ser com calma. – Disse cuidadosa. – Ele ainda não quer ver você. Antes que ele chegue, volte para cá. As conquistas são lentas, mas se for paciente, vai valer à pena.

- Eu sou paciente. – Consegui sorrir e engolir as lágrimas.

Trocamos novamente de bebês e abracei Helena com carinho, pegando uma mantinha para ela e sua chupeta envolta em uma

fralda. Quando saí do quarto, foi como pisar fora de uma prisão e só então me dei conta de como tinha ficado sufocada lá dentro. Acenei com a cabeça para o segurança e não me importei por ele nos seguir.

Caminhei devagar, quando queria correr para ver o dia e sentir o ar da manhã no rosto. E quando descemos e Tia abriu a porta da frente, pisei na varanda com uma felicidade que, mesmo em meio a tudo, era muito real e verdadeira, era pura e irrevogável.

Senti a brisa suave no rosto, cheirei o ar perfumado de flores, olhei o dia lindo e claro. E foi impossível não me encher de esperanças, não rezar a Deus que me ajudasse a passar por tudo aquilo e provar meu amor. Comemorei comigo mesma aquela pequena vitória e liberdade. E soube que, apesar de tudo, eu ainda estava ali, com minha filha nos braços, com o apoio de Tia e Gabi, não mofando numa cadeia ou proibida de chegar perto de Helena.

- Vem ver os balanços! – Gabi passou por mim com Caio no colo, animada, descendo os degraus da varanda. – Vamos comemorar! Hoje é dia de festa!

E era mesmo. Em meio a todo caos e sofrimento, a uma guerra que ainda teria que enfrentar pela frente, aquele dia era um bálsamo e um banho de esperanças. Sorri e a segui.

Foi maravilhoso. Como podíamos dar tanto valor às mínimas coisas quando nos víamos privados delas? Um raio de sol no rosto, sentar sob uma árvore e ver as folhas balançando, poder andar além de quatro paredes, eram sensações maravilhosas e inexplicáveis e aproveitei cada uma.

Colocamos Helena e Caio nos balanços, conversamos, tomamos refrescos. Entramos para cuidar das crianças e ficamos na cozinha com Tia preparando o almoço e ajudando no bolo enquanto os bebês dormiam em seus carrinhos. Eu sorri pela primeira vez de verdade em muitos dias. Relaxei e simplesmente me dei aqueles pequenos prazeres. Nem pensei muito na dor e no mal que minha mãe e Lauro ainda podiam fazer.

A médica ginecologista e obstetra que nos acompanhou durante a gravidez veio nos ver em casa ainda de manhã e nos examinar. Tanto eu quanto Gabi recebemos alta e um pedido de

exames para fazer mais para frente, só para confirmar. De resto, estava tudo bem. O resguardo chegava ao fim.

Nem o fato de almoçar na mesa com Mário Falcão e dele me olhar insistentemente me desanimou. Eu não sabia até que ponto ele sabia quem eu era, mas desconfiava que não contaram nada a ele. Devia estranhar minha ausência naquele mês inteiro e sentir que algo não ia bem, mas devido ao seu estado com certeza estava sendo poupado dos detalhes.

Muitas vezes eu sentia vontade de dizer a ele quem eu era e perguntar se matou mesmo meu avô e roubou nossas terras. Era praticamente uma certeza, mas queria estar olhando em seus olhos e ver a verdade ali. No entanto, apenas o evitava. Ele era o maior estranho para mim naquela casa.

Heitor e Joaquim também vieram almoçar em casa e me trataram bem, pegaram Helena no colo, trouxeram presentinhos para ela e Caio, brinquedos como mordedores e chocalhos coloridos. Joaquim acariciou a figa presa na pulseirinha de Helena e sorriu, comentando:

- Outro dia ele me perguntou se ela estava usando a pulseira.

Na mesma hora que falou, ele pareceu se assustar e arregalou os olhos para o pai, com medo de ter deixado escapar que era de presente de Micah. Pelo que eu soube, foi ele que deu a pulseirinha pra minha filha e ainda estava na cidade, mas Tia contara que Mário não sabia de nada.

Gabi sacudiu a cabeça, como se garantisse que ele não pronunciou o nome do irmão. Mário continuou comendo normalmente e Joaquim se sentou, um pouco nervoso.

À tarde, voltamos lá para fora e ficamos na sombra. Eu, Tia e Gabi cantamos parabéns quando Helena e Caio estavam acordados em nosso colo e tiramos várias fotos. O segurança permanecia de longe, olhando tudo. Mas Tia o serviu de bolo e refresco.

Foi tudo maravilhoso e só lamentei entrar quando a tarde caiu, pois para coroar tudo só faltava eu ver Theo. Quis muito aquilo, desesperadamente, mas entrei em casa e voltei ao quarto dizendo a mim mesma para ter calma.

Beijei e agradei muito a Tia e Gabi.

E à noite, quando Tia entrou para pegar Helena e levar para Theo, eu a entreguei e perguntei baixinho:

- Como ele está?

- Bem. – Ela acomodou minha filha no colo, linda em um macacãozinho vermelho, adormecida. Olhou-me com carinho. – Trouxe um monte de presentes para Helena e Caio. Está lá embaixo com os irmãos.

Acenei com a cabeça, lutando para não chorar, morrendo de vontade de ir junto.

- E a mão dele?

- Quase boa. Tirou a tala e não tem mais ossos quebrados. Aos poucos tudo se ajeita Eva. Tenha fé.

- Eu tenho. – Sorri, embora algo travasse minha garganta. –

Tia...

- Sim?

- Dê um beijo em Theo, como se fosse meu. Mas não diga nada.

Ela suspirou, desolada.

- Dou sim, minha filha. – Beijou meu rosto. – Fique bem.

- Vou ficar.

Mas depois que ela saiu, eu me joguei na cama e chorei muito, soluçando, o desespero me consumindo. A saudade que eu sentia de Theo era o pior martírio. E com essa eu ainda teria que conviver mais tempo.

CAPÍTULO 7

THEO

Eu tive muita dificuldade para dormir naquela noite, mas procurei não beber. Eva não saía da minha cabeça, ainda mais por que Tia fez questão de comentar como tinha sido bom cantar parabéns para Helena e Caio à tarde e como ela, Eva e Gabi ficaram felizes. Eu não disse nada, mas enquanto à noite todos se reuniam para comemorar aquele mês de vida em um belo jantar, eu pensei nela sozinha naquele quarto. Tive muita raiva dela e de mim mesmo.

Achei que precisava sair um pouco daquela casa. Talvez uma mulher pudesse me ajudar a aplacar o desejo, o ódio, o tesão e a saudade, aquela obsessão com Eva que, apesar de tudo, persistia. Afinal, nossa anulação do casamento estava prestes a sair e eu não a queria mais em minha vida, não uma traidora como ela.

Pensei em ir ao Clube Triquetra no sábado. Há muito tempo eu não sabia o que era pisar lá ou no calabouço. Meus desejos vorazes como dominador tinham sido contidos ferozmente dentro de mim, primeiro por que Eva estava grávida e depois com toda essa tragédia em minha vida. Não tinha ânimo para nada, embora meu corpo ardesse e eu acordasse com uma ereção dolorosa toda manhã. Sempre fui um homem com desejos fortes e tudo parecia se acumular dentro de mim, como um vulcão prestes a explodir.

O pior era não sentir vontade de tocar em outra mulher. Eu sabia que onde eu chegasse teria alguma querendo ir para a minha cama. E talvez eu só precisasse daquilo mesmo, para tirar Eva mais rápido da minha corrente sanguínea. Mas era difícil imaginar outra mulher quando ela ainda estava tão entranhada no meu corpo, na minha mente e nos meus desejos. Por mais que a odiasse, era nela que eu pensava ao dormir e acordar, era seu corpo que eu desejava loucamente contra o meu, seu cheiro que me deixava doido.

Vi o modo como Gabi e Joaquim passaram o jantar, apaixonados, comemorando o fato de não ter mais resguardo. Se nada daquilo estivesse acontecendo, eu estaria agora na cama com

Eva, comemorando também, penetrando-a, beijando-a, amando-a. Com ela sempre foi diferente e único. Mas não dava para fugir da verdade e fingir. A realidade era que eu nunca a perdoaria nem tocaria mais nela.

Aquela noite foi ainda pior do que as outras e, mesmo duro, excitado, com Eva tomando todo meu pensamento e meus sentidos, eu não bebi nem me masturbei. Lutei por horas comigo mesmo e só consegui dormir quando o dia já amanhecia.

No sábado tinha uma feira de Exposições de Gado em Uberaba e nós tínhamos gado e novilhos nossos participando. Saí cedo com Pedro, Joaquim e Heitor. Encontramos lá com Micah. Era a primeira vez que saíamos assim juntos e havia uma camaradagem tranquila entre nós. Percorremos os pavilhões, vendemos uma boa remessa de gado, fechamos negócios. Fiquei impressionado como Micah pegou rápido o andamento de tudo e dava boas opiniões.

Como sempre, Pedro não podia ver mulher e logo marcava encontros com mais de uma. Havia muitas por lá, uma mais bonita que outra. Fomos alvos de várias paqueras e até de investidas diretas. Heitor acabou tendo uma loira escultural como companhia constante e Pedro ficou provocando, jogando charme. No meio da tarde os três sumiram e Micah comentou:

- Eles continuam com esses jogos de partilhar?
- De vez em quando. – Dei de ombros. – São como siameses às vezes.

- Compartilhar não é comigo, embora já tenha experimentado uma loucura ou outra. – Micah sorriu.

- Nem comigo. – Estávamos sentados em volta de uma mesa após almoçarmos no melhor restaurante perto do pavilhão e lá estava cheio. Onde quer que eu olhasse havia uma mulher de olho em mim, mas permaneci frio no meu lugar, passando o polegar no lábio inferior, só observando.

- Nunca nem experimentei isso. – Joaquim sorriu também, meio sem graça. – deve ser muito esquisito ficar pelado perto de outro cara, dividindo uma mulher. Ainda mais se esse cara é seu irmão.

- Você se acostuma. – Micah tomou um gole da sua cerveja, divertido.

- Bom, não experimentei nem vou experimentar. Agora sou casado e muito feliz. – Joaquim disse com um sorriso que demonstrava sua felicidade, aberto e reluzente.

Eu não falei nada. Olhei para uma morena especialmente atraente que baixou o olhar, com jeito submisso. Ela usava um forte batom vermelho, que combinava com suas unhas compridas. Estranhamente aquilo não mexeu comigo. Friamente desviei o olhar, irritado comigo mesmo.

Sáímos de lá por volta das três da tarde. Micah voltou em sua moto e Joaquim em meu carro comigo. Heitor tinha sumido com Pedro no carro deste. Imaginei o que os seguranças encarregados de segui-los não deviam estar pensando, mas não me incomodei com aquilo. Os outros seguranças vieram atrás de nós.

Deixei o carro na garagem da fazenda e voltei ao casarão andando, conversando com Joaquim sobre o sucesso da exposição, um tanto distraído. Acho que por isso não notei o movimento no jardim ao lado da entrada da varanda, até estar quase perto dos degraus. E então já era tarde demais e pela primeira vez em quase um mês eu fitei os olhos grandes e verdes de Eva fixos em mim.

Parei, chocado, estarrecido, uma miríade de emoções violentas me engolfando. Todo meu corpo reagiu, o coração bateu forte contra minhas costelas, a respiração se alterou. Amor, desejo, mágoa, raiva, tudo se misturou dentro de mim sem controle.

Naquela tarde fresca e ensolarada, Gabi e Eva tinham estendido um lençol branco na grama sob uma grande árvore frondosa e estavam lá sentadas, enquanto Caio e Helena dormiam sobre o lençol ao lado delas. Mas percebi tudo só num relance, pois meus olhos só conseguiam se fixar em Eva. Seus cabelos soltos e claros voando com a brisa, o jeans mostrando como seu corpo tinha voltado à forma de antes, a camiseta rosa colando-se aos seios redondos, sem maquiagem ou adereços, descalça, mais linda do que nunca.

Cheguei a sentir dor por dentro. O mundo todo deixou de existir diante da minha saudade. Da vontade de ir até ela e puxá-la

para mim, beijar seus lábios entreabertos até meu coração sarar, apertá-la tão forte que ninguém nunca mais poderia nos separar. E foi um custo me lembrar por que aquilo não podia acontecer. Mas lembrei.

O sofrimento ainda latejava e perfurava demais para ser esquecido, assim como a traição. Empurrei para longe o desejo e os sentimentos que ainda despertava em mim e cerrei o maxilar, deixando a ira vir e tomar conta de tudo. Apertando os olhos com ódio, caminhei duro até ela e na mesma hora Joaquim me acompanhou, dizendo cauteloso:

- Theo...

- Theo... – Repetiu Gabi, levantando de um pulo. Eva também se ergueu, nervosa, olhos arregalados para mim, mas a irmã se meteu na frente dela e esticou a mão para me conter, completando:

- Pare, Theo!

- O que ela está fazendo aqui? – Olhei furioso para Gabi.

- Você deixou, você...

- Eu disse quando eu não estivesse em casa! – Falei, muito puto.

- Mas eu pensei... Está certo, vamos entrar. Eu entendi. Agora se acalme. – Pediu Gabi, ainda na frente de Eva.

- O que pensa que vou fazer, bater nela? –Franzi o cenho, me dando conta da preocupação de Gabi e Joaquim.

- Não. Mas Theo, precisa se acalmar.

- Eu vou entrar. – Disse Eva, baixinho, e nossos olhares se encontraram.

Fitava-me sem disfarçar a saudade, o amor e a paixão, assim como uma dor que se espelhava em seu olhar. Mas não acreditei em nada daquilo. Só me irritei mais, por que não queria vê-la, ter dúvidas, ter pena ou desejo. Eu só a queria fora da minha vida, longe de mim.

Esperei, calado, frio, dando uma ordem com meu olhar. E ela obedeceu. Mordeu o lábio inferior, pareceu prestes a dizer algo mais, só que desistiu. Abaixou-se e, com cuidado, pegou Helena nos braços.

- Vou com você. – Disse Gabi, se voltando para ela e indo pegar Caio. Então me olhou: - Dá licença, Theo.

Eu dei um passo para o lado, saindo do caminho. Gabi passou na minha frente, cautelosa. Joaquim continuou perto, como se estivesse prestes a agir se fosse necessário. E então Eva se aproximou, fitando meus olhos.

Nem ao menos pisquei. A fúria ferveu dentro de mim ao vê-la com nossa filha nos braços, com a vontade que senti de tocá-las, mas permaneci imóvel. Passou por mim e seguiu em frente. Talvez fosse imaginação minha, mas senti seu cheiro e todo meu corpo reagiu. Foi uma tortura apenas olhar enquanto saía de perto, subia os degraus da varanda e entrava na casa após Gabi. O segurança que estivera ali o tempo todo as seguiu.

- Irmão, Gabi não fez por mal. – Disse Joaquim.

- Eu sei.

Sabendo que não poderia ficar ali sem cometer alguma loucura, caminhei pelo mesmo lado que tinha vindo. Joaquim ainda indagou:

- Aonde você vai?

- Ficar longe disso tudo. – E minha voz saiu mais cansada do que eu gostaria.

Escurecia quando cheguei à cidade e fui direto ao Falconetes. Como era sábado, já estava enchendo, mas ainda com várias mesas vazias. Escolhi uma do canto e sentei.

Abigail me viu do bar e ela mesma veio até mim, sorrindo ao parar perto.

- Ora, ora! Quanto tempo, sumido.

Eu apenas a olhei, mas foi o suficiente para ver que havia algo errado. Franziu o cenho e veio mais perto.

- Theo, o que houve? Por que está tão abatido?

- Nada. – Recostei-me na cadeira, bem sério. – Pode trazer um uísque para mim?

- Claro, mas... Como assim, nada? Soube que andam com problemas com ladrões de gado e ameaças, vi os seguranças pela cidade, mas... É sério assim?

- Tudo vai se resolver, Abigail.

- Seus irmãos estão bem?

- Sim.

- E Eva e sua filha?

Eu não queria falar, mas sentia sua preocupação genuína.

Desconversei:

- Estão todos bem. São só problemas, mas vão passar.

- Se eu puder fazer alguma coisa, Theo.

- Só me trazer uma bebida mesmo.

- Certo. Vou mandar uma das meninas trazer. Mas se precisar de alguma coisa, diga. Estou ali no balcão.

- Pode deixar.

Ela acenou com a cabeça, ainda preocupada. Mas se afastou. Logo uma garçonne trouxe um copo de uísque com gelo e, mal o depositou na mesa, falei secamente:

- Pode trazer outro. E sem gelo.

- Sim, senhor.

Tomei a bebida em duas goladas. Algumas pessoas passaram perto e me cumprimentaram. Rosnei alguma coisa e nem vi quem eram, olhando para frente sem ver, a imagem de Eva tomando toda minha mente. Tive um ódio mortal de mim mesmo por não conseguir me livrar dela, por ter tanto poder sobre mim apesar de tudo.

Bebi todo o uísque do segundo copo e pedi mais uma dose. Depois outra. Era bom ficar dormente, dopado, sem capacidade de pensar. Eu tinha muito ódio da minha fraqueza, da minha falta de coragem de arrancar Eva da minha casa e jogá-la na cadeia. Ela não merecia minha preocupação. Devia estar só esperando a primeira oportunidade para me apunhalar pelas costas de novo. Então, por que eu não agia? Por que era mãe da minha filha? Por que no fundo eu não podia imaginá-la em uma prisão?

No quinto copo do uísque, eu já me sentia alterado e meio tonto. Mas o alívio ao meu tormento não vinha. A dor latejava dentro de mim.

Abigail voltou à mesa e se sentou ao meu lado, preocupada.

- Meu amigo, não acha que já bebeu demais? Como vai voltar dirigindo assim?

- Estou bem. – Terminei o conteúdo do copo.

- Está tudo, menos bem, Theo. – Estendeu a mão e acariciou os pelos em meu antebraço, sob a manga da camisa dobrada até o cotovelo. – Sabe que pode confiar em mim. O que está deixando você assim?

Eu a olhei, cansado. As pessoas passavam, se divertiam, falavam alto. Uma música tocava. Mas eu me sentia sozinho. Arrasado. Falei baixo:

- Fui traído, Abigail.

- Como? – Olhava-me atentamente, sua mão repousada sobre meu braço.

- Eva. – Foi só uma palavra, mas doeu demais.

Ela franziu o cenho e negou com a cabeça.

- Não é possível. Ela não seria tão burra. Não tendo um homem como você.

- Não foi sexualmente. Ao menos, acho que não.

- Mas...

- Lembra de Pablo Amaro?

- Claro. – Concordou.

- É neta dele. É irmã de Gabi, filha de Luiza Amaro. Junto com a mãe e a avó armou de se aproximar de mim, para se vingar por que acha que meu pai matou seu avô e conseguiu as terras deles ilegalmente. – Falei baixo, realmente cansado. Brinquei com o copo vazio sobre a mesa.

- Meu Deus... – Ela estava surpresa.

Encarei-a. Sabia que não contaria a ninguém, éramos amigos há muitos anos e eu a conhecia. Mas mesmo assim havia certa vergonha dentro de mim em comentar o quanto fui enganado.

Apenas queria algum alívio, já que a bebida só serviu para me deixar tonto.

- Mas como... Como pode isso?

- Eva me enganou desde o início. Forjou documentos falsos. Participou daquele atentado em que tomei o tiro. Lembra que foi ela que me encontrou na favela? Tudo armado.

- Isso é sério demais. Você podia ter morrido! – Exclamou furiosa.

- Eu sei.

- Theo, mas o que ela esperava conseguir? As terras de volta?

- Possivelmente. E muito mais, afinal, mesmo com documento falso, teria validade se não fosse descoberta. E tivemos uma filha. Sairia lucrando muito com um divórcio. E mais ainda com minha morte.

- Não diga isso! – Fitou-me, horrorizada.

Sorri, sem um pingão de vontade.

- É a verdade.

- Que coisa! Por essa eu não esperava. Sabe Theo, sempre desconfiei dela. Ainda mais quando Dalila disse que ela vinha para causar destruição e por ela você sujaria as mãos de sangue. Agora entendo por que! Nem sei mais o que dizer.

Eu também não. Recostei-me na cadeira e tirei os braços da mesa, fazendo-a me soltar. Estava morto, só queria um lugar para deitar e apagar. Pensei em pedir mais uma dose, mas então não teria condições de voltar para casa.

- E agora? O que vai fazer?

- Estamos tentando pegar a mãe e o comparsa dela. Então, poderei decidir o que fazer com Eva. Por enquanto, está sendo vigiada em casa.

- Entendo. Elas tinham um comparsa?

- Sim.

Franziu o cenho, como se lembrasse de algo.

- Agora sei quem era aquele homem que falou com Eva aqui!

Eu a olhei na hora, sentindo-me gelar por dentro.

- Que homem?

Abigail olhou-me na dúvida, mas insistiu:

- Que homem?

- Teve uma noite que vocês vieram aqui, foi quando as Espetaculosas se apresentaram. Eva estava na fila do banheiro e vi quando um homem alto encostou nela e deixou algo em sua mão. Parecia um bilhete. Ela entrou correndo no banheiro e quando saiu, eu perguntei quem era o homem e o que tinha dado a ela. Ficou nervosa, negou tudo. Mas sei o que vi.

O ódio me envolveu por inteiro. Ao mesmo tempo veio a vergonha, ao imaginar que além de tudo ela tivesse feito coisas piores, como armar mais contra mim ou ser amante de Lauro Alves. Foi como descer um véu vermelho sobre meus olhos.

- Por que não me contou? – Perguntei, furioso.

- Theo, o que eu poderia dizer? Eu não tinha certeza de nada! E além disso, já fomos amantes. Você podia pensar que era mentira minha para separar vocês, sei lá. – Disse, nervosa.

Eu me levantei e tirei a carteira do bolso de trás, minha visão meio confusa. Peguei várias notas de dinheiro e larguei sobre a mesa.

- Theo... – Abigail se levantou também, preocupada. – Entenda, não fiz por mal. Eu só...

- Deixa isso pra lá. – Rosnei, rasgando-me por dentro, por um fio não me descontrolando totalmente. – Preciso ir.

- Eu te levo em casa. Não está em condições de dirigir.

Eu dei as costas a ela e caminhei duramente até a saída. Correu atrás de mim, suplicando baixinho:

- Escute o que estou falando, eu...

- Me deixe em paz, Abigail. – Disse tão friamente que ela estacou. E eu segui, até deixar o Falconetes. Entrei em meu carro e acelerei para longe dali, vendo o carro dos seguranças me seguir.

Diminuí a velocidade e me concentrei, sabendo que não tinha mesmo condições de dirigir. Nem sei como cheguei à fazenda. Larguei o carro na frente de casa e saí, furioso, fora de mim, fervendo de mágoa e ódio. Aquela desgraçada ia me contar tudo. Ou eu não responderia por mim.

A casa estava vazia e calculei que meus irmãos tivessem saído. Não quis saber. Subi os degraus e cheguei ao corredor. Vi o segurança na porta do quarto de Eva, sentado em uma cadeira. Ele me cumprimentou, mas nem sei se respondi. Eu estava cego, surdo, irado.

Agarrei a maçaneta e abri a porta, fechando-a atrás de mim. O quarto estava vazio. Olhei em volta e vi Helena dormindo em seu berço. Uma música suave tocava ao fundo, tudo parecia tranquilo e

em paz, mas eu sentia que dentro de mim tudo explodia e crescia como um terremoto, pronto a arrasar tudo.

*"(...)The scars of your love remind me of us
They keep me thinking that we almost had it all
The scars of your love they leave me breathless
I can't help feeling*

*We could've had it all
Rolling in the deep
You had my heart inside of your hand
And you played it
To the beat(...)"*
(Adele, *Rolling in the deep* – Rolando pelo precipício)

*"(...)As cicatrizes do teu amor me fazem lembrar de nós
Me fazem pensar que nós tínhamos quase tudo
As cicatrizes de seu amor me deixam sem fôlego
Eu não posso deixar de sentir*

*Nós poderíamos ter tido tudo
Nos amando profundamente
Você teve meu coração na palma de sua mão
E você brincou com ele
De acordo a batida(...)"*

Andei até o centro do quarto quando Eva saiu do banheiro após o banho, descalça, cabelos molhados, apenas uma toalha branca em volta do corpo. Parou abruptamente a me ver e arregalou os olhos, surpresa, pega desprevenida.

- Theo... – Arquejou.

Eu a fitei dentro dos olhos, imóvel, os punhos cerrados ao lado do corpo, emoções violentas me dominando.

- Você foi amante dele?

- O quê? – Não entendeu nada, um pouco assustada.

- Responda! – Dei um passo à frente.

- Não sei do que está falando. – Estava pálida.

Minha vontade era de sacudi-la, de fazê-la confessar tudo.

- Lauro Alves, é dele que estou falando.

- Eu já disse que...

- Você é uma falsa, mentirosa! – Parei à sua frente, fora de mim, sem poder me controlar. Agarrei seu braço e a puxei, meu nariz quase colado ao dela, meu ódio deixando-me irracional. – Vim agora do Falconetes e Abigail me falou do encontro que teve com ele lá.

- Não foi encontro! – Eva tremia, muito perto de mim, olhos desesperados e suplicantes. – Eu estava lá e ele veio perto, me entregou um bilhete.

- Fale tudo, porra! – Sacudi-a e ela gemeu, assustada.

- Não é isso que está pensando! Pare, Theo! Está me machucando. Você está bêbado!

- O que tinha no bilhete? – Exigi, agarrando seu outro braço, sacudindo-a, tão irado que meu coração batia enlouquecido, eu estava a ponto de perder totalmente a cabeça, tudo mais descontrolado pelo álcool que corria em minhas veias.

- Era da minha mãe. Eu a evitava, fugia dela, não atendia seus telefonemas e ela mandou Lauro atrás de mim, me entregar o bilhete.

- Mentira!

- Verdade! – Gritou, prestes a chorar, olhando-me como em súplica. – Ela dizia que se não entrasse em contato, ia contar tudo pra você. Foi só isso, Theo!

- Não foi só isso! Vocês marcavam algo pelas minhas costas! O que era, Eva? Me matar? Pular na cama dele tão logo saísse da minha e rir pelo babaca que eu era?

- Não!

- Foi fácil me enganar, não é? – Eu a sacudi de novo, irado, enlouquecido de ciúme e raiva, de desespero. – Muito mais fácil do que vocês pensaram.

- Não, Theo, foi só no início que participei de tudo, depois eu me apaixonei por você e tentei largar tudo. acredite em mim, eu nunca deixei Lauro ou outro homem tocar em mim, foi sempre só você, meu amor...

- Não me chame assim, desgraçada.

Eu devia largá-la, sair dali, mas não conseguia. E mesmo em meio à minha fúria eu sentia seu cheiro, sua pele sob meus dedos, sua presença que me invadia como diversas apunhaladas ao mesmo tempo. Não conseguia tirar meus olhos e minhas mãos dela, não conseguia parar de sofrer e de saber se me traiu além do que eu ainda podia suportar, obcecado, dilacerado.

- Mas é verdade... – E em meio ao medo e às lágrimas, Eva se colou a mim, disse perto do meu queixo, olhando em meus olhos, com uma voz baixa, implorante, cheia de emoção que extravasava de dentro dela: - Eu te amo. Só você, sempre você, Theo...

Tentei afastá-la do meu corpo com força, pois eu não tinha mais limites, mas foi meu fim. A toalha em seu corpo se soltou e caiu a seus pés e fiquei imobilizado ao vê-la completamente nua na minha frente, ainda mais linda do que era antes da gravidez, suas formas mais curvilíneas e femininas, os seios muito redondos e cheios, sua beleza sendo um golpe cruel demais para suportar.

Perdi o ar e a razão. Fitei seus lábios carnudos e trêmulos, seus olhos tão cheios de amor e soube que estava perdido. Gemi com uma dor que era quase física, um desejo que martelava e consumia tudo em sua voracidade, que me deixou doido, alucinado, com o corpo e a alma em combustão.

Empurrei-a contra a parede com brusquidão, arquejando como um animal enlouquecido, agarrando seu rosto entre as mãos, colando-me todo nela, encurralando-a brutalmente, duro e fora de mim, excitado a ponto de gemer de dor. E não pude mais lutar. Deixei de pensar, fui só instinto e sentimento, só paixão e perdição, desvairado, em um delírio que me fez buscar sua boca com a minha, esfomeado.

Quase chorei, tamanho meu descontrole. Fechei os olhos e foi como viver pela primeira vez em muito tempo, quando seus lábios se abriram sob os meus e meti minha língua em sua boca. Eva não

fugiu. Agarrou-me com igual desespero, gemeu, choramingou, sugou minha língua, moveu loucamente a dela, beijou-me alucinada. E eu a beijei de volta, a comi com a boca e a alma, com um desejo que ultrapassava qualquer razão, querendo ter mais dela do que era humanamente possível, cada parte minha entregue naquele beijo.

Gememos e tomamos tudo um do outro. Respirei seu cheiro, engoli seu gosto, desci as mãos por sua pele, pois nada parecia o bastante para aplacar minha necessidade. Rosnei insano quando toquei seus seios e os enchi nas mãos, sua textura única me desvairando, seus mamilos roçando minhas palmas, cada polegada dela feita para mim. Beijei-a tanto que não sabia mais qual boca era a minha, pois já fazia parte de mim, do meu corpo, da minha essência.

Tornei-me mais voraz, alienado de tudo que não fosse Eva e aquela paixão, aquele amor sem limites do qual eu não conseguia viver sem. Percorri sua carne, suas curvas, esfreguei meu pau completamente duro na junção de suas pernas e tudo dentro de mim rodou, sem controle, em uma necessidade única dela. Senti suas mãos em mim também, puxando minha camisa, indo em meus cabelos, agarrando-me, tocando-me com sofreguidão, ouvi seus gemidos, tomei seus beijos. Eu precisava dela. Muito, demais, alucinadamente.

Agarrei seu cabelo e puxei com força, expondo sua garganta, descendo a boca por seu queixo até abocanhá-la no pescoço, em mordidas fortes e chupadas firmes, saboreando sua pele, minha outra mão descendo por sua barriga, penetrando seus pelos, encontrando seus lábios vaginais inchados e completamente molhados.

- Porra... Porra...

Rosnei e a mordi de novo, fazendo-a gritar e me agarrar, tremer loucamente enquanto eu metia meu dedo dentro dela e fechava os olhos, sentindo sua maciez, delirando em meu desejo, pressionando meu pau em sua coxa.

- Theo... Theo... – Suplicava, pedia por mais, tentava abrir minha calça. E se movia contra minha mão entre as suas pernas, chupando meus dedos para dentro da sua boceta, dizendo fora de

si, com voz chorosa: - Me faça sua... Preciso tanto de você... Tanto... Meu amor, que saudade!

Eu ergui a cabeça e fitei seus olhos, fechando minha mão em sua garganta, mal conseguindo ter ar suficiente para respirar, alguma força dentro de mim me mandando parar, querendo fazer a razão voltar. Mas o álcool e a paixão avassaladora que eu sentia por ela me confundiam e dominavam, minavam minhas forças, sua carne encharcada em volta dos meus dedos era tudo que eu conseguia sentir, eu me via a ponto de morrer se não estivesse dentro dela.

- Você é minha... – Rosnei, mantendo-a contra a parede e meu corpo, penetrando dois dedos fundo em sua boceta, desesperado por mais.

- Toda sua... Sempre... – Lágrimas desciam por seus olhos, os lábios tremiam, Eva me agarrava e descia a mão até meu pau completamente ereto, suplicando. – Vem pra mim, Theo... Eu te amo... Eu te amo tanto!

Respirei fundo, dividido, desvairado, corpo e mente lutando, minha força vital dizendo-me para continuar, pois eu não suportava mais ficar longe dela, minha razão querendo me lembrar quem ela era e o que tinha feito comigo.

- Mentirosa.

- Não. – Chorou e quis me beijar, mas a mantive imobilizada pelo pescoço, enquanto eu arfava e lutava comigo mesmo, como se tivessem dois homens igualmente fortes lutando dentro de mim.

Parei com os dedos dentro dela e falei perto de sua boca, fitando-a bem nos olhos, dizendo com uma ponta de desespero:

- Como pode fingir tanta paixão? Como pode me olhar com amor e me apunhalar pelas costas, sua maldita?

- Não... Não é fingimento. Me deixe provar...

E me beijou na boca com loucura e sentimento, saboreando meus lábios, buscando minha língua, movendo a boceta cremosa e gulosa contra meus dedos. Não consegui resisti. Lutei, mas a beijei de volta, perdido em meu amor, em uma necessidade que era minha perdição. Quando abriu minha calça e puxou meu pau para fora, eu soube que tinha que estar dentro dela, independente de tudo.

Foi naquele momento que Helena acordou, chorando. Berrou alto e forte, nos fez parar colados e com as bocas e línguas unidas, a ponto de transar. Eva tremia sem controle. Eu sentia a razão vir gelada, lutando contra a quentura do corpo.

Helena gritou mais alto. Eu abri os olhos e arquejei. Afastei a boca e fitei os olhos de Eva. Ela me agarrou, em pânico.

- Não, não me deixe...

Mas os berros da minha filha foram como um alarme. Puxei os dedos de dentro dela e apoiei as duas mãos espalmadas na parede, buscando ar, tentando pensar, agir. Eva me abraçou pela cintura, encheu meu peito, meu rosto e meu queixo de beijos, suplicou entre lágrimas:

- Eu te amo mais do que tudo, me deixe provar, Theo... Faça o que quiser comigo, me castigue pelo resto da vida, mas não me deixe...

Eu fechei os olhos, agoniado. Tudo girava dentro de mim. Sabia que ela quase me venceu. Se não fosse Helena acordar, eu teria me dado a ela todo, mesmo depois de tudo que me fez, mesmo sabendo que poderia estar armando ainda para me destruir por completo.

Minha filha continuou gritando e foi aquilo que me deu forças. Abri os olhos e agarrei seus braços, encostando-a contra a parede, mantendo-a longe de mim enquanto a olhava furioso, principalmente comigo mesmo, com a minha fraqueza.

- Acabou, Eva.

- Mas eu...

- Eu ia te comer, só isso. Foder você. Acha que posso perdoar sua traição? Sem confiança, não temos mais nada. Talvez sexo, mas nem isso eu quero. Não quero mais nada de você além de distância.

Foi difícil falar com tanta frieza quando eu ardia. Eva sacudiu a cabeça, chorando, implorando:

- Por favor...

- Não.

Eu a soltei, como se estivesse segurando uma leprosa. Veio para me abraçar, mas falei brutalmente:

- Não, porra! Não me faça perder a cabeça!

- Theo...

Helena se esgoelava de tanto chorar. Quis pegá-la, mas percebi que eu tremia, não teria condições. E precisava sair dali, ficar o quanto antes longe de Eva. Dei-lhe as costas e caminhei decidido até a porta.

- Eu amo você e não é mentira! Eu amo você, Theo!

Eva gritou. Mas saí, como se mil demônios me perseguissem, batendo a porta atrás de mim, com ódio por querer tanto acreditar e ficar, quando eu sabia que não podia mais. Ela tinha feito um trabalho completo, acabou com minha confiança, minha capacidade de perdoar. O homem que saiu daquele quarto estava vazio, oco, mais arrasado do que já estive um dia.

CAPÍTULO 8

EVA

- Eva, o que você tem? – Perguntou Gabi no domingo, após o almoço, quando veio bater um papo comigo no quarto.

Estava sentada na poltrona com Caio adormecido no colo, enquanto eu estava na cama, recostada na cabeceira, com meu dedo agarrado por Helena, deitada sobre uma manta ao meu lado, acordada, mas quietinha.

Eu olhei para minha irmã, ainda sem poder acreditar que, apesar de tudo, estávamos juntas. Não sei como passaria tudo aquilo se não tivesse o apoio e a companhia dela e de Tia.

- Ontem Theo veio aqui. – Falei baixo.

Aquilo não saía da minha cabeça. Quase não dormi aquela noite, almejando por ele, chorando por seu perdão, desejando-o tanto que meu corpo parecia entrar em combustão. Era uma mistura de paixão e amor, de loucura e desvario, de desejos não satisfeitos. E o tempo todo eu revia aqueles momentos.

- Veio? Mas conversou com você?

- Não, ele... estava muito nervoso. E tinha bebido.

- Continua nervoso hoje. – Gabi me olhava, pensativa. – Desceu só para o almoço e com uma cara! Não falou quase nada, parecia mal humorado. Ninguém nem ousou se meter com ele. Mas me conta, o que aconteceu?

- Theo tinha ido ao Falconetes e Abigail contou a ele uma vez que fui lá e vi Lauro me passar um bilhete. Eu juro, Gabi, foi da minha mãe, furiosa por que eu a evitava e não entrava em contato. Tinha dito a ela que estava fora dessa vingança e me ameaçava: se eu não a procurasse, contaria tudo ao Theo.

Ela franziu o cenho, horrorizada. Continuei, cheia de angústia:

- Abigail viu e agora contou tudo para o Theo. Aposto que foi de propósito, ela nunca negou que é louca por ele. E aí ele ficou uma fera. Já tinha bebido e entrou aqui me acusando de ser amante de Lauro. – Eu respirei fundo, nervosa, sacudindo a cabeça,

olhando-a suplicando para que acreditasse em mim: - Isso nunca aconteceu. Theo foi meu único amante.

- Ele ficou com ciúmes, Eva. Mas... machucou você?

Eu corei, desviando o olhar. Murmurei:

- Não. Foi bruto, mas me beijou. – Fechei os olhos por um momento, sem poder esquecer aquilo. – Por um momento, pensei que me perdoaria. Que voltaria para mim. Mas é claro, não é tão fácil assim.

- Eva...

Eu abri os olhos e a fitei. Gabi disse com carinho:

- Vai ter que ser paciente. Theo está tão furioso exatamente por que ama você como nunca amou mulher nenhuma. Ele não aceita traição. Para ele vai ser difícil perdoar, mas se entender que o ama de verdade, se acreditar que tinha desistido da vingança, aos poucos vai voltar.

- Acho que não. Gabi, foi sério demais.

- Foi. Mas vamos deixar o tempo correr. Só não permita que ele a machuque. Se fizer isso, me fale.

Eu acabei sorrindo por seu ar protetor. Pensei o que diria se soubesse que a violência era uma velha companheira do seu irmão. Talvez soubesse mesmo e era isso que a preocupava. Acenei com a cabeça e fiquei quieta.

Gabi também ficou em silêncio. Por fim me olhou e indagou baixinho:

- Como elas eram?

- Elas?

- Sua avó e sua mãe.

- Nossa. – Corrigi.

Deu de ombros e comentou:

- Pra mim, não são minha família. Meu lugar é aqui, Eva. Mas fico curiosa. Como foi criada? Contou superficialmente, mas o que quero saber é se cuidaram de você, apesar de tudo.

- À maneira delas, sim. Nunca foram de muito carinho. Mas não me deixaram sem escola e nem passar fome. Minha mãe, apesar de ser prostituta, nunca deixou que seus clientes me vissem ou tocassem em mim. Minha avó era mais presente, me ajudava

com os deveres, conversava comigo. Mas sabe, Gabi... Acho que nunca foram felizes, nunca se livraram do passado. Era sempre a vingança, o ódio, a espera pelo momento certo de agir. Penso que se não fosse essa obsessão, teríamos sido muito felizes. E elas nunca teriam deixado você aqui.

- Não consigo entender isso. É muito louco! Abandonar uma filha na casa do inimigo para no futuro usá-la. Será que acharam que isso daria certo?

- Também não entendo. – Concordei. – Minha avó foi contra. Mas na época, minha mãe disse que estávamos na rua e passando fome. De qualquer forma, não dá mesmo para entender. Acho que ela contava com o fato de você não ser bem tratada e aceitar se voltar contra eles no futuro.

- Que mãe é essa, Eva? Deixar uma filha com os inimigos esperando que ela seja maltratada para ser usada depois como arma. Meu Deus!

Era um horror mesmo e ali eu me dava conta, mais do que nunca, de que minha mãe devia ser mesmo louca.

- Sim, Gabi, imperdoável.

- E o que fez com você, jogando-a na cama de um homem mais velho e... eu vi as fotos de Theo naquele clube, sei das coisas que gosta. – Ficou vermelha, sem graça. – Como sei também das qualidades dele. Mas para todos os efeitos, podia machucar muito você. E ela nem se importou!

- Verdade.

Ficamos ambas pensativas, sabendo que fomos usadas. Como peças de uma jogada e nenhuma deu certo. Como também não deu com Micah.

- Fico com medo do que ela será capaz. – Murmurei, fitando minha irmã. – Não tem mais nada a perder, Gabi. E sei que não vai desistir.

- Também acho. Mas estamos ligados. Theo aumentou a segurança na fazenda, em volta da casa e cada um de nós tem seguranças em nosso encalço quando saímos daqui. Além disso, a polícia e Micah estão investigando, tentando encontrar Luiza e Lauro antes que façam alguma coisa.

- E Theo? Ele está tomando cuidado? Tem segurança?

- Tem, fique tranquila.

Suspirei, mais aliviada. Olhei para minha filha e dei graças a Deus por ela estar ali dentro, protegida. Sabia que podia ser alvo da minha mãe. Mas eu tomaria todo cuidado possível para que nem chegasse perto dela, nunca.

- Vai dar tudo certo. – Gabi sorriu para mim. – Você vai ver.

Eu queria acreditar, mas era coisa demais acontecendo e ao mesmo tempo.

Sorri de volta, mas um tanto triste, Theo na minha mente e no meu coração. Ele não saía nunca de lá.

THEO

Eu acabei parando de novo no Falconetes naquele início de noite de domingo. Depois de passar um dia massacrante, em que meus sentimentos e pensamentos só me perturbaram, não suportava mais a minha própria companhia. Nem os olhares preocupados de todo mundo em casa, que me sufocavam. Odiava que tivessem pena de mim. Até meu pai parecia desconfiado e me perguntou mais de uma vez o que estava acontecendo.

Como na noite anterior, entrei e sentei em volta de uma mesa. Várias pessoas me olharam e cumprimentaram. Acenei com a cabeça, sem querer conversa, só ficar em paz, coisa que estava sendo difícil nos últimos tempos. Vi quando um dos seguranças ficou em um canto, o outro tendo permanecido no carro. Também odiava aquilo, ter babá. Mas sabia que era um mal necessário.

Abigail me viu e sorriu. Depois encheu uma tulipa com chope e saiu detrás do balcão, vindo até mim rebolando em um colado vestido vermelho, que marcava sua cintura fina e seus quadris redondos. Usava um marcante batom vermelho.

Depositou o copo na minha frente, dizendo:

- Sabia que ia pedir uma bebida, então trouxe cerveja, que é bem mais fraca do que os destilados. Fiz mal?

- Não. – Peguei o copo e tomei um gole.

- Posso sentar? – Ela me observava.

- Claro.

Acomodou-se à minha frente e cruzou as mãos sobre a mesa, atenta:

- Está tudo bem?

- Estou cansado de todo mundo me perguntar isso.

- Sinal de que todo mundo gosta e se preocupa com você, Theo. Saiu daqui ontem nervoso, fiquei preocupada.

- Está tudo certo.

- Com essa cara?

- É a única que tenho.

- Sim. – Abigail sorriu. – A cara de mau mais bonita que já vi. Não tem outra igual no mundo.

Acabei relaxando um pouco mais, minha irritação diminuindo. Tomei mais chope, lembrando que ela costumava brincar dizendo que eu tinha a cara de mau mais linda do mundo. Também dizia que nunca conheceu machão maior que eu e que adorava, pois eu era assim naturalmente.

Agora eu era um machão fodido, traído, enganado, um fraco. Era assim que eu me sentia por não conseguir me livrar daquele sofrimento, nem de Eva, da obsessão que eu tinha por ela.

- Quer comer alguma coisa?

- Não.

- Quer conversar?

- Não.

Ela se mexeu na cadeira.

- Quer que o deixe em paz?

Eu olhei dentro dos seus olhos castanhos bem maquiados. Lembrei das tantas vezes que transamos e conversamos na cama, do modo como Abigail sempre foi receptiva a mim e não se assustava com meu jeito bruto. Ela me conhecia e me amava, sempre soube disso e nunca disfarçou. Casou duas vezes, mas era a mim que queria.

Eu abri mão do sexo por sua amizade. Mas de todas as mulheres que tive, foi a única a ser realmente minha amiga e me

conhecer a fundo. Não havia segredos nem mentiras entre nós. Abigail nunca me trairia.

Nunca quis usá-la, por isso a deixei. Mas ali, naquele momento, analisei-a como fazia no passado, como uma amante. Pensei em Eva, no desejo avassalador que despertava em mim, que me deixava no limite, na beira do precipício. Eu precisava me livrar daquilo. Ter mais controle ou acabaria fazendo uma besteira.

- Abigail...

- Sim?

- Quer transar comigo?

Ela corou, surpresa com minha pergunta direta e dura. Por um momento ficou sem ação, perturbada, nervosa. Nunca a enganei e não começaria a fazer agora. Por isso fui bem sincero:

- Não sou casado. Vai ser anulado. E quero esquecer aquela mulher que está na minha casa e é a mãe da minha filha. Sinto falta de sexo. Não vamos ter um relacionamento, será apenas uma transa entre amigos.

- Theo, tem anos que não... não temos nada.

- Sei disso.

- Não pensou em ir ao clube?

- Pensei.

- Mas então, por que eu? – Foi sincera também.

- Por que é minha amiga. Vai me dar o que quero, o que preciso. – Terminei a cerveja e deixei o copo vazio sobre a mesa. – Mas entendo se não quiser.

Ela deu uma risada, fitando meus olhos, tentando conter a emoção.

- Se eu não quiser? E quando, desde que pus meus olhos em você pela primeira vez, eu não o quis, Theo? Casada, solteira, longe, perto, sempre foi você dentro de mim, ocupando cada espaço. Sei que não me ama, já aceitei isso. Mas nunca deixei de desejar você.

- Não quero te magoar, Abigail.

- Não vai. É sempre muito sincero. – Levantou-se. – Minha irmã cuida de tudo por aqui. Vamos?

Ela nem ao menos vacilou em sua decisão.

Eu sim, vacilei. Por vários motivos. Por que eu só a usaria e ela merecia mais do que aquilo. Por que eu só pensava em Eva. E por que, no fundo, eu não queria. Eu desejava ir para casa, jogar Eva na cama e estar dentro dela.

Levantei. Abigail caminhou para a lateral que dava para os fundos do bar, onde havia uma porta. Abriu-a e seguiu por um corredor, enquanto eu a fechava atrás de mim. Subiu um lance de escadas e olhei para o movimento ondulante dos seus quadris. O desejo não veio. Mas continuei em frente.

Chegamos a uma outra porta e ela destrancou-a. Era o apartamento dela e de Dalila no andar de cima do bar. Eu já tinha estado ali muitas vezes e o conhecia bem. Segui-a em silêncio até sua enorme suíte, que espelhava seu gosto quente e sensual, com cortinas cor de vinho, mantas corais sobre a cama imensa, tapetes vermelhos.

Abigail parou ao lado da cama e se virou para mim, ansiosa, seus seios fartos subindo e descendo arfantes, o desejo espelhado em seus traços.

Quis sentir uma parte daquele desejo. Mas continuei frio e isso me desesperou, por que eu nunca dispensava sexo. E meu corpo precisava de alívio. Era mais de um mês sem transar, sem nem mesmo me masturbar.

Levei as mãos à minha camisa branca e a puxei de dentro da calça jeans. Comecei a desabotoá-la e disse secamente:

- Quero uma bebida. Nada de cerveja. Uísque.

- Você manda, Theo. – Disse, submissa. Caminhou até um pequeno bar no canto do quarto e serviu dois copos de uísque com gelo. Voltou e parou à minha frente, estendendo-me um, bebericando o outro. Murmurou: - O que mais você ordena, Senhor Falcão?

Aquilo não mexeu comigo. Fiquei parado, com a camisa aberta, os olhos nos dela. Tomei minha bebida e Abigail segurou minha mão, como se entendesse como eu me sentia. Puxou-me para a cama e murmurou:

- Não se preocupe. Vou cuidar de você.

Eu fui. Empurrou-me para a cama e sentei na beira, terminando o uísque todo. Segurou meu copo e o dela e os deixou sobre a mesinha de cabeceira. Então parou entre as minhas pernas e enfiou os dedos em meus cabelos, murmurando:

- Sabe o quanto sonhei com isso? A cada vez que eu via você, eu desejava poder te tocar de novo, ser sua, da maneira que você quisesse. Nem que fosse para me tratar como se fosse só mais uma.

Sôfrega, espalhou beijos em meu rosto, até que descia aos meus lábios. Eu travei, sem vontade de beijá-la. Esfregou a boca na minha, mas eu virei de leve o rosto. Parou um pouco, mas não desistiu com minha frieza. Foi abaixando-se, beijando minha barba, meu pescoço, minha camisa e peito, afastando o tecido para os lados, caindo de joelhos no chão e lambendo minha barriga.

Eu fiquei imóvel, as mãos segurando firme a beira do colchão, com ódio de mim mesmo por não reagir. Tentei me concentrar e olhei o que Abigail fazia, sabendo que era experiente e conhecia meu corpo, sabia como eu gostava de ser beijado e tocado.

Excitada, ela abriu minha calça e desceu o zíper. Quando baixou a cueca, viu o que eu já sabia. Não estava ereto. Mesmo assim, agarrou meu pau com as duas mãos e ergueu os olhos para mim, murmurando:

- Que saudades! Vou adorar você com minha boca e meu corpo. E poderá fazer tudo comigo, Senhor. Poderá me comer onde quiser, me amarrar e usar seu cinto em mim, bater na minha cara, ser duro e feroz, me usar sem dó.

E sem esperar, desceu a boca até meu pau e começou a me chupar esfomeada, quase desesperada.

Fitei seus cabelos castanhos e a angústia corroeu minhas entranhas. Tentei me concentrar no que disse, me excitar, mas aquilo parecia errado. Não era ela que eu queria ali, não era seu cheiro que inflamava minhas narinas, nem sua boca que eu queria no meu corpo. E por mais que fosse experiente, tivesse os lábios firmes e molhados, soubesse o ponto exato de me deixar doido, aquilo não aconteceu.

Fechei os olhos e fui invadido pela imagem de Eva na noite anterior, nos meus braços, nua, implorando por mim. E senti uma

dor absurda me golpear, pois era só nela que eu conseguia pensar. Eu estava alucinado, perdido, fora de mim. Por que ela acabou comigo para as outras mulheres, ela me destruiu até naquilo.

Nervoso, abri os olhos e agarrei os cabelos de Abigail. Puxei-a para longe e me levantei. Na hora, ela agarrou minhas pernas, suplicou:

- Vou te dar prazer, Senhor! Permita que eu...

- Não. – Eu a segurei pelos braços e senti o coração apertar quando vi seu desespero, as lágrimas em seus olhos. Éramos dois desesperados. – Abigail...

- Espere, você vai gostar, sei que vai.

Eu a ergui e se colou a mim, acariciando-me, roçando-se em meu corpo, enfiando as mãos dentro da minha camisa, buscando minha pele.

- Theo, eu sou louca por você! Se o que precisa é de violência, eu fico de quatro na cama, deixo me surrar!

- Eu não consigo, estou perturbado demais. Não devia ter vindo aqui. É um erro.

- Não é! Posso ajudar você a esquecer aquela traidora! Ela não te merece, Theo. Vai destruir você! – Estava praticamente histérica.

Segurei-a firme e a afastei de mim, olhando seus olhos.

- Ela já me destruiu, Abigail. Olhe pra mim. Não sou mais nada.

- Você é tudo! É o sonho de qualquer mulher! É o homem mais maravilhoso desse mundo. – Estremeceu, sua boca manchada do batom vermelho, seus olhos apaixonados e implorantes, sua voz cheia de emoção: - Essa garota não é nada, Theo! Nada! Eu estou aqui, me deixe cuidar de você.

- Abigail. – Tentei falar com calma, sério, fitando-a profundamente. – Não sou boa companhia para ninguém, nem para mim mesmo. Só preciso de um tempo, de tudo isso. Para esquecer Eva e para poder me envolver com outra mulher. Mas agora não posso.

- Theo...

- Entenda isso.

Por fim, pareceu se dar conta do que fazia e seus ombros caíram. Vi a mágoa, a dor e a decepção. E me senti ainda pior por ter causado aquilo. Soltei-a, dei um passo para trás, fechei minha calça. Falei baixo:

- Não queria magoar você.

- Eu sei. – Respirou fundo. – Mas se um dia... Se quiser voltar, estarei esperando.

- Não me espere. Siga a sua vida. Eu não posso oferecer mais nada a ninguém. Tudo o que tinha pra dar e que nunca pensei que daria a alguém, já foi dado. Procure alguém que te ame Abigail. Eu sempre deixei claro pra você que nunca te amei. Se a gente pudesse escolher quem amar, te garanto que nem eu nem você estaríamos nessa situação. Tenho certeza que você ainda encontrará um homem e que você será a vida dele.

- Minha vida é você, Theo. Sempre vai ser.

Fiquei mal, mas não havia mais o que fazer. Nem o que dizer.

Dei as costas a ela e saí de lá, me sentindo pior do que lixo.

E enquanto eu dirigia de volta para casa, pensava como poderia viver naquela necessidade e naquele desespero. Precisava de algum alívio para meu desespero, mas como, se a única mulher que me jogava naquele caos era a única que eu queria?

Cheguei ao casarão repleto de ódio, necessidade, tesão reprimido, sofrimento. E tomei uma decisão.

EVA

Passava das oito horas da noite e Helena tinha acabado de mamar e dormir. Aquela era a vida dela, por isso ficava gordinha, cada vez mais corada.

Sorri para ela em meu colo, logo depois de arrotar, caminhando devagar para colocá-la no berço, ninando-a lentamente ao som da música de Adele que tocava vinda da televisão. Eu adorava sua voz e aquela música era Skyfall, o último filme do 007.

Como ficava muito tempo no quarto, desenvolvi um gosto especial por assistir aqueles clipes.

*"(...)Where you go, I go
What you see, I see
I know I'd never be me
Without the security
Of your loving arms
Keeping me from harm
Put your hand in my hand
And we'll stand*

*Let the sky fall
When it crumbles
We will stand tall
And face it all
Together(...)"*
(Adele – Skyfall – O céu cai)

*"(...)Onde você vai, eu vou
O que você vê, eu vejo
Sei que nunca serei eu
Sem a segurança
De seus braços amorosos
Me mantendo longe do perigo
Coloque sua mão na minha
E estaremos de pé*

*Deixe o céu cair
Quando desmoronar
Estaremos de pé, orgulhosos
E iremos encarar a tudo
Juntos(...)"*

Dancei suavemente com Helena no colo, descalça, uma camisola fina de seda rosa cobrindo meu corpo. Estava cansada e me deitaria também, para assistir os cliques e ficar remoendo meus pensamentos até dormir.

E foi naquele momento que a porta do quarto abriu. Eu parei e olhei naquela direção, ficando imobilizada ao ver Theo entrar. Estava sério, com os olhos ardendo, despenteado, a camisa branca aberta.

Fui engolfada por vários sentimentos e sensações, abalada, ficando trêmula e nervosa, pega de surpresa por sua entrada. Deixou a porta aberta e caminhou decidido até mim.

Paralisada, não soube o que esperar. E ele não disse nada. Pegou Helena dos meus braços e a segurou contra si. Quando me deu as costas, percebi que sairia com ela e reagi. Andei atrás dele.

- Theo, o que... O que você vai...

- Fique aqui.

Parei, chocada, quando saiu e bateu a porta atrás de si. Minha primeira reação foi de correr atrás dele, mas soube que o segurança lá fora me impediria. Fiquei parada, nervosa, mil coisas passando por minha mente. Para onde levava nossa filha? Para passar um tempo com ele? Sempre era Tia quem vinha buscá-la. E o jeito que tinha entrado ali, seu olhar...

Torci as mãos, tensa, angustiada. Pensei em pegar o telefone e falar com Tia, perguntar se sabia de alguma coisa, se estava tudo bem. Mas não demorou muito e a porta abriu de novo. Theo entrou, olhando-me bem sério, com raiva. Para minha surpresa, girou a chave, trancando-nos ali.

Imóvel, eu o vi se aproximar, reparando de novo na camisa aberta e amarrotada, na sua aparência sensual e dura, muito viril. Mordi o lábio, abalada, nervosa, excitada. Mas tentei não perder o foco e murmurei:

- Onde está Helena?

- Está com a Tia.

- O que...

Quando chegou perto, vi algo que me fez gelar e entendi sua aparência cheia de sensualidade. Havia uma marca de batom no

colarinho da sua camisa, vermelha como sangue. Ergui os olhos para ele, arrasada, furiosa, golpeada tão duramente que quase me dobrei em duas e chorei. Mas a mágoa e a raiva me impediram.

- O que é isso? – Apontei para a marca em sua camisa, minha mão tremendo, todo meu corpo sendo acometido por uma tremedeira.

- Isso o que? – Theo se aproximou tanto que seu peito empurrou minha mão, mas não me afastei. Foi como se o descontrole tomasse conta das minhas ações e fiquei tão fora de mim que agarrei sua camisa e a sacudi:

- Isso! Essa marca de batom!

- Não é da sua conta. – Estava furioso também e segurou meus braços com firmeza, fazendo-me estremecer.

- Me larga! Seu bandido! Seu... – Eu me debati, alucinada de tanta dor, lutando contra as lágrimas e o desespero. – Traidor!

- Aqui, a bandida e traidora é você. – Forçou-me para trás, avançando, sem me soltar. Seus olhos azuis soltavam chispas, ferviam, até que me empurrou e caí deitada sobre a cama, surpresa. Ele me olhou de cima, seus gestos frios entrando em choque com a raiva que emanava dos seus poros, com muito mais que não pude entender.

- Você transou com outra? – Arquejei, em pânico, apoiando-me nos cotovelos.

- Isso é problema meu. Transo com quantas e com quem eu quiser.

Foi um golpe duro. Só de imaginar Theo tocando, beijando, entrando em outra mulher, eu quase morri. Soltei um grito de raiva e lamento, tudo se tornando demais para suportar, vindo dentro de mim como uma avalanche. Ergui-me e avancei nele, querendo machucá-lo, arranhá-lo, causar nele a mesma dor que acabava comigo.

- Desgraçado! – Berrei fora de mim, com lágrimas toldando a minha visão, mas antes que o machucasse, agarrava meus pulsos e me jogava com brutalidade na cama.

- Agora vou transar com você. – Avisou, tirando de uma vez a camisa aberta, olhando-me com uma raiva seca e contida, que fazia

seus olhos parecerem duas brasas azuis.

- Não! – Gritei, embora todo meu corpo reagisse e eu tivesse esperado ouvir aquilo. Mas não assim, não depois dele vir da cama de outra mulher. E berrei de novo, furiosa: - Não vai! Tire as mãos de mim!

- Você vai ver. E ao final, estará gemendo e gozando embaixo de mim como sempre faz.

Eu tentei escapar. Virei para fugir, mas Theo se ajoelhou na cama e veio em cima de mim enquanto eu me debatia e chorava, agarrando meus pulsos e os erguendo, segurando-os firme apenas com uma das mãos sobre a cama, a outra abrindo minhas pernas.

- Não quero! Me solta!

- Não quer, sua desgraçada? Quer o que, me deixar louco? – Disse feroz e gritei de novo quando puxou brutalmente minha calcinha e a rasgou.

- Pare!

E mesmo em meio ao ódio, à mágoa e à dor, eu não era imune a ele. Eu senti seu corpo sobre o meu, musculoso e duro, seu pau longo e grosso entre as pernas, seu olhar me consumindo, seu cheiro e seu hálito perto do meu, e minha cabeça rodou, meu peito doeu, minha pele incendiou. Eu o quis e o desejei em igual intensidade em que o odiei. Comecei a suplicar, chorando:

- Pare, Theo... Eu não aguento mais!

- Você vai ser minha, Eva, sempre que eu quiser. Vou usar seu corpo enquanto estiver aqui, na minha casa. Não é isso que você queria? Não foi para isso que me seduziu, me deixou cego, me fez de palhaço?

Seu tom cheio de raiva e mágoa me bombardeou e golpeou. Sacudi a cabeça:

- Não! Eu te amei! Eu nunca me dei a outro!

- Mentirosa! – Irado, abriu a própria calça e segurou o membro ereto. Eu o senti contra os lábios vaginais e tive raiva do meu corpo traidor que latejou e implorou pelo dele. Gritei perto de sua boca:

- Quem é ela?

Theo não respondeu, olhando-me com desejo e fúria, se acomodando sobre mim, segurando-me firme enquanto esmagava meus seios com seu peito e me dominava com seu corpo.

- Quem? – Indaguei num fio de voz, chorando dilacerada, torturada. – Abigail?

- Não tem ela. – Falou com ira, acusadoramente e senti seu pau deslizar a ponto de entrar em mim, quente e duro, inchado, grosso. – Eu tentei, mas só pensava em vir aqui e entrar em você, sua desgraçada. Até nisso me destruiu. Acabou comigo para as outras mulheres. Então, é você que vai me servir. Sempre que eu quiser, é isso que vou fazer. Vir aqui e te comer, por que é só isso que você merece!

E me penetrou em uma investida funda e bruta.

Gritei, angustiada, aliviada, arrasada, pingando de desejo e amor. Eu exaltei quando soube que não transou com ninguém, mas chorei pelo modo que falava comigo. Eu entendi e me arrasei. Eu ansiei e desejei, mas ao mesmo tempo me senti um nada, apenas usada. E no meio de tantos sentimentos desconexos, tudo se perdeu diante da imensidão de ser novamente dele, de tê-lo dentro de mim.

Fui ao êxtase puro e me abri molhada para receber seu pau todo em minha vagina, seus olhos nos meus, sua respiração pesada se confundindo com a minha. Eu me quebrei em mil pedacinhos e gemi, arfante, agonizante. Vi sua expressão mudar, carregada, tão cheia de sentimentos vorazes que me perdi em cada um deles. Então soltou um gemido rouco e entrecortado e estocou dentro de mim, comendo-me duro e forte, fazendo-me mais dele do que eu já era.

- Theo... – Arquejei em um lamento e uma súplica, movendo-me, abrindo-me para sugá-lo para dentro de mim, tomando conta de tudo que era meu, enchendo-me de saudade, paixão e desejo. – Senti tanto a sua falta... Tanto!

Segurou-me firme e me penetrou mais e mais, enterrando-me na cama enquanto eu me abria e me dava, latejava em volta do seu pau tão grande. Tirei a cabeça do travesseiro e, desesperada por ele, beijei sua boca, mordendo seus lábios em uma fome louca. Ele

avançou e me empurrou contra o travesseiro, tomando posse do beijo, enfiando a língua dentro da minha boca, seduzindo a minha.

Gememos e nos movemos na cama, colados, nossos corpos se buscando, tomando e dando, nossos sexos unidos em uma dança delirante, comendo-se vorazmente.

Fiquei fora de mim, alucinada, chorando de tanta emoção e tanto tesão. E quando Theo soltou meus pulsos, eu o abracei e enfiei minhas unhas em suas costas, trazendo-o mais para mim, suplicando com meu corpo e minha alma que nunca mais me deixasse, que acreditasse que ele era minha vida e meu amor.

Fui devorada sem dó, até que entrava em mim com violência, mas eu o agarrava da mesma forma, eu o beijava e era beijada com fome e volúpia, ambos em um sexo vigoroso e uma entrega avassaladora. Eu vivi ali, nos braços dele, enquanto me agarrava e tomava, suas mãos em minha pele, nos meus seios, em minha barriga e pernas, em toda parte.

Acaricieei seus cabelos, mordi sua orelha quando desceu a cabeça no meu pescoço e me mordeu ali daquela maneira que me deixava louca, dando chupões que faziam minha vagina se contrair e gotejar, metendo o pau em mim até o útero, fazendo-me choramingar e gemer:

- Que saudade, Theo! Que saudade do seu corpo, do seu cheiro, do seu pau... das suas mãos em mim...

E eu tocava nele, em toda parte, me embriagava com seu cheiro, beijava seus cabelos, delirava enquanto descia a cabeça e abocanhava um dos mamilos escurecidos após o parto, de um vermelho quase vinho, pontudo. Gritei e me sacudi quando mamou em mim e sugou-me forte, tão diferente de Helena, tão viril e potente, deixando-me delirante.

Tornou-se mais bruto e voraz, comeu-me com seu pau, prendeu-me na cama segurando meus dois pulsos, meus braços abertos como em uma cruz e, quando ergueu a cabeça de repente e me olhou nos olhos, os dele ardiam, queimavam, brilhavam. Era como se lutasse contra si mesmo, calasse tudo que queria dizer, escondesse duramente uma parte de si. Mas eu não. Eu me dei toda e me mostrei, me entreguei emocionada, sussurrando:

- Eu te amo tanto! Não vivi longe de você, eu estava morta...
Eu só estou vivendo agora, Theo...

- É só sexo. – Rosnou.

- Não, é mais. É tudo. É você dentro de mim, é sua pele na minha, seu gosto na minha boca... – Lágrimas inundaram meus olhos, meu coração disparou, eu soluzei e tentei me soltar para abraçá-lo, mas ele não deixou. Penetrou-me fundo e duro e estremei, ondas de puro orgasmo me envolvendo, minha vagina tendo espasmos incontrolláveis. – Ah, como eu amo você!

E não aguentei mais. Explodi em um gozo glorioso e absurdo, que me fez gritar e me contrair, me debater e gemer, dizer o nome dele em murmúrios descontrolados enquanto me olhava fixamente e me comia mais e mais rápido. Ondulei e me dei toda, completamente, perdidamente.

Quando desabei na cama, lânguida pelo prazer avassalador, Theo soltou meus pulsos e me puxou contra seu corpo, enfiando um dos braços sob mim, espalmando sua mão em minha nuca, entre meus cabelos, dizendo bem perto da minha boca:

- Sua diaba... Você sabe o que fez comigo? O que continua fazendo?

- Theo... – Eu o abracei enquanto dava uma última estocada dentro de mim e saía, agarrando seu pau no exato momento em que gozava, esportando em minha barriga, tomando minha boca em um beijo faminto, cheio de tesão e aflição, gemendo rouco. Beijei-o da mesma maneira e agarrei seu pau em cima da sua mão, masturbando-o, adorando-o, ainda cheia de um prazer descomunal.

Engoli seus gemidos e o segurei contra mim, mesmo quando tudo acabou e ficamos parados, nossas respirações se misturando, nossos lábios colados. Abri os olhos e os dele estavam fechados. Fiquei olhando-o, implorando a Deus que não o deixasse mais se afastar de mim, em um pedido mudo e com todas as minhas forças.

Então Theo abriu os olhos e soube que estava perdida. A mágoa e a desconfiança estavam lá, as emoções sendo contidas, a armadura voltando ao lugar. E quando fez menção de se afastar, eu o abracei sofregamente com braços e pernas, agarrei-o como se fosse minha tábua de salvação, implorei a ponto de chorar:

- Não vá, por favor. Fique comigo.

Não adiantou. Segurou firme meus braços e me afastou de seu corpo, largando-me na cama, saindo de cima de mim. Sentou na beirada e não me olhou, correndo os dedos entre os cabelos, nervoso.

- Theo. – Eu me ajoelhei na cama, nem percebendo que o esperma em minha barriga escorria, só tendo olhos para ele. Toquei seu ombro, disse com lágrimas nos olhos: - Diga o que quiser, mas fique aqui comigo.

Virou a cabeça e me olhou duramente. Era difícil fitar o rosto do homem que se ama com todas as forças e ver raiva e desprezo. Engoli em seco, abalada.

- Eu volto, quando quiser te comer de novo. É assim que vai me pagar a casa e a comida que te dou, enquanto não te joga na cadeia.

Eu sabia que fazia de propósito para me ferir e conseguia. Levantou-se e suspendeu a calça, fechando-a, catando sua camisa do chão. Mas antes de sair, olhou-me friamente de cima abaixo e disse cruelmente:

- É só isso que vai ter de mim, Eva. Não pense que vai me enganar com sexo, que vai me fazer esquecer tudo que fez. Vai apenas me pagar do jeito que eu quiser.

Eu não tive condições de dizer nada, pálida, só olhando-o com o coração apertado, a dor no peito me dilacerando.

Theo deu-me as costas e saiu do quarto.

Eu continuei da mesma maneira, tão arrasada que nem consegui chorar.

CAPÍTULO 9

THEO

Na segunda-feira eu consegui trabalhar, apesar de estar com a cabeça fervendo. Eu me culpava por não ter resistido e transado com Eva, mas ao mesmo tempo sentia que foi o melhor a fazer. Consegui me acalmar um pouco mais e tentei manter o foco, dizendo a mim mesmo que era melhor assim do que ficando louco de desejo, principalmente se não conseguia transar com outras mulheres.

Nada mudaria. Se ela pensava que ia me amansar pelo sexo ou me conquistar, estava enganada. Eu sabia muito bem separar uma coisa da outra. E estaria alerta o tempo todo.

Não podia negar que Eva me desejava também e muito. Ela podia ter mentido sobre tudo, mas não sobre aquilo. Eu era um homem experiente e notava quando uma mulher estava tão louca por mim que pingava e latejava, ficava com as pupilas dilatadas e os mamilos duros, gemia enlouquecida, gozava de verdade. O desejo era latente entre nós. Não seria sacrifício para mim e nem para ela. Mas em nenhum momento eu esqueceria sua traição ou a perdoaria. Eu apenas a usaria para me satisfazer e aliviar.

Teria que ir a uma reunião em Pedrosa com novos clientes, mas ao mesmo tempo havia uma infinidade de coisas para resolver no escritório. Era um período movimentado, com um aumento considerável de vendas e novos clientes, justamente quando eu tinha menos cabeça para me concentrar. A presença de Micah ali estava sendo mais do que necessária. Naquele dia mesmo, enquanto eu ia para a reunião, ele tomaria conta de tudo com Valentina.

Antes de sair, fui até a sala onde tudo foi arranjado para meu irmão ficar. Não tinha horários certos, chegava e saía quando queria, não gostava muito de tudo certinho. Mas todo dia ia lá e ajudava mais do que eu esperava. Era muito inteligente e sagaz, aprendia rápido.

Quando entrei, estava relaxado em sua cadeira giratória, com os pés em cima da mesa e ouvindo rock do iphone, um cigarro pendurado no canto da boca, o jeans rasgado no joelho, barba por fazer, o cabelo castanho parecendo todo despenteado, quando na verdade era moda usar daquele jeito. Lia uns documentos, sacudindo um dos pés em botas de couro.

- Isso é modo de trabalhar? – Indaguei secamente, fechando a porta atrás de mim e caminhando até a mesa.

- Você também? – Segurou o cigarro entre os dedos e expeliu a fumaça, erguendo as sobrancelhas com ironia.

- Como assim, eu também?

- Já basta aquela sua assistente pegando no meu pé.

- Valentina?

- Acabou de sair daqui cuspidando fogo. Não aguenta brincadeiras. – Sorriu, divertido. – Cara, nunca vi mulher mais mal humorada. O que ela tem contra sorrir?

- Valentina é séria, mas não é mal humorada. – Tamborilei os dedos sobre o tampo da mesa, observando-o. Tinha pedido que Valentina explicasse uma parte do trabalho a Micah, mas sabia que ela tinha odiado a missão. Parecia não suportá-lo. – Pelo que vejo, é você que a irrita.

- O fato de eu respirar a irrita. – Deu uma risada e tragou o resto do cigarro, amassando-o no cinzeiro.

- E você gosta de provocá-la.

- Muito. – Deixou os documentos sobre a mesa e balançou a cadeira. – Tenho pena do noivo dela. Como é o cara? Chato como ela?

- Você não tem jeito. – Sacudi a cabeça. – Que interesse é esse? Não está dando em cima de Valentina, não é?

- Eu? Se colocar um dedo nela, congelo na hora! – Divertiu-se. – Só curiosidade.

- É um cara legal.

- Hã. Entendi.

- Entendeu o quê?

- Chato. Esse é o sinônimo de legal.

Acabei sorrindo.

- Normal. Esse é o sinônimo de legal. – Corrigi, mas lembrei do noivo de Valentina e fui obrigado a comentar: - Se bem que normal não se encaixa bem na descrição dele.

- Como assim? – Interessou-se Micah, observando-me.

- Deixa pra lá.

- Fale, Theo.

- Por que o interesse? Não gosto de fofoca. Quando o conhecer, vai ver por que.

- Puta merda, odeio ficar curioso! – Reclamou e meu sorriso se ampliou.

- Vim aqui só avisar que estou saindo para a reunião. Qualquer coisa, me ligue.

- Pode deixar. Mas me fala do noivo anormal.

- Tá curioso demais.

- Theo...

Eu ri do seu tom ameaçador e caminhei para a porta. Soltou um palavrão. Mas parei quando mudou de assunto de repente:

- O velho sabe que estou aqui?

Virei e o olhei, sério. Sabia que falava do meu pai.

- Não.

- Entendo. Vai dar merda quando ele souber. A Falcão é dele.

- É nossa. E você é um dos herdeiros.

- Sou nada.

- É, pela parte da nossa mãe. – Quase não falávamos sobre o que aconteceu no passado e sobre meu pai. Eu sabia que se ele descobrisse Micah na cidade e ali, realmente a coisa ia ficar séria. Mas ele tinha seus direitos.

Tudo aquilo me fez pensar novamente em toda tragédia, no fato de Micah ter segurado a arma que deixou meu pai na cadeira de rodas. Foi preciso muito tempo para perdoá-lo e levamos em consideração o modo como sempre foi maltratado. Mas ainda era uma história mal explicada.

Eu o olhei bem sério e indaguei:

- O que aconteceu naquele dia há quinze anos. A arma era do nosso pai. Como parou na sua mão?

- Seu pai. – Corrigiu, também bem sério, até demais.

- Queria matá-lo?

Encarou-me um momento em silêncio. Por fim disse friamente:

- Não quero falar disso. Se achar melhor, posso ir embora.

- Não acho melhor. Quando quiser, você fala.

Sabendo que ficaria por aquilo mesmo, abri a porta e saí.

Fui para Pedrosa e consegui resolver bem tudo. Lá em Pedrosa encontrei meus advogados para me informar sobre a anulação do casamento. Estava demorando pelo fato de que eu e Eva tivemos uma filha. Não fosse isso, já teria saído. Mas me garantiram que estavam acompanhando de perto tudo.

Voltei para casa no final da tarde e só de entrar lá já me senti ansioso, com raiva do desejo absurdo que senti de ir ao quarto de Eva e vê-la. Agora que eu tinha começado, sabia que ia querê-la toda hora. E não me pouparia. Pelo menos aquilo ela faria por mim, aplacar meu desejo, me aliviar da loucura que causava em mim.

Tomei banho, resolvi minhas coisas, falei com Tia e meu pai. Tia pegou Helena pra mim e só de vê-la eu fiquei cheio de amor e saudade. Estava cada dia mais linda e ficava mais tempo acordada, como naquele momento.

Quando a peguei no colo, bateu os bracinhos e me olhou firme, animada. Tia sorriu e comentou:

- Ela já conhece o pai. Olha como ficou feliz!

Sorri todo bobo e fui para o sofá, passar os melhores momentos do dia na companhia da minha filha. Deitei-a com a cabeça em meus joelhos e falei baixinho com ela:

- Sentiu falta do papai? Hein? Quando for maior, toda vez que eu chegar em casa, vou trazer um brinquedo ou um doce para você.

- Vai estragar a menina. – Sorriu Heitor entrando na sala para jantar, após o banho, sem seu tradicional chapéu de cowboy.

- Ela merece. – Falei orgulhoso.

- Merece mesmo. – Parou perto de nós e se inclinou, amansando a voz grossa para falar com ela: - Cadê a gatinha do titio? Vou trazer balas pra você também, é só ter dentes.

Eu dei uma risada e comentei:

- Eu falo desse jeito, com voz de garotinha?

- Pior ainda. – Tia também riu, parando perto de nós. – Parecem dois babões! Imagino quando essa menina crescer, vai ter vocês todos comendo na mão dela, fazendo todas as suas vontades!

Heitor e eu rimos. Meu pai chegou, empurrado na cadeira pela enfermeira, olhando-nos como se fôssemos idiotas, mas não me importei. Ele parecia indiferente tanto com Helena quanto com Caio, embora às vezes os olhasse com curiosidade. Era muito fechado, nunca foi de fazer carinho ou ter conversas com a gente e pelo jeito seria da mesma maneira com os netos.

Jantamos todos juntos, em relativa paz. Eu me sentia um pouco mais tranquilo aquele dia, embora pensasse em Eva a cada segundo e ansiasse por subir e saciar meu desejo. Mas me continha. Helena ficou comigo até chorar com vontade de mamar e Tia levá-la para o quarto.

Saí para uma caminhada e aproveitei para conversar com o chefe da segurança, que garantiu que tudo estava em paz, sem alterações. Quando voltei, Tia estava na varanda me esperando. Deixou que eu me aproximasse e segurou minha mão direita, observando-a.

- Está quase boa. E a fisioterapia?

- Não vai ser necessário. – Garanti.

Suspirou, mas não insistiu no assunto. Fitou meus olhos.

- Fiquei feliz hoje, Theo.

- Por quê?

- Senti você mais relaxado, sem a tensão desses dias todos.

Não sabe como rezo para que fique bem, meu filho.

- Eu sei. – Falei com carinho e a abracei. Eu a tinha como uma mãe e não queria preocupá-la. Quando sorriu e se me olhou, perguntei baixo: - Como foram as coisas aqui hoje?

- Tudo bem.

- Eva saiu do quarto?

- Sim. Faz um bem danado pra ela e para Helena. Fora que para Gabi e Caio também. Elas se dão bem e se ajudam.

Concordei com a cabeça e comentei:

- Estou pensando em contratar duas babás, para se revezarem ajudando as duas. E assim aliviar a senhora. Sei que fica

de um lado para outro e está parecendo cansada.

- Que nada! Está tudo sob controle.

Eu sorri. Mas insisti:

- Vou ver as babás na mesma agência das enfermeiras. Ajuda nunca é demais.

Pensei que assim também não precisaria pedir a Tia para ficar com Helena a cada vez que eu quisesse transar com Eva. E eu sabia que ia querer.

Havia um quarto todo montado para Helena e outro para Caio, mas tanto Eva quanto Gabi preferiam que os bebês ficassem com elas enquanto eram tão pequenos. Pensei que a babá poderia ir para o quarto com Helena quando eu estivesse com Eva, dando-nos mais privacidade.

Depois que me recolhi ao meu quarto, fiquei deitado na cama olhando para o teto, deixando o tempo passar e cada um se acomodar em seu canto. Não queria comentários depois nem que pensassem que eu estava me acertando com Eva, por que não era aquilo. Eu só ia lá transar com ela e aliviar aquele desejo que parecia me comer vivo, a ansiedade me consumindo. Irritava-me aquela necessidade, mas eu não podia mais voltar atrás. Dizia a mim mesmo que era só sexo e com o tempo eu deixaria de ficar tão obcecado com Eva. Então poderia me livrar dela.

Empurrava as preocupações para o fundo da mente, com medo de analisar aquilo. Ela tinha sido a única mulher que amei e, emocionalmente eu me sentia como um adolescente bobo sem saber lidar com o primeiro amor e a primeira traição. Isso me deixava doente, pois era um homem adulto, experiente, dono das minhas vontades. Mas o que Eva despertava em mim ultrapassava qualquer controle ou entendimento, era profundo, visceral, irracional. E eu estava lidando com tudo aquilo da melhor maneira que podia para não enlouquecer.

Contei cada segundo, ansioso para ir ao quarto dela. Por fim não aguentei mais. Levantei, tirei a roupa e vesti apenas um curto robe preto. Lembrei-me das camisinhas, coisa que no furor da noite passada nem me toquei. No último segundo, antes de gozar, tive um clarão e tirei o membro de dentro dela. Mas mesmo assim havia

risco de gravidez e eu nem queria pensar em uma coisa daquelas. Já bastava ser obrigado a ter um vínculo com Eva por causa de Helena.

Coloquei os preservativos no bolso do robe, calcei chinelos e saí do quarto. Vi o segurança da noite sentado em sua cadeira no corredor silencioso, tomando um café. Havia uma mesa com rodinhas ao seu lado com lanche. Tia os deixava sempre bem servidos, por isso todos eles eram loucos por ela. E quem não era?

- Boa noite. – Cumprimentei-o.

- Boa noite, senhor Falcão.

Abri a porta do quarto de Eva, onde dormi tantas noites com ela, com raiva de mim mesmo por ficar nervoso e sentir o coração disparar. Estampeei uma frieza na expressão, que não sentia e entrei, fechando a porta atrás de mim.

Estava tudo quieto, o quarto na penumbra, apenas os abajures acesos. Em uma só olhada vi Eva na cama, sentada recostada nos travesseiros, olhando-me como se estivesse me esperando, contando os segundos, sabendo que eu viria. Estava nervosa também e linda, uma camisolinha de seda branca que não era nada mal, cobrindo-a, os cabelos presos em um coque frouxo, sua pele macia me convidando, assim como cada parte dela.

Não me apressei, sério, aparentemente dono de mim mesmo. Olhei para Helena dormindo em seu berço. E então, me aproximei da cama.

Foi uma luta não ir beijá-la como eu queria, doente de saudade. Enfurecido com aquilo, tirei os preservativos do bolso e joguei na cama, perto dos pés dela, que olhou-os e mordeu o lábio, ansiosa. Olhou-me rapidamente quando soltei a faixa do robe e o despi, largando-o na beira da cama, ficando nu enquanto a encarava com uma falsa frieza. Por que meu corpo já estava aceso, meu membro ereto.

Eva arfou, seus olhos enormes passando sôfregos por meu corpo, o desejo mais do que claro em sua expressão. O silêncio pesava entre nós e ela arquejou quando ajoelhei no colchão e me aproximei. Fitou meus olhos com expectativa e luxúria, em um anseio que espelhava muito o meu.

- Theo... – Murmurou como em um pedido mudo, não sei de que.

- Não diga nada. – Exigi.

Eu não queria nenhum envolvimento, só ser o mais animal possível, trepar e ir embora. Meus instintos mais básicos e de dominação pediam por mais. Quis castigá-la, amarrá-la, ser bruto e cruel, tirar de Eva tudo que eu queria e um pouco mais, no entanto, tinha medo de mim mesmo. Minhas emoções estavam prestes a entrar em erupção e ela tinha o poder de me descontrolar. E aí eu pegaria realmente pesado.

Segurei com firmeza seus tornozelos e a puxei para baixo. Seu corpo resvalou na cama e a camisola subiu, mostrando sua minúscula calcinha branca, que me deixou doido.

- Para quê isso? – Falei com raiva, cheio de lascívia, agarrando as laterais da calcinha e descendo por suas pernas. Parei com ela no meio de suas coxas quando meus olhos fitaram sua boceta e meu coração quase parou. Estava completamente depilada, como Eva sabia que eu gostava, os lábios polpudos e rosados a mostra.

Quase enlouqueci de tanto tesão. Minha respiração se alterou e eu ergui os olhos para os dela, acusadores. Murmurou:

- Para você.

Engoli um palavrão. Terminei de tirar sua calcinha, revoltado, cerrando o maxilar. Então ergui a camisola e tirei por sua cabeça, deixando-a completamente nua, linda demais, com uma vontade viciante de beijar e tocar cada pedaço dela. Mas indaguei entredentes:

- O que quer com isso? Me seduzir?

- Eu consegui? – Lambeu os lábios.

- Não. – Menti. Olhei-a lá, deitada, acabando com meu controle, testando-me mais do que eu podia suportar. Ajoelhado na cama, abri suas pernas sem um pingo de delicadeza. – Eu só vim aqui te foder.

Vi como empalideceu, a dor em seu olhar. Mas não fugiu ou reclamou. Parecia disposta a me vencer pelo cansaço, pois abriu ainda mais as coxas para os lados e desceu as mãos pelos seios

redondos, pela barriga, até a boceta. Acariciou-se lentamente com os dedos e murmurou:

- Já estou pronta para você, Theo. Fiquei o dia todo pronta, esperando você vir.

Era uma luta até mesmo respirar. Eu podia sentir o cheiro íntimo dela, como se estivesse cravado nas minhas narinas. Olhei seus dedos mergulhando em sua boceta e saírem com as pontas molhadas, vendo que dizia a verdade. Estava pronta, lubrificada.

Quis ser forte o suficiente para me levantar e ir embora, provar que eu decidia quando e como a pegaria, mas não podia. O desejo latejava em meu corpo, o sangue corria rápido e denso, a fúria se juntou a tudo mais. Não pude me controlar.

Bruto, pegando-a de surpresa, eu a virei de bruços na cama e Eva soltou um pequeno grito estrangulado. Em segundos eu montava em suas pernas por trás e agarrava seus pulsos juntos nas costas, com a mão esquerda. Com a direita, dei uma palmada firme em sua bunda e ela não pôde deixar de gritar assustada, mais alto.

- As coisas vão ser do meu jeito, não do seu, diaba ardilosa.

- Theo... – Tentou pedir algo, mas descí a mão em sua bunda, dando tapas fortes e ardidos, que a fizeram gemer e se debater, choramingar e suplicar: - Não... Pare...

E bati mais, vendo a carne redonda e macia ficar quente e vermelha, espalhando bofetadas em cada parte da sua bunda, desejo e ira me envolvendo, mas eu ainda conseguindo conter meus instintos mais violentos, embora soubesse o quanto aquilo me custava.

- Da próxima vez, trago meu cinto. E nem o fato de nossa filha estar nesse quarto vai me impedir de surrar sua bunda. Não me provoque mais do que já faz, Eva.

- Ah... – E mesmo assustada, sentindo a ardência e a dor das palmadas, ela gemeu e, em determinado momento se empinou. Lembrei de como gostava daquilo, como ficava dividida entre a dor e o prazer quando eu era bruto. Sabia que se metesse o dedo nela a sentiria escorrer, pingar seu mel quente e grosso, que aguentaria mais.

Eu tinha prometido que daria mais quando a gravidez passasse. Mas então seria um jogo de prazer, só prazer, sem o peso do ódio e de traições entre nós. Naquele momento, era uma luta me conter e não descarregar nela realmente minha fúria, ser mais violento do que já fui um dia. Os instintos estavam ali, prontos para agir e tomar conta de tudo, mas um fio de razão me impediu, me conteve. Por que ao final das contas, bandida, traidora ou não, ela tinha sido a minha esposa e era a mãe da minha filha.

Parei, respirando pesadamente, ainda segurando-a firme, lutando para não me deixar levar pela raiva, pela vontade de fazê-la pagar por tudo que me fazia sofrer e sangrar por dentro. No fundo, eu não sabia se poderia realmente machucá-la, qual seria o limite do meu ódio.

Eva gemeu e arqueou as costas como uma gata no cio, me oferecendo a sua bunda, arquejando, parecendo fora de si, dominada pelo desejo. Empinou-se tanto que vi os gomos de seus lábios vaginais ainda mais inchados e cremosos, brilhando, pedindo pelo meu pau. Cerrei o maxilar para não entrar nela de uma vez, tentei frear minha fome descomunal, mas estava cada vez mais difícil.

- Por favor, Theo... Vem... Preciso de você... – Suplicou angustiada e vi como seria fácil obedecer, me deixar levar. Mas eu não queria aquele domínio sobre mim, eu queria dobrá-la, mostrar que ali eu mandava e ela obedecia, que eu transava com ela nos meus termos e não nos dela.

E parte da minha violência não pôde ser contida. Falei bruto, indo mais para cima dela, rosnando:

- Quer o meu pau?

- Sim... – Arfou, excitada, dominada pela lascívia, se esfregando na cama. – Por favor, come a minha boceta...

- Eu como o que eu quiser. E não quero a sua boceta. – Menti, quase morrendo para fodê-la ali. Mas cuspi nos dedos e esfreguei saliva no meu pau. Então cuspi de novo e espalhei saliva no seu ânus. Estremeceu, um pouco assustada, calada. – Vou comer a sua bunda.

Não peguei o preservativo. Não queria soltá-la para nada e montei em sua bunda por trás, abrindo-a para o lado com a mão esquerda, ainda segurando firme seus pulsos nas costas. Quando senti a cabeça grande do meu membro em seu orifício, acho que teve medo que a machucasse.

- Theo...

Fechei os olhos, segurei um pouco minha fome e meti nela, não bruto como poderia fazer, rasgando-a. Mas indo com firmeza, tomando o que eu queria, embora eu quisesse tudo de Eva, tudo.

Seu ânus se abriu muito para me receber e estava contraído, talvez por seu medo. Rosnei furioso, perto de seus cabelos na nuca:

- Não se contraia. Vai doer mais. Abra para mim.

- Ai... Ai, Theo... – Arquejou, não sei se de prazer ou de pavor. Mas não parei. Empurrei e fui entrando nela, penetrando-a forte e fundo, até que só meu saco ficou de fora. Cerrei os dentes, alucinado com sua quentura e sedosidade, com o fato de ser tão deliciosamente apertada.

Agarrei seu cabelo em um rabo de cavalo na nuca e puxei sua cabeça para trás, movendo meus quadris em estocadas vigorosas, comendo-a firme e fundo, abrindo-a mais para que meu pau deslizesse estrangulado dentro dela, dizendo cruelmente:

- Vai ser sempre assim, do meu jeito. Não estou aqui para o seu prazer, só para o meu. Pode raspar essa boceta, achar que pode me seduzir e amansar, mas para mim é só uma puta. Vou te comer e só. Como eu quiser. Entendeu? – Falei perto de seu ouvido, me tornando mais bruto, estocando em seu orifício.

- Theo... Eu só...

- Não quero ouvir.

- Sou sua mulher... – Murmurou angustiada, dividida entre o prazer e a humilhação, chorosa, sacudindo-se em cada estocada que eu dava.

- É só uma puta, uma cadela... – Ofendi com raiva, principalmente por me deixar tão doido.

- Não...

- Sim. Cadela... Safada...

E a fodi, bruto, delirando de prazer, usando minha raiva como escudo.

Eva se debateu, mas não conseguiu se soltar. Eu a empurrei contra a cama e a comi com voracidade e firmeza, indo mais rápido e forte, enquanto gemia e choramingava, miava e se sacudia, estremecendo, tão arrebatada quanto eu. Minhas ofensas não eram o bastante para impedir seu prazer e, a cada arremetida minha, esfregava a boceta na cama, entre os lençóis, ondulando, apertando mais meu pau com suas contrações.

Gemi rouco, fechei os olhos e me entreguei àquela loucura, ao delírio que dopava meu corpo e minha mente, calava meu ódio e fazia meu tesão alcançar picos inimagináveis. E então Eva gritou e começou a gozar agoniada, chorando, dizendo meu nome e palavras desconexas. Foi meu fim. Estoquei forte e esporrei dentro dela, inundando seu ânus com meu esperma quente, que parecia não acabar nunca.

Apoiei a cabeça sobre a dela, parei com a boca perto de sua orelha e a fodi até cada gota sair de mim, cada gemido escapar sem controle, cada batida do coração se acelerar. Eu a quis ainda mais, com um desespero latente, uma saudade doentia, uma dor insuportável, mas tudo suplantado momentaneamente pelo prazer espetacular e incontido do corpo.

Respirei ou ao menos tentei. E quando tudo parou, meu pau continuou a latejar enterrado em a sua bunda, a saudade já vindo em mim. Por que eu teria que sair de dentro dela, da cama, do quarto. Eu teria que voltar para uma outra cama, vazia e fria, me forçar a me acostumar novamente a dormir longe do seu corpo e do seu calor. Nunca imaginei que aquilo fosse tão difícil, uma das coisas que mais sentia falta.

Protelei. Fiquei lá só um pouco mais e Eva também não se mexeu, como se me quisesse mais tempo ali, quietinha embaixo de mim, apenas respirando sofregamente. Mas por fim não tinha como permanecer sem me entregar, então soltei devagar seu cabelo e seus pulsos. E me ergui.

Saí de cima dela e sentei na cama, suado, esfregando a barba em um gesto nervoso. Senti seu olhar sobre mim quando se virou de

lado, mas não a fitei. Eu tinha medo de cair em tentação, de arrumar um desculpa para ficar mais do que deveria.

Tateei a cama e peguei meu robe, sentindo meu coração batendo ainda descompassado, a respiração pesada. Levantei e o vesti. Somente então me virei e a olhei o mais friamente possível.

Porra, era linda demais, com aqueles cabelos compridos espalhados e a pele avermelhada pelo gozo. Sempre ficava mais bonita depois do prazer, as pálpebras pesadas como se estivesse bêbada, os lábios rubros de tanto morder ou beijar, as faces coradas, um ar de devassidão e languidez.

E me olhava daquele jeito esfomeado, como se me pedisse algo, frágil, parecendo tão sincera em seu amor e sua paixão que era difícil acreditar que me traiu tão duramente, que participou de um atentado que quase me matou, que possivelmente tentaria me matar de novo se eu fosse burro e não tomasse cuidado com ela.

Amarrei o robe na cintura e Eva sentou na cama, afastando o cabelo do rosto, gemendo baixinho, talvez dolorida. Desci meu olhar por seu corpo, sua pele, seus seios, pensando o quanto gostaria de lambê-los, chupar seus mamilos, sentir o gosto morno e doce de leite enquanto os sugava. Desci mais o olhar e meu corpo reagiu diante da boceta nua e depilada, dando-me uma vontade absurda de chupá-la ali também. Mas contive tudo dentro de mim.

Mesmo sabendo que não adiantaria, Eva pediu baixinho:

- Fique. Durma aqui. Nunca consigo dormir direito longe de você, Theo.

- Vai ter que aprender. – Falei secamente.

- Só essa noite. Por favor. – Seus olhos eram pidões, sublimes, súplices.

- Para quê? Para enfiar uma faca em meu coração de madrugada? – Ironizei.

Ela arquejou, chocada com minhas palavras, empalidecendo. Sacudiu a cabeça:

- Nunca!

- Talvez não consiga dormir por culpa, dor na consciência. – Falei sério. – Como aquele poema do Augusto dos Anjos, O Morcego. Conhece, Eva?

Não respondeu, mas olhava-me magoada. Continuei:

- À noite o morcego entra no quarto e inferniza, não deixa dormir. E ele nada mais é que a Consciência humana. Por mais que faça, não pode fugir dela.

- Eu sei que errei e sinto culpa sim, mas...

- Não tem mas. Aguarde as consequências das suas escolhas.

Cansado, dei-lhe as costas e caminhei para longe. Mas antes parei perto do berço de Helena e a olhei através do mosquitoireiro, uma emoção e um amor sem igual me consumindo, me acalmando um pouco. Quando fui até a porta, pouco antes de a abrir, Eva disse baixinho:

- Eu amo você, Theo. E isso nunca vai mudar.

Eu a ignorei. Fingi não ouvir. E saí.

CAPÍTULO 10

EVA

Depois de ter sido bruto e estúpido comigo naquela noite, eu pensei que dormiria muito mal. Mas acabei pegando em um sono pesado sem sonhos, acordando só quando meu relóginho chamado Helena despertou chorando para sua mamada, gritando como só ela sabia fazer.

No dia seguinte, tentei agir normalmente, mas me via pensando em Theo o tempo todo, como ele podia me levar ao ápice do prazer e ao mesmo tempo ao puro desespero com seu desprezo, suas palavras insultuosas. Era muito difícil que, além da culpa que sentia, eu soubesse que não era mais vista como sua esposa, mas como uma qualquer, uma puta para usar e maltratar.

Eu aguentava toda aquela situação por dois motivos: por amá-lo além de tudo e por que sabia que causei tudo aquilo ao fazer parte daquela vingança, enganando-o. Era como se eu mesma quisesse me castigar, pois tive a felicidade na mão e a perdi. Eu sabia que o fiz sofrer também, que aquilo tinha sido duro para Theo aceitar. E que ele ainda sentia muito, por mais que me desprezasse.

Não podia esquecer como me amou e demonstrou isso em cada dia do nosso casamento, fosse no jeito de me olhar, de sorrir para mim, me agradar e cuidar. Eu vi um lado seu terno e apaixonado, de um homem que faria tudo por mim. E agora ver sua raiva e repulsa, ser maltratada por ele, era pior do que qualquer coisa. Era um castigo horrível, difícil mesmo de suportar.

Theo era duro e orgulhoso. Aquela traição devia estar sendo difícil para ele e eu pensei que nunca mais olharia para mim, muito menos me tocaria. O fato de ter invadido meu quarto e me agarrado, possesso achando que eu tinha sido amante de Lauro, demonstrando um ciúme quase doentio, não resistindo quando minha toalha caiu e fiquei nua, deu-me outra dimensão das coisas e me fez ter um pingo de esperanças. Por que não era imune a mim, por mais que me odiasse.

Suas ofensas podiam machucar, mas ele me tocava e beijava, ele me fazia dele com volúpia, paixão, posse. Ele me olhava com fome, com raiva por me querer. E se era assim, eu tinha alguma chance. Por isso me depilei e esperei por ele na cama, achando que mostraria com meu corpo o que ele não queria ouvir com palavras. Podia ser loucura, mas havia um ditado que dizia o seguinte: "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura". Eu queria seduzi-lo não apenas sexualmente, mas através do sexo e da sedução amolecê-lo, provar meu amor.

Não tinha saído exatamente como pensei. Nem ao menos me beijou. Foi muito bruto, ficou quase fora de si sacando o que eu queria. Mas no final de tudo tinha sido quente e delicioso como sempre e eu me viciava ainda mais nele. E decidi continuar em frente, decidida a lutar com ele com as armas que eu tinha, independente de tudo.

Theo era uma verdadeira contradição. Podia ser extremamente grosso comigo e depois parar e olhar para Helena com doçura, com um amor tão grande que abarcava tudo. Um amor como uma vez demonstrou para mim.

Naquele dia, ajudei Tia na cozinha, andei com Gabi no quintal, falamos da pediatra que viria ali no final de semana para ver como estavam nossos filhos. Como ainda havia a ameaça da minha mãe, todos achavam melhor assim do que irmos para a cidade. E eu continuava como prisioneira, agora não do meu quarto, mas da fazenda. No entanto, aquele era o menor dos meus problemas.

Ficar ali não me doía tanto quanto a possibilidade de ser expulsa. Ali eu estava com Gabi, Theo, Helena, toda a família. E embora com tudo que me perturbava, eu estava segura, não fui afastada da minha filha. Theo podia ter sido muito pior comigo e eu entendia que, ao final de tudo, ele ainda tentava ser justo.

Ao final da tarde, voltei para o quarto e cuidei de Helena. Só então fui cuidar de mim mesma, a ansiedade crescendo conforme a noite caía, desejando ardentemente que Theo viesse de novo. Não tive medo que fosse agressivo. Decidi que o tentaria de todas as formas, o faria ficar louco por mim ainda mais, assim como eu era louca por ele.

Tia trouxe meu jantar em uma bandeja e brincou com Helena enquanto eu comia, dizendo que naquela semana duas babás se revezariam ali de segunda à sexta, uma de dia e outra de noite. Elas poderiam ajudar a mim e a Gabi. A senhora disse que não havia necessidade, mas não falei nada, pois eu sabia que ela vivia querendo nos ajudar e se cansava. Assim, teria mais tempo para ela.

Depois que saiu e deu boa noite, eu amamenteei Helena e ela dormiu. Então, me preparei. Perfumada, coloquei uma camisola que comprei no início do casamento com várias outras, só para seduzir Theo. Era perolada e em uma renda fina e transparente, colada ao corpo como uma segunda pele. Bem decotada e curta, mais mostrava que tapava. Escovei os cabelos e liguei a tevê em clipes de músicas românticas, deixando só os abajures acesos. Quase passei o batom vermelho, mas achei melhor não exagerar, fazer uma coisa de cada vez.

Deitei na cama e esperei, ansiosa, arfante, excitada. Não consegui me concentrar nos clipes e praticamente contei os minutos e as horas. Oito, nove, dez horas da noite e Theo não vinha. Angustiada, levantei, andei pelo quarto, bebi água, voltei para a cama. Rolei nela, gemi em febre. Eram onze horas e então me acabei em lágrimas. Quando Helena acordou chorando, eu me juntei a ela e a amamenteei soluçando de tanta saudade e solidão, todas as minhas esperanças arrasadas.

Dormi muito mal. De manhã estava abatida, com olhos inchados, cheia de tristeza e desânimo. Joguei a camisola no cesto de roupa suja, coloquei uma roupa comum e passei um dia horrível. Gabi e Tia quiseram saber o que eu tinha, ofereceram ajuda, mas eu apenas disse que estava tudo bem e sobrevivi.

Quando escureceu naquela quarta-feira, eu fiquei com medo de ter esperanças de novo, mas tive mesmo assim. Repeti todo o processo da noite anterior, agora com uma camisolinha preta e uma calcinha fio dental. E foi uma nova tortura, por que Helena dormiu e Theo não veio.

Já passava de meia-noite quando a amamenteei de novo, pus para arrotar e finalmente a deixei dormindo no berço. Deitei na cama enrodilhada, cheia de vontade de chorar, mas lutando para ser

forte. Estava cansada de tanto chorar e sofrer, querendo passar só um dia e uma noite em paz sem me sentir horrível e culpada, sem ficar esperando alguma migalha de Theo para poder ser um pouco feliz.

Por fim, acabei pegando no sono, o que foi um alívio para minha tortura.

Acordei de madrugada com a pele arrepiada e o prazer me fazendo contorcer por dentro. Gemi, grogue, enaltecida quando me sacudi em meu sono e busquei a fonte daquelas sensações tão deliciosas e delirantes. Tentei abrir os olhos e outro gemido entrecortado escapou de minha garganta quando senti mãos fortes em minhas coxas, me abrindo, e uma língua macia e firme no meu clitóris.

- Ah... – Choringuei, finalmente saindo da minha dormência quando abri os olhos e vi que estava na cama sem calcinha, Theo no meio das minhas pernas fechando a boca no meu brotinho e sugando tão gostosamente que um prazer sem igual me varreu e golpeou forte.

Veio tudo de uma vez, o tesão e as emoções ferozes, a realidade de que ele estava ali me fazendo gemer e agarrar seus cabelos enquanto eu murmurava seu nome e me dava toda, feliz e aliviada por que ele finalmente veio, não me abandonou. Lágrimas pularam dos meus olhos, não mais de tristeza, mas de uma felicidade que era maior do que tudo.

Theo desceu a boca, lambendo minha boceta toda, metendo a língua dentro de mim, enlouquecendo-me. Estremeci e ondulei, debati-me em êxtase, quase morri de tanta excitação, principalmente quando abocanhou meu lábio vaginal de um lado e deu um daqueles chupões que me deixavam louca, gotejando, à beira de um prazer sem igual. Gritei rouca e tremi toda, minhas coxas em espasmos incontrolláveis.

Mas não se demorou ali. Subiu pelo meu corpo, afastando a camisola, beijando minha boceta e barriga, resvalando em meu corpo, vindo em cima de mim. Eu o olhei e abracei, adorando e exultando quando mordiscou meu seio e chupou forte meu mamilo esquerdo. Eu o busquei, tirei o quadril da cama e esfreguei minha

boceta em seu pau longo e ereto, já com o preservativo. Agarrei-o e o masturbei, levando a cabeça grande em minha abertura, precisando tanto da sua posse que não conseguia respirar nem me conter, tremendo, almejando, ansiando.

Ergueu-se mais e largou meu mamilo, seus olhos escurecidos na penumbra do quarto encontrando os meus, perturbadores, intensos, vorazes. E foi assim, me olhando tão duro e cheio de desejo, que investiu e me penetrou fundo e forte, de uma vez.

- Theo... – Arquejei em um arroubo, fora de mim, enlouquecida pelas emoções violentas e incontrolláveis, agarrando-o com força, como se fosse cair.

Ele me penetrou mais e mais em estocadas firmes e profundas, segurando-me também, uma de suas mãos se infiltrando entre meus cabelos, a outra em meu seio, seu olhar descendo do meu até meus lábios entreabertos, dizendo baixo e rouco:

- Não aguento ficar longe do seu corpo, do seu cheiro... nem da sua boca gostosa. – Foi uma confissão que ele não queria fazer, mas parecia abalado demais para se conter.

Lágrimas vieram aos meus olhos e acariciei seu rosto, sua barba, murmurei implorante, apaixonada:

- Então não fique longe. Me faça sua, agora e sempre... Não consigo viver sem você, Theo...

Eu vi a dor em seus olhos, em sua expressão. E chorei, pois aquela separação doía demais dentro de mim também.

- Me perdoa... – Disse num fio de voz e ele não respondeu. Só me segurou firme, entrou todo dentro de mim e me beijou na boca.

E aquele beijo disse mais do que mil palavras. Falou do nosso amor e separação, da dor que corroía e feria fundo, da saudade que matava lentamente. Falou da paixão que continuava apesar de tudo, que nos devorava em sua fome latente, em sua necessidade incontida. E nada podia diminuir aquilo, fingir tantos sentimentos, mascarar a realidade que era o fato de nos amarmos. Eu tive certeza de que meu amor não era único, mas não havia perdão e a dor da traição sujava tudo, contaminava, afastava.

Daquela vez foi muito mais do que sexo. Nossas emoções estavam à flor da pele, vivas e torturantes, ferindo, latejando, ao mesmo tempo exigindo alguma compensação, algum alívio. Precisávamos de um conforto e foi o que buscamos nos braços um do outro, despidos de tudo mais, apenas nos dando.

Seu corpo tomou o meu e meu corpo tomou o dele, nossas bocas foram apenas uma em um beijo amoroso e saudoso, de um tempo em que não precisávamos chorar. Eu o recebi e gozei em lágrimas. Foi ao mesmo tempo doce e desesperador e, quando gozou, gemeu rouco em um lamento, uma dor que me mostrou sua alma.

Nunca me senti tão viva e tão infeliz, por que eu causava aquilo, eu o perdia quando o queria tanto, sem saber mais o que fazer para provar que o amava, que nunca o faria sofrer novamente, que daria minha vida para ter o seu perdão.

Ficamos nos braços um dos outro e deslizei as mãos em seus cabelos e suas costas, aproveitando antes que me deixasse e voltasse a me olhar com ódio. E só naquele momento, em meio a tantos sentimentos que corriam dentro de mim, eu ouvi uma música triste e linda tocando ao fundo. Era antiga e pensei que fosse imaginação minha, mas vinha da televisão que tinha ficado ligada com os cliques.

*"(...)Is there someone you know
you're loving them so
but taking the mall for granted
You may lose them one day
someone takes them away
and they don't hear the words you long to say

I would give anything I own
Give up my life, my heart, my home
I would give everything I own
Just to have you back again
Just to touch you once again(...)"*
(*Everithing I Own – Tudo que eu possuo – Bread*)

*"(...)Há alguém que você conhece
Você o ama tanto
Mas o subestima
Você pode perdê-lo um dia
Alguém o leva embora
E ele não escuta as palavras que você deseja dizer

Eu daria tudo o que possuo
Daria minha vida, meu coração, minha casa
Eu daria tudo que eu possuo
Só pra tê-la de volta
Só para te tocar mais uma vez(...)"*

Eu não a entendi em inglês, mas a senti fundo, fazendo novas lágrimas virem aos meus olhos. Quando Theo enrijeceu, eu precisei de muita força de vontade para deixá-lo me largar, sabendo que nada o impediria. Quieta, o olhei sair de dentro e de cima de mim, calado, sem me olhar.

Fitei seu perfil anguloso com aquele nariz fino e arrogante, a ruga entre as sobrancelhas mais pronunciadas do que nunca. Olhei seus ombros largos, os músculos dos seus braços e peito, seu corpo que eu amava tanto quanto tudo dele. E senti o peito doer ao notar a pequena cicatriz de bala em seu ombro, que ajudei a colocar ali, assim como aquela sob seu olho. Eu deixava marcas nele, nos dedos que quebrou por minha causa. Como meu amor podia machucar tanto?

Não consegui parar de chorar. Theo me olhou ao se levantar, mas parecia contido demais, sem condições de dizer nada. Não era como das outras vezes, com ódio. Era pior. Era uma tristeza muda e aquilo doeu mais do que tudo.

Vestiu um short preto que estava no chão e me deu as costas, caminhando para a porta. E somente quando ele chegava lá, eu consegui murmurar o que falei para ele da última vez que estive dali:

- Eu te amo, Theo. E isso nunca vai mudar.
Ele abriu a porta e saiu.

THEO

Na quinta-feira eu trabalhei até ficar exausto, não parando nem para almoçar. Me tranquei no escritório e não quis falar com ninguém. Sentia-me na merda e aquilo era muito pior do que o ódio. Doía mais, feria tanto que minha vontade era só de sumir.

Em casa também não quis muita conversa. Jantei no quarto e fiquei na cama, quieto, cansado, sem querer pensar, mas sendo bombardeado por emoções e lembranças, por sentimentos demais. Eva não saía da minha cabeça e eu não sabia mais lidar com ela e com todas as emoções que despertava em mim.

Nem ao menos tinha visto Helena naquele dia e estava sem coragem de tê-la perto, embora morresse de saudades. Ela era um pedaço tão grande de nós, tão parecida com Eva! Lembrava-me tudo que eu queria e não podia ter: Minha esposa de volta, a felicidade que só conheci uma vez na vida, a família que ela me deu. Como ter tudo aquilo se foi baseado em uma mentira, se me enchia de dúvidas e desconfianças, se nem a sinceridade e o amor que eu via em seus olhos e sentia em seus beijos podia me convencer?

Tentei resistir as duas naquela noite, para me proteger. Eu não estava bem e foi uma luta ficar longe de Eva por quase duas noites. Eu lutei para conseguir, mas acabei saindo de madrugada do quarto e indo ao dela, vendo-a na cama, desejando-a mais do que era humanamente possível. E daquela vez não consegui me refugiar na raiva, só na dor e na saudade.

Queria me livrar de tudo aquilo, voltar a ser eu mesmo, mas como? Estava exausto demais naquele dia para saber. E muito sozinho.

Ficou tarde, a casa silenciosa e eu não conseguia dormir. Eu sentia falta de Helena. Sentia falta de Eva. Sentei na beira da cama e corri os dedos entre os cabelos, angustiada. E então me levantei, ainda de jeans e blusa preta amarrotada, descalço.

Disse a mim mesmo que não tocaria em Eva. Eu só ia vê-la e pegar um pouco a minha filha. Só matar a saudade para conseguir dormir.

Saí do quarto e fui para o de Eva. Passava da meia-noite, na certa as duas dormiam, o que seria melhor. Entrei lá e me surpreendi ao ver Eva de pé no meio do quarto, com Helena nos braços, segurando o celular contra a orelha e se debulhando em lágrimas. Meu coração quase parou.

- O que aconteceu, Eva?

- Theo! – Disse angustiada, correndo para mim nervosa, dizendo no atropelo: - Eu achei Helena quietinha demais, nem acordou para mamar e fui pegá-la agora. Está queimando em febre! Estava aqui tentando ligar para Tia. Temos que levá-la para o hospital.

- Calma. – Eu me aproximei mais e pus as mãos sobre a testa de Helena. Estava muito quente e ela parecia mole. Senti um baque por dentro, um pavor me dominar na hora. – Vamos agora. Coloque uma roupa e pegue as coisas dela. Vou pegar meus sapatos e documentos.

- Tá bom! Mas vamos logo, por favor! Não demora, estou apavorada, Theo.

E assim fizemos. Em questão de minutos saímos de casa e acionei os seguranças.

Acomodei Helena na cadeirinha de bebê no carro e Eva foi atrás com ela. Não acordamos os outros. E enquanto eu dirigia de madrugada em direção à Florada, dois carros de segurança nos seguiam.

- Ela estava assim durante o dia? – Perguntei, lançando um olhar a elas pelo retrovisor, nervoso.

- Não. Eu a achei meio enjoada, mas às vezes é manhosa. Não estava com febre. Só que não acordou meia noite para mamar, como sempre faz. E quando vi, estava assim! – Eva estava pálida, também nervosa.

- Calma, é só uma febre. Isso acontece com bebês. O médico vai examiná-la e medicá-la, e logo ela estará melhor.

Ela acenou com a cabeça, mas continuou apreensiva, pálida demais.

Se Tia estivesse ali poderia nos confortar melhor, era experiente, mas eu não quis acordá-la e preocupá-la.

Chegamos ao hospital e os seguranças nos seguiram discretamente para dentro. Estava vazio e na mesma hora Eva e Helena foram encaminhadas a um consultório, enquanto eu preenchia a ficha de entrada. Um dos seguranças a seguiu e parou na porta do consultório, embora eu pudesse vê-lo dali.

- Obrigada, senhor Falcão. – Disse a recepcionista, quando terminei tudo. – Pode se juntar à sua esposa lá dentro, se quiser.

Acenei com a cabeça e segui rapidamente para lá.

A porta estava entreaberta e, quando a abri mais, ouvi o jovem médico dizendo a Eva, enquanto examinava Helena só de fralda em uma maca no canto:

- Vejo que está muito nervosa, mas fique calma! Ela já está sendo atendida e logo estará melhor.

- Será que eu fiz algo errado pra ela ter tido essa febre, Doutor? Eu juro, eu tomo muito cuidado, quase não saímos de dentro do quarto, e o pouco que ficamos no ar livre, nunca pegamos vento. Nem contato com muitas pessoas nós temos.

- Não é culpa sua, mãe, isso é normal, só precisamos descobrir o porquê dela estar assim e dar o remedinho certo. Vou deixar meu cartão pra você com os meus números pessoais caso precise de qualquer coisa, digo qualquer coisa mesmo, não hesite em me ligar. Sou novo na cidade, e sei como é complicado ser sozinho, ainda mais com criança pequena e sendo uma mulher linda e mãe solteira.

Aquilo foi o cúmulo para mim, nem esperei a resposta de Eva. Depois do modo que eu me sentia e de toda preocupação com minha filha, ouvir aquele médico querendo dar uma de garanhão e todo prestativo pra cima de Eva foi demais. Entrei pisando duro e falei em tom autoritário:

- Ela não é mãe solteira e nem está sozinha. É minha mulher.

Tanto o médico quanto Eva me olharam, surpresos. O homem corou e gaguejou:

- Ah, sim... Des... desculpe o engano, eu só... Eu...

- Sou Theodoro Falcão. Acredito que já ouviu falar de mim.

Olhei-o como se o quisesse matar e o homem chegou a estremecer, arregalando os olhos:

- Sim, senhor... Já sim... Lamento. Só queria ajudar. – E se voltou rapidamente para Helena, corado, colocando o estetoscópio no ouvido e examinando seu peitinho. Parecia prestes a sair correndo ou se esconder embaixo da mesa.

Eva me encarava, mordendo o lábio inferior. Eu a fitei de cara feia, amarrada, quase explodindo de raiva e ciúme.

Porra, como podia culpar o rapaz? Mesmo de jeans e despenteada ela era linda demais, perfeita, parecia um anjo loiro e de olhos verdes. A mulher que qualquer homem desejaria.

O médico se concentrou totalmente em Helena, que mesmo acordada ficava quieta. Isso era o que mais assustava, pois se estivesse bem estaria birrenta, chorando, querendo atenção. E mesmo sem ter mamado, nem se rebelava.

Eu me aproximei mais e passei a mão na cabecinha dela, muito preocupado. O médico ficou ainda mais nervoso, esperando que eu o pegasse na porrada. Perguntei baixo, enquanto ele examinava a garganta dela:

- O que ela tem?

- Garganta inflamada. Não chega a estar infeccionada, mas bem vermelhinha e irritada. – Disse sem me olhar, dando logo distância e caminhando apressado para sua mesa, falando sobre o ombro: - Pode vesti-la.

Sentou-se e começou a escrever em uma receita, explicando:

- Isso ela pegou de alguém. Adultos não podem ficar beijando o rosto dela nem falando muito próximo, pois passam muitas bactérias e é muito novinha, ainda não tem anticorpos suficientes. Vou ter que passar um antibiótico, mas para poucos dias. Não é nada grave. Só medicá-la e continuar amamentando. Vou pedir para a enfermeira trazer um remédio para baixar a febre e deixar tudo prescrito para vocês.

Ao final, Helena berrou por que não queria tomar os remédios, mas Eva e a enfermeira acabaram conseguindo fazê-la tomar. Quase se esganou de tanto chorar e eu a peguei no colo, acalmando-a, falando baixo e carinhoso com ela, até que foi parando de chorar e ficou chupando sua chupeta, molinha.

- Ela vai ficar bem. – O médico assegurou, sem nem olhar mais na direção de Eva, forçando um sorriso para mim. – Foi um prazer conhecê-lo, senhor Falcão.

Eu apenas o encarei sério e na mesma hora piscou nervoso, desviou o olhar, foi correndo abrir a porta como se nos quisesse logo longe dali.

- Obrigada. – Disse Eva ao passar por ele.

- De nada, senhora Falcão. – Manteve os olhos baixos.

Eu não o cumprimentei ao sair, para deixá-lo mais nervoso e não sair por aí dando em cima e cantando a mulher dos outros.

Acomodei Helena no carro e Eva se sentou ao lado dela. Quando voltávamos para a fazenda, seguidos pelo segurança, eu indaguei irritado:

- Que porra foi aquela no hospital? Disse a ele que era mãe solteira?

- Eu não sei, não entendi nada também.

- Então como ele chegou a essa conclusão?

- Não sei, Theo. Tá achando que dei espaço pra isso? Será que não percebeu como estava preocupada com nossa filha? – Olhou-me pelo retrovisor. Parecia perturbada. – Mas no final das contas o médico está certo, não está? Nosso casamento vai ser anulado. Vou ser mãe solteira.

Eu me enchi de raiva, mas não retruquei. Imaginá-la solteira, livre, para que qualquer homem desse em cima e tendo o que era meu, e ainda por cima querer ocupar o espaço de pai na vida de Helena também me deixava furioso. E foi assim que dirigi de volta para casa.

Olhei para a estrada vazia à minha frente naquela madrugada e tudo que eu vinha sentindo naqueles dias e que ultrapassava a raiva me consumiu. Era uma agonia, uma angústia, uma sensação de que, por mais que eu fizesse, ia sair perdendo naquela história. Eu já tinha perdido a confiança. Depois as esperanças de que algo desse certo. E agora não tinha mais certeza de nada.

Não queria mais Eva na minha vida e ao mesmo tempo não me imaginava vivendo sem ela. Tentei por dois dias e quase morri. Como eu conseguiria a vida inteira? Arrancá-la de mim, afastá-la do

meu corpo e da minha convivência, saber que reconstruía sua vida longe, que outro homem poderia tê-la, tocá-la, fazer com ela tudo que eu queria tanto?

Era jovem e linda. Tinha uma vida pela frente. Mesmo que eu a denunciasse, o que eu sabia que não faria pelo menos pelo fato dela ser mãe da minha filha, Eva teria tempo de reconstruir a vida. Mas eu não. Por que sabia que nunca amaria ninguém como a amei, como ainda a amava apesar de tudo. Era como se eu já me sentisse morrer e essa sensação era pior que tudo. Eu me sentia sem escolhas. Preso, sofrendo, agonizando.

Chegamos lá cansados. Já passava de uma hora da manhã e todo mundo dormia. Entramos sem fazer barulho e o segurança que guardava o quarto de Eva nos cumprimentou. Eu entrei, levando Helena no colo, adormecida.

- Ela nem mamou. – Eva disse, preocupada.
- Veja se ela mama agora.
- Tá bom.

Ajeitou os travesseiros no espaldar da cama e sentou-se lá, abrindo os primeiros botões da camisa e baixando a alça do sutiã. Este estava molhado e ela disse baixinho:

- Está tão cheio que vazou de leite...

Eu fiquei imóvel, sem conseguir tirar os olhos do seio muito redondo que ela desnudava, marcado por veias azuladas. Senti o corpo reagir excitado, o desejo latejar dentro de mim. Fitou-me com aqueles grandes olhos verdes e me estendeu os braços. Só então me dei conta que era para entregar Helena a ela e o fiz.

Acomodou-a com cuidado e segurou o seio, roçando o mamilo avermelhado e pontudo nos lábios da bebê adormecida. Na mesma hora nossa filha se moveu e o abocanhou, mamando faminta.

Senti inveja dela, vontade de descer a outra alça do sutiã e sugar seu mamilo, esfomeado, excitado, no meu limite. Mas fiquei quieto, só olhando-as, admirando-as. Eva acariciou a penugem na cabeça de Helena e me olhou com um sorriso:

- A febre está cedendo. E se está mamando é por que está melhorando. Cada dia que passa eu fico mais encantada com nossa filha, ela é tão linda e tão perfeita, né Theo?

Aquele sorriso, aquela mulher, era minha perdição. Acenei com a cabeça, sem condições de falar, sem poder parar de olhar para ela. Dentro de mim tudo crescia e se torcia, desejo, paixão, mágoa, dor, tristeza, em uma miríade de sentimentos. Eva pareceu perceber, pois mordeu o lábio e me olhou do mesmo jeito. Murmurou:

- Hoje você pode ficar aqui? Tenho medo que ela passe mal de repente. Estou muito assustada ainda. Por favor.

Eu não podia ficar. Ia ser tentação demais. Mas era minha filha e eu não ficaria em paz longe dela. Caminhei até a poltrona e me sentei, dizendo apenas em um tom mais sério e inexpressivo que consegui:

- Eu fico.

Sua expressão mudou, se iluminou. Fitou-me com amor, carinho, esperança. E sorriu.

Não desviei o olhar. Não falei nada. E nem Eva. Olhamos um para o outro, tanta coisa entre nós, um abismo, mas também tanta coisa ainda nos ligando. Era impossível cortar aquele fio, me afastar dela de vez.

Terminou de amamentar Helena de um lado e tentou fazê-la mamar no outro seio, ainda cheio. Mas ela dormia profundamente e não pegou o mamilo. Eu me ergui e peguei nossa filha, para que arrotasse, o que fez logo. Eva se levantou ajustando a blusa, indo arrumar o berço. Eu a deitei lá de lado e a cobri com a manta, colocando a mão em sua testa, vendo que quase não tinha mais febre.

- Ela vai ficar boa. Mas tomei um susto tão grande! – Eva disse baixinho, ao meu lado, fechando o mosquitoieiro.

Seu cabelo roçava meu braço, seu perfume penetrava em minhas narinas, era difícil me concentrar em alguma coisa com ela ali naquele quarto comigo, com sua presença fazendo meu corpo doer e endurecer de tanto desejo. Virou-se para mim, também nervosa, dizendo:

- Meu seio está doendo muito, está cheio de leite.

E aquilo foi minha perdição. Olhei para ela, imaginei seu seio nu, senti meu pau latejar. As emoções me golpeavam todas ao

mesmo tempo. E não consegui mais lutar. Fui para mais perto, segurei seus pulsos com firmeza, vi como arquejou, deixando claro que queria aquilo tanto quanto eu. Perdi completamente a razão quando a puxei para mim e agarrei a barra da sua camiseta, tirando-a por sua cabeça.

- Tire o sutiã. – Falei entredentes, agoniado com tanto tesão. E já abria a sua calça.

Eva obedeceu. E em questão de segundos estava nua, lambendo os lábios, fitando-me com luxúria enquanto eu me despia também. Puxei-a para mim e agarrei seu cabelo, beijando-a na boca e sendo beijado de volta, ambos nus e colados, abraçados, arfantes.

Eu delirei. Andei assim pelo quarto, sem soltá-la, sem tirar minhas mãos dela, precisando muito daquilo, mais do que do ar para respirar. Eva gemeu, me segurou, me implorou com seu corpo e sua boca que não a deixasse. E eu podia morrer naquele momento que não poderia me afastar dela.

Sentei na cama e a puxei para cima de mim, montada de frente, nossos sexos se roçando, nossos ventres se colando. Ela estremeceu, correu as unhas por minhas costelas e costas, enfiou os dedos em meu cabelo, choramingou rebolando sobre mim, me deixando doido.

Apertei sua carne, me inebriei com seu cheiro, senti o desejo e o desespero em igual intensidade dentro de mim. Era uma fome que me devorava, uma necessidade premente não só de sexo, mas de Eva, enraizada em mim. Eu não podia falar, dizer como eu me sentia, dar a ela armas para usar contra mim. Eu guardava e amordaçava meu amor por que ele era perigoso e podia me matar, por que eu não devia estar ali com quem me traiu duramente, mas também não podia resistir.

Toquei seu seio e o senti quente, duro, inchado. Afastei os lábios e fitei os olhos dela, pesados, nublados de desejo. Parecia tão apaixonada, tão doida por mim, que por um momento vacilei, cansei de lutar tanto. E como se falasse só do seio cheio de leite e dolorido, eu murmurei:

- Vou cuidar de você Eva – E desci a cabeça para o mamilo em que Helena não tinha mamado, sugando-o forte, fazendo-a gritar

e tremer, me agarrando com volúpia.

Chupeei forte e contínuo, até que senti o leite na boca e suguei mais, esfomeado, descendo a mão entre nossos corpos e acariciando sua boceta, seu clitóris. Os sentimentos estavam aprisionados dentro de mim, mas soltei a paixão e o desejo, deixei que eles falassem mais do que eu podia e me permitia. Usei o sexo para extravasar algo mais profundo e dolorido.

- Ah, Theo... Theo... Que delícia

Delirou em êxtase e me buscou. Eu não aguentei mais e a fiz se acomodar sobre meu pau, entrando nela duro e grosso, já babando. Gritou e me agarrou, enquanto montava em mim e eu a comia, forte e fundo, sem parar de mamar em seu peito, me alimentando do seu corpo e do seu leite, enlouquecendo e deixando-a louca.

Com um dos braços em volta da sua cintura e o outro agarrando sua nuca, eu a fiz se inclinar para trás e suguei forte seu mamilo, todo enterrado dentro dela, seus gemidos como música para meus ouvidos, seus tremores e contrações sendo sentidos por mim, seu leite quente se derramando em minha língua. Eu enlouquecia, queria tudo dela, sua essência, seus sons, seu gosto, sua carne, sua alma. E nada para mim era o bastante, a necessidade só aumentava, exigia satisfação, ia além do corpo, consumia tudo.

Não demorou. Estávamos além de qualquer controle e eu a penetrava em estocadas longas e firmes. Ela se movia e se sacudia enlouquecida ajoelhada ao lado dos meus quadris, encontrando minhas estocadas no meio do caminho, ondulando e choramingando agarrada em meu cabelo. E logo se sacudia em um gozo longo, feroz, furioso.

Ainda tentei me segurar, consegui me lembrar que estava sem preservativo e a deixei se acabar, antes de puxar meu pau para fora, pressionado entre nossos corpos, jorrando esperma em sua barriga. Gemi rouco em seu mamilo e senti o leite na língua, saindo também, inundando-me junto com o prazer embriagante.

Eu a abracei quando acabou. Era mais forte que eu, uma dependência absurda. Como fingir que era só sexo se eu precisava daquilo, do contato, de saber que estava perto, que eu poderia tocá-

la e cheirá-la quando não tivesse forças o bastante para resistir? Fechei os olhos contra seu pescoço, senti suas mãos em minha cabeça, seus beijos perto da orelha, sua respiração entrecortada junto a mim.

Nunca me senti tão desolado. Por um momento, não me senti um homem, só um garoto. Emocionalmente eu era assim. Não sabia lidar com tudo aquilo, com meu ódio, minha decepção, meu amor e minha necessidade. Não sabia lidar com Eva.

- Theo... – Murmurou carinhosa, passando as mãos em mim, apertando-me, seu tom implorante, como se também precisasse de mais. Empurrou-me para trás, ainda por cima, erguendo a cabeça e buscando meus olhos. Desabamos na cama e ela não me largou, agarrada, beijando meu queixo, meu rosto, meus lábios, suplicando:

- Fica aqui, Theo, por favor...

Eu podia dizer que era por Helena e em parte não mentiria. Mas enquanto Eva me segurava em desespero e me beijava, eu fitei o teto branco do quarto e admiti a mim mesmo que estava cansado demais para lutar naquela noite. Os sentimentos e as emoções me venciam em sua luta inglória e segurei-a com as mãos espalmadas em sua cintura, tentando empurrá-la, me livrar do seu domínio, mas precisando demais que alguém cuidasse de mim. Que Eva me desse o conforto que eu precisava tanto.

E como se sentisse que eu não sairia dali, ela beijou minha orelha e murmurou em meu ouvido:

- Eu te amo demais, Theo. E isso nunca vai mudar.

Eva podia repetir aquilo sempre, mas como eu ia acreditar?

Não respondi. Fechei os olhos e não a soltei.

Foi a primeira vez em mais de um mês, desde que soube quem ela era, que dormimos juntos. E foi a primeira noite que dormi em paz, com Eva nos meus braços.

CAPÍTULO 11

EVA

Não havia palavras para descrever o que senti por Theo ter ficado comigo na cama naquela noite. E mesmo exausta, eu não preguei os olhos. Eu fiquei deitada, abraçando-o, olhando-o enquanto dormia. Eu gravava ainda mais seus traços, temia nunca mais poder estar assim com ele, já me machucava de saudade.

Passava os dedos por sua barba macia e aparada, seus traços angulosos e rígidos, sua boca carnuda e bem feita. Aspirava seu cheiro, cuidadosa para não acordá-lo e fazer com que saísse dali. E agradecia a Deus por aquele momento, pelas pequenas conquistas, esperançosa de que o tempo agisse a meu favor, que ele visse o quanto era amado e adorado, que me enxergasse por dentro.

Eu me erguia devagar e ia até Helena, confirmando que estava bem e sem febre. Fiquei assim até que coloquei a cabeça no ombro de Theo e me senti tão bem, tão no meu lugar, que acabei pegando no sono.

Acordei de manhã bem cedo, com ela chorando. Sentei assustada, a cama vazia, o coração disparado. Levantei de um pulo, lamentando que Theo não estivesse mais ali, correndo para ver minha filha. Não estava com febre e achei que fosse fome.

- Vem com a mamãe, amor... – Murmurei, segurando-a, levando-a para a cama para amamentá-la.

E enquanto o fazia, eu a acariciava contra mim e olhava o lençol amarfanhado, o travesseiro marcado pela presença de Theo, sentindo-o ainda ali.

Sorri para Helena e disse baixinho:

- Papai vai voltar pra gente, querida. Você vai ver...

Podia ser loucura acreditar naquilo, sabendo como Theo era duro e genioso. Mas eu sentia que havia uma esperança. Ele demonstrava que ainda me desejava, que ainda sentia ciúmes, não

resistia o quanto pensei que faria. E eu estava decidida a usar todas as armas para conquistá-lo e mostrar o meu amor.

Antes de ir para o trabalho, ele entrou no quarto todo elegante e lindo em um terno grafite, cabelos penteados para trás, barba aparada. Eu o olhei apaixonada, mas recebi um olhar seco de volta. Estava acompanhado por Tia e me contive, temendo em minhas esperanças, enquanto terminava de fechar a roupa de Helena na cama, após trocar sua fralda.

- O que houve com a minha bichinha? – Tia disse toda preocupada, sentando na beira da cama, se inclinando para beijar a barriga dela, que estava acordada e sacudiu as perninhas. – Está melhor?

- Teve febre de novo? – Indagou Theo, frio, como se não tivesse passado a noite comigo.

- Sim, mas já a mediquei. – Eu tinha acabado de dar o remédio dela.

Acenou com a cabeça, olhando para Helena. Quando se abaixou para acariciá-la, senti o seu perfume, mais uma vez me dei conta de como era bonito e másculo. Não pude tirar os olhos dele, pensando como seria se um dia realmente me expulsasse dali, não quisesse mais nenhum contato comigo. Desesperada, indaguei a mim mesma como poderia sobreviver.

- Deve estar cansada. – Tia disse para mim. – Se quiser dormir um pouco, fico com ela.

- Estou bem. – Menti, pois me sentia agoniada, doida para ficar mais tempo com Theo, afastar aquela frieza.

Ele pegou Helena com cuidado, acomodando-a nos braços, sua expressão se desanuviando ao olhar para ela, um sorriso se desenhando em seus lábios. Era incrível como era carinhoso, apaixonado, como se derretia perto da filha. Mordi os lábios, apaixonada também pelos dois.

Brincou um pouco com ela e então tornou a me fitar. Ainda havia um resquício de carinho em sua expressão e fingi que era para mim. Mas sua voz saiu seca:

- Se ela piorar, ligue para mim.

- Tá. – Acenei com a cabeça.

- Hoje as babás que contratei começam a trabalhar e podem ajudar você.

- Eu ficarei aqui também, se precisarem de mim. – Garantiu Tia.

No fim, beijou Helena no alto da cabeça, disse algo baixinho para ela e veio para a cama. Não a deu para mim, como se não quisesse me tocar nem chegar perto de mim.

A entregou para Tia e voltou a afirmar:

- Não deixem de me ligar se ela tiver qualquer coisa.

- Vá trabalhar despreocupado. – Tia sorriu. – Vai ter um batalhão aqui para cuidar da sua menina.

Theo sorriu e beijou a senhora no rosto. Para mim, só um olhar sério. Então, deu-nos as costas e saiu do quarto, deixando-me com saudade e tristeza. As coisas iam ser mesmo muito difíceis.

- Não fique assim. – Disse Tia.

- Estou bem. – Forcei um sorriso.

- Eu soube que Theo passou a noite aqui.

- Sim, por Helena.

- Hahã... – Sorriu e piscou um olho. – E por você. Não vê que ainda a ama? E que aos poucos cede mais?

- Ele me olha com tanta raiva ainda... – Desabafei, com um bolo na garganta.

- Vai passar. O tempo é o melhor remédio para tudo, Eva. E vocês tem uma forte aliada.

- Quem?

Tia deu uma risada e inclinou a cabeça para Helena em seu colo, comentando:

- Essa espertinha aqui vai unir mais vocês.

Acabei sorrindo e olhando para minha filha cheia de amor.

As coisas foram se acomodando naquele dia.

De manhã fui pegar um sol com Helena no jardim e Tia me fez companhia. Depois Gabi chegou com Caio e ficou toda preocupada ao saber da febre da sobrinha, que felizmente foi se espaçando e cedendo durante o dia.

A babá chegou e nos foi apresentada. Era uma mulher robusta de quarenta anos, mulata, cabelos curtos, um belo sorriso aberto, que tinha quatro filhos e dizia adorar crianças. Seu nome era Hilda e trabalharia na casa de segunda à sexta durante o dia.

Gostei dela e Gabi também. Nos fez companhia, cuidou de Helena e de Caio, enquanto Tia ia fazer suas coisas e logo agradava a babá e a conquistava trazendo um pedaço de seus bolos deliciosos.

Joaquim, Heitor e Pedro vieram ver Helena e a pegaram no colo, preocupados e cheios de mimos. Eu só sorria, imaginando como ela teria todos aqueles homens nas mãos, fazendo-os de gato e sapato.

Foi um dia bom, onde parte da minha angústia passou, ainda mais por ver Helena melhorando.

À noite chegou a outra babá contratada. Era magrinha, pequena, morena clara com cabelos castanhos compridos presos em uma trança, rosto atraente. Sorria e era simpática, disse que tinha 24 anos e gostava muito de crianças, que seu sonho era morar na capital e cursar pediatria, mas ainda não tinha tido condições. Gostei dela e Gabi também.

Prontificou-se a revezar com Helena e Caio, mas Gabi me disse que Theo ia contratar duas babás para a noite, mas ela não quis. Caio dormia bem e não dava trabalho. E como Helena estava doentinha, precisaria mais. No entanto, Cássia, a babá, disse que estaria à disposição dela também.

Ficou brincando com Helena no quarto enquanto eu ia tomar banho. Quando saí de lá, vi Cássia toda corada e nervosa e entendi o motivo. Theo estava lá, lindo de jeans e camisa polo cor de vinho, com a filha no colo. A moça o espiava com evidente admiração e não pude culpá-la, mas fiquei com ciúmes.

Theo me olhou de cima abaixo, para a camisola branca que me cobria, sério. O clima pareceu esquentar entre nós, a energia pulsando, tudo se tornando mais intenso e perturbador.

- Como ela está? – Perguntou baixo.

- Bem. Quase não tem mais febre.

Ele acenou com a cabeça.

- Vou ficar um pouco com Helena lá embaixo enquanto a Cássia janta. Depois ela a traz de volta.

- Tá. – Tive vontade de pedir que ficasse ali, para estar com os dois. Mas sabia que não adiantaria nada. Assim só o olhei, saudosa, mordendo o lábio.

Theo saiu com Helena e a babá os seguiu. Eu perambulei pelo quarto e fui olhar a noite pela janela, sentindo-me muito sozinha.

Foram duas horas lá e o tempo se arrastou dolorosamente. Não consegui me concentrar em nada, nem ler ou ver televisão. Tia pediu para uma empregada trazer meu jantar e só belisquei, forçando-me a comer só por que amamentava, mas sem fome nenhuma. Depois escovei os dentes e continuei sozinha.

Quando a porta abriu, meu coração disparou. Mas não era Theo e sim Cássia com Helena no colo. A moça sorriu para mim e comentou:

- Tem alguém aqui que quer mamar.

Minha filha já se esgoelava de tanto chorar. Eu a peguei rapidamente e a babá puxou conversa, simpática, elogiando a fazenda e a família. Explicou que era a mais velha de uma família grande e sempre cuidou dos irmãos, por isso tinha experiência. Não morava em Florada, mas em Pedrosa. E estava juntando dinheiro do trabalho como babá para se mudar para Belo Horizonte, estudar, ter mais chances de um emprego melhor.

Conversamos banalidades e Helena já tinha arrotado e adormecido quando a porta abriu de novo. Daquela vez meu coração disparou com razão. Passava das onze horas da noite e era Theo.

Olhou-me com aquele jeito sério e então se dirigiu à Cássia:

- Leve Helena até o quarto dela, aquele que a Tia te mostrou. Cuide dela lá. Depois a chamo.

- Sim, senhor. – Rapidamente a moça veio até mim e pegou Helena. Eu a entreguei e murmurei:

- Se ela tiver febre ou precisar de algo, avise.

- Pode deixar, vou cuidar dela direitinho. – Garantiu sorrindo.

Então se despediu e saiu com ela do quarto.

Eu e Theo nos olhamos.

Senti-me muito nervosa, de pé perto da cama, tremendo de ansiedade, desejo e saudade.

- Theo, eu...

- Não quero conversar, Eva. – E como a comprovar, segurou a blusa polo e a arrancou pela cabeça. Não parecia com raiva, mas seus olhos ardiam, algo o preocupava.

Eu sabia o que ele queria. Sexo. Mas eu queria muito mais. No entanto, desejava-o e sentia falta dele, tomaria tudo que me desse e lutaria por mais. E enquanto abria a calça, eu me aproximei dele e disse baixinho:

- Adorei você ter dormido comigo de madrugada.

- Foi por Helena.

- Fique hoje também.

- Não.

Seu tom duro não me desanimou. Parei perto, olhei-o com fome, não disfarcei tudo o que eu sentia. E murmurei:

- Eu quero tudo que puder me dar, Theo. Um olhar, um toque, qualquer migalha para diminuir a falta que sinto de você.

- Já falei que não quero conversar. – Estava irritado e na mesma hora levei as mãos ao seu peito e o acariciei, colando-me a ele, murmurando:

- Faça o que quiser comigo.

Seu olhar mudou, ardeu em pura necessidade, suas mãos subiram para me segurar. E fez.

Ele me devorou e nem chegou até a cama. Nós nos beijamos e acariciamos em volúpia e paixão. Penetrou-me de pé, pressionada contra a parede com minhas mãos e meu rosto espalmados sobre ela enquanto me comia por trás. Foi duro, bruto, seco. Se queria provar que era só sexo, não conseguiu. Pois mesmo daquela maneira os sentimentos extravasavam, os toques eram de posse, os gemidos roucos de necessidade e paixão.

Como sempre, foi delicioso, uma entrega de corpo e alma, uma luxúria avassaladora. Gozamos e ele usou preservativo.

Quando acabou, afastou-se de mim, foi se vestir. Ainda nua, eu o abracei pelas costas e pedi baixinho, enquanto se enrijecia:

- Fique.

- Não.

E me deixou, enfiando sua camisa, caminhando para a porta e dizendo sobre os ombros com uma indiferença que me magoou:

- Vou mandar a babá voltar.

- Theo.

Ele abriu a porta, mas eu disse assim mesmo:

- Eu amo você. E isso nunca vai mudar.

Não olhou para trás nem parou. Saiu e fechou a porta, brusco.

Eu mordi o lábio e respirei fundo, indo para o banheiro. Não chorei, mas senti um misto de esperança e decepção. Ele não queria me dar chance nenhuma. E quando eu pensava que se aproximava, dava um jeito de se afastar mais.

Quando Cássia voltou, acomodou Helena no berço e fui conferir se estava tudo bem e se a febre tinha cedido mesmo. Felizmente ela dormia tranquila e relaxada, saudável.

Havia um sofá fofo perto do berço e Cássia garantiu que ficaria bem ali, já que eu ainda não me sentia preparada para deixar minha filha dormir longe de mim em outro quarto. Preparamos o sofá com lençol, travesseiros e edredons e a moça se acomodou.

Eu voltei à cama, pensando que não havia necessidade de uma babá durante a noite, mas sabendo por que Theo a contratou. Para ter alguém com Helena quando ele quisesse vir de madrugada.

Cássia deitou-se e ficou mexendo no celular, dizendo que era viciada em Facebook e Whatsapp, que quase não dormia pois preferia entrar ali de noite e bater papo. Eu sorri, dei boa noite e me acomodei na cama. Para poder fechar os olhos e rememorar várias vezes meus momentos com Theo, meu corpo incendiado, guardando a presença do dele.

Acabei pegando no sono e acordei três horas depois com Cássia me chamando e me dando Helena para mamar. Depois, ela trocou sua fralda, colocou para arrotar e a arrumou no berço. Consegui relaxar e dormi de novo.

Pouco antes das sete da manhã levantei e a babá já sorria, desperta, aprontando-se para ir embora. Seu horário tinha terminado.

Mais um dia se iniciava e com ele todas as minhas esperanças.

THEO

Uma semana se passou e o mês de novembro se aproximava do fim. O calor estava forte naqueles dias e na Falcão os negócios se expandiam cada vez mais. Precisei fazer uma viagem rápida a São Paulo para fechar um contrato importante e ficar 24 horas longe de Helena foi um sacrifício. E se eu fosse sincero comigo mesmo, admitiria que ficar longe de Eva também.

Nós tínhamos criado uma espécie de rotina, que me saciava e ao mesmo tempo me deixava cada vez mais preocupado, pois se tornava uma dependência em minha vida. Eu ia ao quarto dela toda noite. A babá já até sabia e ficava no outro quarto com Helena. E quando eu entrava, Eva estava sempre linda e ansiosa me esperando.

Era uma loucura e eu tinha raiva de mim mesmo por aquela fraqueza. Tentei resistir uma ou duas vezes, briguei comigo mesmo, mas sentia uma falta absurda dela. E embora parecesse que era só sexo, que só havia aquilo entre nós, era mais, muito mais.

Aqueles momentos traziam a desculpa e a oportunidade para tocar seus cabelos, cheirar sua pele, beijar sua boca. Ouvir sua voz, fitar todas as emoções em seus olhos e poder abraçá-la. Por que eu passava meus dias faminto e só me alimentava quando a tinha contra mim, só então eu era eu mesmo em minha essência. E isso era pior do que um vício, eu me sentia um drogado, precisando da sua dose para sobreviver.

Muitas vezes pensei em ir ao clube, tentei me imaginar com outras mulheres, voltar a ser eu mesmo. Mas o Theo do passado parecia ter ficado em alguma parte do caminho. Eu estava completamente obcecado em Eva, apaixonado por Helena, com elas na cabeça o tempo todo. Ficava assustado com tamanha loucura,

por meu mundo girar em torno delas, por nem minha decepção e minhas desconfianças serem fortes o bastante para me conter.

Na cama, quando pegava Eva, eu intercalava momentos de ódio e amor. Tinha dias que eu só queria beijá-la por inteiro e sentir sua boca no meu pau, no meu corpo. Passávamos horas na cama entre beijos e carícias, suados e arfantes, enquanto eu ouvia suas doces declarações de amor e fingia ignorar, mesmo com meu coração batendo forte e minha alma parecendo alcançar locais nunca antes encontrados.

Outras vezes eu estava agoniado, irritado por que meus irmãos e Tia me davam sorrisinhos, como se soubessem que eu era um tolo apaixonado e que não resistia à Eva. Uma vez encontrei Pedro quando saía do quarto dela de madrugada, no corredor. O segurança apenas observou enquanto meu irmão passava com um sorriso debochado e comentava:

- Divertindo-se, hein?

Fiquei irritado, furioso, mas deixei passar. Outra vez foi Tia e Gabi, cheias de sorrisinhos quando me viram sair da sala e dizer que ia me recolher, como se pensassem: "Lá vai ele comer na mão da Eva". Isso me enlouquecia e eu chegava cada vez mais ao meu limite.

Nessas vezes, era bruto com ela. Meu instinto animal e violento vinha à tona e eu espancava sua bunda, a enchia de mordidas e chupões, amarrava seus pulsos na cama e a fodia sem dó, onde eu quisesse. Mas nessas ocasiões eu ainda mantinha controle sobre a minha raiva, não extrapolava um limite que sabia que ela não aguentaria. E mesmo sendo um brutamontes, Eva me olhava com paixão, gemia e gozava, tanto que meus orgasmos eram sempre monumentais só de assistir aos dela. Deixava-me fazer tudo o que eu quisesse e isso só me enlouquecia ainda mais.

Era uma relação que capengava entre tantas dúvidas e sentimentos contraditórios. Por isso achei que a viagem viria a calhar e peguei meu jatinho para São Paulo. Mas passei o dia e a noite lá como um viciado privado de sua droga. Não tive paz nem dormi direito. Quase morri de tanta saudade.

Voltar à Fazenda naquele sábado, parar meu carro em frente ao casarão e saber que eu veria minha filha e poderia rever Eva, deixou-me mais feliz do que eu poderia supor. Entrei e era como voltar após anos de distância, privado da minha vida, do que me fazia feliz.

- Theo! – Gabi me cumprimentou sorrindo, descendo a escada com Joaquim, que trazia Caio no colo. – Como foi a viagem?

- Tudo tranquilo.

- Fechou o negócio? – Indagou meu irmão.

- Sim. – Eu me inclinei e deposei um beijo sobre a cabeça de Caio, coberta por uma touca. Ele dormia serenamente.

- Chegou bem na hora do almoço. Está todo mundo na sala de jantar. – Gabi ficou meio indecisa quando eles vieram perto de mim e explicou: - Nós pensamos que só voltaria mais tarde e Tia chamou Eva para almoçar com a gente. Ela e Helena estão lá. Mas se você...

- Tudo bem, Gabi. – Eu não disse o quanto estava ansioso para vê-las. – Vou lavar as mãos e já me junto a vocês.

- Certo. – Ela sorriu.

Eu fui ao banheiro, só para ganhar tempo, lavando as mãos e me olhando no espelho bem sério, tentando estar seguro e controlado quando fosse para a sala de jantar. A saudade me corroía. E eu abria mais uma brecha em minhas decisões: ia permitir que estivesse comigo e minha família ao mesmo tempo na hora das refeições, como não acontecia há quase dois meses.

Enquanto eu ia para a sala de jantar, meu lado racional me avisou que eu estava cada vez mais sendo dominado, abrindo espaços para Eva ocupar. E decidi ficar mais alerta, deixar que os sentimentos e desejos não me abrandassem. Eu tinha que ter em mente a traição de Eva e que a mãe dela ainda estava à solta, talvez esperando uma dica da filha para me pegar. Eu podia estar caindo em uma armadilha. Além disso, tinha sido enganado. Isso podia acontecer de novo.

Irritação e saudade duelaram dentro de mim, mas segui como se fosse o dono do mundo, decidido, aparentemente calmo, como se nada me incomodasse. E foi assim que entrei na sala de jantar.

Estava todo mundo da casa lá. Mas meu olhar seguiu direto para Eva, sentada em uma ponta, com o carrinho de Helena a seu lado. Ela já parecia ansiosa e seu olhar mudou quando encontrou o meu. Foi como se uma corrente elétrica corresse pela sala, fazendo o ar esquentar e estalar. Eu reagi de imediato e vi quando prendeu a respiração e entreabriu os lábios, corando, afetada a me ver.

- Boa tarde. – Falei baixo.

- Theo... – Enquanto os outros me cumprimentavam, eu caminhei até a ponta oposta ao meu pai e sentei ao lado de Eva, virando-me de imediato para ver a minha filha no carrinho.

Helena dormia serenamente, linda em um macacão branco e touca rosa, parecendo um anjo. Meu peito se encheu de amor e de saudade e eu a acaricie com carinho na bochecha, minha mão enorme em seu rosto. Finalmente me senti inteiro, ali com ela e minha família, na minha casa. Com Eva.

- Ela sentiu sua falta. – Disse Eva, baixinho, fazendo-me olhá-la.

Tinha falado com emoção contida e seus olhos pareciam dizer: “EU senti a sua falta”.

O ar pulsava entre nós, denso, pesado, saudoso. Retruquei secamente:

- Helena ficou bem?

- Chorou bastante. Mas de resto, ficou bem.

Acenei com a cabeça e aceitei uma bandeja de salada que Tia me entregou, ignorando Eva a partir dali.

O almoço foi animado, Heitor e Pedro se divertiam contando alguns casos engraçados, Joaquim se metia para rir e falar também, meu pai rosnava, Tia e a enfermeira Margarida falavam sobre receita, Gabi puxava assunto com Eva. Eu respondia quando era solicitado, mas em geral ficava na minha, comendo, lutando para não reparar em cada respiração de Eva ao meu lado.

Ela não disfarçava tanto. Sentia seus olhares, notava seu nervosismo, o modo como parecia ligada em mim o tempo todo. E então eu não aguentava e olhava para ela. Ficavam patentes as emoções e sentimentos que corriam entre nós e, naqueles momentos, como em muitos outros, eu sentia que não era falso.

Nunca era falso o modo como parecia apaixonada, fissurada em mim, do mesmo jeito que eu era nela.

Não podia acreditar em seu amor, não depois do que fez. Mas tinha momentos que era difícil manter minhas certezas, pois me sentia amado, adorado, desejado com intensidade e plenitude. Não dava para uma pessoa fingir tanto. Só se Eva fosse uma atriz espetacular. Eram muitas dúvidas me remoendo e abalando.

Ficou patente o que acontecia entre nós, nossa incapacidade de participar do resto da conversa e se desligar um do outro. E reparei que minha família notava, nos lançava olhares de riso, como de Pedro, ou esperançosos, como de Tia e Gabi. Eu me sentia um inseto analisado em um laboratório, incomodado, querendo cada vez mostrar mais uma coisa que eu não sentia. Até que estava nervoso, com raiva de mim mesmo por ser transparente, por não conseguir disfarçar o quanto Eva me abalava.

Felizmente o almoço acabou e eu entendi o que todos deviam estar pensando. Que eu aos poucos perdoava Eva e a deixava voltar à minha vida. Sentia-me um idiota e me arrependi por tê-la deixado almoçar ali com a gente, quando já tinha avisado que não queria cruzar com ela quando eu estivesse na casa. Só quando eu a procurasse.

Irritado, me levantei e me inclinei sobre Helena, morto de saudade de senti-la e cheirá-la. Peguei-a no colo com cuidado para não acordá-la e consegui me acalmar um pouco.

Os outros falavam entre si. Eva se ergueu também e perguntou a mim:

- Como foi sua viagem?

Eu a olhei bem sério. E indaguei entredentes:

- Por que quer saber?

- Senti sua falta. – Murmurou, como se fosse só para eu ouvir, seus olhos cheios de emoção.

Não teve como não me abalar. Senti-me acuado, nervoso, cheio de dúvidas. Quis sair de perto dela, do feitiço que parecia jogar sobre mim, da vontade de puxá-la para meus braços e tê-la junto a mim como eu fazia com Helena. Mas me contive, travei, me afastei.

- Aonde você vai?
- Dar uma volta com minha filha.
- Theo...
- Fique aí. – Falei seco, puto.

Precisava de espaço, de um lugar longe dela onde pudesse me controlar e voltar a ser eu mesmo. Assim, saí da sala de jantar com minha filha e fui caminhar com ela no colo, na varanda, acariciando-a com cuidado para não acordá-la, admirando-a cheio de amor. Era só nela que eu devia me concentrar.

Depois sentei no sofá, apoiei-a contra o peito e olhei as terras lá fora, pensativo, apenas deixando meus sentimentos e preocupações extravasarem. Não demorou muito, Heitor apareceu, sentou na murada da varanda e perguntou como foram os negócios na viagem. Logo Pedro e Joaquim também vieram e conversamos sobre como a Falcão prosperava cada vez mais. Éramos um dos maiores exportadores de carne do país e de vendedores de sêmen de touros premiados. Naquela parte, tudo andava de vento em popa e trabalho nunca faltava.

- Micah tem ajudado muito. – Falei e meus irmãos concordaram. Joaquim completou, animado:

- Quem sabe ele goste daqui e resolva ficar de vez.

- Acho difícil. – Opinou Heitor. – Tem o trabalho dele na ABIN. E não parece o tipo de gostar de ficar em um lugar só.

Não estendemos muito o assunto em casa, pois nosso pai não sabia ainda que Micah estava na cidade.

Quando Tia e Gabi se juntaram a nós na varanda, entendi que Eva tinha se recolhido a seu quarto, na certa sabendo das minhas regras. Almoçar comigo na mesma mesa já tinha sido uma quebra naquilo.

Foi uma tarde agradável e quando Helena acordou berrando, eu sorri, falei com ela. Olhou-me concentrada, prestando atenção na minha voz, seus olhos a coisa mais linda de se ver. Mas depois de um tempo voltou a gritar e, rindo, Tia a levou para mamar.

Aquela noite de sábado ia adentro e eu lutava para resistir ao máximo e não procurar Eva, embora soubesse que era uma luta

perdida. Só esperava a casa silenciar para ir ao quarto dela e matar aquela necessidade que me devorava vivo, como se uma parte de mim faltasse.

Finalmente tudo se aquietou e saí do quarto, ansioso, nervoso, tendo certeza de que ela me esperava. Quando abri a porta e entrei, vi Cássia, a babá da noite, com Helena no colo. A moça ficou corada e na mesma hora se tocou que era para sair.

- Com licença. – Passou a meu lado com minha filha adormecida, enquanto eu mantinha a porta aberta para ela passar e depois a fechava.

Eva estava sentada na poltrona e parei ao dar com ela.

Estava ainda mais linda, como se fosse possível. Deslumbrante. E fiquei encantado, alucinado, doido ao vê-la com os cabelos soltos e brilhantes, um vivo batom vermelho, olhos maquiados e uma camisola vermelha na cor de sangue, com decote pronunciado, renda colada nos seios redondos e curta. Para completar, delicadas sandálias vermelhas de salto.

Meu coração disparava, meu pau já estava completamente ereto. A fome que me consumia era devoradora, estonteante.

Conscientemente eu soube que estava pronta para me seduzir, me dar o golpe final, mas mesmo assim não pude resistir. Vi suas unhas pintadas de vermelho, sua boca rubra e o animal dentro de mim rugiu, tomou-me violentamente. Mas não avancei. Tentei me conter, respirar, não a atacar como eu queria.

Eva se levantou, lambendo os lábios, vindo para perto como se soubesse como eu estava e que lutava uma batalha perdida. Tive muita raiva do seu poder sobre mim e ao mesmo tempo soube que não havia muito o que fazer. Eu era louco por ela e aquilo era um fato, uma realidade.

Seus olhos verdes brilharam emocionados quando parou à minha frente e falou baixinho:

- Eu quase morri longe de você, Theo.

Não quis acreditar, mas como negar tudo aquilo que extravasava dela como uma energia viva e pura, que me tocava por espelhar o que eu mesmo sentia? Nem pude pensar ou reagir, nem mesmo tentar disfarçar como me abalava, pois já levava as suas

mãos sobre a minha blusa e as subia por meu peito, colando-se em mim, ficando na ponta dos pés para cobrir meus lábios com os seus.

Senti que tudo dentro de mim gritava, crescia, se expandia sem controle. Agarrei sua nuca e sua cintura, puxei-a forte para mim e a beijei apaixonado, finalmente encontrando meu lugar ao sentir seu gosto em minha língua e seu cheiro em minhas narinas. Era só aquilo que eu precisava para viver, para não penar pelo mundo como um cachorro abandonado.

Encontrei sua língua e a fiz minha, a lambi e chupei, a envolvi, ao mesmo tempo que sentia cada palmo de sua pele junto a mim e meu coração batia descompassado, alterado, nervoso como eu. Era uma sensação única e inexplicável de saber onde era o seu lugar no mundo e o meu era ali.

Eva me agarrou e apalpou, sôfrega, mãos em meu pescoço e cabelo, meus ombros e peito, minhas costas, gemendo, choramingando, pedindo, exigindo.

Nós nos beijamos e tocamos como se o mundo fosse acabar e aquele fosse nosso último encontro. Aquela sensação era premente, parecia refletir o limite em que vivíamos, a necessidade guerreando com a realidade.

Mais uma vez meu lado racional tentou reagir, me alertar de que ela me vencia, me dominava, mas o meu emocional era incontrolável e gritava mais alto, exigia que eu a tivesse, sabia que eu morreria se ficasse longe. Era uma luta realmente perdida.

- Como eu te amo... – Sussurrou entre beijos, esfomeada, segurando a barra da minha blusa e puxando-a para cima. Eu a ajudei e tirei-a por sobre a cabeça, erguendo os braços. E enquanto o fazia, Eva acariciava e beijava meu peito com desejo.

Antes que eu me desse conta e pudesse abaixar os braços, subia a língua pelas linhas das costelas até minha axila, esfregando o nariz ali, beijando-me sobre os pelos, lambendo-me como se sua fome fosse perversa, a deixasse fora de si. E suas mãos agarravam meus bíceps, tentando me manter assim para continuar me cheirando e lambendo, se inebriando comigo.

- Porra... – Deixei escapar, excitado, meu pau quase explodindo dentro da calça, meu corpo todo entrando em combustão

instantânea. Então agarrei seu cabelo e a trouxe para mim, fitando dentro de seus olhos, indagando rouco: - Quer me enlouquecer, coel...

Calei-me antes que eu completasse a palavra, chocado. Tinha sido tão natural tê-la nos braços que quase a chamei de Coelhinha, como eu sempre fazia antes de descobrir sua traição. Fiquei imóvel e os olhos dela brilharam, sua mão acariciou minha barba, a voz saiu baixa e suplicante:

- Sempre vou ser sua coelhinha, Theo. Sempre.

- Não. – Rosnei, uma dor excruciante apertando meu peito, a razão me fazendo completar: - Nunca mais.

- Theo, por mais que não acredite em mim e que nunca me perdoe, eu sempre vou amar você e isso não muda. Sou sua coelhinha. Sou sua e só sua. – E repetiu o que dizia a cada vez que eu ia ao seu quarto e já se tornava um mantra: - Eu te amo. E isso nunca vai mudar.

Olhei dentro de seus olhos, sabendo que eu perdia feio aquela batalha. Tive muito medo que meu ódio cedesse, que meu amor me fizesse perdoá-la, por que no fundo eu sempre teria dúvidas, eu não poderia mais confiar nela. E naquele exato momento, o celular em meu bolso da calça começou a tocar.

- Não atenda... – Pediu, sedutora, indo beijar minha boca.

Saboreou meus lábios e fiquei imóvel, lutando comigo mesmo, com medo de ceder mais do que eu podia ou devia. Por isso a soltei e dei um passo para trás, pegando o celular, tentando ganhar tempo e me acalmar. Corri os dedos pelos cabelos e atendi sem nem ver quem era, dando as costas a Eva e andando pelo quarto.

- Oi.

- Theodoro Falcão, o todo poderoso! – Escarneceu uma voz feminina que gotejava ódio e malícia, me fazendo parar e enrijecer. – Meu genro! Quem diria isso?

Olhei para o visor do celular, vendo número inexistente. Furioso, indaguei:

- O que você quer?

Luiza riu.

- Ora, somos da família! Afinal, é casado com minha filha.

- Casamento que nunca existiu.

- Quem é? – Eva perguntou nervosamente atrás de mim e virei para ela, fitando seus olhos assustados, me sentindo furioso e nervoso.

- Tem certeza, Theo? Pelo que Eva me conta, você está bem empenhado em manter esse casamento. Só ontem, que viajou, não foi ao quarto dela. Em todas as outras noites vai com o rabinho entre as pernas para a cama de Eva, fingindo-se muito forte, mas sendo totalmente dominado. – Riu de novo. – Interessante como uma mulher pode minar até o mais poderoso dos homens! Uma menina te fazendo de palhaço! Só rindo mesmo. Theo Falcão, um fraco! Sabe com quem ela aprendeu? Com a mamãe aqui, querido. E por mais que você esperneie e grite, vai comer na mão dela, vai nos dar o que é nosso por direito! Eva e Helena vão vencer você!

Não havia palavras para descrever o que senti no mais fundo dentro de mim, no meu âmago, enquanto aquela bruxa debochava e eu olhava para Eva. Foi uma dor sem igual, uma apunhalada fatal, que entrou e torceu minhas entranhas, que me fez sentir um burro, idiota, dominado, mais uma vez enganado. Traído tão duramente que fiquei sem ar, sem chão, arrancado de mim mesmo.

- O que foi, querido? É mentira? Não, sabe que não. Eu dou dicas valiosas a ela, como usar seu batom vermelho favorito, deixar o “fodão” tão louco com a ninfetinha que realiza todas as suas taras, a ponto dele esquecer até o próprio nome. Mas não é bom? Vai negar que você gosta?

O ódio me engolia vivo, nublava meu raciocínio, me deixava pálido, até mesmo tonto. Assustada, Eva caminhou para mim, perguntando de novo com voz trêmula:

- Quem é? Theo?

Ela apoiou a mão em meu braço e acho que foi o seu toque que me despertou, me fez reagir em meio à decepção que me engolfava violentamente. Eu que agarrei seu braço e a puxei com força contra o peito, dizendo tão friamente quanto consegui:

- Eva só está aqui pagando com o corpo a comida que come às minhas custas, o teto que tem sobre a cabeça. Se é assim que a

ensinou, devia ter se empenhado mais. Por isso eu nunca quis comer você, Luiza. Nunca foi boa o bastante para mim. E por isso você continua aí no seu buraco, escondida da polícia, enquanto eu uso a sua filha e continuo, sim, sendo o todo poderoso aqui.

- Theo... – Eva arquejou, com lágrimas nos olhos, agoniada.

Luiza ficou quieta um segundo, mas sua respiração agitada. Por fim, gritou, descontrolada:

- Desgraçado! Eu vou te pegar e te destruir! E digo mais, vai ser Eva quem vai te trazer até mim! Ela vai acabar com sua raça, vai fazer da minha neta uma herdeira e ainda vou pisar nessas terras como dona de tudo!

- Tente. Só estou esperando você tentar. – Falei seco, sem tirar meus olhos de Eva, a dor dentro de mim latejando, a traição dela doendo mais do que nunca.

- Deixa eu falar com ela... – Pediu Eva, chorando.

- É só isso ou tem mais alguma coisa para contar, alguma alucinação, sua doida? – Indaguei.

- Eu te odeio! Vou te matar! Eva vai te matar! Vamos destruir você! – Berrou fora de si e desligou o telefone.

- Theo... – Eva sacudiu a cabeça. – Não sei o que ela disse, mas...

Eu guardei o celular de volta no bolso e soltei seu braço. Olhei-a com desprezo enquanto pegava minha blusa no chão e a vestia.

Eva se encolheu e abraçou a si mesma, tremendo, lágrimas escorrendo pelo rosto. Senti-me estranhamente calmo e foi isso que mais me assustou. Respondi em um tom gelado:

- Você não sabe o que ela disse? Não conversa sempre com ela?

- Não! Eu nunca mais...

- Entendo. – Caminhei até ela e agarrei seu pulso. Arregalou os olhos quando caminhei para a porta e a levei atrás de mim. – Como ela sabia tanto, então? Pode me explicar isso?

- Sabia o que? Theo, não vê que ela quer isso, te afastar ainda mais de mim?

Abri a porta e saí puxando-a. O segurança nos olhou em silêncio, alerta. Caminhei até o quarto que eu dormia, entrei, catei as chaves do carro.

- Theo, escute, vamos conversar. Eu não seria burra de...

- Não quero ouvir suas mentiras. – Não a olhava quando voltava para a porta e saía ao corredor. Falei ao homem diante do quarto dela: - Avise aos outros seguranças para me seguirem.

- Sim, senhor.

- O que você vai fazer? Para onde vamos? – Eva mal conseguia falar de tanto nervosismo. Era mesmo uma atriz perfeita.

- Para onde eu devia ter levado você desde que tudo isso começou. – Falei com uma frieza que vinha de dentro, que parecia me proteger de uma dor atroz demais para suportar.

- Mas a Helena...

Descíamos as escadas e chegávamos na sala, quando virei e a olhei em uma ira congelante. Falei entredentes:

- Não use o nome da minha filha.

- Nossa filha. – Tentou puxar o braço, mas eu segurei mais forte ainda seu pulso. Disse assustada: - Está me machucando.

- Você ainda não viu nada.

- Theo...

Eu a ignorei e saí de casa, cego, fora de mim, à beira de uma fúria que só era contida por uma gelidez providencial, mas que também me assustava.

Chegamos lá fora e ela gemeu, correndo em seus saltos pelo terreno irregular para tentar me acompanhar, suplicando:

- Pare com isso, Theo. Por favor, me diz o que minha mãe falou. Eu tenho o direito de me defender! Ela apenas...

- Cale a boca.

- Eu estou com medo! Eu quero voltar para minha casa, para minha filha...

Abri a porta do meu carro e a empurrei para dentro, finalmente deixando a violência me consumir, pouco podendo fazer para contê-la quando a olhei nos olhos e falei baixo:

- Essa casa não é sua. Nada aqui é seu. Ouviu, sua puta falsa e desgraçada? Agora, cale a sua boca!

Olhou-me apavorada, pálida, enquanto eu batia a porta com força e ia assumir meu lugar ao volante, sangrando de dor e decepção, latejando de ódio.

Aquela vingança ia acabar. Por bem ou por mal.

CAPÍTULO 12

EVA

*"(...) Desapaixonar é difícil
Se apaixonar por traição é pior
Confiança partida e corações partidos, eu sei, eu sei
Pensando que tudo o que você precisa está lá
Construindo fé sobre o amor e palavras
Promessas vazias serão desgastadas, eu sei, eu sei
E agora, quando tudo se foi, não há nada a dizer
E se você terminou de me envergonhar
Você pode ir em frente sozinha, diga a eles(...)"
(Tradução da música Impossible, James Arthur)*

Eu estava com muito medo, enquanto o carro corria velozmente em direção à Pedrosa e ficava claro que Theo ia me levar ao calabouço. Não lutei, apenas fiquei lá, imóvel, olhando para frente, meu coração apertado e sangrando, o pânico me consumindo, uma raiva absurda da minha mãe por me destruir daquele jeito.

Podia jurar que aos poucos Theo estava se aproximando mais de mim, sendo seduzido, me olhando diferente. Ele me tocava e me amava com paixão e necessidade e, por mais que lutasse, que relutasse em confiar, abria brechas para mim. Entrou aquela noite em meu quarto e vi como me fitou, como parecia louco para me ter junto a ele, como me beijou. Tudo em vão, para que minha mãe ligasse e estragasse tudo, sabendo que me faria cair em sua ira, me faria infeliz. Como era possível uma coisa daquelas?

Meus olhos se encheram de lágrimas e lutei para não chorar mais, embora estivesse arrasada e com medo, sentindo-me traída mais uma vez por ela, que não se importava nem um pouco com a minha felicidade. E sem saber o que Theo faria comigo, ainda mais com aquela ira gelada dele.

Sempre soube que ele vivia em um limite, que a qualquer momento poderia ultrapassar aquela linha invisível que o mantinha a beira da violência e que vi bem de perto quando me caçou e pendurou em uma árvore, ou quando descobriu minha traição e agarrou meu pescoço e deu um soco na parede. Agora eu temia que seu ódio acabasse com aquela linha e ele me machucasse mais do que uma vez já fez. Que me marcasse de uma maneira que não haveria mais volta para nenhum de nós, que destruísse o pouco equilíbrio em que ainda nós mantínhamos. Que me estuprasse ou espancasse. Não naqueles nossos jogos, onde o prazer sempre existia, mas de verdade, além do que eu podia suportar.

Eu não sabia o que fazer. Tremia e rezava, esperava por algum milagre, queria fugir e lutar e ao mesmo tempo queria deixar que me castigasse só para não vê-lo me odiar tanto. Estava perdida, sozinha, angustiada, sentindo-me também no meu limite, prestes a despencar de vez e ser devastada, minhas esperanças no chão, o medo latejando premente dentro de mim.

Não tinha coragem de olhar para ele e testemunhar sua ira, como se estivesse fora de si e ao mesmo tempo calmo demais, preparado para tudo. Mas quando os portões de sua casa se abriram e o carro entrou, seguido pelo dos seguranças, o pânico veio tão violento que me virei, fitei seu perfil anguloso e fui invadida pelo desespero.

- O que vai fazer comigo?

Não respondeu ao estacionar. Eu estremei da cabeça aos pés, mal podendo respirar, suplicando:

- Não tenho culpa de nada! Foi mentira dela! O que ela disse, Theo?

Voltou os olhos para mim, parecendo duas pedras de gelo.

- Contou o que só você poderia falar para ela. Que vou a seu quarto toda noite, que estava tentando me seduzir, que usaria esse batom vermelho. – Abriu a porta e saiu. Quando veio para meu lado e segurou meu pulso, tentei me agarrar no banco.

- Theo, se eu estivesse querendo enganar você, por que contaria a ela? Sabendo que diria e...

- Você não sabia. Esqueceu que sua mãe é uma louca. – E me puxou tão bruscamente que me arrancou do carro e eu quase caí, mas já batia a porta e me levava para dentro. Eu lutei, tentei me soltar, fiquei apavorada.

- Nunca falei com ela! Olhe meu celular! Veja o telefone da casa! Theo!

Gritei angustiada quando entramos na casa silenciosa e foi andando decidido pelo corredor que levava ao porão. Eu me desesperei de vez.

- Não quero entrar aí! Não vou te perdoar nunca se me bater, se...

- Quem disse que quero seu perdão?

Aquela sua frieza era pior que tudo e me desmanchei em lágrimas, puxei o braço, tentei me jogar no chão.

- Porra! – Ele se voltou furioso e me agarrou.

- Não! – Gritei quando me jogou em seu ombro e comecei a espernear e socar suas costas, alucinada de tanto medo.

- Vai ficar agora aqui, como uma prisioneira, até eu pegar seus comparsas e jogar todos vocês na cadeia, sua diaba, desgraçada! – Desceu os degraus do porão me segurando com firmeza e fiquei com medo de cair, parei de me debater, mas continuei a soluçar, gelada, assolada pelo pânico, por tudo que podia fazer comigo.

- Theo, pare! Pare, por favor!

Mas ele não parou, só quando entrou no calabouço e bateu a porta atrás de nós, pondo-me no chão. Andei para trás, dando distância dele, vendo que guardava a chave no bolso da calça.

- Não... – Sacudi a cabeça, lágrimas grossas pulando dos meus olhos, soluçando como criança. – Quero sair daqui! Quero a minha filha!

- O que quer não importa. – Sua voz era gelada, aquela ruga entre as sobrancelhas lhe dando um ar de mau, de quem era capaz de tudo. – Hoje vai me pagar tudo que me deve, Eva. E depois que eu acabar com você, vou te deixar aqui. Essa é sua nova casa, sem Helena, sem jantares, sem usar seu veneno contra mim e minha família. Era o que eu devia ter feito desde o início.

Empalideci, sem ar, como se tivesse tomado um soco. E de tudo que falou, o que mais me apavorou foi dizer que eu não teria mais Helena.

- Não! Não pode tirar minha filha de mim... Isso não... Ah, meu Deus!

Levei as mãos aos cabelos, fiquei alucinada, como se suas palavras ceifassem todas as minhas esperanças, me jogassem no limbo. E mesmo que sua voz fosse fria, eu sentia sua ira e seu descontrole como algo palpável, vivo, atingindo-me em cheio. Quando andou em minha direção, fui para trás, olhando em volta e para ele, sabendo a infinidade de coisas que poderia fazer comigo.

Theo foi direto a um armário e pegou uma corda, decidido, autoritário, feroz como um animal pronto a atacar. E mesmo sabendo que não tinha escapatória, corri para a porta e tentei abri-la, chorando, socando-a, gritando:

- Quero sair daqui!

Foi tudo muito rápido. Em questão de segundos, ele vinha por trás, me pressionava na porta e puxava meus braços para as costas com brutalidade. Eu berrei, chorei, esperneeii, mas era muito forte, experiente com aquilo. Foi fácil amarrar meus pulsos e cotovelos, me puxar bruscamente e praticamente me arrastar até a cama coberta com o lençol negro e gelado.

Eu quase perdi as forças de tanto medo. Então engasguei e soube que estava perdida, que nada nem ninguém impediria Theo de acabar comigo. Chorei tanto que meu peito doía, o nariz escorria, as lágrimas não me deixavam enxergar direito. Fui jogada de bruços na cama e ele já dobrava minhas pernas e amarrava meus tornozelos aos pulsos, até que eu não tinha mais movimentos.

Quase desmaiei de tanto pavor. Parei de me debater e fiquei tonta, caída lá, os cabelos no meu rosto, a respiração entrecortada. Theo se levantou e só pude virar o rosto e olhá-lo quando foi até a parede e voltou com um chicote longo, estalando-o no ar, seu olhar gelado demais, sua determinação sem um pingão de culpa.

Era o meu fim e algo dentro de mim pareceu se desmanchar, se romper, me dar uma clareza de como tudo estava errado e não voltaria a ser como antes. Aquele era o ápice, o estourar do vulcão,

o atravessar de um limite. Minhas esperanças foram totalmente esmagadas, assim como meus sonhos.

Vi minha vida passar diante de mim como num filme, a infância solitária, as palavras de ódio em casa, a vingança sendo preenchida em mim, os homens pegando minha mãe e eu obrigada a assistir, tudo que me foi privado, a distância de Gabi, eu usada como uma arma o tempo todo.

E Theo, chegando e tomando conta de tudo, invadindo meu coração e minha alma, me dando tanto amor quanto pavor, me fazendo a mulher mais feliz do mundo, mas eu sempre angustiada, dividida, tentando evitar a vingança e ser feliz com ele. Tudo voltou como uma avalanche, os medos que passei, a felicidade suprema, o nascimento de Helena, como fui amada e adorada por Theo durante nosso casamento e agora eu ali, presa, pronta a ser violentada e afastada da minha filha, depois de passar dois meses me contendo para tê-lo de volta, aguentando tudo, sonhando com um final feliz.

Como fui ingênua! Não havia final feliz para mim, não enquanto eu ainda estivesse no meio daquilo tudo, dominada, primeiro por minha mãe e depois por Theo, sem poder ser eu mesma e respirar aliviada. Eu havia errado, mas por quanto tempo mais eu teria que pagar? O que mais eu poderia fazer para não sofrer daquele jeito?

Não aguentei mais. Ali eu desisti de tudo. Fechei os olhos e abandonei meus sonhos e esperanças, enfrentei minha realidade, esperei minha destruição. Era como ficar oca, vazia, desprovida de tudo. Até o medo me deixou. Só restou um desânimo aterrador, uma vontade de morrer logo, pois não havia mais vida para mim. Não daquele jeito.

Esperei a surra, o castigo, a violência. Quase me dei a eles, como se merecesse aquilo, para me quebrar de vez. Não chorei nem implorei. Era o ponto final e esperei que Theo acabasse com tudo.

Os segundos passaram. A dor física não veio. O silêncio ficou lá, permeando tudo, fazendo-me ouvir meu próprio coração bombeando forte. Abri os olhos e encontrei os de Theo, fixos em mim, paralisado, alto e poderoso ao lado da cama, cada parte dele dura e rígida, o chicote firme em sua mão.

E seus olhos não saíram dos meus.

Não dava para saber o que pensava, o que faria. E quando esperei que atacasse, um cansaço estranho também toldou sua expressão e ele largou o chicote no chão. Veio até a cama e se ajoelhou sobre ela, mal tocando em mim, só o suficiente para desatar os nós e me soltar. Então entendi que mudou de ideia, que não ia mais me bater ou machucar, que não me estupraria.

Um alívio intenso me envolveu e abri a boca para puxar o ar, ainda abalada, sem poder reagir completamente. E suas palavras vieram baixas, vibrando em alguma emoção violenta:

- Não se preocupe. Nunca mais toco em você. Eu estava disposto a usar seu corpo, afinal, não foi sempre isso que me ofereceu enquanto mentia e me enganava?

- Não... – Murmurei, sem forças. Mas me ignorou e continuou:

- Mas não quero mais suas mentiras e nem você. Vou te colocar na cadeia, Eva, mesmo que um dia minha filha me odeie por causa disso. Sinta-se feliz por não deixar você presa naquela gaiola, por não ser tratada como a puta que é. – Apontou para a gaiola no canto, como uma verdadeira prisão.

Suas ofensas doíam, mas eu não conseguia dizer nada, sentir nada. Eu só olhava para ele, destruída. E o pior era notar que parecia devastado também.

Theo deu-me as costas e caminhou para a porta. Eu consegui me sentar na cama e dizer baixinho:

- Não me deixe aqui.

Tirou a chave do bolso e a enfiou na fechadura.

- Theo, Helena vai querer mamar... eu... Theo...

Abriu a porta e saiu. O pânico voltou e gritei:

- Theo!

Mas trancou a porta atrás de si e fiquei sem ar. Desabei na cama, arrasada, sem poder acreditar em tudo aquilo. Mas era a pura realidade.

THEO

Cheguei em casa e fui direto para meu quarto. Não queria pensar, mas cada parte minha doía, parecia aniquilada. Andei de um lado para outro, até que parei em frente à janela e lá fiquei, mudo, vazio, olhando e não vendo nada. Não queria pensar em Eva, mas ela não saía da minha cabeça. Nem o que quase cheguei a fazer em meio à minha ira.

Eu faria muito mais do que deixá-la lá. Estava tão arrasado que tudo dentro de mim parecia doer, exigia esforço. Percebi que tremia e só podia ver Eva na minha frente, desabada e amarrada naquela cama, como se não fosse ela. E eu prestes a espancá-la, não em um jogo de prazer, mas só por ódio, para causar nela a mesma dor que me corroía. A que ponto cheguei? De ser um covarde, um desgraçado sem qualquer limite? Por mais que tivesse me enganado, eu não tinha aquele direito. Nunca.

Deixá-la lá sozinha, privá-la de Helena, também me custava, me fazia sentir o pior dos homens. Mas eu precisava agir, tomar uma decisão antes que me enganasse mais e me enlouquecesse. Eu me contive o quanto pude. Poderia ter perdido de vez a cabeça depois de saber de mais aquela traição, principalmente depois de quase me dar de novo a ela e cair nas malhas da sua sedução. E agora estava perdido, sem saber como seguir dali para frente, sem ter certeza de que teria coragem de levar minhas ameaças adiante.

Fiquei lá não sei por quanto tempo, mas por nenhum segundo ela saiu da minha mente nem parei de me preocupar, embora isso só me irritasse mais. Por fim, ouvi batidas na porta do quarto e um choro abafado. Assustei-me ao lembrar de Helena e caminhei rápido até me deparar com a babá no corredor, tentando colocar a chupeta na boca da minha filha.

- Senhor Falcão, ela quer mamar. – Disse Cássia, preocupada.
– A dona Eva está aí?

- Não. – Inclinei-me e peguei Helena, acariciando-a, dizendo para a moça: - Prepare uma mamadeira para ela.

- Sim, senhor.

Acabei descendo com Cássia, que foi para a cozinha enquanto minha filha se batia e começava a gritar, irritada.

- Calma... Papai está aqui. – Falei baixinho.

Helena parava um pouco e então berrava mais alto, batendo braços e pernas, recusando-se a ser enganada e pegar a chupeta. Parecia uma sirene na noite silenciosa e andei com ela de um lado para outro, sem saber mais o que fazer.

- O que está havendo? – Tia desceu as escadas segurando sua camisola de algodão, toda despenteada, preocupada.

- Helena está doente? – Gabi veio atrás, seguida por Joaquim só de short, com Caio no colo.

- Não, está com fome. Cássia foi preparar uma mamadeira.

- Mamadeira? – Tia pegou Helena do meu colo, ninando-a, tentando acalmá-la. – Mas cadê a Eva?

Naquele momento Cássia voltou apressada com uma chuquinha de leite. Eu disse Tia:

- Dê a ela.

Tia se sentou confusa, sem entender nada. Tentou colocar o bico na boca de Helena, que por um momento se calou e sugou apressada, só para fazer uma careta e voltar a berrar, furiosa.

- Ela não gosta, Theo, sabe disso. Quer a mãe dela. Onde está a Eva?

- Theo? – Gabi também me olhou, preocupada.

- O que está havendo aqui, todo mundo reunido? – Para completar, Heitor perguntou animado, acabando de chegar da farra com Pedro atrás, os dois entrando na casa.

Estavam todos na sala, menos meu pai.

- Eva não vai voltar. – Falei friamente.

- O quê? – Tia arregalou os olhos.

- Onde ela está? – Gabi indagou, ansiosa. – Theo, o que...

- Theo, mas o que é isso tudo? Ela precisa da mãe! – Tia exclamou.

- Cadê a minha irmã? – Insistiu Gabi.

Eu a olhei, a raiva ainda pulsando dentro de mim, mas uma angústia sem igual sendo pior do que tudo.

- Ela vai ficar em outro lugar até eu colocá-la na cadeia.

Gabi levou a mão à boca.

A babá, que assistia a tudo, pediu licença e saiu da sala.

- Mas por que isso? Eu achei que tudo estava se resolvendo, que vocês iam se acertar! – Exclamou Tia.

- Aconteceu alguma coisa muito séria. – Heitor olhou-me, tenso, pensativo.

Caminhei até o bar e enchi o copo com uma dose de uísque. Tomei uma dose da bebida, tentando me acalmar. Fitei Heitor e respondi:

- Luiza ligou. Para me lembrar o quanto fui idiota e continuo sendo.

- Mas... – Gabi respirou, angustiada. – Ela quer prejudicar vocês, infernizar!

- Ela sabia de coisas que só eu e Eva sabemos. – Terminei meu uísque de uma vez e bati o copo vazio no balcão.

- Tem certeza, irmão? – Joaquim franziu o cenho. – Tenho observado Eva todo esse tempo e o que vejo é uma mulher arrependida, que ama você, fazendo de tudo para te conquistar.

- Fazendo de tudo para me conquistar sim, Joaquim, até me ter nas mãos e armar outra para mim.

- Não! Ela não faria isso! – Defendeu Tia.

- Já fez.

- Theo, muito me admira você, que é tão inteligente, cair numa dessas! – Pedro fitou-me. – Se Eva quisesse mesmo isso, não contaria para a mãe, sabendo que essa falaria para você.

- Luiza é uma porra de uma maluca! – Irritei-me.

- É maluca, mas não é burra! Pense comigo! Ela não ia estragar os planos da filha te contando, não se ia lucrar com isso. – Completou Pedro.

- Exatamente! – Gabi apoiou. – Luiza quis desestruturar vocês, separar, para que fique mais fácil para ela atacar! Deve estar procurando uma brecha para isso.

As palavras deles faziam sentido e penetraram toda a ira que me deixava cego e surdo para tudo. Analisei, observando-os, enquanto Heitor opinava:

- Pode ser alguém aqui na casa, dando informações para Luiza. Já pensaram nisso?

- Um espião? – Tia levou a mão ao peito, surpresa.

Fiquei abalado com aquela possibilidade.

- Mas quem? – Gabi olhou-nos e baixou o tom de voz: - Um dos seguranças? Uma das babás?

Era uma grande possibilidade. E então pensei em Cássia, vendo-me ir toda noite ao quarto de Eva, saindo quando eu chegava, sabendo bem o que eu ia fazer lá. E algo que aconteceu naquela noite: Luiza falou de Eva com o batom vermelho, quando Cássia tinha acabado de sair do quarto e visto como Eva me esperava.

Senti o coração disparar diante daquela possibilidade. E enquanto Helena continuava a gritar e Gabi a pegava, tentava fazê-la mamar em seu seio até calá-la, eu andei rápido em direção à cozinha, por onde Cássia tinha ido. Disse por sobre os ombros:

- Alguém ligue para o delegado Ramiro e mande-o vir para cá.

- Eu ligo. – Disse Joaquim, enquanto Heitor e Pedro me seguiam.

Cássia estava sentada à mesa, tomando um copo de água, parecendo nervosa. O que só piorou quando nos viu entrar. Arregalou um pouco os olhos e empalideceu. Mas logo disfarçou, forçando um sorriso, dizendo apressada:

- Posso ajudar?

- O que Luiza ofereceu a você para nos espionar? – Fui bem direto.

- O quê? – Ficou agitada e se levantou, balançando a cabeça.
– Não sei do que está falando!

- A polícia está chegando. – Heitor disse mansamente.

- Mas eu não... Não sei quem é Luiza!

- É melhor cooperar. Podemos aliviar para seu lado. Caso contrário, as coisas podem se complicar para você. – Pedro cruzou os braços. – Deve saber a influência que temos na cidade. Já imaginou, mofar na cadeia enquanto espera um julgamento?

- Não podem me acusar assim! – Começava a se desesperar, lágrimas vindo a seus olhos.

Por um momento, temi estar sendo injusto, querendo pôr a culpa em Cássia para livrar Eva, mas estava mais do que claro que a

mulher mentia e olhava em volta, como se estivesse se preparando para fugir. E a culpa me remoía ao imaginar o desespero de Eva sendo inocente naquilo.

- Dinheiro? Era isso que ela lhe dava? – Indaguei secamente.
– Se confessar agora, eu não a acuso formalmente quando a polícia chegar.

- Senhor Falcão, por favor, sou inocente... – Chorou, medrosa.

- Sim ou não, Cássia? É a última chance que dou a você de sair dessa sem parar na cadeia. O delegado está chegando.

Ela me olhou, depois para meus irmãos, acuada. E por fim desabafou:

- Não achei que fosse nada grave, eu juro! Ela me encontrou em Pedrosa e disse que era a mãe de Eva, que sentia muita falta da filha e só queria informações sobre ela para matar a saudade. Eu juro que não queria me meter nisso, mas não vi problema! E ela me dava um trocado, to juntando para me mudar pra capital, achei que...

- Quando foi isso? – Exigi.

- Há mais ou menos uma semana. – Ela se encolheu.

- E onde você a encontrava?

- Ela me ligou e marcou em uma padaria de Pedrosa. Tomamos café, respondi a algumas perguntas e ela... me pagou. Foi só essa vez e...

- Sabe algo sobre ela? – Perguntou Heitor. – Onde mora, telefone, placa de carro?

- Ela me deu um número. Tinha pedido que eu ligasse hoje e falasse sobre Eva. Me perguntou algumas coisas. – Abaixou a cabeça.

- Perguntou o quê? – Indaguei.

- Como ela estava vestida e se o senhor estava com ela.

- Quero seu celular.

Olhou-me, apavorada. Mas viu como a olhávamos e pegou o aparelho no bolso, estendendo-me. Eu o peguei e dei a Heitor, dizendo baixo:

- Fiquem com ela. Não a deixem sair daqui até eu chegar. Quando Ramiro vier, mostre a ele o celular e o número, talvez seja

possível fazer um rastreamento. Eu volto logo. – Falei angustiado, quase fora de mim de tanta culpa, pensando em tudo que falei a Eva, como a tratei e humilhei, como quase a violentei. Como a larguei sozinha e arrasada no calabouço. Corri as mãos pelo cabelo e andei apressado até a porta, xingando a mim mesmo, desesperado.

Passsei pela sala e vi que finalmente Helena mamava em Gabi, mais calma. Eu acariciei sua cabecinha e murmurei:

- Vou trazer a sua mãe de volta.

Gabi e Tia me olharam aliviadas.

Saí de lá como um louco, mas agora de puro arrependimento e raiva de mim mesmo.

CAPÍTULO 13

THEO

O que eu havia feito? Como podia ter sido tão facilmente manipulado? Eu sabia a resposta. Por ser emocionalmente instável quando se tratava de Eva. Eu esperava alguma armadilha da parte dela, ficava o tempo todo na dúvida sobre seus sentimentos e suas intenções, e foi isso que Luiza usou. E deixei, caindo como um bobo, quase chegando ao ponto de fazer uma besteira ainda maior do que já tinha feito.

Cheguei à minha casa em Pedrosa e vi que os seguranças continuavam lá. Entrei rapidamente, nervoso, louco para puxar Eva para meus braços e apertá-la, aliviado por que não me enganou daquela vez, por que disse a verdade. O que podia significar que outras coisas também eram verdade, como o fato de me amar e ter desistido há muito tempo da vingança.

Desci ao porão correndo, meu coração disparado, a culpa me dilacerando, sentindo-me um tolo idiota e louco, um garoto irracional que agia por instinto, não um homem feito. Destranquei a porta e vi Eva na cama, encolhida quase da mesma maneira que eu a tinha deixado, de lado, cabelos sobre o rosto, a corda largada no chão ao lado do chicote e de suas sandálias.

Ela abriu os olhos e me fitou. Senti a dor e a culpa ainda mais latentes me remoendo por dentro, a covardia do que fiz ao arrancá-la de casa daquele jeito, em prantos, com medo, sua luta, seu desespero quando eu disse que não chegaria mais perto de Helena. E ali no chão as provas do que quase fiz com ela, do muito além que eu podia ter ido e a ferido.

Nunca me senti pior na vida, nem mesmo quando descobri quem ela era e como tinha me enganado. Daquela vez, deixei de ser justo, fui um ogro acreditando mais em Luiza do que nela, deixando-me levar por minhas desconfianças e minha aversão por ser traído mais uma vez. E a vítima foi Eva.

Caminhei até ela sem desviar o olhar, meu peito doendo, a injustiça que cometi me deixando doido. Soube que nunca me perdoaria se tivesse tocado nela, se tivesse deixado todo ódio que senti me possuir.

Eva não se mexeu. Não chorava nem reagia e foi isso que fez com que eu me sentisse pior. Sentei na beira da cama, falei baixinho:

- Vamos para casa.

Ergui a mão para segurar seu braço, ajudá-la a se levantar, mas Eva me surpreendeu ao escapar, se arrastando para trás, empalidecendo, dizendo com uma mágoa que doeu dentro de mim:

- Você não disse que nunca mais tocaria em mim? O que está fazendo aqui?

Eu paralisei. E admiti:

- Estava enganado, Eva. Sei que não ligou para sua mãe.

- Sabe? – Sentou-se na cama, afastando o cabelo do rosto, sua expressão estranha, até mesmo fria, como nunca vi. – Não tinha tanta certeza que fui eu? O que aconteceu?

- Descobri que foi Cássia. Ela era informante de Luiza.

Apertou os lábios numa linha fina. Estava pálida, com olheiras, as pálpebras inchadas e avermelhadas de tanto chorar. Eu me odiei demais pelo que fiz com ela e aquela sensação era horrível.

- Entendi. Se não tivesse descoberto, não acreditaria em mim.

- Como eu podia acreditar, Eva? Como, depois da maneira como me enganou e traiu?

Ela acenou com a cabeça, sem tirar os olhos dos meus.

- Claro, está com a razão. Minha palavra não é nada. Meus sentimentos não contam. E nunca vão contar, não é, Theo? Você é poderoso e justo demais para perdoar uma falsa como eu. Nunca me deu o benefício da dúvida. Compreendi isso e vou facilitar as coisas para você. – Ergueu o queixo, sua palidez me assustando: - Pode me entregar à polícia. Vou pagar pelos crimes que cometi.

- Pare de dizer besteira. – Levantei irritado, correndo os dedos entre os cabelos, nervoso.

- Ora, mas não é disso que estamos falando? Além da falsidade ideológica eu não tenho que responder sobre a tentativa

de homicídio? Pois então, vamos fazer tudo certinho, como manda a lei. Quero ir para a delegacia agora.

Eu franzi o cenho, com raiva e ao mesmo tempo apreensivo, estranhando seu jeito. Parecia diferente, sem a fragilidade de antes, como se tivesse desistido de me reconquistar e de provar que havia mudado.

- E Helena? – Indaguei, incomodado.

- Agora você me pergunta por Helena? – Finalmente eu a vi ficar emocionada, seus olhos enchendo-se de lágrimas. – Não ia me descartar, me proibir de ver a minha filha? Não me deixou aqui, com os seios doendo e vazando de tanto leite e ela lá, com fome, por causa da sua raiva? Quer que eu acredite que se importa comigo como mãe dela?

Suas palavras foram um baque para mim, me fizeram sentir ainda pior do que eu já sentia. Desci meu olhar a seu peito e os vi mesmo muito inchados, chegando a estar com a pele avermelhada pelo decote. Só então reparei na camisola ensopada de leite, que tinha escorrido e colava o tecido aos seus mamilos. Imaginei a dor que não devia estar sentindo, com os seios quentes e empedrados.

- Eva...

- Eu quero muito estar com a minha filha, mais do que tudo no mundo. Pode me acusar de tudo, menos de não amá-la nem cuidar dela. Mas cansei disso, Theo. Cansei de ser humilhada e sacolejada, jogada nos seus ombros, arrancada da minha segurança, ameaçada! – Falou alto, furiosa, se tremendo toda. – Você quase me estuprou!

- Não fiz isso!

- Quase fez! – Gritou e eu a desconheci, pois nunca a tinha visto daquele jeito, fora de si, em seu limite, vermelha de raiva. Apontou para o chicote que eu tinha largado no chão antes de sair: – Eu fiquei em pânico achando que ia me espancar e violentar! Por um triz, mas um triz mesmo, não usou esse chicote em mim, como quando me caçou e me pendurou na árvore.

- Eva...

- Ali você jurou que respeitaria meu não!

- Eu perdi a cabeça! – Dei um passo a frente, nervoso.

- Perdeu a cabeça e a vítima fui eu! Fez o que quis comigo! Me largou aqui sozinha! Me deixou apavorada! – Estava descontrolada, a respiração entrecortada, as lágrimas pulando dos olhos enquanto me olhava com raiva, acusação, decepção. – Você não é um homem, é um animal irracional! Faz o que quer comigo, mas chega! Está ouvindo, Theodoro Falcão? CHEGA!

Seu grito pareceu vir do fundo da alma e me congelou no lugar. Um medo desconhecido me engolfou e só pude olhar para ela. Eva parecia fora de si, despejando tudo de uma vez:

- Eu cansei! Cansei de ser dominada por todo mundo, da minha mãe me criar sendo uma fraca medrosa, sem opinião própria, fazendo tudo que ela mandava! Cansei de sair das mãos dela e cair nas suas, que me domina do mesmo jeito, que me usa e descarta, xinga, humilha, despreza, faz o que quer! Chega! Não quero mais! – Gritava, alucinada, vindo até mim, seus olhos arregalados, furiosos. – Eu não deixo mais! Sou dona de mim mesma! Não sou perfeita! Eu errei sim, eu menti, eu me envolvi com você e me enrolei nas minhas escolhas, nessa porcaria de vingança! Mas agora cansei de tentar me explicar e provar quem sou! No fundo, você e Luiza têm muita coisa em comum, só pensam em vocês, não se importam com os meus sentimentos, só me usam pra conseguirem o que querem. E eu idiota, sempre cedi, sabe por quê? Por que sempre fiz tudo o que queriam por amor, por que queria me sentir amada e cuidada. E pra que tudo isso? Se no final sempre quem mais sofre sou eu! Sou sempre a errada na visão de vocês dois. Quero que minha mãe se dane! Quero que você se dane! Quero distância dos dois! Está ouvindo?

Eva empurrou meu peito com as duas mãos, arquejando, como se precisasse me agredir, descarregar seu descontrole emocional sobre mim. Fiquei parado e me empurrou de novo. Cerrou os punhos no meu peito e bateu nele com força, soltando um grito estrangulado, fazendo-me ficar arrasado e muito culpado ao ver seu histerismo. Deixei que descarregasse em mim, enquanto gritava entre as lágrimas:

- Prefiro ir para a prisão, seu animal! Quero ficar longe de você e da minha mãe! Vocês estão me matando aos poucos. A

Helena... A Hele... na... vai... me esquecer... e nunca... vai ter vergonha... de mim... – Soluçava, seus socos perdendo a força, se tremendo tanto que seus dentes batiam, a imagem do desespero. – Por que eu ... não sou boa para ela , não sou boa pra nada e ninguém... não sirvo... não...

- Coelhinha, pare com isso ... – Angustiado, sem poder suportar ver mais aquilo, sua dor tão latente e dilacerante, eu a puxei para mim e a abracei forte, prendendo seus braços contra o corpo, segurando sua cabeça contra o peito. – Você é uma boa mãe, eu nunca disse que não era. Helena não vai te esquecer, por que estará sempre com ela.

- Você vai,... tirar a minha filha...

- Não vou. Nunca. Nunca, Eva...

- Você disse... – Ela mal conseguia falar, tão descontrolada estava, soluçando e tendo espasmos.

- Esqueça o que eu disse. – Murmurei contra o seu cabelo, agoniado, amparando-a contra mim. – Estava muito nervoso, disse da boca pra fora. Tem razão, sou a porra de um animal mesmo. Mas nunca vou tirar Helena de você, eu juro. Agora se acalme, por favor. Não vai para a prisão. Vai voltar para casa comigo, para a nossa filha.

- Não... Eu...

- Sim. Vai voltar sim, você sabe que não pode viver longe dela. Nem ela de você. Ela precisa de você, Eva.

Eu quis dizer que eu também não podia viver sem elas, mas me contive, ainda perplexo demais com tudo aquilo, confuso com meus sentimentos, nervoso. Tudo tinha acontecido como uma bola de neve e ainda estávamos abalados demais, em nosso limite, para entender tudo e tomar decisões.

- Vamos para casa. – Falei baixinho, quase como um pedido, mantendo-a dentro dos meus braços.

Eva ficou quieta, até seus tremores e soluços diminuírem. Então, se afastou de mim e não a segurei a força, embora sentisse uma necessidade suprema de tê-la ainda entre os braços.

Esfregou o rosto, limpando com os dedos, tentando respirar normalmente e se recuperar. Eu apenas a olhei, cansado, ansioso.

Até que voltou os olhos muito inchados para mim, também parecendo exausta. Disse baixo:

- Vou voltar por que não posso viver sem minha filha. Mas se me ameaçar de novo, eu mesma ligo para a delegacia e me entrego. Prefiro ficar lá presa, sofrendo e chorando por Helena, do que passar de novo tudo o que passei. Não vou ser mais capacho de ninguém. Por mim, você e minha mãe podem se matar. Estou fora da vida de vocês.

Fiquei paralisado, nem consegui respirar. Eva me olhava com uma frieza que me congelou os ossos. Senti como se perdesse o chão, chocado com as suas palavras.

- Não quero que me toque mais, Theo. Eu estarei naquela casa como mãe de Helena e mais nada.

- Eva...

- Se não for assim, me leve para a delegacia. – Ergueu o queixo, decidida, gelada. – Não sou mais filha de Luiza nem mulher de Theodoro Falcão. Sou Eva Amaro, de dezenove anos, mãe de Helena. Acabei de nascer hoje, agora. A outra Eva morreu.

A dor me corroeu como um verme. Nunca fiquei tão perdido e abalado. Olhei para aquela nova mulher à minha frente e me dei conta de como era jovem para passar por tudo aquilo, de como a levei ao seu limite e nem uma vez parei para pensar no lado dela. Seu olhar ferido acabava comigo e minha primeira reação foi ir até ela, puxá-la para os meus braços, provar que era minha mulher sim e seria para sempre, apesar de tudo e do fato de ainda não a perdoar.

Eu me contive. Por que soube que naquela momento isso só a afastaria mais de mim. Ela estava alerta, nervosa, descontrolada. Precisava de calma, conforto, segurança. Não do meu jeito dominador querendo tomar conta de tudo.

Talvez fosse melhor assim, um tempo para nós dois. E foi isso que falei:

- Foi muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, muita desconfiança e muita raiva. Vamos voltar e nos acalmar, pensar primeiro em nossa filha.

- Sim. – Ainda me olhava, firme. – Mas que fique claro que não quero mais suas visitas noturnas, não quero mais ser sua mulher e nem sua amante. Aqui e agora eu desisto de você. Desisto de nós. Desisto de tudo o que Eva e Theo um dia significou.

Era um baque para mim ouvir aquilo. Estava literalmente chocado, arrasado. Cerrei o maxilar, acenei com a cabeça, meu orgulho fazendo-me parecer frio ao responder:

- Tudo bem, vai ser como quiser.

Eva pareceu então cansada. Abaixou-se, pegou suas sandálias e me olhou de novo. Murmurou:

- Preciso de Helena.

- Vamos para casa. Ela espera por você.

E foi o que fizemos, distantes um do outro como dois estranhos.

Meu coração doía. Meu corpo parecia ter levado uma surra. E fui dominado por um medo atroz, pior do que tudo que já senti. Apesar de tudo, tive medo de perdê-la de vez.

EVA

Foi estranho voltar para casa. Entrei lá com uma pedra no lugar do coração, um peso dentro de mim que me fazia ter vontade de me encolher em um canto e só chorar. E vi a sala cheia, até o delegado estava ali. Reparei nos irmãos de Theo e em Cássia sentada no sofá, chorosa, baixando os olhos ao dar comigo. Nem tive forças para falar com ela, tentar entender tudo o que contou para minha mãe e por que.

- Eva, graças a Deus! – Tia correu para mim, angustiada, olhando meu estado, a camisola que eu vestia, sexy e molhada de leite, seu semblante preocupado. – Oh, minha filha...

- Helena... – Foi só o que consegui murmurar.

- Está aqui. Ela mamou um pouco em mim, mas não o bastante. Só conseguiu dormir agora. – Gabi veio até mim com

Helena no colo e na mesma hora a peguei e abracei forte, como o coração disparando, emocionada.

Minha irmã me beijou e murmurou:

- Como você está?

- Bem. – Menti. Eu não queria falar com ninguém, precisava ficar só com a minha filha.

- Vou levar vocês ao quarto. – Theo disse baixo, atrás de mim.

Eu não o olhei nem me importei com o fato da casa estar cheia. Não consegui fitar seus olhos em nenhum momento enquanto nos dirigíamos até ali nem falar com ele. O que sentia era mais do que raiva, era mágoa, dor, uma sensação de fracasso e de fim. Precisava me afastar dele enquanto estivesse assim. Falei enquanto me dirigia à escada:

- Não. Não quero que nos acompanhe. Tia, pode ir comigo?

- Claro. – Lançou um olhar como se pedisse calma a Theo. – Eu cuido delas.

Ele não disse nada. Não me virei para ver sua reação ou como se sentiu na frente de todo mundo.

Na sala, imperava um silêncio incômodo e tive vergonha pelo modo que estava vestida. Subi as escadas e Tia me acompanhou. Chegando ao quarto, ela disse com carinho:

- Vá tirar essa roupa, tomar um banho. Fico com Helena.

- Preciso amamentá-la. Meus seios doem demais. Mas estou ensopada.

Por fim, tomei um banho rápido, coloquei um robe curto e me acomodei na cama com Helena no colo, meus olhos se enchendo de lágrimas ao fitar seu rostinho. Quando sentiu o mamilo na boca, sugou forte e o leite saindo foi ao mesmo tempo um alívio e uma pontada. Somente então eu relaxei e apoiei a cabeça no travesseiro, exausta.

Sentada na beira da cama, Tia me olhava preocupada. Eu garanti, mentindo:

- Está tudo bem.

- Não está. – Ela sacudiu a cabeça. – Precisava ver o estado de Theo hoje, andando pela sala com Helena no colo,

completamente perdido e desesperado. E você lá sozinha, sendo acusada de algo que não fez. Isso tem que parar. Vocês precisam...

- Já parou, Tia. – Falei séria, com uma certeza dentro de mim, minha voz demonstrando como eu me sentia. – E não quero saber de Theo. Ele fez o que achava certo, como sempre.

Ela me olhou meio assustada.

- Como assim?

- Tudo começou errado, não tinha como acabar bem. – Falei baixo, sem forças.

- Vocês se amam.

- Ele não me ama.

- Minha filha, Theo é louco por você!

- Não quero essa loucura.

- Eva...

- Isso não é amor. – Eu sentia o peito doer, mas lutei, cansada de tanto chorar, de tanto sofrer. – Amor sem confiança não é nada. O que aconteceu essa noite prova que nunca mais vai acreditar em mim e sei que a culpa é minha. Mas não vou pagar pelo resto da minha vida, Tia. Não aguento mais isso. Estou muito cansada. Muito mesmo.

- Eu sei. – Ela suspirou e segurou minha mão direita entre as suas. – Tanto você quanto Theo precisam de um tempo para digerir tudo isso. E enquanto sua mãe estiver rondando, devem manter a calma e não se precipitar. Vou falar isso com ele.

- Pode falar, mas não é isso. Cansei de ficar entre os dois. Sabe como me sinto? Um osso, jogado de um lado para outro em uma briga de cachorro grande. – Falei, desolada, irritada, cansada.

- Eva...

- Sei que vai tentar amenizar as coisas, mas para mim acabou.

A certeza em minha voz fez sua expressão ficar preocupada.

- Vocês se amam. Theo fica louco se for enganado, se...

- Ele que fique com a loucura dele! – Desabafei e foi a raiva que me fez calar e respirar fundo, abraçando mais a minha filha, buscando conforto em seu corpinho. Fitei Tia bem nos olhos. – Hoje eu senti muito medo. Muito mesmo. Tenho passado todo o tempo

assim, minha vida se resume em medo. Algumas escolhas foram minhas, me colocaram nessa situação. Eu vou pagar por elas. Mas não assim. Não vivendo acuada pelas duas pessoas que mais pensei amar e que na verdade não estão nem aí para mim.

Ela me fitou com pena e eu me calei, por que do jeito que eu estava acabaria me lamentando e me debulhando em lágrimas.

Meu outro seio doía demais e virei Helena, para que o pegasse e aliviasse o calor e os nódulos de leite. Mesmo dormindo, ela agarrou o mamilo e sugou firme. Suspirei, aliviada por que ela faria aquela dor diminuir.

- Mas Eva... – Tia acariciou a cabecinha de Helena. – Sei que Theo às vezes pega pesado, perde a cabeça, mas ele estava louco de tanta dor. Nunca o vi assim. Tive medo que tivesse feito com você algo que pudesse se arrepender depois. Não sei até que ponto a magoou, mas compreenda que ele está inseguro, se sentindo usado. Está reagindo como sabe.

- Por quase dois meses, tudo o que tenho feito é tentar entender, dar o tempo dele para me perdoar e descobrir que o amo. – Falei, magoada. – Só que hoje, Tia, foi meu limite. Eu fui desrespeitada. Não acreditou em mim e não me ouviu, fez o que quis. Por pouco não me machucou de verdade.

- Ah, Deus, isso que eu temia...

- E me dei conta que não posso viver assim. Cansei de esquecer de mim para fazer o que outra pessoa quer. Primeiro foi minha mãe. Eu vivia na corda bamba, fazendo todas as suas vontades, com medo de decepcioná-la. E olha onde isso me fez parar. – Respirei fundo, desolada. – Depois me envolvi com Theo e ele se tornou o meu mundo. Eu me arrependi da maneira como entrei na vida dele e passei todo esse tempo me remoendo em culpa. Sabe o que percebi?

- O quê?

- Que não tenho paz. Que não consigo respirar com tranquilidade. Que cansei dessa pressão toda. Chega. Eu sou uma pessoa, posso fazer minhas escolhas. Não sou joguete de ninguém!

- Está certa.

- Sim, estou. E daqui para frente vai ser assim. Só quero saber da minha filha. E logo toda essa confusão se resolva, vou pagar o que devo e seguir a minha vida.

- Ah, Eva... O que posso dizer? – Tia fitou-me com carinho. – Você tem razão. Entendo você e entendo o Theo. Eu vi como vocês foram felizes durante o casamento e vejo como se amam. É patente para qualquer um. Mas não pode se anular por causa dele. E Theo não pode querer que pague o tempo todo por que o enganou. Ele vai ter que encarar isso e fazer uma escolha de perdoar ou não. Só que, mesmo entendendo tudo, rezo para que se acertem. Que tudo isso não destrua o amor de vocês.

- Ele pode fazer as escolhas que quiser. Não vou ficar sentada esperando. Não vou me anular. Não sou sombra dele nem da minha mãe. Sou uma pessoa! Uma mulher! – Respirei fundo, percebendo que tremia, que minhas palavras me feriam, mas não tinha como ser de outra maneira. Ninguém melhor do que eu sabia o quanto eu amava Theo, de corpo e alma. Mas se eu não desse um basta na minha infelicidade, ninguém daria. – Não quero mais que ele me toque, Tia. Nem que na próxima desconfiança dele me arraste de novo para longe da minha filha e me faça sentir medo. Eu vou reagir, vou lutar. Prefiro ir para a cadeia a passar por isso de novo e continuar nessa montanha russa emocional. Pra mim chega.

Calei-me, pois não tinha condições de dizer mais nada. Eu ainda o amava da mesma maneira. Mas me sentia diferente em relação a mim mesma. Não queria mais me colocar no papel de vítima nem de culpada. Queria tomar as rédeas da minha vida, assumir meus erros, erguer a cabeça e seguir em frente.

Eu não suplicaria mais pelo amor dele. Como mostrar tudo o que eu sentia por Theo, se eu não respeitava a mim mesma, não me amava, não me orgulhava de mim?

Tia pareceu entender como eu me sentia e me deu um tempo, calada. Por fim perguntou:

- Se precisar de mim, você fala? Nem que seja para desabafar?

Eu a fitei agradecida. Falei com sinceridade e emoção:

- Tia, não sei como agradecer por tudo que faz por mim aqui, por não ter me julgado e desprezado quando soube quem eu era e o que fiz. Seria um direito seu, sei como ama Theo como um filho. E mesmo assim, sempre me tratou bem e me ajudou.

- Eu vejo seu coração, sei que é uma boa menina. Errou, mas se arrependeu. E é isso que conta. – Sorriu, sem graça. – Eita, assim acabo chorando!

- A senhora é uma mãezona, não só de Theo, de Gabi, de todos eles. Mas minha também.

Ela riu, toda boba, sacudindo a cabeça.

- Vocês são minha família. Vou te contar um segredo, Eva.

- Sim...

- Quando era novinha, eu morria de amores por Mário Falcão. – Ficou corada, desviou o olhar. – Eu era filha da empregada e tremia cada vez que o via passar. Mas é claro, nunca olhou para mim. Ele era tipo o Theo, bonito, autoritário, duro. Mas muito mais arrogante, não tinha as virtudes de Theo, o que o tornava cruel muitas vezes.

Eu a olhava, imaginando tudo, pensando que Mario devia ter sido assim mesmo. Até em uma cadeira de rodas ele não perdia o olhar duro, a personalidade rascante. Eu nunca tinha conseguido me aproximar dele, ainda mais sabendo o que fez com meu avô.

- Sei que é ridículo o que vou falar, que hoje em dia as mulheres tem vários homens e seguem a vida, mas... Nunca consegui olhar para mais ninguém. E quando ele se casou com Alice e a trouxe para cá, eu perdi todas as esperanças, mas não o amor. – Ela olhava para as próprias mãos, pensativa. – Comemorei cada um dos nascimentos dos filhos dele, cuidei de todos como se fossem meus filhos. E praticamente os criei quando Alice ficou doente.

Ergueu os olhos para mim, sem mágoas, apenas um sorriso nos lábios:

- Claro que não amo Mario como antes. Eu aceitei meu lugar. Mas nunca tive ninguém. Minha vida é essa casa e os filhos dele, que considero uma parte de mim. Eu morro por eles, se for necessário. Não me anulei. Eu fiz escolhas. E não me arrependo de nenhuma delas.

Eu estava impressionada. Estendi a mão e entrelacei meus dedos aos de Tia. Murmurei:

- Nunca teve ninguém? Um homem?

- Não. Tenho 69 anos e sou tão virgem quanto o dia em que eu nasci.

Mesmo surpresa, não a julguei. Tive vontade de dizer que Mario não merecia aquele amor, mas me dei conta que aquilo a gente não escolhia. O sentimento vinha independente da nossa vontade.

- Mas a senhora... É feliz assim?

- Muito. Não me arrependo de nada.

- O meu amor por Theo é como o seu, Tia. Sei disso mais do que tudo na vida. Nunca vou amar um homem como eu o amo. – Falei com certeza. – Mesmo que nunca mais fiquemos juntos. Ele arrebatou a minha alma. Isso a gente não escolhe nem consegue impedir.

- Esses homens Falcão... – Tia brincou para desanuviar e acabamos sorrindo. Mas não abrandei quando completei:

- E mesmo amando-o desse jeito, não vou me anular mais. Eu o quero longe de mim. Vou ficar longe do caminho dele e quero que fique longe do meu.

Ela suspirou, triste. Ficamos quietas, mas então a encarei, mais séria, perguntando baixo:

- A senhora viveu aqui muitos anos. Conheceu meus avós e minha mãe.

- Sim.

- Acha que Mário mandou matar meu avô na prisão?

- Eu não sei, Eva. – Disse, incomodada.

- A senhora deve saber.

- Posso desconfiar, mas não tenho certeza. Se ele fez, guardou para si, nunca admitiu nada.

- Mas acha que ele pode ter feito?

- Como eu disse, Mario não tinha as virtudes de Theo. Sempre achei que ele fosse capaz de tudo.

- Entendo.

Soube que teria que continuar com aquelas dúvidas, sem provas. Mas como Tia, eu o julgava capaz de tudo.

Suspirei e ficamos em silêncio.

Resolvi parar de pensar naquilo e me concentrar na minha própria vida e nas mudanças que aconteciam em mim. Era coisa demais para tentar resolver e eu precisaria ser forte para conseguir.

Não sei como resistiria a Theo, principalmente quando minha mágoa diminuísse. Mas não dava mais para seguir do jeito que estava.

Fechei os olhos, cansada demais.

No dia seguinte eu pensaria com mais calma em tudo.

CAPÍTULO 14

THEO

Eu entrei em meu quarto quando o amanhecer já despontava no céu e a claridade começava a surgir. Tínhamos resolvido tudo na sala, o celular de Cássia foi apreendido e ela havia chorado muito, implorado por perdão. Não seria denunciada, mas Ramiro deixou claro que estaria na cola dela. E é claro que a demiti. Agora o delegado ia tentar fazer o rastreamento do número que Luiza tinha dado para ela e da ligação.

Pensei em ligar para Micah e passar o número para ele, mas estava cansado demais e deixei para o dia seguinte. Foi um alívio subir as escadas e ir para meu quarto, mesmo que exausto por tudo que tinha acontecido naquela noite e madrugada. E com a culpa ainda me remoendo.

Esfreguei o rosto e a barba, sabendo que, mesmo tão cansado, eu não conseguiria dormir. Pensei em tomar um banho, me livrar um pouco do peso sobre mim, que me fazia sentir sujo, um merda, um covarde, mas nem isso tive vontade. Apenas perambulei por lá, angustiado, o tempo todo pensando em Eva.

Liguei o ipod que estava sobre um aparador, só para tentar me distrair e relaxar com uma música. Os Carpenters começaram a cantar Solitaire e parei, como se a música viesse a calhar para mim, bem do modo como eu me sentia.

*"Havia um homem, um homem só
Que perdeu seu amor através de sua indiferença
Um coração que se importasse, que nunca foi compartilhado
Até que morresse no seu silêncio(...)"
(The Carpenters – Solitaire – Tradução: Solidão)*

Parei, pensativo, sozinho, preocupado. Eu estava abalado com tudo que me disse e vi no seu olhar, com aquele desprezo mudo, que me golpeou mais do que tudo. Não estava acostumado a ser tratado assim e de repente me ver privado de sua adoração, suas

tentativas de provar que me amava e sua submissão, deixava-me perdido e abalado.

Tinha uma vontade quase sobre-humana de ir ao quarto de Eva, de resolver aquilo tudo e obrigá-la a me olhar nos olhos, beijá-la, afastar aquela distância que havia estabelecido entre nós e era pior do que qualquer ódio. Eu não conseguia lidar com aquilo, com o modo como ficou e me tratou, mesmo sabendo que era merecido.

Lembrei das caixas que Micah tinha me dado, da casa dela, que a polícia devolveu. E de repente eu não conseguia pensar em outra coisa. Era uma maneira de saber mais sobre ela, tê-la um pouco comigo.

Peguei uma delas no closet e coloquei-a sobre a cama. Sentei e a abri, vendo lá algumas coisas que já tinha observado, como algumas flores secas, pedras, um cacho de cabelo, poesias, dvd, cd, um caderno amarelo de capa dura. Eu o peguei e abri na primeira página, deparando-me com uma letra infantil e bonita, redonda, que reconheci como de Eva. Estava escrito:

"Esse diário comecei a escrever hoje, no dia do meu aniversário de nove anos. E é meu único amigo. Pensei que não fosse ganhar nenhum presente de aniversário, pois a última vez que recebi um, nem me lembro mais. Acho que Deus ficou com pena de mim e resolveu fazer essa surpresa na volta da escola. Quando estava caminhando para casa, vi um embrulho brilhante caído no chão. Na mesma hora abaixei e peguei. Fiquei esperando mais ou menos uma meia hora, pra ver se alguém voltava pra pegar. Como não voltou e não tinha nenhum nome escrito, resolvi abri-lo e quando vi que era um diário, fiquei tão feliz, mas tão feliz, pois sempre tive vontade de ter um, e mamãe sempre me dizendo

que era bobagem. Pelo menos esse presente enviado por Deus, diminui a tristeza por ninguém aqui de casa não ter se lembrando que dia era hoje”.

Só esse trecho já mexeu comigo. Solidão. Como eu me sentia, como a música que eu ouvia, tudo parecendo uma sintonia só. Foi isso que senti vindo daquelas letras. Respirei fundo e passei a página, mesmo sabendo que não devia, que aquilo era intimidade dela. Mas não pude conter a vontade de conhecê-la um pouco mais em diferentes fases da sua vida, saber um pouco dos seus pensamentos. Comecei a ler.

No início, eram apenas frases soltas sobre uma revista que queria ganhar e sua paixão por um ator adolescente. Depois vinham umas cópias de letras de músicas e poesias, como se ela sondasse o caderno, criasse coragem para confiar nele e desabafar. E só mais a frente começava a fazer isso.

Eva dizia que pensava muito em Gabriela, como ela seria, se ambas um dia se conhecessem, se poderiam ser amigas. Como em uma parte:

“Hoje é dia de Natal. Estou aqui no meu quarto, sozinha. Vovó já foi se deitar e mamãe está no quarto ao lado com alguns dos homens que pagam pra se deitar com ela. Eu coloquei fones de ouvido e estou ouvindo algumas músicas pra me acalmar. Não aguento mais uma vida tão miserável e tão triste. Não aguento ficar ouvindo os sons e as palavras feias que são ditas por eles. Eu queria dormir e nunca mais acordar. Eu sinto tanto por não ter uma família normal, eu queria que pelo menos no dia de hoje tivéssemos uma ceia e uma árvore de Natal com bolinhas coloridas e pisca-piscas. Que pudéssemos sentar na mesa e conversar bobagens e contar histórias. Mas nada disso é real, é tudo o que mais desejo e fico tentando viver fora da realidade. Se Gabriela pelo menos estivesse aqui comigo, acho que não doeria tanto. Queria muito dizer à minha irmã que a amo e sinto falta dela todos os dias. Se Papai Noel

existisse, eu iria pedir pra trazer Gabi de volta pra gente. Ia ser o dia mais feliz da minha vida”.

Depois falava da avó e da mãe, apenas que elas estavam sempre ocupadas e que ela se sentia sozinha. Foi essa a sensação que tive o tempo todo, sentado, concentrado em suas palavras. Solidão. Isso doeu forte dentro de mim.

Eu quase podia imaginar Eva, uma menina loira e pequena com enormes olhos verdes, quieta em um canto, isolada do mundo. Ela descrevia isso, que a mãe não a queria de amizade com ninguém, que elas ficavam meio escondidas. Não queriam ser encontradas e mapeadas, pois eu sabia que no final das contas o objetivo de Estela e Luiza era de se manterem assim para agirem mais livres na vingança futura. Tinham sido bem cuidadosas e usado nomes falsos.

Eva escreveu em diferentes momentos de sua vida e mesmo assim não era muito, mais um desabafo. Tinha um relato dela aos 11 anos dizendo que estava apaixonada pelo colega da escola e queria se casar um dia com ele. Mesmo sabendo que era ridículo, eu fiquei com ciúmes. Que só aumentou quando descreveu seu primeiro beijo, dando em detalhes tudo que sentiu, seu nervosismo aos 13 anos, o garoto, que usava aparelho e machucou sua boca. E ao final ela dizia que beijar era muito ruim.

Vi o sobrenome da minha família ser citado ali pela primeira vez ainda com 13 anos de idade, reclamando que odiava os Falcão:

“Não aguento mais, minha mãe só fala neles. Eu sei que são culpados, que por isso vivemos escondidas, que eles querem acabar com a minha família. Passamos fome por causa deles. Minha avó perdeu tudo. E um dia juro que vou recuperar o que nos tiraram, assim minha mãe nunca mais vai precisar se deitar com aqueles homens”.

Que Luiza fosse prostituta não me surpreendia. Mas Eva saber disso naquela idade sim, me preocupava. O que ela teria visto? E os riscos que correu? Fiquei nervoso, imaginando um homem pondo as mãos nela, sendo só uma menina. E voltei a me sentir mal comigo mesmo, afinal havia uma diferença de idade grande entre nós. Ela era ainda muito jovem e não levei nada disso em consideração.

Voltei a ler, mas o que me deixou chocado, paralisado, foi uma página escrita de um lado só. Ela tinha 15 anos:

"Hoje fiz 15 anos e me disseram que eu estava me tornando uma moça. Pensei que ganharia algum presente, ou até uma pequena comemoração como todas as garotas da minha idade ganham. Em vez disso, nada me preparou pra a conversa que mamãe teve comigo, me explicando umas coisas. Sobre homens. Não sou uma boba. Leio, vejo televisão, escuto minhas colegas da escola falando. Meu corpo mudou e sinto coisas esquisitas. Tudo que ela falou como era o corpo masculino, o que ela fazia com os homens me deixou assustada. Eu sempre ficava trancada no outro quarto com minha avó e só ouvia os barulhos. Só que não era o bastante. Vovó foi contra quando ela disse que me ensinaria tudo e eu saberia na teoria como conquistar um homem. E falou de coisas que achei nojentas! Eu nunca ia fazer aquilo com homens! Era horrível! Mamãe ficou com raiva quando falei isso. E então fez os buracos na parede. Nunca vou esquecer quando me mandou olhar tudo e foi para o outro quarto. E eu vi aquele

homem entrar, barbudo, baixinho, com cabelo comprido e cara de sujo, todo peludo. Ele ficou pelado e era muito feio! Senti tanto nojo de tudo, de como foi bruto e puxou o cabelo dela, indo para cima e se sacudindo todo. E ela fingindo que gostava.

Pensei que sexo era com pessoas que se gostavam, não aquela sujeira. E depois veio outro e outro. Não acabava e comecei a chorar, vovó deixou eu parar de ver. Mas agora ela me obriga a olhar sempre, me explica como devo fazer e não consigo mais olhar para ela sem a imaginar com aqueles homens. Não quero nunca fazer isso!

Mamãe já me ameaçou várias vezes quando o assunto tratado são garotos. Ela sempre me faz prometer que vou me manter virgem, que uma hora isso traria benefícios pra gente. E como eu iria negar isso a ela, além de nunca mentir eu não queria que me odiasse, não queria sentir mais solidão do que já sinto. Eu só queria o seu amor.

Mas fico pensando que se um dia tiver um filho, vou fazer diferente. Vou cuidar dele e não deixar que se sinta sozinho. Vou querer que sorria, que esteja comigo, nunca vou esquecer seu aniversário. Eu vou beijar e abraçar muito ele. E nunca vou deixar que fique triste. Vai ser muito amado por mim. Tanto quanto eu quero ser amada por mamãe”.

Eu parei de ler, angustiado, furioso. Não podia acreditar que Luiza tinha chegado aquele ponto. Só podia ser louca mesmo! Respirei fundo, com vontade de sair quebrando tudo e gritar de raiva pelo que aquela mulher tinha feito com Eva, sua própria filha.

Senti uma pena terrível de Eva, sendo criada daquela maneira depravada, sozinha, com duas malucas. O que eu podia esperar? Foi condicionada desde cedo a pensar e agir como elas. A nos odiar e a querer tirar a mãe daquela vida, acreditando que tudo era culpa nossa.

Passei a página, perturbado, na verdade sem querer ler o resto. E a cada uma, senti-me mais raivoso e revoltado. Ela tinha crescido vendo sexo de duas formas: ora com nojo, ora com desejo, quando se excitava. E tanto um quanto outro a deixava com a sensação de culpa, de que a mãe fazia aquilo como última opção para sustentá-la e mantê-la segura.

Entendi que era assim que Luiza a manipulava, fazendo-a se sentir em dívida, disposta a se sacrificar pela mãe que sempre sofreu para protegê-la. E isso ficou patente em seus relatos mais velha, quando contava os planos delas sobre aquela vingança. Um, de usar Gabi e fazê-la se virar contra nós. Dois, encontrar Micah e ter o apoio dele. Três, se aproximar de um dos homens da família Falcão e seduzi-lo, sem que soubesse quem ela era.

Senti-me mal lendo aquilo, mas esperançoso quando ela espelhava suas dúvidas:

"Não consigo entender como minha mãe pôde deixar minha irmã com eles, se sabem que são pessoas tão más ..."

"Tenho medo de me meter nisso. Por mim íamos embora e seguiríamos nossa vida. Mas como posso voltar as costas a elas?"...

"Minha mãe diz que vai ser mais fácil se eu conquistar o caçula, Joaquim. Já vimos uma casa

para eu ficar na favela Sovaco de Cobra. É de lá que vou mandar os bilhetes para Gabriela e me aproximar de Joaquim. Estou com medo. Queria falar tudo para minha irmã e fugir com ela”...

Suas dúvidas apareciam sempre, assim como sua lealdade e sua devoção à mãe. Isso ficou notório para mim, permeando todas as suas ações, como uma pessoa manipulada desde cedo por Luiza.

Nervoso, nem vi o tempo passar e o dia amanhecer. Eu lia sem parar suas palavras e desabafos, seus medos e dúvidas, seus desejos e apreensões. Até que chegou mais recente e, embora ela ficasse muito tempo sem escrever, pude entender melhor tudo.

“Gabriela é apaixonada por Joaquim. Mamãe ficou furiosa. Ainda mais por que ela não quer saber dos nossos bilhetes. Está com novos planos, disse que eu devo ter outro foco na família Falcão e falou do mais velho. Ele tem mais de quarenta anos! Podia ser meu pai! Só o vi na foto, mas fiquei com medo dele. Ele tem um jeito de ser tão bravo! Tenho até medo em pensar no que ele pode fazer, se me pegar.

- Ah, coelhinha... – Murmurei, sentindo-me mal com tudo aquilo, com a idade, com tudo que fiz com ela. E também com o fato de ter sido alvo delas e cair tão fácil naquela armadilha.

Continuava, até uma parte em que li com mais atenção:

“Ontem entrei pela primeira vez naquela casa. Fui disfarçada com peruca e óculos, acompanhando um dos contadores da fazenda em uma festa. Consegui colocar o bilhete e as fotos na cama de Gabriela, mas senti muito medo. Só que nada me

deixou tão apavorada quanto encontrar com ele frente a frente. Theodoro Falcão. O homem que mamãe queria que eu seduzisse. O depravado que colocava mulheres na coleira. Eu o encontrei sem querer e ele me olhou. Tive muito medo e não sei explicar o que mais. Nunca fiquei tão nervosa. Os olhos dele pareceram sugar alguma coisa de dentro de mim. Até agora não consigo esquecê-lo. Tem uma força que assusta, é poderoso, um homem de verdade. Nunca olharia para uma garota tão simples como eu. Por que será que mamãe acha que ele poderia ter algum interesse em mim? Sendo que ele pode ter as mulheres que ele quiser. Estou tentando convencer mamãe a esquecer aquilo. Não posso me envolver com ele, eu nunca seria páreo pra um homem tão intenso”.

Dali ficava muito tempo sem escrever. Eu parei de ler um pouco, tentando me lembrar daquele primeiro encontro, mas não consegui. Para mim, a primeira vez que a vi foi quando despertei daquele atentado e acordei na favela com ela debruçada sobre mim.

Sua impressão sobre mim a havia marcado. Mas ainda assim não provava nada. Só que me temia e sabia que poderia sair perdendo feio naquela história. Ansioso, comecei a ler mais:

“Não tem mais jeito. Começou e me meti de cabeça nessa vingança. Vovó está doente, e a cada dia ela piora. Gabriela não quer saber da gente, meu tio Micah nunca foi encontrado. Como posso fugir, se só eu tenho condições de recuperar o que nos foi

tirado? Eu me sinto muito culpada. Theodoro sofreu o atentado e fui conivente. E agora essa culpa não deixa meu coração em paz . Não era para ele tomar tiro nem ninguém morrer. Minhas mãos estão sujas de sangue. E isso me deixa totalmente apavorada.

Eu quero fugir. Sei que isso está errado, mas não posso abandonar mamãe e nem vovó. Mas não consigo tirar esse homem da cabeça. Mesmo baleado e com sangue, ele mexeu comigo. Penso nele o tempo todo. E sinto muito medo. ”

Depois disso, só havia mais uma página escrita, as outras estavam em branco. Abalado, li o último texto ali:

“Eu não sei mais quem sou e o que quero. Sempre cultivei o ódio. Ódio do mundo, por ser privada de tanta coisa. Da insegurança, pois nunca tive certeza de nada, nem mesmo de ser amada. E ódio da família Falcão, que roubou nossas terras e Gabi, que matou meu avô, que tirou nossa chance de felicidade. Eu queria salvar minha mãe da prostituição e minha avó da doença. E para isso precisava me meter com eles.

Agora eu quero só que tudo isso acabe. Se tivéssemos ido embora, nós quatro, sumido no mundo, criado novas raízes, esquecido tudo, talvez nossas vidas fossem diferentes. Mas não o fizemos. Deixamos Gabi ir. E agora eu queria ir também. Mas

e minha avó naquela cama? E tudo que minha mãe fez?

Em que momento eu mudei? Por que fui me apaixonar por Theo, mesmo sabendo quem ele é e que pode nos destruir? O que faço agora com essa vida miserável? E as dívidas que tenho com minha mãe e avó? E as injustiças que sofreram? E meu amor por Theo?

Eu quero gritar! Quero fugir e esquecer! Quero rir e ser feliz sem esse peso todo! Quero só uma chance de escolher. Eu sei o que quero. E o que posso. E o que quero é o que não posso. Como vou sair dessa, meu amigo? Como vou continuar em uma vingança para destruir o homem que invadiu meu corpo e minha alma? O homem que eu devia só odiar?".

As palavras se embaralharam na minha frente e tive que ler de novo, vendo a data, que batia com a época em que a levei para morar na fazenda e já éramos amantes, logo no início. Ela registrou ali, naquele diário esquecido na casa da mãe dela, o que sentia dentro de si. O que afirmava para mim sempre. Que me amava.

Uma parte daquela raiva que não saía de dentro de mim desde que descobri sua traição cedeu, arrefeceu, sumiu como se um peso enorme fosse tirado de cima de mim. Eu vi ali uma parte da alma de Eva e não era de uma manipuladora sem escrúpulos que queria me enganar e matar. Mas de uma jovem manipulada desde cedo, acostumada a uma realidade triste e solitária, que mesmo assim tentava se libertar e pensar por si mesma.

Deixei o diário sobre a cama e me levantei, bombardeado por muitos sentimentos e dúvidas, angustiado, esfregando o peito.

Entender Eva só fez com que visse a mim mesmo melhor e como tinha minha parcela de culpa em tudo aquilo. Ela saiu das garras da mãe e caiu nas minhas. E eu, apesar de ser louco por ela e amá-la, fiz o mesmo que Luiza: eu a dominei, me impus, não a deixei respirar. Tanto meu amor quanto meu ódio se sobrepuseram aos desejos e vontades dela.

Nunca gostei de ser contrariado e era um viciado por controle. Sabia dos meus defeitos, minha mania de dominar, minha apreciação da violência, que era uma parte de mim. Convivi comigo mesmo por anos para me entender. Por isso nunca quis me envolver com ninguém sério e me mantive solteiro por tanto tempo. Até perder a cabeça por Eva e me apaixonar como nunca julguei possível.

Andei pelo quarto e desliguei o ipod, que tocava outras músicas e só me deixava mais revoltado com tudo que li, comigo mesmo, com pena de Eva e uma vontade enorme de jogar tudo para o alto e ir até ela, apagar o passado e começar uma nova história sem tanta coisa entre nós. Mas fiquei parado, quieto, cansado e preocupado, doído por ela e por mim.

Tudo ainda era um caldeirão fervendo. Ambos fomos além do que era permitido, Eva quando me enganou e eu quando usei minha raiva contra ela. Como resolver tanta coisa, esquecer tanta mágoa, perdoar?

Não conseguia parar de pensar em suas palavras naquele diário, sua vida, suas necessidades e, sobretudo, sua declaração por mim. No fundo sempre soube que Eva me amava, ela não conseguiria fingir tão bem, me olhar e beijar com tanta paixão e entrega, se dar a mim tão completamente como fez. Mas não quis acreditar, machucado por sua traição, como um animal ferido que avança para não ser torturado novamente.

E agora, o que eu faria com tudo aquilo? Como passaria por cima do meu orgulho e da minha dor? Como a faria ver que mesmo tendo pegado pesado naquela noite, eu só me descontrolei por medo de uma nova traição? Se nem eu me perdoava e sabia que não havia desculpa para o que fiz, para a violência que usei arrancando-a de casa daquele jeito, jogando-a no calabouço,

amarrando-a e fazendo-a acreditar que eu a machucaria de verdade e tiraria sua filha?

Arquejei, com ódio de mim mesmo. Não havia desculpas para aquilo. Mesmo que no final das contas e no auge da minha fúria eu tenha recuado, sem poder feri-la, mesmo assim fui abusivo e dominador, autoritário e amedrontador. Eu vi como desistiu ali, como algo dentro dela se rompeu, entendendo agora que, mesmo errando e fazendo suas escolhas, havia um mundo de desculpas para ela. Sua criação, sua idade, sua lealdade à mãe e à avó. E para mim não havia desculpas. Só a realidade de que eu era um animal.

Voltei à cama, olhei para as coisas de Eva dentro da caixa, o diário. Fui ao closet, vasculhei a outra caixa e não vi nada demais ali, além de objetos, retratos, enfeites. E então achei uma foto dela, com mais ou menos uns cinco anos, olhos enormes tomando o rosto, uma expressão de tristeza. E lembrei-me de suas palavras de que, se tivesse um filho, nunca o deixaria se sentir como ela.

- Porra... Porra! – Rosnei, deixando a foto ali, sem poder encarar aquela tristeza do passado e sabendo que a tristeza do presente fui eu que causei.

Voltei ao quarto e andei como um animal enjaulado, sem saber o que fazer e sem conseguir ficar parado. Por fim, catei meu celular, as chaves do carro e saí discando para Ramiro. Eu tinha que pegar uma chave e ir a um lugar, ver com os meus olhos parte do que acabei de ler.

Cheguei à casa pequena que Eva morou com Luiza e Estela, depois de conseguir a chave da porta com Ramiro. Era ainda de manhã cedo e as casas vizinhas estavam fechadas. O carro dos meus seguranças ficou atrás do meu, mas fiz um gesto para que ficassem ali. Eu estava com minha pistola e entrei sozinho.

Emoções violentas e ruins me engolfaram dentro dos muros fechados, enquanto passava os olhos pelo quintal maltratado com mato crescido e imaginava aquela garotinha de olhos tristes ali, sozinha, sempre sozinha. Meu coração pesava, mas mesmo assim destranquei a porta e entrei na sala.

A pobreza não me incomodou. Muitas pessoas eram pobres e viviam com dignidade. O que me deixou agoniado foi olhar em volta e ver uma parte da vida de Eva ali, imaginar quantas vezes perambulou naquele lugar cheia de sonhos e dúvidas, o que viu e presenciou, em tudo que foi ensinada a acreditar. E enquanto eu andava por lá, era como senti-la comigo como uma sombra, deixando-me doente de culpa e preocupação, de uma pena que era mais forte que tudo. Imaginei Helena passando por aquilo e quase morri com isso.

Havia uma energia ruim e pesada ali, um estigma do mal entranhado nas paredes e nos móveis, uma vibração que me angustiou mais. Contive o ar, como se o cheiro de dor, solidão e ódio empestasse tudo. E ignorei os outros cômodos, indo direto para o quarto meio infantil que sabia ter sido o de Eva. Acendi a luz e meus olhos varreram tudo, bateram na boneca velha e no urso sem um olho, imaginando o quanto daquilo ela não teria ganhado já usado, talvez de umas poucas vezes que a mãe ou a avó resolveram presentear-la.

- Desgraçadas... – Rosnei, cerrando os punhos, andando por lá com o ódio me consumindo mais e mais.

Na minha cabeça não saía a imagem de Eva numa daquelas camas com fones de ouvidos para não escutar a mãe transando com os homens no quarto ao lado. Fitei a parede que dividia os dois ambientes e vi dois quadros pequenos lá. Sem cuidado eu os arranquei, jogando-os ao chão, pouco me importando se quebravam e espalhavam cacos de vidro para todo lado. Eu só conseguia ver os dois buracos ali e sentia tudo dentro de mim se revoltar, em uma fúria assassina.

Tive que respirar várias vezes para me conter, enquanto me aproximava de um deles e via bem a cama diante de mim. Espalmei as mãos na parede e fiquei completamente irado ao imaginar Eva ali, ainda uma adolescente, obrigada a ver a mãe transando com uma infinidade de homens.

Meu peito doeu, meus olhos arderam. E por fim eu entendi Eva e toda revolta que senti desde que descobri quem ela era pareceu escorrer para fora e longe de mim. Fiquei vazio, cansado,

minha ira concentrando-se só naquela mulher maldita que tinha pensado só em si mesma e se desfeito das duas filhas. Luiza ia pagar por tudo. Eu não sosseitaria até acabar com ela.

Fiquei cego, descontrolado. Fui pegando tudo que vi pelo caminho naquela casa agourenta e jogando no chão, quebrando. Com um grito furioso, descarreguei ali o ódio que sentia, a raiva por tudo que Eva passou, o ódio de mim mesmo por também tê-la levado em seu limite, por ter sido um desgraçado com ela. Nada perdoava minhas ações, assim como não perdoava as de Luiza. Ao final das contas, Eva tinha sido oprimida por mim e pela mãe e isso só me colocava no mesmo patamar que aquela maldita.

Fui ao outro quarto e destruí tudo que pude. Quebrei os móveis, esparramei roupas e objetos no chão, jurei a mim mesmo que compraria o quanto antes aquela casa, só para pôr fogo em tudo, queimar a maldade ali grudada, sabendo que as lembranças estariam sempre com Eva, mas alguma coisa eu poderia fazer contra aquele passado. E mais. Eu teria que fazer mais.

Parei, respirando irregularmente, descabelado, aos poucos voltando a mim.

Só aquilo não seria o bastante. Havia ainda muito para ser feito.

Prender Luiza e seu comparsa, afastar o mal e a ameaça que representavam. Mostrar a Eva que eu estava arrependido por minhas culpas, tentar reconquistá-la. Saber de mim mesmo se eu poderia seguir em frente com ela, pois apesar de tudo ainda não aceitava ter sido enganado. E lutar para que ainda estivesse disposta a tentar comigo, mesmo com o mundo contra nós.

Tudo pesava sobre mim. Eu agora a via como uma garota e eu como um algoz. As coisas tinham se invertido, sentimento confusos me bombardeavam. Precisava sair dali, ir para casa, buscar uma solução e um recomeço.

Angustiado, pisei sobre vidro e madeira, papel e tecido, sabendo que não poderia mais deixar meu gênio tomar conta de mim ao lidar com ela. Eu a amava e não queria magoá-la. Era a mulher da minha vida, a mãe da minha filha, a minha coelhinha. E mesmo com a diferença de idade, sua traição, seu passado, Eva

tinha me feito um homem melhor. Eu tinha sido um ogro, mas cada vez mais enxergava a mim mesmo e tentava mudar. Por ela.

A luta não tinha terminado. Uma nova batalha se iniciava. Mas eu estava disposto a vencer. E a ter Eva comigo.

CAPÍTULO 15

EVA

O dia estava lindo e caminhei com Helena no colo do lado de fora. Era domingo e fui informada por Tia que não havia mais necessidade de ficar em meu quarto e só sair quando Theo não estivesse em casa. Para mim foi indiferente, pois eu estava disposta a não obedecê-lo mais. Assim, saí para tomar um sol com minha filha, mas fiquei perto do jardim, pois sabia que havia seguranças em volta.

Quando começou a esquentar, eu entrei com ela, dizendo baixinho:

- Agora mamãe vai te dar um banho gostoso e um leitinho melhor ainda.

Helena me olhou e fez um barulho esquisito, como se respondesse. Eu sorri e estava já dentro da sala com ela, quando ouvi passos e ergui os olhos. Theo descia as escadas de banho tomado, cabelo úmido, uma blusa preta deixando-o mais másculo e lindo. Parou no último degrau, seus olhos azuis fixos em mim.

Eu parei também, como sempre abalada por ele. Acho que se eu vivesse mil anos, a cada vez que o olhasse sofreria um baque e me sentiria mexida. Mas junto com tudo aquilo, havia muito mais. Havia dor e uma revolta silenciosa, que ainda me doía por dentro. Lembrava de como fui tratada, do medo, daquela desesperança que foi a pior coisa que senti na vida, enquanto até o medo cedia espaço à desistência naquele calabouço.

- Oi, Eva. – Falou baixo, devagar, cauteloso. Olhava-me de forma penetrante, diferente.

- Oi. – Respondi séria, pronta a passar por ele e evitá-lo em meu caminho.

Desviei o olhar e dei um passo a frente, mirando a escada. Mas ao chegar ao seu lado, sua voz me impediu:

- Preciso conversar com você.

Eu parei e dei certa distância dele antes de encará-lo, sem conseguir disfarçar a mágoa que ainda sentia dentro de mim. Observava-me bem atento.

- Tenho que cuidar de Helena.

Theo baixou os olhos para ela em meu colo e seu semblante se suavizou. Era impressionante como de um tigre virava um gatinho quando a olhava ou se dirigia a ela. Aquilo sempre me emocionava e eu sabia que era e seria um pai exemplar.

Emoções me engolfaram. Fiquei feliz por minha filha, pois com todos os problemas, ela era muito amada por mim e por Theo. E por todas as pessoas da família. Mas por um breve momento quis ser olhada assim também. E como se lesse meus pensamentos, ele ergueu aqueles olhos intensos para mim e sua expressão ainda era carinhosa, amorosa. Era o modo como me fitou muitas vezes durante os meses do nosso casamento, quando então se deu sem reservas a mim.

Engoli em seco, tentando não pensar naquilo. Já ia me afastar, quando se aproximou mais e disse baixo:

- Não adianta fugir. Precisamos conversar.

- Agora não.

- Agora sim.

- Vai me obrigar? – Ergui o queixo, enfrentando-o, parte de minha raiva voltando. Estava disposta a nunca mais me rebaixar para ele.

- Não, Eva. Não vou obrigar você a nada. – Parecia um tanto cansado, parado a minha frente, sua mão indo na cabecinha de Helena e acariciando-a. Ela se bateu, animada, sem saber o clima que pesava entre nós.

- Não até você ficar furioso com alguma coisa e me arrastar por aí. – Eu sentia vontade de falar o que eu sentia, de mostrar parte da minha raiva. Tinha cansado de me calar tanto. Havia uma revolta latente em meu peito, uma decepção desconhecida, uma vontade de deixar de pôr meu destino nas mãos de outras pessoas.

- Eu sei que errei. E peço perdão. Pode me perdoar?

- Não.

Ficou surpreso, um tanto abalado com minha frieza.

Continuei:

- Não é fácil perdoar e sabe bem disso, não é, Theo? Quantas vezes eu te pedi perdão? Quanto tempo tentei fazer com que acreditasse em mim?

- Deve entender que era difícil para mim. Você me enganou e traiu.

- Sim, fiz isso. Mas expliquei tudo, falei que me arrependi, que casei com você por amor e desisti da vingança. Eu aceitei tudo que fez comigo achando que devia ser mesmo castigada. – Cuspi as palavras, sem tirar os olhos dos dele e nem recuar, os sentimentos se retorcendo em meu interior, enquanto só me olhava. – Mas tem uma hora que cansa. Agora não me importo mais. Não quero saber se acredita ou não. Só quero que me deixe em paz.

- Eu entendo sua raiva.

- Não é raiva!

- Não? – Franziu o cenho, seus olhos brilhando. Eu sabia que tinha vontade de me segurar e me sacudir, mas ao mesmo tempo o sentia mais calmo do que pudesse imaginar, um certo desespero em suas feições. – É raiva e revolta, Eva, mas não tiro sua razão. Eu extrapolei e só posso prometer que isso nunca mais vai acontecer.

- Já prometeu antes.

- Antes de saber que você era uma Amaro.

- Sou sim! Sou Eva Amaro, filha e neta dos inimigos da sua família! – Falei em alto e bom tom, pois não adiantava fugir daquilo, teríamos que enfrentar.

- Ham... Ham...

Ouvi um rosnado furioso vindo das minhas costas e dei com o olhar irado de Mario Falcão sobre mim, sentado em sua cadeira de rodas, com Tia empurrando a cadeira dele, vindos do corredor. Por sua cara percebi que só agora sabia quem eu era. Estava ficando todo vermelho, mas não recuei. Ergui mais o queixo, firme em meu lugar.

- Ham! – Gritou mais alto e bateu com o punho cerrado na cadeira, apontando depois para mim, balbuciando: - A... Ama... ro.

- Calma, Mário. – Disse Tia, pondo a mão no ombro dele, mas não tirava os olhos de mim, como se exigisse uma resposta.

- Sim, sou neta de Pablo Amaro. – Falei em alto e bom tom.

- Ahhhhhhhhhhh... – Berrou, com raiva, seus movimentos desconexos ao bater na cadeira, nervoso, tentando gritar: - Fo... Fo... ra!

- Ela é minha esposa, pai. – Theo interviu, metendo-se na minha frente e na de Helena, seu tom sério, mas tranquilizador. – Tudo está sendo resolvido. Não precisa se meter.

- S... Sai! – Ele gritou.

- Ela fica. – Disse Theo.

- Ham! Sai! Sai!

Estava todo vermelho, fora de si de tanta raiva. Tia se desesperou e tentou acalmá-lo, segurando-o, usando palavras amenas:

- Não fique assim, Theo sabe o que está fazendo, ele e Eva vão se entender e...

- Sai!

- Por que não aproveita e me diz se matou meu avô, senhor Falcão? – Eu também me sentia em meu limite e não me importava com aquele homem. Por ele, toda aquela tragédia estava acontecendo. – Você o matou? Matou Pablo Amaro na prisão?

- Eva... – Começou Theo, segurando meu braço, se voltando para mim.

- Ma... tei! – Berrou e bateu no peito com o punho cerrado, como se estivesse orgulhoso disso. Eu fiquei pálida, imobilizada, tendo a confissão como prova final de que pelo menos naquilo minha mãe e minha avó não haviam mentido.

- Ah, meu Deus! – Exclamou Tia.

- Des... Des... truir. Des... truir... A... ma... ro... Ham...

- Sim, quis destruir os Amaro! – Furiosa, ia avançar para mais perto dele, olhando em seus olhos, mas Theo me puxou e me segurou, sua voz firme:

- Eva...

- Eu quero ouvir! Quero saber como um homem só causou tanto ódio e tragédia! – Mal podia respirar e lágrimas sem controle vieram aos meus olhos. – Envolveu duas famílias em ira e vingança por sua maldade!

- S... Sai! – Gritou, como se me expulsasse de sua casa.
- É o que mais quero, sair daqui! Seu assassino!
- Pare com isso, filha... – Pediu Tia, apavorada quando Mário começou a arquejar e ficar todo vermelho, como se estivesse tendo um ataque. – Ai, Jesus!

- Pai! – Theo correu até ele, metendo-se na frente de sua visão, abrindo o colarinho de sua camisa. Estava nervoso e foi aquilo que me fez calar e recuar, percebendo que Mario passava mal de verdade.

Tia o abanou e Theo disse a ela:

- Ligue para o médico, Tia!

Fiquei imóvel, culpada, abraçando minha filha enquanto Theo se inclinava e pegava o pai no colo, correndo com ele para o quarto.

Eu fiquei tensa e me arrependi do meu descontrole. Joaquim desceu as escadas, indagando:

- O que aconteceu?

Dali por diante os outros desceram também e correram preocupados para o quarto do pai, enquanto Tia falava com a emergência.

Fui para o sofá e sentei, com lágrimas nos olhos e o peito doendo, indagando a mim mesma quando aquela tragédia toda acabaria. Raiva e culpa me dominavam. E eu me sentia cansada demais de tudo aquilo.

THEO

Tinha sido só um susto, um aumento de pressão ocasionada pela raiva e pelo descontrole emocional. Meu pai foi acalmado e medicado, por fim o médico foi embora e todo mundo se tranquilizou. Pedi a Gabi que ficasse com Eva e Tia também foi vê-la, disse que estava bem.

Agora eu estava sentado na beira da cama, olhando para meu pai recostado nos travesseiros, percebendo o quanto estava velho, com os cabelos todos brancos e o rosto vincado por rugas. Mas mesmo com tudo, seus olhos continuavam alertas e arrogantes, com

uma raiva que fazia com que apertasse as sobrancelhas e me olhasse fixamente.

Pedro estava recostado contra um móvel, com os braços cruzados. Heitor olhava pela janela, com as mãos nos bolsos. Joaquim tinha se sentado em uma poltrona e parecia perturbado. Eu sabia que eles queriam saber o que meu pai nunca contara. Que foi ele mesmo que deu fim em Pablo Amaro. Sempre achei que tinha sido aquilo mesmo, mas até aquele dia era só suspeita. Agora tínhamos uma confirmação.

Ao mesmo tempo, também não poderia perguntar a ele e correr o risco de fazê-lo passar mal. Mas como se sentisse o clima, ele mesmo fez força para falar:

- Ham... Ham... Pa... Papel.

Era muito difícil para ele juntar as sílabas e formar palavras.

Indaguei:

- Quer escrever?

Acenou com a cabeça. Percebi seu ar cansado e falei baixo:

- Não precisa ser agora, pai. Outra hora pode fazer isso.

- Pa... Ham... pel... – Insistiu.

- Eu pego. – Disse Joaquim, se levantando. Foi ao criado mudo e pegou o bloco e a caneta que já ficavam por ali. Voltou e apoiou uma almofada no colo dele, esperando que segurasse a caneta.

Nosso pai ainda não tinha firmeza nas mãos, mas aprendeu a comer sozinho e escrever quando era exigido, embora o fizesse com letras trêmulas e torcidas e devagar. Respirou fundo, se concentrou e começou. Ficamos quietos e deixamos que escrevesse sozinho.

Vários minutos se passaram e toda hora ele parava para descansar e recuperar parte da firmeza dos dedos. Por fim, ergueu os olhos e indicou o bloco com a cabeça. Eu o peguei e meus irmãos se aproximaram para ler:

“Ele tentou me matar. Atirou no capataz. Matou. Jurou acabar comigo. Era ele ou eu. Escolhi eu. Ramiro fingiu não ver. Abriu a cela. Capataz meu entrou e matou asfisiado. Pendurou na corda. Acabou. Já tinha comprado a fazenda dele. Expulsei as duas. Fim”.

Fiquei um tempo parado, lendo e relendo aquilo. Tão poucas palavras para descrever uma tragédia tão grande para duas famílias! Imaginei o ódio de Estela e Luiza, as duas perdendo tudo de repente, sabendo que Pablo foi assassinado, sem meios de lutar contra um homem poderoso como meu pai, que inclusive contou com a conivência de homens da lei para cometer seu crime. Pela primeira vez entendi as duas. Não desculpava o que fizeram depois, mas eu entendia como o ódio e a violência podiam destruir uma pessoa.

Ergui os olhos, de repente muito cansado, encontrando o olhar do meu pai sobre mim. Não vi ali nenhum arrependimento. Continuava lúcido e irritado. Falei baixo:

- Não foi o fim. Foi o começo de uma vingança.

Ele não se dobrou. Arrogante, balbuciou:

- E... va. Fo... ra. Sai.

- Quer a Eva fora daqui? – Perguntei, enquanto nos encarávamos. Meus irmãos estavam quietos, em silêncio.

Ele fez que sim com a cabeça, decidido.

- Se ela sair, eu saio também. – Falei sem me alterar.

Por fim vi uma mudança em sua expressão e pareceu surpreso. Piscou, abriu a boca, fez cara feia. Sacudiu a cabeça que não.

- Ham... me... meu... Ham... fi... fi... lho.

- Sou seu filho. Mas sou marido dela. – Não falei de documentos falsos nem da anulação do casamento que estava para sair. – É mãe da minha filha. Elas ficam comigo.

Nunca fui de enfrentar meu pai nem ele a mim. Havia, acima de tudo, respeito entre nós. E mesmo sabendo que ele errou feio em suas ações do passado, eu não perderia aquele respeito nem brigaria com ele, principalmente em sua situação. Mas não faria suas vontades.

- Posso sair com elas, se o senhor preferir assim.

- Theo... – Joaquim começou, preocupado com o rumo da conversa.

- Deixe-os, Joaquim. – Disse Heitor e ele se calou.

Meu pai olhou para meus irmãos e depois para mim, um tanto pálido. Ele me conhecia, sabia que eu não era de falar nada à toa. E pela primeira vez o vi realmente indeciso, como se não soubesse o que fazer.

Não aliviei nada para ele nem me expliquei. E quando fiz menção de me levantar, balbuciou nervoso:

- Ham... Ham...
- O que é, pai?
- Fi... que.
- Elas ficam também.

Acenou com a cabeça, apertando os lábios com desagrado. Eu acenei também e pensei que, se um dia, depois de tudo aquilo, eu e Eva nos entendêssemos, eu mandaria construir uma casa só para nós dois e Helena. Ergui-me, cansado, perturbado, sob seu olhar atento.

- Qualquer coisa que sentir, avise a enfermeira. Vou mandá-la entrar.

Não havia muito mais que eu pudesse dizer. Não havia uma verdadeira camaradagem ou amizade entre nós. Deixei ele com meus irmãos e saí.

Subi e fui direto ao quarto de Eva. Não havia mais segurança em sua porta, mas a segurança em volta da casa continuava maciça.

Entrei e vi Helena dormindo quietinha no berço. Eva estava de pé em frente à janela, olhando para fora, seu cabelo dourado iluminado pela claridade. Virou-se e me encarou séria, de um modo novo, mais forte e decidida, sem aquele ar submisso de sempre. Disse friamente:

- Eu agradeceria se batesse na porta antes de entrar.

Depois de tudo que passei, da raiva por achar que me traiu novamente e arrastá-la para o calabouço, de trazê-la de volta me sentindo um merda e resolver tudo com Cássia e a polícia, de ficar a noite em claro lendo seu diário e indo em sua casa, além de voltar e pensar que meu pai ia morrer passando mal, confessando que era um assassino, chegar ali e ser tratado daquele jeito, fez meu sangue subir.

Andei até ela pisando duro e parei à sua frente, irritado, doido para pegá-la e ensinar a ela boas maneiras. Tive que respirar fundo para controlar meu gênio, mas falei firme:

- Esse quarto também é meu.

- Então quero outro.

- A casa é minha.

- Então quero sair daqui! – Falou alto, estressada, seus olhos brilhando. Não recuou e foi além: - Não quero mais morar aqui!

- Não diga besteira. – Retruquei, impaciente, me contendo para não segurá-la, meus instintos gritando que o fizesse.

- Besteira? Aquele homem lá embaixo que você chama de pai é um assassino! Ouviu o que ele disse. Confessou que matou meu avô.

- Você praticamente já tinha certeza disso, Eva. Por esse motivo se meteu nessa vingança.

- Eu não tinha certeza! Ele não me mandou sair? É o que quero também. – Ergueu o queixo e percebi que seus lábios tremiam, demonstrando seu nervosismo e descontrole. – Não fico mais aqui.

Passei a mão pelo cabelo, sem tirar meus olhos dos dela. Deu um passo para trás e se encostou na janela, como se temesse minha reação. Irritado, falei:

- Não precisa ter medo de mim.

- Eu tenho. Agora vejo a quem você puxou. Também matou, não é, Theo? Atirou naqueles bandidos do seu atentado sem vacilar.

- Queria o quê? Que eu ficasse quieto esperando que acabassem comigo? – Franzi o cenho, revoltado.

- Eu só sei que... que você também é capaz de tudo.

- Tudo não, Eva. Eu não fui capaz de fazer o que meu ódio mandava quando levei você naquele calabouço. Então não me acuse de ser capaz de tudo, embora eu saiba muito bem dos meus defeitos, do que posso ou não fazer.

Ela se calou, enquanto apenas nos olhávamos. Senti que estava no limite da exaustão, mas lutei para me manter lúcido, para resolver aquilo da melhor forma possível.

- Você não vai sair daqui com minha filha. Sabe o risco enorme que estamos correndo com aqueles dois bandidos lá fora. Quero as duas sob meus olhos.

- Arrume uma das outras casas para mim. Pelo menos não estarei sob o mesmo teto que seu pai.

Eu a entendia. Mas mesmo assim apertei os olhos e falei com impaciência:

- Já viveu esse tempo todo sob o mesmo teto que ele. Pense ao menos em Helena. Se sua mãe puser as mãos nela, não vai nem querer saber que é sua neta, só que é minha filha!

Eva empalideceu e pareceu se dar conta das ameaças que corríamos. Por fim, acho que aquilo a convenceu.

- Está bem. Vou ficar longe do caminho de seu pai. E espero que ele fique longe do meu. – Piscou, nervosa. – Não vejo a hora disso tudo acabar.

Pensei em suas palavras naquele diário, sua solidão e sua dor, aqueles buracos na parede de seu quarto, entendendo que ela devia estar mesmo cansada de tudo, precisando de paz. Relaxei, preocupado, querendo de alguma maneira aliviar seu fardo.

Olhei-a com um desejo absurdo de que tudo de ruim sumisse como mágica, mas sabendo que as coisas não funcionavam assim. Era tudo doloroso e confuso, uma mistura de emoções, escolhas que precisavam ser feitas. Via em seus olhos que estava cansada e carente, como eu me sentia. E mesmo tendo-a ali, na minha frente, tive uma saudade imensa dela.

Eva mordeu os lábios, nervosa. Então murmurou:

- Eu... Vou descansar um pouco agora.

- Eva...

Parecia perceber minha necessidade de tocá-la. Estava trêmula, uma mágoa em seu olhar mascarando os outros sentimentos, deixando-me perturbado. Quando estendi a mão, tentou se afastar e passar por mim, mas segurei seu braço e a puxei contra o corpo.

- Não, Theo...

- Vem aqui, coelhinha... – Murmurei perto do seu cabelo, emocionado, envolvendo-a pela cintura, precisando do seu cheiro,

do seu corpo, dela perto de mim.

Enrijeceu-se na hora, muda por que usei seu apelido. Senti quando arquejou e estremeceu, quando deixou que eu beijasse sua têmpora e dissesse baixinho:

- Sinto a sua falta.

Não lutou. Subi as mãos por suas costas, sob seus cabelos, cansado de tanta dor, tanta distância, tanta necessidade. Cansado de lutar. Como ela, eu também ainda tinha dúvidas e mágoas, eu não conseguia deixar de me sentir traído. Podia ter todos os defeitos do mundo, mas tinha me dado a Eva de corpo e alma, como nunca fiz com pessoa nenhuma. E ter sido enganado foi demais para suportar. Eu teria que aprender a conviver com aquilo, mas ainda não sabia como.

Então, senti quando respirou fundo e apoiou as mãos em meu peito, se afastando, indo para trás. Minha primeira reação foi de não deixar. Precisava tanto dela que doía, por isso a segurei firme.

Nós nos fitamos nos olhos e havia um mar bravio de sentimentos e emoções desconexas entre nós. Os olhos de Eva estavam secos, mas pareciam chorar. Era muita dor acumulada, muitas lágrimas contidas e poucos sorrisos.

- Me solta, Theo.

E estava lá, aquela mágoa, ainda latente ao olhar para mim. O que vi naquele calabouço, sua mudança, seu enfrentamento, seu basta. Tudo ali no verde de sua íris, na profundidade da sua alma. Não dava para fingir que não existiam.

- Só quero um abraço. – Falei em um tom perdido, pois era assim que eu me sentia, sem saber lidar com aquilo.

- Não posso. Por favor, me deixe, Theo. Quero ficar sozinha.

Meus instintos gritavam que não. Senti seu corpo trêmulo, soube que ainda me desejava, que seu amor não acabaria de uma hora para outra. Se eu a abraçasse forte, a encostasse na parede e beijasse a sua boca, acabaria cedendo. Tinha certeza disso.

Mas e depois? Ela me acusaria de forçá-la de novo? Viveríamos naquele jogo de gato e rato?

Foi muito difícil. Nunca imaginei que precisasse tanto de um toque, um carinho, mas naquele momento desejei aquilo mais do

que tudo. No entanto, forçando-me a ser forte, deixei as mãos caírem e olhei-a com fome enquanto fugia rapidamente e me dava as costas, nervosa, sem poder me olhar.

Dei um passo adiante, pronto para pegá-la de volta. Então xinguei a mim mesmo em silêncio e soube que tudo era uma questão de confiança, eu nela e ela em mim. Enquanto aquilo não houvesse entre nós, nenhum contato ou sexo aliviaria nossa dor, nos aproximaria novamente.

- Se precisar de qualquer coisa, me chame, Eva. – Falei baixo, caminhando até a porta, cada passo uma dor.

Ela não me impediu. Ficou imóvel no mesmo lugar.

E não me restou outra solução. Saí em silêncio e em frangalhos dali.

CAPÍTULO 16

THEO

Na segunda-feira, Micah se reuniu comigo no escritório e explicou sobre o número de celular de Luiza que pegamos de Cássia:

- Não foi possível fazer um rastreamento rápido. – Ele se sentou na beira da mesa e me observou, tamborilando os dedos no tampo de madeira. – Eles usaram um desses pré-pagos, o que dificulta muito a coisa. Não tem conta no nome de ninguém. Mandei para um amigo do trabalho que é fera nisso, mas vai demorar um pouco mais.

- Merda! – Levantei da cadeira, irritado. Tirei meu paletó e deixei no encosto, andando pra lá e pra cá impaciente, com raiva. – Ninguém consegue descobrir onde esses dois se escondem. Não é possível uma coisa dessas!

- Calma. Eles não vão se esconder para sempre.

- Preciso encontrá-los antes que preparem alguma armadilha. – Parei e olhei para meu irmão com a sobrelha franzida. – Odeio ter que ficar com segurança para cima e para baixo, de me sentir ameaçado. Fomos criados aqui, somos conhecidos. E agora cada passo precisa ser monitorado.

Não falei, mas eu sentia que também tinha que pegar de uma vez os ratos que eram Luiza e Lauro, para então poder decidir o que ia fazer da minha vida. Parecia que tudo estava em suspenso por causa deles.

- Entendo sua impaciência. – Micah acenou. – É minha meia-irmã, mas o pouco que conheci dela deu pra ver que é louca, capaz de tudo. Um perigo à solta.

- Só o que fez com as filhas... – Resmunguei.

- Com as "filhas"? – Ergueu as sobrelhas escuras, observando-me. – Quer dizer que já consegue ver Eva no papel de vítima como Gabi?

Suspirei. Voltei à minha cadeira e sentei, sem vontade de ficar parado, mas também não me acalmado em andar de um lugar para

outro. Com voz baixa, falei:

- Vi as coisas dela nas caixas e voltei na casa que morou. A mãe de Eva é uma puta desgraçada, Micah. Posso entender como criou a filha e fez a cabeça dela.

- Agora entende por que eu queria conversar com Eva antes de contar tudo a você, quando cheguei à cidade? Luiza parecia mesmo furiosa com ela por estar apaixonada por você.

- Mas isso não apaga o que ela fez. Porra... – Respirei fundo, nervoso. – Ao mesmo tempo, é só uma menina! Eu que nunca devia ter me envolvido com ela.

- Esse lance de idade não tem nada a ver. – Cruzou os braços no peito, à vontade. – Aposto que Eva nem pensa nisso. Sabe, nem a conheço direito. E é minha sobrinha.

Eu notei que havia certa emoção nele e pensei como devia ter sido difícil para Micah viver longe de tudo e de toda família. Era um solitário.

Pensei por mais quanto tempo ele ficaria ali na cidade e qual seria a reação do meu pai quando soubesse. Mas logo afastei esse pensamento. Eu já tinha coisa demais com que me preocupar.

- Pensa em entregá-la à polícia ainda, depois que tudo isso acabar?

- Não.

Um leve sorriso se desenhcou nos lábios dele.

- Tá rindo de quê? – Rosnei.

Micah sacudiu a cabeça e riu mesmo.

- É o amor, meu irmão!

- Cala a boca!

- Cara, por que não admite logo que é louco por Eva e aos poucos está amolecendo e acreditando nela?

- Não importa o que sinto. Ela me traiu, Micah, me enganou, contou um monte de mentiras. – Aquilo ainda era muito difícil de aceitar. Recostei na cadeira, sério, fitando-o. – Consigo entender como foi manipulada, tudo por trás disso. Mas ainda tem muita coisa entre nós. Ela mesma nem quer mais saber de mim.

- Acredito... – Ironizou.

- Estou falando sério.

- Certo. Mas para tudo há solução.
 - Tenho que pegar logo Luiza e o comparsa, para poder respirar aliviado e decidir o que fazer da minha vida.
 - Vamos pegá-los. – Disse com certeza.
- Eu acenei com a cabeça, compenetrado.
- Vamos. – Afirmei.
 - Assim que se fala. – Micah desencostou da mesa. – Vou lá com a Valentona trabalhar um pouco.
 - Valentona? – Acabei sorrindo. – Valentina sabe que a chama assim?
 - Claro, eu a chamo dessa maneira na frente dela também. – Piscou, divertido. – Nunca gostei de trabalho burocrático, por isso odeio horários. Mas sabe, me divirto tirando-a do sério quando trabalhamos juntos e nem sinto a hora passar. E é tão fácil! Vive irritada!
 - Deixe Valentina em paz, é uma boa moça.
 - Pena que não sou um bom rapaz. – E caminhou até a porta com seu coturno pesado, acenando com um sorriso. – Vou lá me divertir um pouquinho.

Balancei a cabeça e Micah saiu. Ainda tinha aquela marra de bad boy, só que eu conseguia ver como tinha se tornado um homem melhor. Mas com certeza Valentina não concordaria comigo.

Trabalhei até tarde naquele dia e voltei para casa quando já escurecia, morrendo de saudade de Eva e Helena. Tia e meus irmãos já estavam na casa, mas não a vi em lugar nenhum.

Eu os cumprimentei e subi ao meu quarto. Tomei um banho rápido e fui até a suíte de Eva. Lembrei-me dela me avisando para bater antes de entrar. Respirei fundo, tentando controlar minha ansiedade e cheguei a erguer a mão para bater. Mas fiquei irritado e agarrei a maçaneta, abrindo e entrando.

Eva andava pelo quarto com Helena no colo, cantarolando. Olhou-me séria, mas vi seu nervosismo, seu olhar diferente ao dar comigo. Antes que reclamasse, bati a porta atrás de mim e caminhei até elas. Na mesma hora procurou disfarçar como ficava em minha presença, independente ou não da sua vontade. Havia um calor, uma energia que vibrava tão logo chegávamos perto um do outro.

- Como está tudo por aqui?

- Bem. Quero dizer... – Apertou mais Helena contra a barriga e percebi que ela estava acordada e reclamava em sua língua, com sons esquisitos, fazendo caretas. – Acho que está com cólicas.

- Vem aqui com o papai... – Falei carinhoso, chegando perto, tocando-a com cuidado. Era muito pequena e delicada, mesmo com quase dois meses.

Eva entregou-a e apoiei sua cabecinha em meu peito, beijando a penugem loira e perfumada, falando baixinho:

- Estava com saudade da minha mini coelhinha.

Eva deu-me as costas na hora, sabendo que eu falava com Helena. Continuei, ninando-a, minha voz suave:

- O que você tem? Diz pro papai...

- Ela não sabe falar, Theo.

- Eu sei que não. Mas entendo sua linguagem corporal. – Andei devagar pelo quarto, observando Eva se distrair guardando as coisas que tinha usado para trocar a fralda de nossa filha. Sabia que só ganhava tempo para disfarçar e não olhar para mim.

Helena se torceu um pouco e choramingou.

- Xiiii... – Murmurei e percebi que parecia mesmo com dor.

- Deu alguma coisa a ela?

- Tia fez um chá fraquinho de erva doce, mas ela continua incomodada. Vamos ver se melhora.

Deixei que se ocupasse com outras coisas e fiquei com Helena falando baixinho, até que acabou adormecendo. Então a coloquei no berço e peguei Eva em flagrante me olhando. Tentou disfarçar, mas eu a encarei e indaguei:

- O que foi?

- Nada.

- Fale.

- Nada.

- Fale. – Insisti.

Suspirou e sacudiu a cabeça. Mas falou:

- É estranho ver você com Helena.

- Estranho por quê? – Franzi o cenho.

- Parece até... bonzinho.

- Está dizendo que sou mau?

Corou e desviou o olhar, dando de ombros.

- Sabe o que quero dizer, Theo. Com Helena é sempre muito carinhoso.

- Eu era assim também com você em nosso casamento, Eva. Lembra? – Devagar, me aproximei por trás dela, que tinha aberto uma gaveta da cômoda e guardava uma toalha de nossa filha. Senti que ficou nervosa, embora disfarçasse. Parei bem perto e baixei o tom da voz, fitando seu cabelo claro e sedoso que se esparramava em seu ombro. Tive um desejo imenso de afastar os fios dali e mordê-la no pescoço. Meu corpo todo enrijeceu com desejo. – Menos na hora do sexo.

- Theo...

Cheirei seu cabelo, excitado, agoniado com tanto tesão. Sem aguentar aquela tortura, segurei seus braços e a puxei contra o corpo, rosnando perto da sua orelha:

- Mas você gostava quando eu era bruto. Até pedia mais. Era sempre eu que me controlava lembrando que estava grávida, esperando Helena nascer para poder te pegar assim e...

- Não. – Arquejou e fechou a gaveta com força, escapando de mim, indo arfante para o meio do quarto. Seus olhos estavam arregalados e estava claro como se sentia perturbada por mim, mas lutando contra. – Você prometeu que...

- Prometi porra nenhuma. – Fui até ela, semicerrando os olhos, pronto para pegá-la e convencê-la através de beijos, até me enterrar todo dentro dela e me sentir vivo novamente.

- Theo, pare! Pare!

Foi a mágoa em sua voz, uma certa sensação de pânico vindo dela, que me conteve. Parei a poucos passos e respirei fundo, frustrado.

- Você quer... – Afirmei.

- Para quê? Para continuarmos no meio dessa loucura toda? Você confia em mim? Não. Eu tenho medo de você? Sim. Então, para que irmos adiante? – Estava alterada, nervosa, irritada. – Não to aguentando mais isso. Vou enlouquecer!

- E eu, Eva? Já estou louco! Quem é você, uma menina sofrida e submissa que entrou nessa vingança por lealdade à mãe? Ou uma garota com idade suficiente para decidir e que escolheu mentir? – Estava também irritado. – Por que não me responde de uma vez?

- Sou uma mulher que fez escolhas erradas e se arrependeu. – Ergueu o queixo. – Ou é só você que pode fazer isso?

Eu tentei me controlar. Olhei dentro de seus olhos enquanto meu corpo ardia de desejo, mas minha razão me dizia que havia ainda muita coisa entre nós, muita mágoa e desconfiança. Fui bem direto:

- Quer que eu vá embora?

- Quero.

E embora seu corpo me contasse outra história, eu vi como estava decidida. E lembrei como ficou alquebrada depois que a levei no calabouço e agi como um troglodita.

Lutei para conter todos os meus instintos e me dei conta que, no fundo, eu não suportava ser olhado daquele jeito. Eu a queria como antes, louca por mim. Tão louca de paixão como eu era por ela. Não aquela barreira entre nós nem a mágoa em seu olhar. A pior coisa que poderia haver para mim era a indiferença. Eva tentava demonstrar aquilo, mas não conseguia. Ela lutava com seus desejos e medos. Acho que estava tão confusa e perdida quanto eu. Cansada.

- Eu vou sair. – Falei, cansado também.

Sentia uma vontade louca de tocá-la e beijá-la, de levá-la para a cama e esquecer o mundo, sendo só nós dois. Era o que meu corpo clamava, mas não era só isso. Havia também uma necessidade de carinho, de troca, de sentir o cheiro dela, de poder murmurar em seu ouvido que nunca mais precisaria se sentir sozinha e triste.

No entanto, eu apenas a olhei, no mais fundo de mim ainda me sentindo traído, sabendo que talvez só o tempo pudesse curar minhas feridas. E as de Eva.

- Se Helena tiver qualquer coisa, me chame. – Avisei baixo.

- Eu chamo, sim. – Acenou, parecendo cansada, baixando o olhar. – Amanhã de manhã tem consulta dela no hospital. Temos que levá-la mesmo, ainda mais depois dessas cólicas.

- Eu levo vocês. – Falei baixo.

Engoli meu desejo, minhas necessidades e uma ânsia que me mandava jogar tudo aquilo para o alto e simplesmente a pegar para mim. Mas respirei fundo, dei-lhe as costas e saí do quarto.

EVA

Na manhã seguinte preparei a bolsa de Helena e, depois de cuidar dela, desci para tomar café e esperar Theo. Ele entrou na cozinha logo depois, muito elegante em uma camisa social branca com finas listras vermelhas, as mangas dobradas, uma calça preta que caía perfeitamente em seu corpo e sapatos italianos. Tinha acabado de tomar banho e seu cabelo estava úmido, a barba bem aparada, seu perfume delicioso amadeirado misturado ao cheiro natural da sua pele chegando até mim e me abalando.

Nos olhamos através da mesa e era como se fôssemos só nós dois ali, sem a presença de Tia na pia e de Helena no meu colo. Desejo, paixão, amor, saudade, tudo veio forte dentro de mim e senti uma necessidade premente de me levantar e ir para os braços dele. Mas apenas fiquei em silêncio, a dor me remoendo, uma angústia me aterrorizando ao imaginar meu futuro sem Theo.

- Bom dia. – Falou baixo e até sua voz grossa, com aquele timbre meio rouco, mexeu comigo. Quase fechei os olhos e gemi de saudade e desespero, mas lutei para ser forte, guerreei com a tristeza e consegui murmurar um bom dia.

- Bom dia, filho. – Tia sorriu para ele e foi dar um beijo em seu rosto, o que me fez invejá-la. Lembrei-me dos beijos que me dava de manhã, de como gostava de me colocar entre seus braços e cheirar meu pescoço, acariciar meus seios, muitas vezes nem me deixava sair da cama. Era muita saudade me apertando por dentro,

do que tivemos e que talvez nunca mais pudesse ser recuperado. E eu me sentia arrasada.

- Como está Helena? – Theo perguntou, agradecendo quando Tia lhe entregou uma xícara de café. Seus olhos azuis penetrantes estavam nos meus.

- Melhorou. Mas não é bom deixar de ir ao médico. Gabi e Caio iam com a gente, mas ele estava resfriado e Joaquim o levou ontem. – Ajeitei minha filha adormecida no colo. – Mas se você estiver muito ocupado...

- Claro que não estou ocupado. Deixe que a levo. – Terminou seu café, deixou a xícara na pia e veio até mim. Fiquei nervosa, ainda mais saudosa quando seu cheiro delicioso me invadiu ao se inclinar e pegar Helena com cuidado.

Disfarcei, ajeitei a bolsa com as coisas dela no ombro e me levantei, sem olhar para Theo, mas consciente demais de sua presença, dolorida com a falta que eu sentia dele.

Não esquecia o pânico que me fez passar naquele calabouço nem a sensação horrível que senti de não ter nem vontade de lutar, de desistir de tudo. Não suplicava mais nada a ele, nem seu amor nem seu perdão. Estava mais forte e determinada. Mas ao mesmo tempo Theo não saía um minuto da minha cabeça e a cada dia ficava mais difícil vê-lo e não tê-lo comigo. Era como morrer aos poucos.

Levantei e nos despedimos de Tia.

No carro, ele a acomodou na cadeira de bebê atrás, até deixá-la presa e firme. E eu fui ao lado de Helena enquanto dirigia e o carro com os seguros nos seguiam.

Pouco falamos durante a viagem. Estava uma manhã feia, nublada, exatamente como o clima pesado entre nós.

Na cidade de Florada as lojas abriam e o movimento da manhã começava. Fomos cumprimentados por alguns moradores que encontramos ao sair na calçada e foi Theo quem levou Helena no colo quando entramos no hospital. Um dos seguros ficou no carro e o outro nos seguiu enquanto nos identificávamos na portaria.

O hospital de Florada atendia ao SUS, mas também planos de saúde. Era excelente e soube que houve investimento da família

Falcão para que fosse de qualidade. Assim, não importava se ali entraria a filha de Theo Falcão ou de um peão, seria atendida bem e atenciosamente do mesmo jeito.

Helena era a primeira consulta do dia e logo o pediatra nos chamou e o segurança ficou no corredor. Felizmente não era o mesmo médico que a atendeu da vez anterior ou na certa se tremeria todo com medo de Theo e nem olharia nossa filha direito.

- Ela está com ótima saúde. – Disse o senhor, voltando à sua mesa após examinar Helena. – Pode vesti-la, mãe.

Minha filha reclamava e fazia caretas, irritada por estar só de fralda. Eu sorri e comecei a cobri-la, enquanto Theo indagava a ele:

- Mas e as cólicas?

- Isso é normal até os três meses... Acontece que...

Enquanto eu arrumava Helena e fechava seu macacão, Theo e o médico falavam perto da mesa. Estava distraída, sorrindo para minha filha, quando a porta ao meu lado abriu e uma enfermeira entrou. Mal olhei para ela, mas duas coisas me fizeram congelar e foi muito rápido. Primeiro foi o fato dela vir para perto de mim, segundo foi quando o médico disse meio confuso: “Não chamei você” e ela respondeu em uma voz bem conhecida minha:

- Vim ver as minhas meninas.

Quando reagi e ergui os olhos para encontrar os da minha mãe, já era tarde demais. Ela estava com uma arma na mão, o cano encostado na barriga de Helena.

Nunca senti tanto pânico na minha vida e gelei da cabeça aos pés. Acho que eu e Theo reagimos juntos, levados pelo instinto em proteger nossa cria. Abri a boca para gritar e avancei nela, uma parte minha notando Theo sacando sua pistola e apontando pra ela, rugindo furioso. Mas tanto eu quanto ele fomos tolhidos em nossa ação ao ver aquele cano preto na barriga de nossa filha e escutar sua ameaça fria:

- Se encostarem em mim eu atiro.

Parei, chocada, boca aberta, muito perto dela, mas temendo qualquer deslize fazer seu dedo escorregar no gatilho.

Theo parou também, mas mirava sua arma na cabeça de minha mãe, vestida falsamente como enfermeira, com uma peruca

preta. Ele disse baixo, como uma navalha:

- Sai de perto da minha filha. Agora.

- Meus Deus, mas o que... – O médico balbuciou, aterrorizado.

O ar pareceu parar. Tudo se imobilizou em frações de segundos. E vi como se fosse um filme, a cena montada, as ações prestes a acontecerem, eu paralisada em meu medo excruciante. Estávamos de frente uma para outra, ao lado da maca, minha mão na de Helena, a arma da minha mãe firme em sua barriguinha. Ela batia braços e pernas, estranhamente animada, sem imaginar o risco que corria e o pânico de seus pais.

O médico estava atrás de sua mesa, chocado. De pé, a poucos passos de nós, Theo apontava a arma para a cabeça da minha mãe, firme, o ódio vindo tão forte dele que eu podia sentir. Vi a tragédia armada e quase desmaiei de tanto terror. Fitei os olhos castanhos dela, da mulher a quem sempre busquei amor e aprovação, que me criou baseada em ódio e maldade. E ali eu não a vi como mãe, mas como algoz, inimiga, alguém que precisava ser destruída.

Tudo estava suspenso e meu pavor era de que Theo atirasse nela e isso a fizesse disparar na nossa filha. Mas eu sabia que ele pensava a mesma coisa, que tinha agido por instinto ao sacar a arma e apontar para ela, para nos defender.

Meus olhos se encheram de lágrimas e murmurei com cada fibra do meu ser:

- Por favor...

- Mande-o abaixar a arma. Não tenho mais nada a perder. – Avisou para mim friamente, mas seus olhos estavam acesos. Ali eu me dei conta de que era mesmo uma louca, que anulou sua vida para viver em nome de uma vingança. Ela iria às últimas consequências.

- Tire a arma da minha filha. – Ordenou Theo e seu tom era mortal, fora de si. Eu podia imaginar seu olhar de terror e medo, ódio e ira. Mas não pude olhá-lo, presa aos olhos loucos da minha mãe, com medo de piscar e isso a fazer machucar Helena.

- Leve a mim. – Supliquei em um murmúrio angustiado. –
Deixe minha filha...

- Vai ser do meu jeito. Só atiro nela se vocês reagirem. –
Também não tirava os olhos dos meus e disse com desprezo: -
Mande seu Falcão desgraçado baixar essa arma.

- Theo... – Murmurei em um lamento.

Tive medo da reação dele. Imaginava como não estava,
pronto a qualquer coisa para defender Helena. O tempo congelou. O
silêncio pesou naquele consultório, uma tragédia prestes a
acontecer. E então, com o canto do olho, eu o vi baixar o braço e
soltei o ar.

- Jogue a arma na lixeira. – Ordenou minha mãe e disse a
mim: - Vou contar como vai ser. Vamos sair todos daqui e essa
pirralha vai comigo. Se reagirem, adeus pra ela. Eu morro, mas levo
essa aqui junto comigo.

- É sua neta... – Balbuciei em pânico.

- É uma Falcão. A filha desse aí! – Ficou vermelha e empurrou
mais o cano na barriga de Helena, perdendo parte do seu controle: -
Saia daqui, traidora! Vá para perto dele! Não é isso que queria?

E quase desfaleci quando agarrou Helena e a puxou
bruscamente para si. Theo ergueu novamente a arma e deu um
passo para frente, eu avancei nela, mas foi tudo rápido demais. Não
tirou nem um segundo a arma da barriga da nossa filha e a segurou
no colo, ameaçando com olhar de louca:

- Eu mato essa bastarda! Fiquem longe de mim, porra!

Eu e Theo paramos, coibidos, vendo que ela seria capaz de
tudo. Não tremia, estava disposta a qualquer coisa. Olhou com ódio
para Theo e disse entredentes:

- Quer arriscar? Atire!

- Theo... – Supliquei, minhas pernas bambas, meu coração
disparado, o pânico me deixando a ponto de desmaiar.

Eu o olhei. Estava pálido, furioso, mas nunca vi tanto pavor
em seus olhos como naquele momento. Estava tão
desesperadamente com medo que minha mãe atirasse em nossa
filha quanto eu. E por isso abaixou novamente a arma. Ela sorriu,
sem tirar os olhos dele.

- Quanto tempo não nos vemos, Theo. A idade fez bem a você. Posso até entender a obsessão de Eva. Você tem esse poder com as mulheres, não é?

- O que você quer? – Indagou baixo, com fúria.

- O que eu quero? – Ninou Helena no colo, sem soltar a arma. Ela não chorava, mas olhava curiosa para a avó. Meu coração sangrava, eu lutava para não avançar e arrancar minha filha de seus braços. Não conseguia respirar, olhos vidrados naquela arma negra que poderia destruir Helena. E acabar para sempre com a minha vida e a de Theo. – Vejamos. Meu plano original era recuperar as terras que vocês nos roubaram e provar a todo mundo que seu pai matou o meu. Mas como essa ingrata me traiu, tive que mudar meus planos.

- Solte a minha filha. – Theo rosnou, irado, respirando pesadamente como um animal prestes a atacar.

- Acha que está em posição de exigir alguma coisa? – Riu, o que só aumentou meu pavor. Mas logo ficou séria, sem tirar os olhos dele. – Vou dizer como as coisas vão ser. Você vai jogar sua arma e seu celular na bolsa de Eva, com o celular dela. Eva vai pegar e me entregar. Vamos sair todos daqui e você vai mandar seu segurança esperar. Seguiremos à esquerda do corredor, até o final, onde há um carro nos esperando nos fundos. É assim que vai ser.

- Não vai escapar dessa, Luiza.

- Ah, lembra o meu nome? – Sorriu, mas parecia um esgar. – Quando éramos mais novos eu nem parecia existir para você, não é? Agora, nunca mais vai esquecer.

- O que você quer? Nos matar? – Murmurei.

- Não. – Sacudiu a cabeça, sem me olhar, obcecada em Theo. – Vamos fazer um passeio e seu maridinho vai fazer umas transferências para nossa conta. Depois vemos como fica.

- Eu vou com você. Helena e Eva ficam aqui. – Theo disse entredentes.

- Não, querido. Elas são minha garantia de que você vai colaborar. Estou esperando colocar a arma e os celulares na bolsa. Agora. – Ficou séria novamente, cheia de ódio. E foi mais firme: - Agora!

Helena chorou quando pressionou a arma em sua barriguinha.

- Filha da puta... – Theo avançou furioso, fora de si. Mas corri e me meti na frente dele, agarrando sua arma, tremendo e chorando muito:

- Não! Ela vai matar nossa filha!

Ele me olhou e nunca vi tanto medo e tanta dor. Espelhavam meus olhos e tudo que eu sentia. Ali nos unimos, soubemos que não éramos inimigos e que precisávamos salvar Helena acima de tudo. Ele se acalmou, como se entendesse que a razão deveria prevalecer sobre a emoção. Teríamos que cair no jogo dela e ganhar tempo para agir no momento certo.

Entregou-me a arma em silêncio, engolindo seu ódio, sua gana de salvar Helena. Meteu a mão no bolso e me deu também o celular. Eu segurei sua mão, senti as cicatrizes em seus dedos do soco que deu na parede por minha causa, tentei dizer com meu olhar o quanto me arrependia de um dia ter feito parte de tudo aquilo. E um entendimento mudo se estabeleceu entre nós, nos deu forças para manter a calma e lutar. Não precisamos de palavras.

Eu me virei e Theo ficou imóvel enquanto ia até a bolsa sobre a maca e jogava tudo lá, junto com meu celular. Minha mãe me olhava, atenta.

- Ótimo. Assim que eu gosto. Olha quanto trabalho teria nos poupado se tivesse sido obediente sempre, Eva. Traidora. – Seus olhos brilharam, furiosos.

- Mãe...

- Não quero ouvir nada. Pegue a bolsa e saia com esse Falcão maldito. – Virou para Theo e puxou a manta de Helena, cobrindo a arma em sua mão. – Saem na frente e você diz pro segurança esperar na porta. Vira no corredor. Eu saio depois com o médico. Todo mundo tranquilo, sem tentar nada. Ou essa pirralha aqui vai ter o destino que qualquer Falcão merece.

- Meu Deus... – Eu tremia a ponto dos meus dentes baterem. Pus a bolsa no ombro, tentei ser forte, mas não conseguia tirar os olhos de Helena, que tinha parado de chorar, mas já se remexia

incomodada, pronta para abrir o berreiro. Supliquei silenciosamente a Deus que a protegesse.

- Vamos, Agora. – Ordenou a louca que um dia chamei de mãe, mas a quem eu odiava mais do que tudo naquele momento.

- Theo... – Olhei para ele, a ponto de ter um colapso.

Seus olhos pareciam ainda ferozes, mas havia uma determinação fria que me deu forças. Era como se me dissesse que não deixaria nada acontecer com Helena. E eu acreditei. Respirei fundo e andei trôpega até ele, que agarrou meu braço.

- Que casal lindo! – Ironizou minha mãe com fúria, cheia de inveja e veneno. Olhou-o de um jeito que deixou claro que nunca o tinha esquecido, que ainda era obcecada por ele. Saiu do caminho. – Passem na frente. Vem aqui, doutor. Tire essa cara de pânico do rosto.

- Senhora... – O médico veio cauteloso até ela, pronto a tentar ser racional, mas o interrompeu bruscamente:

- Cale a boca! Agora vamos!

Respirei fundo, segurei-me em Theo, senti-me pronta para agir e salvar minha filha acima de tudo. E salvar o homem que eu amava. E enquanto Theo abria a porta, eu supliquei a Deus que me levasse no lugar deles.

CAPÍTULO 17

THEO

O ódio me consumia como uma chama viva. Eu ardia, queimava, chegava ao ponto de tremer com a ira violenta que espalhava sangue em meu olhar. Aquela maldita estava com minha filha no colo, apontando uma arma para ela, deixando-me completamente aprisionado, pois qualquer ação inesperada poderia fazê-la atirar. Nunca senti tanto medo, um pavor que me entorpecia e me deixava alucinado, totalmente concentrado naquela mulher, esperando o momento certo de atacar.

Era um desespero aterrador saber que a vida de sua filha, o amor da sua existência, totalmente dependente de você para tudo, estava nas mãos de uma louca, uma mulher que nem teve um pingo de sentimento pelas filhas e demonstrava menos ainda pela neta. Um monstro, covarde, maligna, que seria capaz de tudo. E eu lá, impotente, tão descrente que algo tão medonho e terrível estivesse acontecendo que sentia como se minha alma estivesse fora do corpo. Eu tinha medo de não agir e colocar Helena e Eva ainda mais em perigo, ou de agir em um momento errado.

Por isso, não tive alternativa. Abri a porta e saí do consultório ao lado de Eva, tentando ser o mais calmo possível quando o segurança me olhou e falei:

- Espere aqui.

- Sim, senhor. – Ele acenou, compenetrado, só observando enquanto eu passava com Eva e atrás vinha o médico pálido com a enfermeira ao lado carregando minha filha.

Cada passo que dei naquele corredor foi uma facada em meu peito. Eu mal respirava. Eu não vivia. Minha mente trabalhava, pensando em uma saída, mas eu estava completamente dependente de Luiza, que podia atirar em minha filha a qualquer momento.

Olhei para trás e ela me encarava, a fúria no olhar, um sorriso maligno nos lábios, sabendo que me deixava enlouquecido de preocupação por Helena, quase morrendo para fazer alguma coisa.

- Nem tente. Não estou para brincadeira, Theodoro Falcão.

- Antes dessa noite acabar, vou matar você. – Falei com uma frieza que desmentia meu estado e Luiza deixou de sorrir um momento.

- Eu acho que vai ser o contrário. Dessa vez, vai ser um Amaro que vai acabar com um Falcão. E você será só o primeiro. – Havia uma sandice em seu olhar, um desejo quase voraz de finalmente se vingar. Mas ordenou irritada: - Ande logo! Olhe para frente!

Odiava obedecer e virar, seguir adiante, era como deixar Helena com ela. Mas assim fiz, dilacerado, doído, mais arrasado do que um dia fiquei por não poder agir. Ao meu lado, Eva cambaleou e vi que estava branca como papel, em pânico, olhos arregalados, respiração arfante. Eu segurei seu braço, a amparei e ela tremia muito, quase à beira do histerismo.

Olhou-me e vi uma dor atroz, que se comparava à minha. Se eu queria qualquer certeza de que estava do meu lado e contra a mãe, tinha a prova ali. Ela me pedia com os olhos que salvasse Helena e tentei lhe dar essa certeza, mas eu ainda não sabia como sem colocá-la em risco e era isso que estava me consumindo.

- Vão logo! – Exclamou.

Seguimos adiante pelo longo corredor. Médicos, enfermeiras, pacientes, pessoas passaram por nós, seguindo suas vidas, preocupados com seus problemas, pouco percebendo que estava acontecendo um crime ali. Imaginei Luiza com aquele seu sorriso se louca, disfarçando para todo mundo. Porra, como eu queria matar aquela mulher!

Chegamos ao final do corredor e havia uma porta de serviço atrás da escada de incêndio. Ela ordenou:

- Passem por essa porta. Carro preto à direita. Rápido!

Eu gelei, sabendo que depois daquela porta as coisas se complicariam, o comparsa dela estaria ali e seria mais difícil reagir. Lancei um olhar à bolsa no ombro de Eva, com os celulares e a minha arma, pensando desesperadamente em uma saída. Mas nada me ocorria, pois a desgraçada estava com minha filha no colo e

apontando uma arma para ela. O que eu podia fazer? O que eu podia fazer?

Não teve como evitar. Só podia ganhar tempo e foi o que fiz. Empurrei a porta e saí com Eva para um galpão a céu aberto onde havia duas ambulâncias e um Siena Preto quatro portas, todo com vidro fumê. Passamos por uma grande lixeira e Luiza ordenou a Eva:

- Jogue sua bolsa aí!

Eva parou, na dúvida, buscando uma escapatória. Mas a mãe gritou atrás dela:

- Agora! To perdendo a paciência!

Ela soluçou, angustiada, mas largou a bolsa na lixeira. Respirei fundo, tentando conter minha ira, alucinado, a ponto de perder a cabeça, mas lutando para manter a razão em um momento tão delicado. E para piorar tudo a porta ao lado do motorista do Siena abriu e eu vi um homem alto e moreno, com cabelos raspados a máquina e rosto magro com cicatrizes de espinhas sair. Era Lauro Alves, o comparsa de Luiza, o homem que me teve nas mãos durante o atentado e podia ter me matado.

Fitei com ira seus olhos frios e ele sorriu, dizendo em tom debochado:

- Bom te ver de novo companheiro. – Mostrou-me a pistola na mão. – Na mesma situação, você sob a mira da minha arma.

Eu quase perdi o controle. Quase. Mas só via Helena na minha frente e por ela eu faria qualquer coisa, seria humilhado, espancado, morto. Por ela e por Eva. Por isso apenas o olhei, jurando em silêncio que eu acabaria com aquele sorriso nem que fosse a última coisa que eu faria na vida.

- Bem vindos. Eva, saudades de você. Vai dizer que não sentiu o mesmo?

Franzi o cenho, irado como a olhou de cima abaixo.

- Por favor, eu vou com vocês. – Ela pediu, suplicou, olhando da mãe para Lauro. – Mas deixem Theo e minha filha aqui. Por favor!

- E o que vamos querer com você? – Lauro balançou a cabeça e enfiou a pistola nas costas, sob o cinto. Tirou algo do bolso e vi

uma corda. – É o seu Falcão aqui que vai fazer umas transferências generosas para nossa conta.

- E depois vai nos matar. – Falei baixo.

- Cara esperto. – Sorriu, se aproximando. Seus olhos não sorriam, eram frios e sem vida. – Mas pense pelo lado positivo. Ao final, só você morre. Eva e a garotinha são da família, prometo cuidar bem delas.

- Filho da puta... – Rosnei e Eva segurou meu braço, desesperada.

- Não... a Helena ...

Respirei fundo, quase fora de mim. Quase.

- Vamos logo com isso, Lauro. – Apressou Luiza.

- Vire, valentão. Com as mãos para trás. Vou amarrar seus pulsos. Anda!

Eu olhei no fundo dos seus olhos com um ódio mortal. Não sei como o mataria, mas eu o faria. Pesei rapidamente minhas opções e vi que estava sem saída.

- Vire. – Ordenou, sem sorrir.

Enquanto cada célula do meu corpo mandava eu avançar nele e acabar com aquela palhaçada logo, meu cérebro só se concentrava em salvar Helena e Eva. Por isso virei e juntei os pulsos nas costas. Na mesma hora ele os amarrou brutalmente, bem forte, dizendo baixo:

- E agora, valentão? Como vai dar uma de herói?

- Você vai ver, quando eu estiver enchendo sua cara de porrada e seu corpo de tiro.

- Vai sonhando! – Riu alto. E quando me viu sem o movimento dos braços, me empurrou para dentro do carro ao lado do motorista: - Entra aí, porra!

A fúria me fez tremer. Rezei para que deixassem Eva com Helena e só me levassem, mas perdi as esperanças quando vi que ele puxava Eva e a empurrava para o banco atrás de mim. Então se virou para o médico e ordenou:

- Vire as costas.

Pensei que o mataria ali quando o senhor virou e Lauro puxou a arma do cinto. Mas deu uma coronhada na nuca dele e o homem

desabou, caindo na calçada.

- Tá maluco? – Irritou-se Luiza. – Mate ele! Vai acordar e alertar todo mundo, descrever o carro! Anda!

- Verdade. – Concordou, apontando a arma para a cabeça do médico, agachando-se, à queima roupa. – Foi mal, tiozinho.

- Não, por favor... – Suplicou Eva, em lágrimas. – Não faz isso com... AH!

Deu um grito quando um estampido abafado eclodiu no galpão e o corpo do médico deu uma sacudida antes de se imobilizar.

Eva começou a soluçar em pânico e virou o rosto. Meu coração sangrou, por uma vida inocente perdida, por ela ter assistido aquilo, sabendo que Luiza e Lauro seriam capazes de tudo.

- Vamos logo. Dê a netinha para a sua filha! – Lauro debochou, divertido, sentando-se no banco de trás, ao lado de Eva. Apontou a arma para ela.

- Cale a boca! – Reclamou Luiza, irritada, dando Helena para Eva, que a agarrou chorando e tremendo. Ela tinha dormido e reclamou, mas não acordou.

Eu olhava tudo aquilo, minhas mãos imobilizadas, o pânico me deixando alucinado, vendo Eva e Helena sob a mira daquele homem que tinha acabado de matar o médico como se ele não fosse nada.

Luiza entrou no carro e sentou-se ao volante, travando as portas, dirigindo para fora do galpão. Lançou-me um olhar venenoso, cheio de expectativa e gula, dizendo baixinho:

- Vamos dar uma volta. E não tente nada. Já viu como Lauro tem mira boa.

Olhei o tempo todo para o bandido, virando a cabeça para trás, atento ao que ele fazia. Lauro sorriu para mim.

- É companheiro, que situação. Mas não se preocupe. Nada dura para sempre. Depois que resolvermos o lance da grana, não será mais obrigado a ver seus dois amores sob a mira da minha arma. Vamos dizer que você estará em um lugar... melhor.

Riu alto e Luiza fez um barulho estranho, com deleite.

- Não... Mãe... – Eva tentava conter o pânico, olhando para ela, protegendo Helena com o corpo. – Por favor, pegue o dinheiro e deixe Theo vivo. Por favor, mãe. Ele é o pai da minha filha!

- Cale a boca!

- Eu faço qualquer coisa, o que quiser, mas...

- Qualquer coisa? – Lauro se divertia. – É um caso a pensar!

Eu estava a ponto de ter um surto, chutar Luiza ao volante e partir para cima de Lauro nem que fosse para dar cabeçada. Se as duas não estivessem atrás, eu já teria agido. Mas como? E se atirasse nelas?

Minha mente rodava. Eu pensava que nunca seríamos encontrados, não com o médico morto, sem poder contar o que tinha acontecido. O segurança, em determinado momento, ia sentir nossa falta e procurar. Mas isso podia demorar e não sabia para onde tínhamos ido nem em que carro. Não havia pistas. E soube que estávamos por nossa própria conta. Tinha que pensar em alguma maneira de salvar Eva e Helena e morrer lutando para isso.

Não nos vendaram, mais um sinal de que o objetivo final era nos matar mesmo. Resolvi ser o mais calmo possível e olhei para Luiza. Ainda era uma mulher bonita. Mas seu ar de louca, seu olhar maligno, a faziam parecer uma bruxa esquelética. Eu a odiei tanto que, se tivesse oportunidade, quebraria seu pescoço sem vacilar.

Concentrei-me e falei baixo:

- Era isso que você queria o tempo todo, Luiza? Me matar?

Ela me lançou um olhar rápido, dirigindo pela estrada em direção à Pedrosa.

- Matar todos vocês e recuperar não só a terra que nos tiraram, mas ser dona de tudo! Claro, isso levaria tempo. Mas ao menos se essa idiota me escutasse, teria saído dessa com uma pensão forte e um pedaço de terra. Mas não. A burra foi se apaixonar. Idiota! Ensinei tanto e não aprendeu nada, não é, Eva? Tá satisfeita agora? É tudo culpa sua! – Olhou-a pelo retrovisor, fora de si. – Você me obrigou a tudo isso!

- Não, mãe! – Sua voz era tremida, mas a senti mais forte, decidida. – Eu me arrependo de não perceber tarde demais a sua loucura, sua obsessão doentia!

- Você me deixou por ele! – Apontou para mim, furiosa. – Por esse Falcão desgraçado!

- Pelo meu marido! Pelo homem que amo! – Gritou. E estava tão nervosa, que completou: - Faria tudo de novo por ele! Só me arrependo de não ter contado antes, com medo de perdê-lo. Se eu tivesse feito isso, agora você estaria presa e não apontando uma arma para ele e para a sua neta!

- Ela é uma Falcão! Sua burra! – Gritou tão alto e descontrolada, que Helena acordou e começou a chorar assustada. Eva a abraçou e falou baixinho com ela, enquanto Luiza continuava histérica, dividindo sua atenção entre a estrada e a filha pelo retrovisor: - Quer dizer que escolhe ele mesmo! Se estivesse com uma arma atiraria em mim e não nele, não é, sua ingrata? Não é? Responda!

- Sim! – Eva gritou também, com raiva.

- Desgraçada! Ouviu isso, Lauro?

- Claro, com essa gritaria toda. – Ele sorria, tranquilo, sem afastar a arma de Eva e Helena.

- Eva. – Falei baixo, seguro. Estava nervoso demais, mas sabia que tínhamos que nos manter frios. – Se acalme.

- Theo... – Ela murmurou, chorosa, desesperada. Encontrei seus grandes olhos verdes pelo espelho retrovisor e não havia como não ver cada emoção ali, totalmente expostas. – Me perdoe.

Eu sabia do que ela falava. Pedia perdão por um dia ter feito parte daquilo e me enganado. Por não ter me contado quem era. E por que se sentia culpada por estarmos ali. Mas fitei seus olhos e tudo que vi foi o amor da minha vida, a única mulher que quis no mundo. Uma menina que foi submetida à maldade desde cedo, que ainda tão jovem se envolveu comigo e entrou em um pesado jogo de sedução, que mesmo casada e maltratada por mim continuou a me amar e tentar provar isso.

Agora eu via. Enxergava sua verdade, seu amor, sua paixão sem limites. Eu me dava conta que tinha perdido tempo demais me lamentando por sua traição e odiando-a, quando era só olhar para Eva e ver a verdade explícita em seu olhar, em sua devoção. E talvez agora o tempo se acabasse. Eu não poderia mais dizer que meu ódio

e minha mágoa não existiam mais, que eu só queria sair dali e tê-las em minha vida, ela e Helena, para me dedicar a elas para sempre. Pois talvez só saísse dali morto. E até sobre isso eu me conformava. Se Eva e minha filha escapassem ilesas, tudo valeria à pena.

Não esperei mais. Disse só algumas palavras, as que ela me falou tantas vezes e nunca acreditei. Mas que vinha de dentro de mim com todas as forças:

- Eu te amo, coelhinha. E isso nunca vai mudar.

Seus olhos encheram-se de lágrimas e Eva murmurou, como se estivéssemos sozinhos ali:

- Eu te amo, Theo. E isso nunca vai mudar.

- Cala a boca, porra! Cala a boca! – Berrou Luiza, furiosa, socando o volante, fazendo o carro dar uma derrapada.

- Ei, calma, aí! – Reclamou Lauro. – Tá maluca?

- Se não calarem a boca, vou fazer uma merda! – Ela respirava irregularmente, vermelha, fora de si. Percebi o risco daquilo, mas tentei desnorteá-la mais, para que fizesse alguma besteira que me possibilitasse agir:

- Por quê? Nosso amor incomoda você? Queria estar no lugar de Eva?

- Nunca! – Berrou.

- Não é disso que me lembro. – Falei friamente, olhando-a sem piscar. – Lembro de você atrás de mim, se rastejando, implorando por migalhas. Lembra disso, Luiza? Lembra daquele banheiro quando tentou me forçar a desejar você?

- Cala a boca! – Ela se tremia toda.

Eu torcia as mãos nas costas, tentando me soltar, mas estavam firmemente amarradas. Eu tinha medo de mim mesmo, de perder o controle, sem saber se descontrolar Luiza era uma boa ideia ou não. No final das contas, completei:

- Para mim você não servia nem como puta.

- Ah! – Ela gritou e soltou a mão direita do volante, batendo com as costas dela na minha cara. O carro deu uma derrapada e Lauro gritou algo, se inclinando para frente, tirando Eva e Helena da mira. Xinguei a mim mesmo por estar com as mãos amarradas, pois seria o momento de pular em cima dele.

Dei uma gargalhada e provoquei Luiza:

- É só isso que sabe fazer?

- Vou fazer muito mais! Vou te matar! – Berrou como uma louca.

- Pare com isso, Luiza, se controle! Ele quer fazer o carro sair da estrada e tentar lutar comigo, porra! – Lauro gritou irritado e agarrou Eva pelo cabelo, puxando-a, apontando a arma para sua têmpora. – Falcão, se não calar essa boca eu escalpelo sua coelhinha, porra!

A bÍlis subiu, o pavor me dominou e fiquei imóvel, olhos cravados neles pelo retrovisor. Helena começou a chorar e Eva pediu baixinho:

- Ele não vai falar mais nada. Me deixa cuidar da minha filha.

- Cala a boca! Quem manda nessa merda aqui sou eu! Quero os dois de bico fechado! E você dirige essa joça, Luiza! Chega de palhaçada aqui! – Disse impaciente, sem soltar Eva.

Eu estava gelado, com o coração batendo forte, o medo me dominando. Fiquei em silêncio, só de olhos neles, louco para matar aquele homem. Ouvi minha filha chorar, Eva falar baixinho com ela, e me senti um inútil, sem poder protegê-las. E então lutei contra a dor dentro de mim, a ira e o desespero, me concentrando em tudo em volta, no caminho, tentando buscar uma saída daquela situação. Era o pior momento da minha vida.

EVA

O resto da viagem nós fizemos em silêncio. Saímos de Pedrosa e entramos em tantas ruas secundárias que eu nem sabia mais que cidade era aquela. Estava imóvel e felizmente Helena parou de chorar e dormiu. Lauro aliviou e desceu a arma da minha cabeça para a costela, deixando o cano encostado ali.

O tempo todo eu vi os olhos de Theo sobre mim pelo espelho retrovisor e nunca o vi tão carregado e tenso, tão concentrado em alguma coisa. Sentia seu ódio, sua vontade de nos soltar e proteger,

como estar preso e com medo de nos ver sendo baleadas contendo-o. Soube que se estivesse sozinho já teria feito algo destemido.

Mas o que mais me deu certa calma foi notar sua fria determinação, apesar de tudo. Ele estava disposto a agir no momento certo e percebi que era isso que queria de mim também. Que estivesse forte e concentrada, para agir com ele.

Tive vontade de chorar só de imaginar que minha mãe e Lauro iam tentar matá-lo. Eu sabia que esse era o objetivo deles. E que poderiam machucar Helena. Eu não podia deixar. Teria que estar atenta, fazer o possível, pois não estava amarrada. E por eles, engoli meu medo, minha submissão natural, minha mania de me esconder. Quis ser corajosa e respirei fundo, como se dissesse a Theo com os olhos que estava pronta e ele poderia contar comigo.

Sabia que ia tentar salvar a mim e a Helena. Eu tentaria salvar a ele e a Helena. Se ao menos ela escapasse de tudo aquilo e conseguíssemos ajuda para ela, eu já me daria em parte por satisfeita. Só não podia pensar em sobreviver sem eles. E se alguém tivesse que morrer, que fosse eu.

Olhei para minha mãe ao volante, lembrei dos anos que passei com ela, de como a obedeci e mendiguei o seu amor, do quanto agi errado até me dar conta de tudo. E vê-la apontar uma arma para minha filha, só uma bebezinha, tinha sido o cúmulo. E ali eu soube que, se tivesse que matá-la para defender Theo e Helena, eu o faria. Não sei o que seria de mim depois, mas eu faria o que fosse preciso.

Tudo em mim doía e sangrava por dentro. Pensei na minha vida, vi as minhas oportunidades, sofri ao imaginar que não teria uma segunda chance. Talvez tudo se acabasse ali. Eu poderia nunca mais ouvir Theo dizer que me amava ou ver um de seus raros sorrisos. Ele tinha sorrido tanto para mim em nosso casamento, mas nunca mais depois que soube quem eu era. E talvez eu não visse mais aquilo. Assim como nunca poderia ter a chance de ver Helena crescer ou dar a ela irmãos, criá-los livres e felizes pela fazenda, tendo uma família grande, sendo alegres e amados como nunca fui.

Eu via meus sonhos e esperanças prestes a acabar e me agarrei com a fé. Pedi firmemente dentro de mim que Deus os

protegesse e que um milagre acontecesse. Qualquer um. Agarrei-me a uma ínfima esperança, talvez ingênua, mas o que eu precisava para continuar forte e lúcida.

Por fim, o carro depois de se entranhar em estradas de barro, chegou a uma pequena cabana escondida no meio do mato, com janelas de vidro e porta de madeira, feita de tijolos aparentes, apenas uma parte das paredes cimentadas. E quando parou, o medo me engolfou de novo, absurdo, paralisante, aterrador.

- Nosso destino final. – Minha mãe puxou o freio de mão e sacou sua arma da cintura da saia, arrancando sua peruca e largando-a no carro, enquanto olhava para Theo em um misto de expectativa e raiva: - Agora vamos nos divertir um pouquinho.

- Mãe... – Chamei-a, segurando Helena nos braços, enquanto Lauro abria a porta e saía. Ela virou para trás e me olhou. Falei bem séria: - Deixe-os vivos. Por favor. Eu faço o que você quiser.

- O que eu queria, você não fez. – Seus olhos brilharam, furiosos, enquanto os semicerrava. – Agora é tarde demais. Mas não se preocupe. Vai se juntar a eles. Agora, saia!

Ela empurrou a porta e saiu. Tivemos milésimos de segundos dentro do carro e Theo falou bem baixo, rapidamente:

- Olhe tudo em volta e tente me dar algo para cortar a corda.

- Venha! – Lauro já se inclinava e me puxava pelo braço, mas eu tinha ouvido e já sentia meu coração disparar, sabendo que seríamos nós dois contra aqueles loucos.

Respirei fundo e saí, sentindo finos pingos de chuva sobre mim. Minha mãe me apontou a arma, ameaçadora, uma estranha fria e maligna. E Lauro foi abrir a porta de Theo.

Ia começar.

CAPÍTULO 18

MICAH

Aquela mulher era fria como uma pedra de gelo, chata, implicante, um pé no saco. Eu me indagava como podia ser noiva. Também, tinha que ser aquele maluco mesmo para aturar aquela Valentona pedante e de nariz em pé. Eu nem podia imaginá-la transando. Na certa reclamava o tempo todo:

“ Não, aí não pode. Não quero que despenteie meu cabelo. Não sue em cima de mim. Vire esse mau hálito pra lá.” E tantas outras coisas do tipo, talvez olhando para o relógio e cronometrando o tempo.

Eu ri com esse pensamento, pois com o jeito dela e o noivo cheio de transtornos obsessivos compulsivos, devia ter horário mesmo. Deus que me livrasse de uma coisa daquelas!

Entrei em minha sala, depois de mais um bate boca com Valentina sobre um contrato no qual discordamos. Como sempre ela saiu pisando duro e me chamando de infantil, tentando me fazer parecer um irresponsável, mas revoltada, pois no final das contas eu tinha razão. Para ela era difícil aceitar que eu pudesse já entender tanto do trabalho e que algumas coisas já soubesse antes dela. Ficava realmente fora de si. E eu só me divertia.

Tirei um cigarro do maço e pus no canto da boca, acendendo-o com o isqueiro e indo me jogar no sofá para fumar em paz antes de ver o que tinha sobre a minha mesa para resolver. Theo ia chegar mais tarde naquele dia, pois acompanhou Eva e Helena a uma consulta. Tinha me pedido para resolver algumas coisas para ele.

Relaxado, tirei o celular do bolso e busquei uma música legal para curtir enquanto fumava. Estava lá escolhendo quando bateram rapidamente na porta e logo Pedro entrava. Ele tinha aquela mania de entrar sempre de uma vez e comentei bem humorado:

- Qualquer dia desses vai me pegar transando com uma mulher em cima da mesa e vai ficar todo sem graça. – Dei uma

tragada no cigarro e semicerrei os olhos por causa da fumaça, dando um leve sorriso e segurando o cigarro entre os dedos para completar: - Se bem que, do jeito que você é cara de pau, vai até pedir para participar.

Em vez de responder uma sacanagem, como em geral fazia, Pedro me olhou sério, com o semblante carregado:

- Theo, Helena e Eva sumiram.
- O quê?

Na hora parei de sorrir. Fiquei de pé e amassei o cigarro no cinzeiro na mesa de frente. Fui até ele.

- O que está dizendo?
- Eu soube agora e corri aqui para te avisar. Joaquim e Heitor estão vindo da fazenda e vamos todos para a delegacia.

- Explica isso, Pedro!

- Estavam na consulta, o segurança ficou na porta. Disse que uma enfermeira entrou e depois saiu com Helena no colo, acompanhada do médico, de Theo e Eva. Theo disse pra ele ficar ali e seguiu pelo corredor. Sumiram no final. Mas demoraram muito e o cara ficou desconfiado. Foi lá espiar e encontrou o médico do lado de fora do galpão, morto com um tiro na cabeça.

- Porra... – Soltei, nervoso.

- Porra mesmo! – Pedro estava furioso e foi pisando duro para a porta. – Nem sinal de Eva, Helena e Theo! Não sabemos nem por onde começar a procurar. Vamos para a delegacia e...

- Eu sei.

Pedro parou e se voltou de imediato.

- Sabe? Como?

Peguei meu celular de volta e liguei o GPS com rastreador especial, coisa que usávamos em algumas missões. Não era legalmente permitido usar fora de serviço, mas nunca fui bom mesmo com regras. Em segundos ele apitou e me mostrou um local perto do rio Parnaíba, depois de Ituiutaba, em uma região agrícola. Pedro veio até mim e mostrei a ele.

- Estão aqui.

- Puta merda! Mas como...?

- Eu dei uma pulseirinha de presente para Helena. Pedi que Theo colocasse nela e não tirasse.

- Sei, eu já vi.

- Felizmente não tiraram. Sabendo que Luiza poderia querer sequestrar a menina e pedir um resgate ou algo do tipo, pus um rastreador no pingente da pulseira. – Falei apressado, indo rápido até a porta e saindo na frente de Pedro. – Vamos logo, tá esperando o quê?

- Porra, cacete, puta que... – Pedro veio atrás, aliviado, me dando uma porrada no ombro. – Você é foda! Vamos correr para a delegacia!

E eu também parabeneizei a mim mesmo pela ideia, embora soubesse que teríamos que correr para chegar a tempo, antes que fizessem alguma covardia com Theo, Eva ou Helena. E que ainda teríamos que planejar bem como cercar o local e invadir sem que eles saíssem feridos.

Lembrei da minha Glock calibre .40, que era a preferida por forças paramilitares e policiais do mundo e cujo modelo 9mm era de uso exclusivo das Forças Armadas, da Polícia Federal e da ABIN no Brasil, que estava em minha casa alugada. Ela tinha precisão absoluta de mira e tiro, uma arma tática e segura que parecia até uma extensão do meu corpo, tão acostumado estava com ela. Não podia deixar de levá-la. Tinha impressão de que seria muito necessária.

EVA

A cabana era na verdade um cômodo grande com um banheiro anexo, tendo quatro janelas de vidro fechadas e apenas uma porta, que foi trancada quando entramos. Em volta dela, só árvores e uma mata fechada. Ficava no meio do nada e eu sabia que ninguém nos acharia ali.

Mesmo nervosa, entrei com Helena no colo e passei os olhos em volta, tentando me acalmar, fazer o que Theo tinha dito. Vi num canto uma pia e um armário de cozinha, com um fogão velho. Não

tinha geladeira nem luz elétrica ali, pois havia lampiões e lanternas espalhados. Um sofá velho encostado na parede, uma mesa de fórmica entulhada de coisas, uma cama de casal com lençóis amarfanhados e encardidos.

Cada janela de vidro tinha uma armação de madeira em formato de cruz e de uma delas uma corda foi amarrada na madeira central, de onde saía um gancho. Fiquei ansiosa quando vi Lauro pegar a ponta da corda, fazer um laço e enfiar em volta da cabeça de Theo, dizendo em tom irônico:

- Uma coleira para um cão que tá doido para escapar! – Theo o olhou furioso, vendo que eu e Helena continuávamos sob a mira da minha mãe e ele impotente, com as mãos amarradas para trás. Com a corda no pescoço, se tentasse se afastar demais seria enforcado. – Senta aí e não levanta, nervosinho.

E bruscamente o empurrou no chão, desequilibrando-o. Theo caiu sentado e seu olhar era mortal ao avisar:

- Vou me soltar e matar você.

- Essa eu quero ver. – Lauro riu e olhou-o do alto, friamente. Mas então se virou, foi até a mesa, pegou um notebook e o ligou. – Vamos aos negócios e transferências bancárias, Falcão. Vai me falar senhas das várias contas que sei que você tem, pessoal, da fazenda e das empresas. Quero no mínimo seis milhões.

- Vai ser impossível levantar essa quantia toda sem autorização dos gerentes. Sabe muito bem que esse dinheiro não fica parado, mas em investimentos. – Theo disse com voz gelada e olhar cheio de ódio, sentado no chão, encostado na parede.

Enquanto eles falavam, eu olhava em volta devagar, embora meu nervosismo atrapalhasse. Vi que o lugar estava sujo e bagunçado, com embalagens de comida na pia, louça suja, camisinhas usadas e largadas ao pé da cama, roupas e sapatos por todo lugar. Não havia nada que pudesse ser cortante, a não ser que me aproximasse da pia e buscasse uma faca, mas minha mãe não ia deixar.

- Cara, não tá falando com nenhum idiota! Sei que dá para fazer transferência de dois milhões facilmente. O resto a gente enxuga de um lado e outro, aposto que com bons incentivos você

vai me dar as senhas certinhas. Vamos começar? – Lauro se sentou ao sofá com o notebook no colo.

Minha mãe riu, encostando-se à mesa cheia de bagulhos em cima, mantendo a arma apontada para mim, mas sem tirar os olhos de Theo. Havia desejo e satisfação em seu olhar e ali eu vi o quanto era obcecada por ele, a ponto de querer matá-lo por nunca tê-lo tido como quis, não apenas pela vingança.

Senti repulsa e raiva dela, mas me contive, olhei em volta e foi então que vi. Perto da mesa em que ela estava, tinha uma cadeira. E sobre o tampo da mesa, vi uma caixa com objetos de fazer unha. Entre esmaltes e acetonas, vi uma tesourinha e um cortador. Eram pequenos e foi isso que me animou. Demoraria a cortar uma corda, mas eu poderia esconder na mão e dar um jeito de passar a ele.

Respirei fundo, criei coragem e fingi cambaleiar para perto da minha mãe, que me olhou de imediato e firmou a arma. Supliquei com voz cansada:

- Por favor, preciso sentar. Vou desmaiar. – E sem esperar resposta, praticamente me joguei na cadeira com Helena no colo, de propósito deixando parte de sua manta cair sobre a ponta da mesa e cobrir a caixa de manicure.

- Fica quieta aí! – Minha mãe, rosnou, olhando-me irritada.

- Só preciso descansar. – Olhei-a como se estivesse passando mal e murmurei: - Por favor, mãe, um copo de água.

- Para você não tem nada aqui! Cala a boca! – E voltou a concentrar sua atenção em Theo.

- Diga o primeiro banco, conta e senha. Agora. – Exigiu Lauro.

Theo tinha observado meu pequeno teatro e então fitou o homem e Luiza. Acho que sacou que eu a queria distraída, por isso pedi a água. Então a provocou com uma voz insultuosa:

- Vai ficar aí me olhando o tempo todo? Como no passado, quando não tirava os olhos de mim e me seguia em toda parte? Vim para cá para passar as senhas ou ficar sendo admirado por você?

Ela arregalou os olhos e empalideceu, como se estivesse chocada com suas palavras e seu desprezo explícito nelas. Se

desencostou da mesa, furiosa, a palidez sendo substituída por um vermelhão em seu rosto. Apontou a arma para ele e meu coração parou. Disse fora de si:

- Eu te odeio! Estou só pensando como vou te matar e tiro é pouco para você! Vou enfiar uma faca nos teus bagos! Ou mandar Lauro te pendurar nessa corda como vocês fizeram com meu pai!

Mesmo apavorada, eu aproveitei o momento e meti a mão trêmula sob a manta, Tateando rapidamente. Senti o esmalte e então agarrei firme a tesourinha. Meu coração disparou. Escondendo-a na palma, sob a manta e o corpo de Helena. Então me levantei, metendo-me na confusão:

- Mãe, pare com isso!

- Vou matar esse tarado desgraçado! – Olhou-me mais furiosa ainda por que Theo a olhava com cinismo, um leve sorriso nos lábios.

- Porra, controla seu gênio, mulher! Vamos ter tempo para isso! – Lauro brigou e apontou para Theo. – Fala logo a conta e a senha!

- Manda essa vaca parar de me olhar. – Theo disse calmamente e minha mãe gritou, indo até ele com raiva, chutando suas pernas, bradando a arma.

Entrei em pânico, com medo que ela atirasse. Quis deixar Helena em algum lugar seguro, mas não havia. Então, a pus no cantinho do chão e ela começou a chorar. Eu mantinha a tesourinha firme dentro da mão fechada e corri para eles, metendo-me entre minha mãe e Theo, suplicando:

- Deixe ele em paz!

- Sai daí, Eva! – Theo gritou em desespero a me ver na mira da arma.

Lauro xingou um monte de palavrões e se levantou, sacando sua arma também.

- Vai defender ele? Quer morrer primeiro? - Minha mãe berrou avançando em mim e andei para trás. Esbarrei nas pernas de Theo e aproveitei, sabendo que poderia tomar um tiro, mas seria nossa única chance.

Fingi cair no chão e corri para abraçá-lo forte, chorando e suplicando, me jogando em seu colo:

- Mãe, não faz isso! Por favor!

- Solte ele! – Ela quase engasgou.

- Vem aqui, porra! – Lauro se abaixou para agarrar meu braço e me puxar.

Eu aproveitei a confusão, chorei alto de verdade, pois estava em pânico, senti o desespero de Theo com medo que algo acontecesse comigo e com os berros de Helena e então meti a mão por trás dele e enfiei a tesourinha em sua mão. Senti que enrijeceu e agarrou o objeto. Por uma fração de segundos apertou os meus dedos como se me desse forças. E então Lauro me puxou dali e me ergueu, me sacudindo:

- Fique longe e controle o histerismo ou eu mesmo acabo com você! Luiza, saia daqui! Vá cuidar da sua filha! Temos negócios a resolver, merda!

- Mas ele...

- Sai daqui! – Gritou com ela e me empurrou para longe.

Caí de joelhos e engatinhei até Helena, sentando-me no chão e pegando-a no colo, murmurando para que ficasse quieta, mas ela se esgoelava de tanto chorar.

- Vou te matar, Theodoro Falcão! – Minha mãe ameaçou e se afastou, respirando pesadamente, olhando-me com raiva, avisando:
- E você não saia mais daí!

Eu nem a olhei. Amparei Helena, beijando sua cabecinha, olhando para Theo. Ele estava quieto, concentrado, e eu sabia que já começava a esfregar a pequena lâmina na corda. Não ia ser fácil, mas ao menos teríamos alguma chance. Ele me olhou rápido, mas não deixou passar nada. E quando Lauro pegou o notebook e colocou nos joelhos, exigindo a conta e a senha, Theo suspirou como se estivesse derrotado e falou os números.

- Isso aí. – Lauro sorriu e comemorou ao ter acesso à conta.
– Olha isso! 947 mil reais. Nada mal para uma delas. Vamos lá, pra conta do papai!

Passou a digitar rápido, ansioso, seus olhos brilhando se ambição.

Minha mãe encostou de novo na mesa e me manteve na mira, ainda de olhos em Theo. Ele a encarou com frieza e cinismo e a vi apertar os lábios com raiva.

Helena continuava a gritar e eu sabia que estava com fome. Afastei a camisa um pouco, o sutiã e me cobri em parte com a manta. Ela se calou na hora ao agarrar meu mamilo e sugar faminta. Respirei fundo e encostei a cabeça na parede, exausta emocionalmente.

- Feito! – Lauro comemorou, satisfeito, sorrindo para minha mãe. Ela riu de volta. Então ele se voltou para Theo. – Mais uma conta. Sabe de cabeça?

Ele não respondeu. O homem ficou impaciente:

- Quer que eu dê um tiro no pé da sua mulher para te fazer lembrar? Dizem que pé de coelho dá sorte.

- Eu falo. – Theo na mesma hora citou os números e Lauro se animou, digitando.

Enquanto eles se concentravam naquilo, eu olhava em volta, buscando um lugar seguro para deixar Helena se eu precisasse lutar a ajudar Theo. Mas não havia nenhum. E eu tremi de medo por ela. Comecei a rezar em silêncio. E o tempo passou enquanto três transferências altíssimas foram feitas para a conta de Lauro e mais de dois milhões repassados.

THEO

Eu me concentrava em cortar a corda só de um pulso. Era grossa, estava apertada e meus movimentos eram limitados, além de não poder chamar atenção. Mas todas as minhas forças estavam ali, voltadas para tentar me libertar. Ainda havia a corda em meu pescoço, mas eu já calculava como fazer um dos dois se aproximar e então tomar sua arma. Já tinha visto que atrair Luiza seria fácil, era só provocá-la.

Falei algumas contas e senhas para distraí-los. Havia um programa implantado em nossas contas para evitar sequestros

relâmpagos e hackers de computador. Ao fazer transferências, eu tinha que liberar um código. Se isso não fosse feito, o dinheiro seria remanejado de volta à conta de origem em três horas. Assim, tínhamos aquele prazo. Pois depois de três horas veriam as contas vazias e o negócio ia ficar realmente tenso.

Depois de citar a quarta conta, eu realmente não lembrava de números e senhas das outras e foi o que disse. Lauro se levantou e encostou o cano da arma em minha testa. Disse com frieza:

- Melhor você lembrar. Ainda não temos três milhões e quero seis.

Inacreditavelmente eu não tinha medo dele e nem por mim. Mas sabia que só podia morrer depois que livrasse Helena e Eva do perigo. Não me alterei e continuei tentando contar a corda grossa, com meus olhos nos de Lauro enquanto dizia:

- Não sou uma máquina. E não ando com os cartões de bancos por aí. Tudo que eu sabia, passei para vocês.

- Lauro, não faça isso! – Eva se meteu e, nervoso, a vi colocar Helena no cantinho do chão, sob a mesa, adormecida. Ela ia se levantar e ordenei gelado:

- Fique aí!

Lauro sorriu friamente e se afastou de mim. Quando se virou para Eva já de pé e caminhou para ela, o pânico me envolveu como uma mortalha e esfreguei mais rápido a pequena lâmina na corda, meu coração falhando uma batida, dizendo fora de mim:

- Fique longe dela!

Luiza continuou segurando sua arma enquanto Lauro agarrava de repente o cabelo de Eva e a puxava com brusquidão para o meio da sala, fazendo-a gemer assustada, de frente para mim. Encostou o cano da arma no ouvido dela e me fitou, dizendo:

- Ou fala as outras contas e senhas, ou adeus coelhinha!

- Porra, eu não sei! – Gritei angustiado e era verdade. – Só se eu ligar para o gerente ou para o escritório e...

- Pensa que sou idiota? E alertar todo mundo? – Estava furioso e sacudiu Eva.

Vi os olhos dela arregalados e o medo me engolfou forte, potente. Tive raiva de mim mesmo por estar preso, impotente, por

ter deixado Eva e Helena caírem naquela armadilha. Olhei rapidamente para Luiza, minha mão indo forte para cortar a corda, apelando para um instinto materno que eu sabia que aquela maldita não tinha:

- Vai deixar isso? Eva é sua filha! Sabe que eu a amo e nunca a deixaria correr riscos! Se eu soubesse de outras senhas já teria dito!

- Minha filha? Não, agora ela é uma Falcão! – Luiza rosnou, com ódio e inveja, olhando de mim para Eva, sendo extremamente indiferente: - Quando aquela Gabriela escolheu vocês, eu esqueci que ela existia. Essa daí é a mesma coisa. Não é mais minha filha.

- Mãe... – Eva arquejou, olhando-a com mágoa e medo.

- Chegou sua hora, menina. Uma pena. – Lauro puxou Eva contra si e cheirou seu cabelo, murmurando: - Sempre quis comer você. Pensei que teríamos um tempo só nosso para matar essa vontade, mas seu marido não quer cooperar.

- Tire as mãos dela! – Rosnei feroz, minha respiração pesada, meu coração galopando, o ódio me fazendo forçar os pulsos separados e romper a corda que eu continuava cortando aos poucos com a tesoura pequena demais.

Levantei rápido e meu instinto me fez querer ir até eles, salvar Eva, mas a corda esticou e apertou meu pescoço. Gritei furioso e Lauro riu.

Luiza falou alto, com voz venenosa e esganiçada:

- Mate-a! Deixe-o assistir. Quero ver essa praga sofrer antes de morrer, sabendo que a mulher e a filha morreram por causa dele!

- Eva! – Berrei alucinado, preso, com medo de ouvir o tiro que a arrancaria de mim, vendo o olhar de Lauro mudar, se tornar extremamente frio. Soube que ele agiria e foi como se uma geleira de puro pavor descesse sobre mim. Fui o mais rápido possível com a tesoura, forcei os pulsos, tentei me soltar de todas as maneiras. Nunca fiquei tão desesperado na vida.

- Sabe... – Começou Lauro. – Esse desespero todo me faz acreditar que ele não sabe mesmo as outras senhas. E três milhões até que é uma boa grana. Não acha, Luiza?

- É. Acabe logo com isso e vamos embora. – Ela se desencostou da mesa, a arma para baixo, olhando friamente para Eva. – Foi escolha sua. Não reclame.

- A vida é feita de escolhas. – Concordou Lauro e sorriu, erguendo novamente a arma.

- NÃO! NÃO! – Berrei ensandecido, em pânico, me debatendo com as cordas.

- Eu fiz a minha. – E sem que qualquer um esperasse, Lauro apontou de repente a arma para Luiza e ela só teve tempo de arregalar os olhos quando ouviu o disparo e sentiu o tiro perfurar sua barriga.

Eva gritou. Eu paralisei, mas logo voltei a tentar me livrar da corda no pulso, sabendo que era tempo que eu ganhava. Helena acordou chorando alto com o barulho.

Luiza largou sua arma, que bateu no chão em um baque seco. Ainda em choque, caiu de joelhos e levou as mãos à barriga que sangrava, balbuciando:

- Mas... o... que...

- Pra que dividir com você, puta fedida? Vou me divertir um pouco com a sua filha, com carne fresquinha. E só acabo com ela quando quiser. Você... – Ergueu a arma para o rosto dela, que continuava estática, com a boca aberta. - ... já não me serve mais.

- Não... – Eva ainda murmurou e virou o rosto, fechando os olhos quando Lauro disparou mais uma vez, dando um tiro na boca de Luiza e a arremessando para trás.

Caiu já morta, sobre as pernas, sangue e miolos se espalhando atrás dela.

- Ah, Deus... – Eva tremia e chorava, levando as mãos ao rosto. Helena gritava sob a mesa. E Lauro foi arrastando Eva pelo cabelo em direção à cama, dizendo bruto, sacudindo a arma:

- Vamos acabar logo com isso! Odeio passar vontade, loirinha. Vou te comer e depois prometo ser piedoso. Um tiro pra você e outro pro Falcão. Vão viver juntos no paraíso. E como não sou covarde, deixo a menina à própria sorte!

- Não! Me larga! – Eva lutou, tentando se livrar, não se apavorando diante da arma.

- Ah, vai lutar? Vai dar trabalho? Assim que eu gosto! – Riu e jogou na cama, enfiando a arma no cinto atrás para avançar nela e rasgar sua blusa.

- AHHHHHHHHHHHHHHH... – Eu gritei fora de mim, alucinado, enlouquecido. E puxei os braços com força, finalmente sentindo a corda se romper e soltar meus pulsos, adrenalina correndo solta em meu sangue, o ódio toldando cada parte de mim.

Vi a arma de Luiza caída ao lado dela e tentei alcançá-la, mas estava a poucos metros de mim e a corda em meu pescoço não permitiu. Desesperado, lutei contra o nó, mas estava apertado demais, quase me sufocando. Soube que ia demorar demais para conseguir desfazê-lo e englobei tudo num relance.

As duas mulheres da minha vida correndo riscos, dependendo de mim. Desvairado, ouvi o choro sentido e estridente de Helena, os gritos de Eva que lutava, mas tinha a blusa rasgada e tentava escapar enquanto Lauro abria sua calça com brutalidade, de costas para mim.

Eu virei e segurei firme a corda presa na madeira da janela. E com uma força sobre-humana, levada pelo puro desespero e desejo de salvar Eva, eu puxei-a com todas as minhas forças, dando um arrancão. Não soltou, mas senti a madeira fazer um barulho. Rapidamente me aproximei mais e dei outro puxão, vendo-a sair lascas.

Meu coração disparou e empreguei todas as minhas forças ali. Helena berrou. Eva gritou. Lauro disse em tom de ameaça:

- Agora vai saber o que é ter um homem de verdade!

Olhei para trás e puxei a corda forte. Tudo aconteceu ao mesmo tempo.

De repente, um barulho abafado de tiro estilhaçou um dos vidros da janela, exatamente no momento em que Lauro, com a calça aberta, ia se deitar sobre Eva, que parecia tonta, como se tivesse levado um tapa ou um soco na cara. Sangue espirrou do ombro dele, que cambaleou para o lado, sem saber o que o tinha acertado.

Dei um puxou na corda e a madeira partiu, soltando-a. Rugi como um animal e corri para Lauro, uma das cordas penduradas no

meu pulso, a outra se arrastando do pescoço atrás de mim. Ele só teve tempo de se virar e me olhar, ferido, surpreso, levando a mão às costas para pegar sua arma.

Mas já era tarde. Aquela violência que sempre senti como parte de mim, que me acompanhou a vida toda, que aprendi a canalizar para o sexo e direcionar, se concentrou toda em minha essência naquele momento. E eu me tornei um animal de verdade.

Ergui o punho com toda força e acertei um soco brutal em seu queixo, deslocando seu maxilar, arremessando-o para trás. Lauro caiu no chão e a arma a seu lado, mas não a peguei. Pulei sentado sobre o seu peito, ajoelhando em seus braços, o ódio me consumindo enquanto eu dava um murro em sua cara e outro, e mais outro, destroçando ossos, espirrando sangue, abrindo a carne.

Eu era como uma máquina. Uma parte minha reparou em Eva se erguendo da cama e indo de joelhos até Helena embaixo da mesa. Outra viu a porta sendo arrombada e pessoas entrando, policiais, meus irmãos. Soube que um deles atirou em Lauro de fora e me deu o tempo que eu precisava para me soltar. Mas agora era comigo.

Eles me cercaram, mas não intervieram. Calados, observaram quando segurei a arma que aquele bandido tinha usado para ameaçar minha mulher e minha filha. Ele ainda estava consciente, grogue, deformado, mas ainda me olhando. E era assim que eu queria. Levantei, e de pé ao seu lado, olhei bem em seus olhos e falei:

- Eu não disse que ia te matar? Vai para o inferno.

E sem nenhum complexo de culpa, mirei na sua testa e puxei o gatilho duas vezes seguidas. Continuou com os olhos em mim, agora vazios, sem vida, vidrados.

Não havia mais ameaça contra a minha família. Larguei a arma no chão e olhei em volta. Vi Heitor, Pedro, Joaquim e Micah. Alguns policiais. O delegado Ramiro, que falou logo:

- O que vimos aqui foi a polícia invadir o local e eliminar o bandido que ameaçava pessoas inocentes.

E eu soube que meu nome nem seria citado como assassino, nem mesmo como legítima defesa.

Encarei-o, sabendo que tudo tinha começado assim, quando meu pai mandou matar Pablo Amaro e o delegado Ramiro fingiu não saber de nada. Mas não senti culpa daquela vez. Eu eliminei um assassino que ia estuprar e matar minha mulher e depois me matar. O prazer que tive com isso não contava. Foi necessário e ponto final.

Virei e segui na direção de Eva, que estava com Helena no colo e falava com ela baixinho. Olhou-me quando me aproximei, seus olhos límpidos. Tive receio que estivesse com medo de mim, mas falou com firmeza:

- Eu nunca duvidei que você nos salvaria, Theo.

- Coelhinha...

Só então eu me permiti deixar todo medo que senti vir à tona. Puxei-as para meus braços e as envolvi forte, beijando os cabelos de Eva, acariciando Helena, dizendo baixinho com alívio e um amor incondicional:

- Vou proteger vocês sempre, minhas coelhinhas. E nada, nada mais vai nos separar.

- Promete? – Eva ergueu os olhos cheios de lágrimas, abalada por tudo, mas ainda inteira. E ali eu vi o quanto ela era forte e lutou comigo. Eu a amei mais do que nunca e a admirei.

- Prometo. Você me perdoa?

Lágrimas pularam dos olhos dela e ergueu a mão, acariciando minha barba.

- Só se você me perdoar. – Murmurou.

- Somos um, Eva. – Enfieei minha mão em seu cabelo, segurei sua nuca, falei com todo meu ser: - Estamos os dois perdoados e vamos ser felizes daqui para frente, como devíamos ter sido desde o início. Sem mentiras, sem mágoas, sem violência e sem vingança. Agora Falcão e Amaro vão ser uma unidade, uma família, um amor. E nada vai nos separar.

- Nada... – Ela concordou, chorando, se aproximando mais de mim, murmurando: - Eu te amo, Theodoro Falcão. E isso nunca vai mudar.

- Eu te amo, Eva Amaro Falcão. E isso nunca vai mudar.

Puxei-a e a beijei na boca com cada parte minha entregue naquele beijo, Eva se dando por inteiro também, como se o mundo

não existisse e se concentrasse só em nós dois. Mas alguém não gostou de ser espremida no meio e soltou um berro irritado.

Nós nos afastamos um pouco e sorrimos, olhando para Helena. Eu murmurei com amor:

- Mini coelhinha.

- Falcãozinha. – Murmurou Eva.

E o mundo era feliz e completo novamente.

CAPÍTULO 19

EVA

Saí daquela cabana abraçada a Theo, que levava Helena dormindo nos braços. Ela nem imaginava tudo que havia acontecido ali, os riscos que havíamos corrido, a dor que ainda se espalhava dentro de mim por ver o corpo da minha mãe no chão, apesar de tudo.

Conscientemente eu sabia que ela mataria Theo, e depois ia me matar, provavelmente se tivesse coragem assassinar inclusive Helena. Lembrei dela alertando Lauro para atirar no médico, mesmo o homem não tendo nada a ver com a história e já estando desacordado. Via como a maldade e a loucura sempre estiveram com ela, era só a pessoa entrar em seu caminho e atrapalhar seus planos, mas o pior de tudo é que nunca pensei que ela chegaria a fazer tudo o que fez.

Mas eu tinha passado coisas demais para que aquilo me quebrasse. Olhei sim para seu corpo, lamentei, por que era minha mãe e lembrei os anos que passei ao seu lado, mendigando seu amor, querendo sua aprovação, dizendo a mim mesma que a faria feliz, sem entender que felicidade nunca fez parte dos planos dela. Só vingança. Isso permeou a sua vida. E saí de lá deixando não só seu corpo para trás, mas também aquele passado. Junto com a tristeza impossível de conter, eu sentia alívio. E esperança. O ódio havia acabado.

Meu rosto ardia do lado em que Lauro havia batido com as costas da mão quando tentei levantar da cama e, em momentos de pânico achava que seria estuprada. Eu ainda me sentia um tanto trôpega e aérea com aquilo tudo, mas também não parava de agradecer intimamente a Deus por estarmos vivos, por ter o braço de Theo em volta do meu corpo e ter visto seus olhos sem nenhum resquício daquele ódio ou daquela mágoa que doíam tanto quando me olhava.

Chegamos lá fora, para o dia nublado, cercados de policiais e pelos irmãos de Theo. Paramos ao lado do carro de Heitor e olhei para ele, depois para Pedro, Joaquim e enfim para Micah. Estavam todos em silêncio, sérios, mas com a evidente sensação de dever cumprido.

- Obrigada. Nunca vou me esquecer do que fizeram por nós.
- Murmurei, sem palavras suficientes para demonstrar o quanto me sentia agradecida naquele momento.

- Felizmente saíram vivos e sem ferimentos. – Disse Heitor.

- Como conseguiram descobrir que estávamos aqui? – Indagou Theo.

Pedro se aproximou dele e, suavemente segurou o bracinho de Helena, mostrando a pulseira de ouro delicada em seu pulso. Sorriu e comentou:

- Coisa de agente secreto.

- Não muito secreto. – Micah fez um esgar engraçado com a boca e tateou os bolsos da jaqueta de couro preta. Tirou de lá um maço de cigarros e uma barra de chocolate, indeciso entre ambos, explicou: - Pus uma espécie de rastreador no pingente da pulseira e assim podia saber a localização de Helena. Se ela não tivesse vindo com vocês, dificilmente os encontraríamos.

- Obrigado. – Theo falou com uma emoção sincera, olhando-o em um agradecimento profundo e verdadeiro.

- De nada. Mas pelo que vi, você daria conta do recado. – Ele sorriu para Theo. – Mirei o bandido pela janela, mas ele se virou quando atirei e por isso escapou do tiro no coração. Só acertei o ombro.

- Foi o suficiente para me dar o tempo que eu precisava. – Disse Theo, ainda com nossa filha no colo, mantendo-me segura dentro do seu abraço. – Nunca vou poder agradecer a vocês o suficiente. Tenho uma dívida com todos vocês para o resto da vida.

- Somos irmãos. As coisas funcionam assim para os Falcão, como para os Três Mosqueteiros: um por todos, todos por um. – Sorriu Joaquim, fazendo-os sorrir também.

- O que importa é que vocês estão bem. – Pedro completou.
- Agora tudo vai se ajeitar e voltar ao que era sem medos e sem

perigo.

- E eu posso voltar para o lugar de onde vim. – Micah guardou o chocolate e acendeu o cigarro, dando uma baforada.

- Não. – Eu finalmente falei, olhando-o nos olhos castanhos. – Fique um pouco mais. Nem chegamos a nos conhecer direito, você e Gabi são as únicas pessoas que restaram da nossa família. É meu tio, quer dizer meu cunhado também, então é um pedido duplo de sobrinha e cunhada, fique por favor.

Ele ficou meio sem graça. Theo emendou, sem admitir recusa:

- Temos que conversar ainda muita coisa, Micah.

- Certo. – Acenou com a cabeça, sem discutir.

Fiquei mais aliviada com isso.

Heitor abriu a porta do carro:

- Vamos, levo vocês para casa.

- Eu e Pedro vamos resolver os trâmites legais na delegacia.

Podem dar os depoimentos depois. – Explicou Micah. – Vão se cuidar.

- Faremos isso. Entre, coelhinha. – Theo me ajudou a me acomodar no carro e se voltou para os irmãos, ainda com Helena no colo. E disse, emocionado: - Obrigado.

- Some daqui. – Pedro sorriu.

Ele acenou com a cabeça e sentou no carro ao meu lado. Heitor assumiu o volante e Joaquim ficou ao lado dele.

Theo passou um dos braços em volta do meu ombro e deixou Helena dormindo na curva de seu outro braço. Olhou-me com intensidade, seu olhar varrendo meu rosto preocupado, sua voz soando baixa:

- Eu não devia ter matado aquele homem na sua frente e de Helena. Mas não pude evitar. Ele seria sempre um risco pra vocês e para nossa família e eu não iria correr o risco de passar por isso outra vez, Eva. Eu não iria aguentar perder você nem a Helena.

- Eu sei disso. – Murmurei, mergulhando em seus olhos azuis, sendo sincera: - Eu quis que o matasse, eu mesma desejei fazer isso. Sei que foi melhor assim, sendo correto ou não. Eles nunca nos deixariam em paz.

- Coelhozinha... – Seu olhar abrandou, mostrando seus sentimentos por mim. – Não queria que tivesse passado por tudo isso. Que visse o fim que sua mãe teve.

- Nem eu. Mas foi assim por que eles quiseram, Theo. Nós só lutamos por nossas vidas. – Meus olhos encheram-se de lágrimas, mas eram inevitáveis. E com toda certeza que tinha dentro de mim, garanti: - Isso tudo vai passar. A partir de hoje, começamos uma nova vida.

- Vou fazer você feliz a cada segundo, Eva. – Seus olhos eram determinados, naquele seu jeito tão seguro que eu conhecia e adorava. Mas havia um amor neles que era franco, exposto, sem máculas. E foi aquilo que mais me emocionou e me fez agradecer. – Vamos esquecer toda essa dor. Quero muito recuperar o tempo que perdemos. Juro pra você, nada nem ninguém vai tirar essa felicidade da gente.

- Eu acredito nisso, meu amor. É só me chamar de coelhozinha que acredito em qualquer coisa. – Murmurei e ele sorriu.

Ergui a mão e acariciei seu rosto, sua barba cerrada, esperança, amor, alívio me consumindo. E era verdade. Só eu sabia o quanto tinha sentido falta de Theo assim, me amando, me querendo em sua vida, me chamando daquele jeito que demonstrava o que sentia.

- Minha coelhozinha... Só minha... Pra sempre minha.

Sussurrou e encostou sua testa na minha, suspirando, ainda abalado pelos riscos que corremos. Eu o conhecia e sabia que seu desespero tinha sido por mim e por Helena. E que nos ter ali era tudo que queria. Assim como ter os dois vivos e bem era o que eu mais desejava.

Fechei os olhos e afastei da mente a imagem da minha mãe morta. Ia demorar até tudo aquilo passar, mas eu não deixaria que seu ódio me destruísse até na morte. Os Amaro sobreviveriam através de mim, Gabi, Micah e dos nossos filhos, mas sem vingança e sem sentimentos malignos. E me dei conta de como o destino dos Amaro e dos Falcão estavam entrelaçados: Gabi casada com Joaquim, eu com Theo, Micah tendo o sangue das duas famílias. Tudo como tinha que ser.

Apoiei a cabeça no ombro de Theo e relaxei contra ele, protegida e amada, despida de culpas e mágoas, a dor sendo apenas temporária, a esperança me fazendo acreditar em dias muito melhores.

Chegamos à Fazenda e fomos recebidos por Tia se acabando em lágrimas e nos beijando sem parar, Gabi preocupada e aliviada também nos beijando e por Mario Falcão que me olhou com aquela expressão de quem nunca me aceitaria, mas que ficou evidentemente aliviado ao ver Theo vivo. Era um homem duro, seco, mas ali eu vi que amava o filho, que parecia só ter voltado a respirar ao vê-lo. E acho que foi ali que o perdoei.

Na verdade, ele vivia dentro de si mesmo, preso naquela cadeira, mal podendo falar, dependente de outras pessoas. Era seu castigo. Mario pagava sua própria penitência. E mesmo assim não admitia seus erros, não abrandava. Mas amava Theo. E isso para mim já bastava.

Depois de assegurarmos a todos que estávamos bem, subimos abraçados para nossa suíte e Helena continuou dormindo. Eu tirei sua manta suja daquela cabana e a acomodei no berço, sabendo que logo acordaria berrando para mamar. Sentia-me cansada, pegajosa, suada.

- Vem aqui. – Theo segurou minha mão e me levou para o banheiro. Parou à minha frente e me fitou dentro dos olhos, dizendo baixinho: - Vou cuidar de você, Eva. Sempre.

- Sempre. Adoro essa palavra saindo da sua boca.

Ele sorriu, o que o deixava lindo, mostrando seus caninos levemente maiores que os outros dentes, suavizando seus olhos sempre tão intensos. Ergueu as mãos e começou a tirar minha camisa rasgada, seu semblante se carregando muito ao murmurar:

- Pensei que perderia você.

- Eu estou aqui e bem. Isso que importa, Theo.

- Eu sei disso.

Deixei que me despisse e comecei a desabotoar a camisa dele também. O tempo todo nos olhamos, pois era a primeira vez que fazíamos aquilo em dois meses sem ódio e mágoa entre nós.

Ficamos nus, não só de corpo, mas também de alma e sentimento, totalmente concentrados um no outro, ligados, conectados.

Quando me puxou contra si e senti sua pele quente e firme, seus braços em volta de mim, suas mãos deslizando em minhas costas sob o cabelo, meus seios contra seu peito, meu ventre sentindo o volume rígido do seu membro, eu soube que estava no único lugar do mundo em que queria estar. Abri os lábios, arfante, apaixonada, emocionada, com tudo à flor da pele.

- Havia um mundo entre nós. – Theo disse baixo, rouco, seus olhos azuis semicerrados. – Vingança, ódio, passado, dor, mentiras, a diferença de idade. Mas o tempo todo, mesmo quando fui estúpido ou disse palavras ofensivas, eu te amei, Eva. Doeue tanto por isso, por te amar sem limites. E nada disso foi o bastante para sufocar esse amor.

- Eu sinto tudo isso também, amor. – Murmurei, subindo as mãos por seu peito forte, seus ombros largos, seu pescoço, adorando cada mínima parte dele. Meus olhos encheram-se de lágrimas ao fixar o ferimento esmaecido de bala do atentado e beijei suavemente a cicatriz, sussurrando: - Me perdoe por isso...

Fiquei na ponta dos pés e beijei a outra cicatriz perto do seu olho.

- Por isso também...

Segurei sua mão direita, a que ele havia quebrado e tinha algumas cicatrizes recentes. Beijei cada um de seus dedos, emocionada, lágrimas descendo.

- Theo, me perdoe por isso e por tudo. Por toda dor física e emocional que causei em você. – Por fim eu o abracei e beijei seu peito perto do mamilo esquerdo, sobre seu coração, sabendo que a dor maior que ele sentiu esse tempo todo foi ali.

Theo acariciou meu cabelo e apoiou minha cabeça em seu peito, suspirando. Por fim ergueu o meu queixo, buscou meu olhar, disse baixo, profundo:

- Eu fui um cavalo, um insensível. Não conseguia ver o que estava aqui o tempo todo, que era seu amor. Era só olhar para você. Mas foi um golpe duro demais para mim, Eva. Inesperado, que tirou meu chão, me desnordeou. Eu te amo tanto, que imaginar que você

não sentia o mesmo, que tinha mentido sobre me amar foi o mesmo que morrer. Eu me senti vazio, porque tudo o que existe dentro de mim é seu, Eva, viver sem você, sem o nosso amor, seria viver pra sempre em um purgatório, eu não tinha mais motivos nem pra respirar.

- Eu sei disso, sabe por quê? Por que a única coisa que me manteve lúcida nesse período foi nossa filha, Theo. Eu me alimentava por que precisava amamentar, dormia só quando o cansaço me venciam. Era uma tristeza sem fim não poder te ver, sentir seu cheiro e seu amor. Eu só não me entreguei por que eu tinha Helena, e eu sempre prometi pra mim mesma que quando eu fosse mãe, meu filho seria a minha vida, eu não deixaria nunca ele pensar que não o amava ou que ele não era suficiente pra mim.

- Eu tenho muito orgulho de você, Coelhoinha. Você é forte por tudo o que passou. Nunca deixou que Luiza te tornasse uma pessoa amarga.

- Vamos esquecer isso, Theo. Tudo ficou no passado. Vamos agora só construir memórias felizes da nossa família. A família que sempre pedi a Deus.

- Mesmo assim vou me desculpar pro resto das nossas vidas, pois nada desculpa o que fiz aquele dia, a maneira como a arrastei para o calabouço e a acusei, quando por um triz não fiz o que poderia ter nos destruído para sempre. Não consigo me perdoar pelo medo que senti, pelo desespero que vi em seu olhar quando parou de lutar e pareceu deixar de ser você mesma.

- Você não foi em frente, Theo. Mesmo em seu ódio, não tocou em mim.

- Sou um animal, coelhinha. Sem brio, com a violência guardada dentro de mim. – Parecia um tanto angustiada e segurou meu rosto entre as mãos, prometendo ao me fitar dentro dos olhos:

- Vou me desfazer do calabouço. Vou cuidar e tratar de você como merece.

- Não... – Pus minhas mãos sobre as dele, sendo sincera, honesta. – Não quero que deixe de ser quem é. Foi esse animal sem brio que se soltou daquelas cordas e me salvou de ser estuprada e morta. É você, do seu jeito, que toca em mim e me faz ver estrelas.

Ninguém nesse mundo é como você, Theo, e não quero que mude nem um milímetro. Amo exatamente como você é, sem tirar nem pôr.

- Eva...

- O calabouço não é só seu. É nosso. – Afirmei, perto de sua boca, que sempre me deixava louca só em olhar. – Amo ser dominada por você. Sem ódio, mas com essa intensidade toda que me alucina. Passou a gravidez toda prometendo tudo que faria comigo naquele calabouço e agora diz que vai fechá-lo?

Theo acabou dando uma risada e me apertou forte. Eu beijei seu queixo, apaixonada. Mesmo com tudo que tinha acontecido, com a exaustão física e emocional, eu me sentia viva com ele, como sempre acontecia.

- Ainda bem que pensa assim, somos perfeitos um pro outro. – Theo beijou meu cabelo, afastando-o para morder minha orelha e me encher de arrepios. – Eu fecharia o calabouço por sua causa, coelhinha. Mas se é assim que quer, não vou reclamar. Sabe como sou e do que gosto.

- Sei. E é assim que eu gosto, meu vampirão pornográfico.

Acabamos rindo e Theo sussurrou:

- To sentindo saudades do seu sangue...

- Theo! – Fiquei vermelha, mas vi seu olhar safado, cheio de tesão, e o provoquei cantando baixinho: - Venha me beijar, meu doce vampiro...

- Vou beijar, morder, chupar, fazer tudo o que quero com você, coelhinha.

Estremeci, repleta de amor, desejo e saudade. E quando segurou minha nuca e beijou minha boca, minhas pernas bambearam, fui invadida por sensações inebriantes e o segurei como se fosse cair, forte e firme, retribuindo o beijo apaixonado e profundo.

Deslizei as mãos por sua pele, seus músculos, respirei fundo e senti o seu cheiro, saboreei seu gosto, que queria ter para sempre na língua. E ali fui feliz, fui mulher, fui eu mesma, realizada, delirante, algemada àquele amor único e eterno.

Estávamos suados, sujos, pegajosos. Eu queria me livrar de tudo que tinha acontecido naquele dia e que ainda estava impregnado em mim. E acho que Theo também, pois sem parar de me beijar entrou no boxe e me levou junto. E quando o jato forte de água morna bateu sobre nós, nos agarramos e beijamos mais, escorregadios, unidos como se fôssemos um.

Celebrei a vida e o amor naquele beijo. Suspirei enaltecida quando fui tocada e acariciada, quando senti seus dedos nos seios e quadris, na barriga e nas coxas, não apenas sentindo, mas me adorando, sua língua contra a minha, seu corpo alto e forte dominando o meu. Agarrei seu pau longo e grosso com as duas mãos, gemi de pura necessidade contra sua boca e quase morri de tesão, quando seus dedos massagearam meu clitóris.

Deixamos tudo de ruim escorrer com aquela água, nos purificar e libertar, enquanto nossos corpos ardiam e se buscavam, nossas almas se entrelaçavam em um encontro íntimo e verdadeiro, que nunca mais poderia ser rompido. Eu sabia que nada, nada, me faria deixar de amar Theo. Ele era meu e eu dele, para sempre.

Não tivemos como esperar, não depois de tanta saudade e separação. Não quando seu dedo entrou em mim e viu como eu pingava e latejava por ele. Gemeu rouco e em questão de segundos me ergueu fácil, abrindo minhas pernas, buscando-me com uma necessidade suprema. Senti seu pau rígido e o busquei, tremendo quando a cabeça robusta esticou meus lábios vaginais e seus dentes mordiscaram minha boca.

- Ah... – Arquejei fora de mim quando me penetrou e envolvi minhas pernas em sua cintura, sentindo-o deslizar todo até o fim, até não restar nada do seu pau fora do meu corpo. Tive espasmos e joguei a cabeça para trás em deleite, enquanto o segurava pelo pescoço e sentia suas mordidas deliciosas no queixo, seu rosar baixo de macho me enlouquecendo. Murmurei em êxtase: - Theo...

Disse o nome dele com toda emoção que transbordava e me movi sendo devorada por sua fome igual à minha, segura e dominada por ele, entregando-me toda, por inteiro. Theo agarrou minha bunda e minha nuca, encostou-me no azulejo gelado e

estocou dentro de mim ferozmente, erguendo os olhos para os meus, cheios de intensidade, murmurando:

- Se eu te perdesse, minha vida acabaria. Não sou nada sem você, coelhinha. Nada... Nunca vou deixar ninguém fazer nada de mal pra vocês. Amo você e nossa filha mais que a mim mesmo.

E eu entendi o desespero em sua voz, pois me senti do mesmo jeito. Uma avalanche tinha arrasado nossa vida e o ápice quase nos derrubou naquela cabana, quando nos vimos diante da morte. E agora ali, nos braços um do outro, com nossos sexos unidos e nossa alma como uma, nos dávamos conta de como quase tudo acabou em um estalo.

Lágrimas vieram em meus olhos e desceram, se misturando à água do chuveiro. Theo parou todo dentro de mim e a emoção era tanta, o medo tão real, que vi seus olhos marejarem também, como nunca imaginei que veria. E ele sussurrou:

- Você e Helena são minha vida.

- Você e Helena são minha vida. – Repeti e ergui as mãos para seu rosto, embargada, feliz como nunca julguei ser possível. – Eu te amo e isso nunca vai mudar.

- Nada nem ninguém nunca irão mudar o meu amor por você, coelhinha – Theo sussurrou.

Ele gemeu e saqueou minha boca em um beijo sôfrego e apaixonado, ao mesmo tempo que movia os quadris e me penetrava em estocadas fundas, duras, embriagantes.

Estalei, ondulei, fui envolvida em espasmos e convulsões que me deixaram à beira de um orgasmo. Eram sensações e emoções devoradoras demais para conter e quando entrava forte, eu chorei em um gozo arrasador, que me tirou daquele mundo e me fez delirar ensandecida. Gritei e gemi, até que meu corpo não era mais meu, era dele, junto com meu amor e minha alma.

Theo me segurou firme e meteu em mim em uma fome desmedida, até que gemeu rouco e cravou os dentes em meu ombro, tirando o pau de dentro de mim e pressionando entre nossos ventres, onde despejou seu gozo quente e denso, banhando-me em seu prazer enquanto eu murmurava em seu ouvido o quanto o amava.

Fechei os olhos, maravilhada, entregue, feliz. Eu tinha minha vida de volta. E nunca mais a perderia.

THEO

Voltamos ao quarto relaxados e satisfeitos, eu com uma toalha em volta do quadril e Eva em um curto roupão branco. Helena pareceu cronometrar o tempo, pois então acordou gritando e sorrimos.

- Vou preparar o banho dela. Pode distraí-la? – Eva indagou, caminhando de volta ao banheiro.

- Posso tentar. Essa só faz o que quer. – Brinquei, indo pegar minha filha cheio de amor, enquanto ela esperneava e se batia como se estivesse sendo maltratada.

- Geniosa como alguém que conheço. – Provocou Eva.

Sorri ainda mais e peguei Helena com cuidado, murmurando:

- Calma, Falcãozinha. Papai está aqui...

Olhou-me apertando um pouco os olhos azuis e berrou mais ainda, com raiva. Eu ri e a acomodei contra o peito, andando pelo quarto e falando com carinho:

- Minha menina mais linda vai tomar banho com o papai hoje? Hein? Vou ficar hoje em casa com você, passear na varanda... O que acha?

Foi parando de chorar, como se pesasse as opções, atenta. Foi naquele momento que senti o cheiro forte e brinquei:

- Mas primeiro temos que tirar sua fralda e te limpar. Tem certeza que só toma leite? Podia jurar que, com um cheiro desses, engoliu uma feijoada.

- E o papai, que está muito feliz hoje, vai aproveitar e limpar você, amor. – Eva voltou, provocando mais.

- Eu? – Olhei-a na hora. – Mas nunca fiz isso.

- Está na hora de aprender, nunca é tarde.

- Não, obrigado.

- Theo! – Eva riu, pegando o trocador e esticando na cama, pondo ao lado um pacote de lenços umedecidos. – Coloque-a aqui. Tem certeza de que não quer aprender?

Eu não queria. Mas parecia um sacrilégio ter nojo de limpar a minha própria filha. Em dúvida, deitei-a no trocador e fiquei perto, mas não o bastante. Eva balançou a cabeça, divertida. E começou a despir Helena.

Era impressionante aquela fralda cheia. Como alguém tão pequeno podia produzir uma quantidade de fezes daquela?

Observei Eva limpá-la fácil e rápido, nossa filha quietinha com seus olhos nela, como se soubesse que depois daquilo viria sua recompensa em forma de leite. Sorri, todo bobo por ser tão linda e esperta.

Olhei as duas e não consegui parar de pensar de como quase as perdi. Era aterrador e acho que se estivesse sozinho eu choraria de alívio. Sentia um nervosismo e um alívio sem igual pressionando meu peito, fazendo-me consciente de como a vida mudava de uma hora para outra e de como deveríamos aproveitar cada momento.

No final das contas, não queria sair de perto delas, até me convencer de que estavam realmente bem e comigo. Não podia deixá-las, nem para ir trabalhar naquele dia. E enquanto as acompanhava até a banheira, onde Eva passou a banhar Helena, pensei que queria um tempo só para nós, até eu poder respirar aliviado novamente.

Helena se bateu, gostando da água morna, fitando Eva enquanto ela sorria e passava sabonete em sua barriguinha, dizendo baixo:

- Agora o papai não vai ter do que reclamar. Vai ficar limpinha e cheirosa, não é?

Eu babava em silêncio, apaixonado. Passei meu olhar por Eva, sua pele macia, seu cabelo molhado, sabendo que nada mais me impediria de amá-la sem reservas, nem mesmo a diferença de idade, na qual ocasionalmente eu pensava.

Lembrei da sensação deliciosa de estar dentro dela ainda há pouco, de seu gosto e cheiro. E fiquei perdido em sensações e desejos, até que fui surpreendido com um punhado de água no

peito. Fitei seus olhos de imediato e Eva sorria, dizendo inocentemente:

- Foi Helena.

- Essa menina... – Murmurei, mas de olho em Eva. Ela corou sob aquela intensidade, baixando os olhos. Mergulhei a mão na água, acariciei o pé da nossa filha e, surpreendendo-a, espirrei água em sua barriga.

- Oh! – Eva me olhou rapidamente e riu. – Foi Helena?

- Quem mais seria?

Rimos quando entramos em uma brincadeira de espirrar água um no outro fingindo que era sem querer. Nossa filha batia as pernas e gritava, como se gostasse da farrá, toda agitada. Eva ria ao me ver encharcado e eu não sabia como alguém podia ser tão feliz como eu com aquela brincadeira infantil, mas ao final das contas tudo estava molhado e nós três realmente felizes.

Cuidamos dela e nos enxugamos. Fiquei deitado de lado com o cotovelo apoiado na cama, olhando-as enquanto Eva a amamentava, embevecido, acariciando hora a penugem loira de Helena, hora alguma parte da pele de Eva, sem condições de me manter longe. Então, falei decidido:

- Vou tirar algumas semanas de férias.

Eva me olhou, parecendo feliz:

- Sério?

- Sim. Vou tentar convencer Micah a ficar um pouco mais e me substituir no escritório com Valentina. Pedro já está atarefado demais administrando o frigorífico. Quero passar mais tempo com você e Helena, ainda mais depois de tanta coisa ter acontecido.

- Eu quero muito isso, Theo.

- Eu também. E se Micah ficar, além de me ajudar, vou ter tempo de tentar resolver o passado com meu irmão. Acho que só falta isso para nossa família ficar em paz.

- Acha que seu pai vai aceitá-lo?

- Não sei. Mas falta muita coisa ainda para ser dita, resolvida, explicada. Preciso de um tempo pra mim, pra nós. – Passei o olhar por seus traços delicados, mais uma vez me dando conta de como

era linda. – A anulação está para sair, Eva. Vamos nos casar de novo, agora de verdade.

Mordeu o lábio, emocionada. Disse baixinho:

- Eu já me sinto sua, Theo. Nem preciso de casamento.

- Vai ter um casamento. Dois, na verdade. Quero que se chame Eva Amaro Falcão.

- Com muita honra. – Esticou a mão e entrelaçou os dedos aos meus, olhando-me. – Mas dessa vez, podemos fazer algo íntimo, só a família. O que acha?

- Perfeito. E depois podemos voltar à Grécia, alugar uma casa numa daquelas vilas, passar os dias apenas aproveitando. Voltaremos para cá renovados, sem qualquer resquício de tudo que aconteceu.

- É o que mais quero! – Seus olhos brilhavam de felicidade.

- Então, vai ser assim.

- E quando voltarmos, podemos pensar em ter mais um filho.

Eu a observei e franzi o cenho:

- Você quer?

- Muito. Passei a gravidez toda de Helena com medo que você descobrisse quem eu era e me expulsasse, nem aproveitei direito. Essa vai ser curtida desde o início.

- Quando voltarmos, podemos providenciar. Mas antes faremos umas cem visitas ao calabouço, para que eu possa voltar a ser comportado durante a gravidez.

Eva riu, corando, olhando-me com amor.

- Fala sério? Vamos mesmo nos casar e passar um tempo longe, só eu, você e Helena? – Estava emocionada, em expectativa.

- Vamos. Vai enjoar de tanto me ver.

- Nunca!

Sorri lento, com os olhos cravados nela.

Era muito amor. E muita felicidade.

CAPÍTULO 20

THEO

No dia seguinte prestamos depoimento na delegacia, mas Ramiro garantiu que não haveria nenhum problema para nós. Tínhamos sido vítimas naquela história e a morte de Lauro foi declarada por ele como legítima defesa e ocasionada pela invasão da polícia.

A notícia se espalhou rápido pela cidade e todos queriam saber detalhes, principalmente sobre Eva. Mas ainda naquela semana a anulação do casamento falso saiu e dei entrada nos trâmites legais para um casamento de verdade, que seria o mais rápido possível. Ninguém entendeu direito, mas me observavam na cidade com Eva e Helena, apaixonados, sabendo ao menos que o final de tudo tinha sido feliz. Cada um dizia uma coisa diferente, mas eu deixava por isso mesmo e seguia em frente, sem me importar com fofocas e especulações.

Conversei com Micah e o convenci a ficar mais tempo na cidade e ajudar Valentina nos negócios, dizendo a ele que precisava de um tempo longe depois de tanta tensão e desespero. E só poderia ir tranquilo sabendo que estaria lá para ajudar.

Acabou dizendo relutante:

- O velho vai acabar descobrindo e vai dar merda.
- Não se preocupe. Ele nem sai de casa. Está tudo bem.

Por fim aceitou e sorriu debochado:

- A Valentona vai soltar fogos de tanta alegria!

E acho que isso também pesou para que ficasse, tinha um prazer sem igual em provocar Valentina. Ironicamente tive medo de voltar de viagem e saber que uma tragédia tinha ocorrido entre os dois, pelo jeito que as coisas entre eles seguiam. Mas resolvi arriscar.

Em casa meu pai quase não olhava para Eva, fingindo que ela não existia, mergulhado naquele gênio dele que o fazia sempre se achar o dono da verdade e da razão. Eva dizia preferir assim, mas

eu a sentia tensa em muitas vezes ter que sentar com ele à mesa ou ser alvo de seus raros olhares, que quando ocorriam eram raivosos.

Por tudo isso, em um dia daquela semana visitamos uma firma de engenharia e eu disse a ela que construiria para nós uma casa na fazenda. Ficou muito feliz, me abraçou e encheu de beijos e saímos juntos para passear pela fazenda, até parar em um terreno plano de frente para uma lagoa, rodeada de muitas flores do campo.

Eva se apaixonou pelo lugar e eu também. Não era muito distante do casarão e das outras construções, mas o bastante para que tivéssemos nossa intimidade e privacidade. E ali decidimos fazer nossa casa, com uma bela vista para a lagoa. Chegamos a ver plantas de casas e discutir alguns modelos e ela parecia feliz como uma criança por que teríamos um espaço só nosso.

Naquela mesma noite falamos a todos que nos casaríamos e escolhemos uma cerimônia simples e íntima no terreno onde faríamos nossa casa. Todos nos cumprimentaram felizes, menos meu pai. E depois, quando estava em seu quarto e fui falar com ele, deixou bem claro que não aceitava aquele casamento e nem iria nele.

Não tentei fazê-lo mudar de ideia. Era como uma mula empacada, nunca voltava atrás em uma decisão e se achava o dono da verdade. Deixei-o com seu pensamento e segui minha vida, como sempre fiz.

Convidei Micah para o casamento, mas ele negou. Então falei que seria longe do casarão, só entre nós e meu pai não iria. Quando disse que fazíamos questão de sua presença, que Eva era sua sobrinha e eu seu irmão, ficou indeciso. Por fim concordou em pensar sobre o assunto. Eu sabia que seria difícil para ele, pois há mais de quinze anos não pisava na fazenda. Mas esperava que com o tempo algumas coisas se resolvessem.

E assim, no início de dezembro nos casaríamos pela segunda e última vez. Eu estava ansioso e Eva também, mas ambos muito felizes. Era como conhecer o paraíso após passar pelo purgatório. Não havia mais ameaça e nem vingança. Só amor, que se construía agora com base na verdade e na confiança, como devia ter sido desde o começo.

Dormíamos e acordávamos juntos e nos amávamos com uma entrega completa, ainda mais do que antes. Sexo ficou mais intenso e urgente, como se tudo que tivéssemos passado nos fizesse consciente de como queríamos um ao outro mais e mais.

Às vezes eu passava horas adorando-a com minha boca, beijando cada pedaço do seu corpo, fazendo-a gozar com beijos, lambidas, mordidas e chupões, marcando seu corpo e sugando-a em toda parte. Era lento e torturante. Eva chorava de tanto tesão e se acabava em um prazer delirante até ficarmos suados e satisfeitos.

Eu adorava deixá-la sentada na cama com as pernas abertas enquanto mordida e chupava cada um de seus dedos dos pés e a fazia ter um orgasmo imediato quando parava e só encostava a língua em seu clitóris. Já estava tão doida que o prazer a atravessava com o mínimo toque e eu então a montava e comia bem gostoso, até perder o controle.

Em outras vezes eu era bruto, tinha necessidades mais violentas. Disse a ela para falar “não” quando algo fosse pesado demais, mas Eva sempre dizia sim. Eu a atravessava no colo e surrava sua bunda, ou a fazia me chupar até ter meu pau todo na boca e babar, sufocar. Ou ainda a colocava de joelhos no chão e a fazia engatinhar nua pelo quarto, só para pegá-la firme por trás e estocar em seu ânus enquanto a xingava no ouvido. E mesmo nesses momentos, em que ficava toda vermelha e ardida de tanto me servir, eu ainda me controlava. Nunca era mais bruto do que ela podia gostar.

Apesar de ter prometido levá-la ao calabouço, eu evitava isso. Lá eu sabia que me descontrolaria mais, teria muitos objetos para usar, sem contar que ainda me sentia desconfortável pelo modo em que a tratei da última vez naquele lugar, quase a ponto de fazer uma loucura. Depois de tudo que Eva havia passado nas mãos de Lauro, eu continha uma parte minha. E mesmo quando pegava mais pesado com ela no quarto, não era além do seu limite. Aliás, eu nem arranhava esse limite.

Mas Eva me conhecia cada vez mais. Notava quando eu estava agitado e parecia que seu lado submisso vinha à tona.

Chegou a falar no calabouço e dizer que queria ir lá, mas desconversei e evitei o assunto. E assim fui deixando para lá.

Em compensação, aprendi a ser mais romântico. Ou pelo menos tentei. Andávamos de mãos dadas, saíamos juntos, eu estava sempre trazendo presentes e dando um jeito de mimá-la, lembrando do seu diário, quando disse que nunca nem lembravam do seu aniversário. Faria aniversário quando estivéssemos em lua-de-mel pela Grécia e comemoraríamos juntos. Mas enquanto isso era um prazer mimá-la.

Tornava-se também mais independente. Pegava o carro, saía sozinha ou com Helena, ia me visitar ocasionalmente no escritório ou resolver alguma coisa. Eu a observava desabrochar a olhos vistos em pouco tempo e isso me fazia amá-la ainda mais.

Naquela noite eu a convidei para jantar fora e minha intenção era levá-la a um restaurante chique e termos um jantar à luz de velas, com tudo que tínhamos direito. Eu queria que se divertisse e aproveitasse a vida, sendo um prazer lhe proporcionar coisas boas, descobrir seus gostos, admirá-la sabendo que era minha e retribuía meu amor.

Deixamos Helena com Tia e, além de amamentá-la bem, Eva tirou uma boa quantidade de leite dos seios e deixou na geladeira, caso nos demorássemos e ela acordasse querendo mamar.

Eu me arrumei elegante em um terno negro sem gravata e a esperei na varanda, com o carro estacionado em frente. Quando me encontrou lá, saindo de casa linda em um vestido preto que marcava seu corpo, seus cabelos soltos e escovados, usando salto alto e um batom vermelho vivo, eu fiquei louco. Estava sensual sem ser vulgar. Estonteante.

Sorriu, como se soubesse o efeito que tinha sobre mim. E quando veio perto, puxei-a, fitando seus olhos, dizendo com uma fome tão grande que eu não sabia como conseguiria dirigir até Pedrosa:

- Quer me fazer desistir do jantar e levar você para o quarto, coelhinha?

- Você me prometeu um jantar à luz de velas. – Cobrou, passando as mãos sobre o paletó em meu peito, seu olhar ao

mesmo tempo ingênuo e provocante. – Eu quis ficar bonita para te agradar.

- Se formos ao quarto, vou mostrar o quanto me agrada.

- Seu tarado... – Sorriu e se afastou, entrelaçando os dedos da mão nos meus, puxando-me em direção à escada.

- Isso eu nunca escondi que era.

Eva riu e eu acabei me divertindo também.

Enquanto dirigia para Pedrosa e conversávamos, eu tinha que dar sempre um jeito de olhá-la. Além de gostar de fazer isso pelo simples fato de ser linda, eu sempre me surpreendia com a intimidade que estávamos conseguindo estabelecer. Não havia mais barreiras entre nós e estávamos sempre à vontade um com o outro. Parecia um milagre, mas era assim. Simplesmente nos dávamos bem em tudo.

O restaurante era o mais caro e bem conceituado da cidade, todo em madeira, com iluminação suave e um pianista que tocava músicas clássicas. Tinha uma excelente carta de vinhos e a comida era excelente. Sentamos a uma mesa coberta com toalha de linho perto da janela e pedi o melhor vinho da casa.

Tomei todo cuidado em sugerir tudo de melhor para ela, tentando me portar como um excelente cavalheiro. E enquanto brindávamos a nós, eu a olhava cheio de desejo e só pensava em tirar aquele batom com beijos, mas me continha, me guardava sob a aparência de civilidade.

Mesmo assim Eva corou e lambeu os lábios, como sempre fazia quando percebia o quanto eu a queria. Ela sabia pelo meu olhar. Pensei que disfarçaria, mas surpreendendo-me, disse baixinho:

- Estou sem calcinha.

Eu fitei seus olhos, achando que tinha ouvido errado.

- O quê?

- Estou sem calcinha, Theo. – E não desviou o olhar. Pelo contrário, senti seu pé roçar minha panturrilha por debaixo da mesa enquanto tomava um gole do vinho de modo lento, só para lambe um pouco mais os lábios, sabendo que me deixaria fora de mim de desejo.

Eu a olhava fixamente. Era a primeira vez que me provocava assim em público. E tão logo a surpresa passou, eu senti a lascívia me envolver, concentrando-me só em Eva. Tendo minha total atenção, ela não recuou. Apoiou os braços na mesa e inclinou-se um pouco mais para mim, aprofundando seu decote, seu pé subindo e descendo lentamente por minha perna.

- Adorei o vinho. Mas preferia estar tomando-o com você em outro lugar. – Disse baixo.

- Não gostou do restaurante?

- Adorei, Theo. Mas se estivéssemos sozinhos, mais confortáveis... – Seu pé subiu até minha coxa, provocante, enquanto mordida os lábios e continuava: - ...nós...eu poderia provar o vinho direto da sua pele. E seria muito mais gostoso.

Meu pau enrijeceu e tive uma visão orgástica de Eva mergulhando-o na taça e depois chupando-o obedientemente, lambendo todo vinho dele. E depois eu abrindo-a, despejando gotas da bebida rubra em sua boceta e lambendo-a toda. Quase fiquei alucinado de tanto desejo.

O garçom se aproximou, solícito:

- Desejam fazer o pedido agora?

- Quero a conta. – Falei secamente, sem tirar os olhos dela, que arfou baixinho.

- Senhor? – O garçom não entendeu.

- A conta.

Ele quase retrucou. Mas então acenou e se afastou rapidamente. Disse a Eva:

- Sabe o que fez comigo?

- Vai me levar ao calabouço? – Sussurrou, corando.

- É isso que quer?

- É.

- Não devia mexer com fogo, coelhinha. – Avisei, com o sangue latejando forte nas têmporas, doido para colocar as mãos nela. – Eu estava tentando ser cavalheiro, romântico. E você está me fazendo parecer um tarado.

- Mas é assim que eu gosto.

E foi o meu fim. Fiquei cego para todo o resto. Só quis sair o quanto antes dali e colocar minhas mãos nela.

EVA

Eu adorava Theo de todas as maneiras, até com suas taras, e não queria que se controlasse ou ficasse em dúvidas quanto a me levar ao calabouço. Ainda mais agora que havia confiança entre nós. Eu o queria inteiro, completo, sem meios termos. Por que o conhecia, percebia sua essência, entendia seu lado bruto e animal que estava sempre beirando a superfície. Não era algo que me incomodava, se eu soubesse que teria o direito de parar a hora que não aguentasse. Pelo contrário, eu sempre me surpreendia por existir um homem como ele e por ser meu. Como não desejar e se envolver em sua teia de sedução?

Theo era fogo, terra, ar, água, tudo junto. Era uma energia pulsante e intensa que dominava tudo à sua volta, inclusive a mim. Como soube desde o início, eu não era páreo para ele. Não sei por que se apaixonou por mim. Mas a cada dia me sentia crescer e desabrochar, necessitar mais dele, ter desejos que não se baseavam em tentar segurá-lo, mas que naturalmente correspondiam aos dele.

Eu amava quando se deitava ao meu lado na cama e me beijava, lento e doce, acariciando minha pele. Passava horas naquilo e eu me sentia amada e adorada. Mas eu também ia à loucura quando agarrava bruto o meu cabelo ou a minha garganta, dizia sacanagens e que eu era dele, me dava uns tapas firmes como a me castigar. Eu nunca sabia bem como ele faria, mas o tempo todo sua essência de macho alfa estava lá, deixando-me grogue e dominada, sempre me tomando por inteira.

Amor, desejo, tara, tudo isso vivia dentro de mim. E embora amasse seu lado romântico e cuidadoso comigo, eu não queria que se controlasse ou vivesse resguardado evitando me levar no calabouço ou se mostrar. Já sabia quem ele era, o que podia ou não fazer. E o amava assim, inteiro.

Queria que rompesse aquela barreira de me levar ao calabouço. E achei que poderia convencê-lo do meu jeito, usando coisas das quais gostava e sendo sensual, provocativa. Ainda estava aprendendo aquilo, mas até que me saí bem.

Theo rapidamente rompeu a pequena distância entre o restaurante e sua casa em Pedrosa e, quando parou o carro em frente à porta e me lançou um olhar duro e quente, eu senti a vagina ficar cremosa e latejar, quente, em expectativa.

Estava imóvel em seu lugar atrás do volante e disse baixo:

- Mostre que está sem calcinha.

Eu corei, sem poder evitar o nervosismo. Mas não me neguei.

Olhando para ele, sentindo a intensidade do seu olhar que me deixava bamba, eu segurei suavemente a barra do vestido justo até os joelhos e a ergui, mostrando aos poucos as coxas.

Theo observava cada ação minha, o clima dentro do carro quente, escaldante, denso. Senti minha pele arder, como se a tocasse. E fui levantando a saia até os quadris e mais, subindo, movendo-me de leve para passar pela bunda e a acumular na cintura.

Fiquei vermelha quando seu olhar se fixou em minha vagina depilada, nua, ali tão exposta. Mordi os lábios, tão quieta que podia sentir e ouvir meu próprio coração disparar loucamente no peito, o sangue correndo voraz nas veias.

Theo encontrou meus olhos e os dele ardiavam, com aquela ruga entre as sobrancelhas fazendo-o parecer mau. Eu o temi e o amei, em expectativa, excitada ao extremo, tremendo por dentro. Sabia que brincava mesmo com fogo. Mas com ele eu adorava me queimar.

- Você vai ter tudo o que merece, coelhinha. – Disse baixo, sem me tocar. E então saiu do carro, dando a volta. Quando abriu a porta para mim, ordenou: - Não abaixe a saia. Quero ver a sua bunda enquanto anda na minha frente.

Arquejei, nervosa, sabendo que eu mesma tinha provocado seu lado mais animal e ansiando exatamente por isso. Fitei-o elegante naquele terno, pensando que nenhuma roupa de grife

podia esconder sua personalidade marcante nem seu olhar dominador. Aquele era Theo e era assim que o queria.

Desci do carro e pensei que minhas pernas não me sustentariam, mas respirei fundo, olhei-o com todo desejo que eu sentia e segui à sua frente, um passo diante do outro, como se não estivesse nua da cintura para baixo e ele não olhasse para minha bunda, meu corpo.

Cada célula minha parecia viva e pulsante. Nunca estive tão consciente de mim mesma como mulher, ardente, submissa, pronta e disposta a tudo.

Parei diante da porta de madeira vermelha e esperei submissa que a destrancasse e abrisse. Então entrei e andei devagar para onde eu sabia que Theo me queria. E para onde eu mesma desejava ir, embora o medo estivesse lá, temperando tudo, deixando-me completamente arrebatada e excitada.

Desci as escadas, sentindo seu olhar, querendo ser sensual em cada passo, mas nervosa demais para me concentrar. E quando empurrei a porta do calabouço e entrei naquele mundo tão particular, fui engolfada por sentimentos diversos, por um desejo diferente, único, como se fosse um outro mundo e ao mesmo tempo tão nosso, tão íntimo.

Lembrei a última vez que tinha estado ali, de como fiquei, das esperanças que perdi, da dor maior que tudo. E entendi que foi isso que Theo quis evitar ao não me levar mais ao seu calabouço. Mas as lembranças não me tolheram nem me amedrontaram, apenas foram constatadas. Agora era tudo diferente. Eu tinha entrado ali com minhas próprias pernas e sabia que o que nos movia era o amor e a paixão, não o ódio.

Virei e o olhei. Estava mais perto do que tinha imaginado e fui engolfada pela força do seu olhar, penetrante e totalmente concentrado em mim. Estremeci com o que vi ali, aquela força sobrenatural que dominava tudo e parecia me deixar desnorreada, em suas mãos. Entreabri os lábios, disposta a tudo. E murmurei:

- Sou sua. Faça tudo o que quiser comigo, Senhor.

- Eu vou fazer. – Afirmou duro, seco, imóvel. Então desabotoou calmamente seu paletó, com cenho franzido, atento a

cada respiração minha.

Despiu o paletó e o largou em uma cadeira. Com a elegante camisa branca e a calça preta, aproximou-se lentamente de mim.

Eu esqueci de respirar. Meu coração disparou, as pernas bambearam, pensei que teria um ataque cardíaco. Mas Theo não me tocou. Passou ao meu lado e eu o olhei, nervosa, excitada, já totalmente pronta para ele.

Observei-o ir até o bar e pegar uma taça e uma garrafa de vinho tinto. Abriu-a e despejou a bebida até pouco mais da metade. Então segurou a taça. Tomou um gole, caminhou pensativo até seus apetrechos de tortura. Tremi, com medo e luxúria. Theo parecia fazer de propósito para me deixar mais ansiosa, passando os dedos pelos chicotes e canes, como se decidisse o que escolher. E eu lá, seminua ao lado do sofá, esperando para saber tudo o que faria comigo.

Ele foi pegando algumas coisas e colocando sobre o carrinho. Quando falou, eu estava tão concentrada em me controlar, que tomei até um susto:

- Fique nua. Completamente.

Estremeci. Não me olhava. Levava o carrinho de rodas até outro canto da sala. Sabia que eu o obedeceria. E foi o que fiz.

Deixei a bolsa sobre o sofá e saí dos meus saltos altos, meus pés nus sentindo o chão frio sob eles, acrescentando uma sensação às outras que já me dominavam. Trêmula, levei as mãos às costas e comecei a descer o zíper. Tirei o vestido pela cabeça e depois o sutiã preto que sustentava meus seios bem mais redondos e inchados pela amamentação. Afastei os cabelos dos ombros, totalmente nua.

Theo parou ao lado de uma espécie de roda que havia ali, sobre uma base firme de ferro, um pouco abaixo da linha da sua cintura. Lançou-me um olhar intenso, duro, de cima abaixo. Então disse seco:

- Vem aqui.

Eu tremia, toda coragem em seduzi-lo indo por água abaixo. Mesmo assim caminhei cautelosa até ele, tentando descobrir o que planejava por seu olhar. Mas era impossível. Parecia muito contido e dono de si.

Olhei para ele e depois para a roda de ferro. Havia uma prancha atravessando-a ao meio e nas pontas prendedores para pulsos e pernas de couro com velcros. Antes que eu examinasse demais, ordenou:

- Deite-se aí, coelhinha.

Nervosamente obedeci. E como se já soubesse meu destino, olhei-o de pé ao meu lado e ergui os braços para as amarras. Theo sorriu e se inclinou sobre mim:

- Boa menina.

Era aterrador e excitante ao mesmo tempo estar sob o poder dele, sabendo que dominava meu corpo e minha mente. Eu tremia, meus mamilos arrepiados, meus músculos se contraindo incontrolavelmente. Ainda mais quando fechou o couro em volta do meu pulso em duas voltas e prendeu com os velcros. Fez o mesmo com o outro.

Eu não podia tirar os olhos dele. Tomou lentamente um gole do vinho, deixou a taça sobre a mesa. Não disse nada ao segurar minha perna esquerda e a abrir para o lado, erguendo-a até meu joelho encostar ao ferro lateral. Ali passou o couro em volta dele, também duas vezes, prendendo-o. Eu mordida os lábios e arquejava. Quando fez o mesmo com a outra perna, fiquei totalmente arreganhada, os joelhos abertos na altura da minha cintura e presos nas laterais vazadas da roda, fazendo minha bunda e vagina ficarem expostas. Para que meus pés não ficassem soltos, prendeu também cada tornozelo ao ferro. Então se ergueu satisfeito e fez a roda na vertical girar e entendi melhor para que servia.

De pé, sua cintura ficava na altura da minha boca ou vagina, bastaria girar a roda e penetrar onde quisesse.

Acariciou de leve meus cabelos e os colocou pendurados para fora, longe do meu corpo nu. Então seus olhos azuis encontraram os meus e explicou como se falasse de uma coisa banal:

- Vou comer cada orifício seu. Enfiar meus dedos, meu pau e minha língua onde eu quiser. Morder e chupar tanto seus mamilos que o leite vai espirrar e se misturar ao seu gozo, às suas lágrimas, e também ao meu esperma. Não haverá parte da sua pele sem

nossas secreções, sem meu toque e minhas chupadas. Entendeu, coelhinha?

- Theo...

- Quer desistir?

Seu olhar era agressivo, até mesmo cruel. O medo estava lá, espezinhando dentro de mim, mas ele fazia parte do pacote. No entanto, o desejo voraz, esse já me arrastava em sua força, dominava meu corpo e meus instintos, me domava sem controle. E murmurei arrebatada:

- Nunca.

Era o que ele queria ouvir. Sem pressa, pegou um controle remoto e logo as caixas de som começavam a funcionar e uma música diferente das que ele gostava começou a tocar. Era mais recente, um pop com batida sensual de Natasha Bedigfield, chamado ANGEL. Aquilo mexeu ainda mais comigo e senti as batidas como se fossem dentro de mim e se misturassem as do meu coração.

O olhar de Theo passou quente por meu corpo, sabendo que poderia usá-lo à vontade, aquilo lhe dando um ar de poder e virilidade ainda mais potente. E isso só me excitou ainda mais.

Pegou a taça de vinho mais pela metade e fitou meus olhos, sua mão livre indo em minha testa, acariciando meu cabelo para trás.

- Quer vinho?

Lembrei do que eu havia dito a ele no restaurante e estremei ainda mais, sem condições de falar. Acenei com a cabeça. Abalada, observei-o tirar a mão do meu cabelo e levá-la até a calça. Não a desabotoou, apenas desceu o zíper, olhos nos meus, sua elegância e civilidade sendo quebradas por aquele olhar pecaminoso e pela mão que se metia no vão da braguilha e puxava o membro completamente ereto para fora.

Longo, grosso, cheio de veias, estava em seu auge e mexeu comigo, fez meu coração disparar, minha boca salivar, cada parte minha latejar diante de tanta beleza e masculinidade.

Com olhar severo e duro, não deixou de se concentrar em minha expressão enquanto descia a taça e, segurando o membro,

inclinou-a e mergulhou seu pau dentro dela. Não consegui tirar os olhos daquela cena, hipnotizada, fascinada. Então o puxou para fora, banhado em vinho da cabeça até uma parte, pingando. Aproximou-se mais da minha cabeça e o mirou em minha boca. Senti a gota de vinho cair do seu pau para meus lábios e quase morri do coração quando disse rouco, em tom autoritário:

- Prove.

Fiquei embriagada antes mesmo de abrir a boca. Mas quando o fiz e seu pau entrou nela, perdi o ar e a razão, suguei-o para dentro alucinada e excitada ao extremo, adorando sua carne me enchendo, o gosto delicioso do vinho só aguçando o gosto delicioso de Theo. Gemi e choraminguei no fundo da garganta, movendo meus lábios e minha língua sobre ele, chupando-o.

Não pude fechar os olhos e fiquei mais louca ainda ao ver como me fitava asperamente, rudeza e desejo expressos em sua expressão carregada, tensa. Continuou segurando firme o pau pela base e moveu os quadris, penetrando-me mais, fazendo-me comê-lo quase todo, cheia até o fundo da garganta. Estocou devagar e eu já estava bêbada, querendo mais, abrindo-me para recebê-lo do jeito que quisesse.

Minha vagina latejava e se melava toda, meus seios doíam duros, arrepiados, minha pele ardia. Sensações desconexas me atacavam de todos os lados e eu sabia que precisava de algum alívio para tanto desejo, mas só seria aliviada quando Theo quisesse.

- Gostoso? – Puxou o pau para fora dos meus lábios e o mergulhou de novo na taça larga e comprida. Banhou seu pau e quando o trouxe de novo, murmurei roucamente:

- Delicioso.

- Chupe tudo. – Ordenou e a cabeça grande e cheia de vinho entrou de novo em minha boca, me embebedou.

Foi um jogo delicioso e me deixou doida. Eu o chupava sofregamente, até não restar mais nada da bebida, então Theo tirava o pau, mergulhava no vinho e de novo em minha boca. Via sua expressão carregada de tesão, tentava me soltar das amarras e tocá-lo, mas só podia usar meus lábios e língua, e era o que fazia sedenta e esfomeada.

- Agora é minha vez. – Avisou em uma voz grossa e sensual que arrastou tudo dentro de mim para a superfície, deixou-me ainda mais ligada.

Theo não saiu do lugar. Girou a roda até que estava de frente para minha vagina totalmente aberta e sorriu com crueldade e satisfação. Quando se inclinou com a taça na mão, eu gemi agoniada o nome dele:

- Theo...

Sabia o que faria e foi o que fez, despejando uma pequena quantidade do líquido rubro e ardente sobre meu clitóris. Gritei de antecipação, enquanto o líquido escorria por meus lábios vaginais e descia mais até meu ânus, pingando então sobre a prancha em que eu estava deitada.

Mas nada me preparou para a sensação deliciosa e alucinante de sua língua indo bem no meio da minha vagina e me lambendo lenta e dura, como se fosse um gato. Gritei, estremeci, me bati em minhas amarras. Meus lábios ainda estavam dormentes de suas estocadas e do vinho, eu me sentia realmente bêbada, pesada, dilacerada por todo aquele tesão torturante.

- Ai... Ai, por favor... – Comecei a choramingar quando passou a lamber mais e mais, cada canto, vagina, ânus, clitóris, até que tinha engolido todo o vinho, me limpado toda. Eu tremia, a beira de um orgasmo. E quando achei que o gozo me varreria sem piedade, Theo se ergueu e me assustou ao dar um tapa firme em cheio sobre minha boceta. Gritei: - AHHHHHHHHHHH...

Foi forte, dolorido, impactante. Ela pareceu queimar, incendiar e nem tive tempo de entender direito, pois já derramava mais vinho e descia a boca para me chupar mais.

Fiquei rouca de tanto gemer e gritar, pois sua língua parecia estar em toda parte, rodeando meu ânus, entrando em mim, massageando meu clitóris. Então, abocanhava minha vagina, chupava duramente os lábios, mordida. Não tive como evitar o prazer descomunal. Gozei forte e chorando, lágrimas pulando dos meus olhos, minha pele toda vermelha e arrepiada, ali presa e à mercê de Theo.

Deixou-me gozar tudo e desabar, exausta, lânguida. Quando se ergueu, achei que me daria um tempo para me recuperar. Ledo engano. Foi apenas para se despir, olhos fitos em mim, admirando-me com um tesão duro e quente, deixando-me consciente de que estava apenas começando comigo.

- Theo...

Eu não sabia o que dizer, ainda mole e abalada demais, só precisando dele. Admirei-o alto, forte e nu. E choraminguei quando pegou a taça com o restinho de vinho, murmurando:

- Não...

- Sim. Eu avisei que queria tudo hoje.

- Ah...

Despejou o vinho em meus mamilos e a bebida escorreu para as laterais e minha barriga. Theo deixou a taça de lado e veio até mim, seus olhos nos meus, sua força me tomando. Agarrou os ferros nas laterais da roda, perto dos meus pulsos, fazendo os músculos dos seus braços e peito se sobressaírem. Estava entre as minhas pernas e senti seu pau pesado perto da virilha.

Mesmo saciada, aquele contato me fez ansiar que deslizasse mais e me penetrasse. Senti o desejo se espalhar, arder, ainda mais quando sua boca se fechou em meu mamilo e apenas o beijou, suave. Gemi e o tesão só aumentou quando o sugou firme, forte, em uma sucção bem mais poderosa do que a que Helena fazia ao mamar.

- Ah, Theo... Ah, Theo...

Fiquei fora de mim. Senti o leite quente sair e ele o chupar, mamando com força, sua barba roçando minha pele, seu pau pesando perto da minha vagina. Eu o quis com desespero e estremei por inteiro, suplicando:

- Por favor, mete seu pau em mim... Por favor...

Mas ele queria me torturar. Ficou lá, segurando-se no ferro, sugando meu mamilo e o leite, esfomeado, cada vez mais firme e duro, fazendo meu útero se contrair em espasmos e contrações sem controle. Eu choramingava, pedia, tentava me esfregar nele. Nem parecia que tinha acabado de gozar, ansiosa por mais.

Theo ergueu a cabeça e fitou meus olhos. Disse baixo:

- Nunca pensei que vinho e leite fossem tão bom. – E foi ao outro mamilo, mordendo-o, chupando-o com a mesma fome.

- Ai, meu Deus... – Solucei.

O mamilo que ele tinha sugado primeiro parecia um chuveirinho, espirrando leite sozinho depois de ser tão estimulado, espalhando o líquido fininho em minha barriga. Theo fez o mesmo com o outro e então os dois despejavam leite e ele alternava de um a outro, lambendo, mordendo, gemendo.

Eu estava fora de mim, alucinada, com lágrimas nos olhos, molhada de vinho e leite, palpitando, suplicando:

- Por favor... Por favor...

Theo sabia que eu queria seu pau. Mas me torturava ao se levantar e me olhar duro, dizendo bruto:

- Lembra do que eu disse, coelhinha? Quero seu leite, suas lágrimas, seu gozo e meu esperma, tudo misturado.

- Mas eu já... Eu...

- Mais. Quero mais.

E então agarrou uma haste preta e comprida com uma pá pequena e maleável na ponta, de silicone, como uma pata achatada. Seus olhos azuis estavam duros, aquela ruga entre as sobrancelhas deixando-o com ar perigoso.

- Theo...

- Vou espancar sua boceta até ficar vermelha e inchada, tão quente que quando meu pau entrar nela vai estrangulá-lo em um gozo que nunca vai esquecer.

E mal acabou de falar, bateu em cheio com aquele objeto na minha vagina, estalando o material liso e achatado sobre ela como um tapa. Gritei, fora de mim. Não teve dó, batendo mais e mais vezes seguidas, queimando-a, fazendo-me ter a sensação que inchava mesmo e os vasos se enchiam de sangue, meu clitóris triplicando de tamanho.

- Não! – Berrei e lágrimas pularam dos meus olhos, sem que eu pudesse mais suportar a ardência. – Pare! Pare, por favor!

E surpreendentemente, Theo parou. Parou de bater, desceu a boca e chupou gostosamente meu clitóris sensibilizado e duro. Gritei mais ainda, chorando, alucinada, perdida em sensações delirantes

onde dor e prazer se mesclavam e eu não sabia mais onde começava um e terminava o outro.

Palavras desconexas escaparam da minha boca. Não pude prever o gozo, mas quando vi já vinha em ondas sobre mim e eu já não pensava, só sentia e era arrebatada. Foi então que Theo se ergueu e se deitou entre minhas pernas, segurando-se forte nos ferros, seus olhos nos meus. Gritei e meu gozo se expandiu mais quando seu pau grosso penetrou-me forte e duro, até o meu útero. Então passou a estocar firme dentro de mim, entrando e saindo, indo e vindo, enquanto eu me engasgava e tinha contrações espasmódicas e arrasadoras.

Pensei que fosse morrer de tanto prazer. Não consegui escapar do seu olhar, gemi dolorosamente, ondulei fora de mim.

- Minha coelhinha... – Murmurou rouco, seus olhos quentes e apaixonados, o prazer também explícito em sua expressão.

E morri mesmo quando me beijou na boca e envolveu sua língua na minha. Morri de amor e de tesão, de sensações únicas e arrebatadoras, renascendo na mesma hora, beijando-o com meu ser, com minha alma, com cada pedaço meu que era dele.

Foi delicioso e desabei, exausta de tanto gozar. Então Theo parou de me beijar, me fitou carregado, ergueu-se saindo de dentro de mim, agarrando seu pau. Gemeu alto e rouco, urrou em um prazer extasiante e esporrou em minha barriga e seios, espalhando seu esperma quente em minha pele, enquanto eu só conseguia olhar, maravilhada, estonteada.

- Porra... – Rosnou, quando acabou, satisfeito, descabelado, uma leve camada de suor cobrindo sua pele.

Estremeci ao encontrar seu olhar, desabada ali, acabada de tanto prazer.

Theo sorriu sensualmente, mais lindo do que nunca, deslizando a mão em minha coxa. Murmurou rouco:

- Quer mais vinho?

E acabamos sorrindo ainda mais, um para o outro.

CAPÍTULO 21

EVA

A tenda branca balançava suavemente ao vento naquela gloriosa manhã de dezembro, junto com as folhas brilhantes das árvores em tom mais escuro que o verde das gramas sobre o solo. As flores do campo eram multicoloridas e se remexiam como se dançassem com a brisa, tudo em um movimento fluído e sincronizado, como se tivessem combinado.

Não tinha muitas pessoas ali, apenas familiares e um punhado de amigos mais íntimos, como Valentina, o filho Cacá e o noivo, a secretária de Theo, Eurídice, a enfermeira de Mário, Margarida, e mais umas cinco pessoas da fazenda. Nem Abigail se encontrava ali, pois queríamos apenas paz e amor, só nós mesmos, sem nem uma rusga que maculasse aquele momento.

Todos estavam de branco, até o padre Hamilton. E descalços. Assim como eu, com meus simples e leve vestido branco rendado até os pés, com uma colorida coroa de flores sobre os cabelos, que também flutuavam ao vento. No meu colo, acordada e espertinha, Helena também usava um vestido branco e balançava os pequeninos pés nus, encantada com as cores em volta, seus olhos arregalados para tudo. Havia uma delicada coroa de flores em volta de sua cabeça e eu sorria encantada para ela.

Ao meu lado, Micah teve que abandonar seus coturnos e couro e usava calça branca e uma camisa da mesma cor, que poderia até lhe dar um ar de bom rapaz, se não fossem as tatuagens em seu braço e peito que apareciam e o cabelo espetado em todas as direções. Virou-se para mim e ergueu as sobrancelhas endiabradas, sorrindo e indagando:

- Está pronta?

- Esperei muito esse momento. – Disse emocionada e feliz, voltando meu olhar para frente, onde Theo me esperava sob a tenda, olhos fixos em mim o tempo todo.

Estava lindo como sempre, todo de branco e descalço, o tecido da roupa se colando ao seu corpo que eu amava, o cabelo penteado para trás sendo desmanchado pelo vento. Eu sorri para ele e lembrei o nosso outro casamento, onde minha felicidade foi regada a lágrimas. Agora não. Eu me sentia livre e completa, pronta para seguir até ele sem culpas, me dando por inteiro.

Daquela vez não havia cadeiras para convidados, nem um bufê elaborado, muito menos uma banda para tocar músicas ao som de violino. Os poucos convidados estavam de pé e formavam um corredor entre eles para que eu passasse em direção a Theo ao lado do padre. Sobre uma pequena mesa havia champanhe no gelo, morangos e flores espalhadas, além de um ipod que Gabi ligou quando me viu pronta ao lado de Micah, meu tio, meu sangue, que me levaria em direção ao amor da minha vida.

Tínhamos escolhido juntos uma música cuja tradução era “Eu te amo tanto”, perfeita para nós. E ela começou linda, um complemento a mais naquele dia perfeito, o som da canção leve e romântica se juntando ao ronronar da natureza à nossa volta.

I guess they understand

Eu acho que eles entenderão

How lonely life has been

Quão solitária a vida tem sido

But life began again

Mas a vida começou de novo

The Day you took my hand

O dia que você tomou a minha mão

(And I Love So, Elvis Presley)

Sorri para Micah e dei o braço a ele, mantendo Helena no colo. Ele sorriu de volta, sem aquele ar debochado, apenas feliz, como eu. E juntos nós caminhamos a pequena distância até Theo, que me esperava com um ar de satisfação e gloriosa alegria. Era assim que todos estavam, em júbilo, assistindo a vitória do amor.

Pisei na grama, senti a brisa na pele, fui preenchida por sensações e sentimentos que busquei por toda a vida, que só consegui quando conheci Theo. E feliz, muito feliz, segui para ele. Eu, uma Amaro, caminhando para um Falcão. A vingança vencida e destruída, as armas no chão, os sentimentos puros e intensos gritando mais alto, derrotando um ódio que parecia invencível. Mas como não seria assim, se eu amava tanto? E se era amada de volta da mesma maneira?

Gabi e Joaquim sorriam, com Caio dormindo quietinho no carrinho dele ao lado. Pedro e Heitor também sorriam, felizes por que sabiam que tudo deu certo para o irmão mais velho. Tia chorava e ria, com a mão no coração, agradecendo a Deus aquela vitória.

E eu... Eu cheguei perto do meu amor, daquele homem inigualável e único que me arrebatou completamente ao primeiro olhar e que agora me olhava da mesma maneira, como se eu fosse dele. E eu era. Por inteiro, por toda vida.

- Agora nada vai impedir a felicidade de vocês. – Micah disse baixo, quando paramos em frente a Theo.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas. Micah beijou minha face e apertou a mão do irmão.

- Obrigado. – Disse Theo, daquela vez sem precisar ir me buscar no meio do caminho. Eu não estava mais sozinha, mas acompanhada por dois meio Falcão, meio Amaro: Micah e Helena.

Micah foi para o lado de Tia, que de imediato o abraçou e foi abraçada de volta.

Theo olhou para mim. Eu olhei para ele. E quando me tocou, seus dedos passando suavemente pelo meu rosto, eu soube que a vida seria linda e feliz. E murmurei emocionada:

- Você é o que sempre quis. Obrigada por não desistir de mim, Theo.

- Isso nunca seria possível, coelhinha. Seria como desistir de viver.

Sorri para ele. Tocou-me como se fosse seu bem mais precioso e depois a bochecha de Helena, olhando-a da mesma maneira amorosa e intensa. Então me fitou com seus olhos azuis, passou o braço em volta do meu ombro e disse num tom rouco:

- Vamos. Uma nova vida nos espera.

Fui com ele, andei até o padre, respirei minha própria felicidade.

A solidão tinha acabado.

Eu tinha Theo e Helena. Eu tinha uma família e muito amor.

Eu tinha tudo que sempre quis.

THEO

Quando Padre Hamilton nos declarou marido e mulher, eu senti meu coração disparar e meus olhos arderem. Para um homem que sempre foi controlado e frio em seus sentimentos, que passou quarenta anos de sua vida sem acreditar no amor, aquilo tudo era surpreendente e inexplicável. Era único. E a melhor coisa que poderia ter me acontecido.

Não havia uma gota de frieza em mim. Eu ardia de amor, paixão e felicidade ao olhar Eva e ver seus olhos límpidos espelhando o mesmo. Enfiei a mão em seu cabelo e saboreei seus lábios macios, sabendo que nunca esqueceria aquele momento. Ele me marcava como uma vitória, um desejo realizado, a maior conquista da minha vida. Tínhamos enfrentado a dor, a traição, a vingança e a morte. E tínhamos vencido tudo para ficarmos juntos.

As emoções nos dominaram e nos beijamos sem pressa, devagar, sentindo, nos dando, lento e gostoso. Helena deu um grito entre nós e sorrimos com os lábios colados, sabendo que ela não gostava de ser esquecida e reclamava. Afastei-me um pouco, eu e Eva bem humorados ao olharmos para nosso tesouro, nosso bem maior, aquele pedacinho de nós dois que já era tão importante e fundamental na nossa vida.

- Vem com o papai...

Acho que Helena já entendia aquela frase, pois sempre ficava animada quando eu a dizia. Sorrindo, acomodei-a na curva de um braço e com o outro abracei Eva, enquanto nos olhávamos apaixonados. Murmurei:

- Parabéns pelo casamento, senhora Falcão. Sabe que agora não tem volta, não é? Nunca mais vai sair dele.

- Ainda bem, senhor Falcão. – Seu sorriso era delicioso, aberto, todo meu.

- Felicidades! – Tia gritou com lágrimas nos olhos, segurando uma pequena cesta e jogando sobre nós várias pétalas de flores, que voaram ao vento e se espalharam no ar, perfumadas e coloridas.

- Muito amor! – Gabi emendou, fazendo o mesmo que ela.

E tudo era alegre, os sorrisos abertos, a beleza em toda parte. Ou era eu que me sentia assim?

Olhei em volta e por um momento fui preenchido por uma miríade de sensações, sem poder acreditar em tudo que vivi, no desespero que senti e que não parecia ter fim, mas que agora não era páreo para sombrear minha felicidade. Não havia nem um resquício de mágoa ou dúvidas dentro de mim. Eu me sentia em paz. Realizado. Acreditando em uma vida feliz com Eva e Helena, tendo certeza daquilo.

- Vamos brindar! – Disse Joaquim, indo pegar o champanhe e trazendo para que eu estourasse.

Devolvi Helena a Eva e peguei a garrafa. Não conseguia parar de sorrir e me sentia um bobo, mas era mais forte do que eu. Sacudi a garrafa e soltei a rolha, fazendo um barulho alto quando esta voou longe e o líquido borbulhou para fora.

Olhei para Eva e ela me fitava embevecida, tão boba e feliz quanto eu. Falei com emoção:

- Ao amor e à confiança.

- Ao amor e à confiança. - Ela repetiu. E todos fizeram o mesmo enquanto o champanhe era servido e as taças passadas de um a outro.

Puxei-a para mim e falei baixinho:

- Eu te amo. E isso nunca vai mudar, coelhinha.

- Eu te amo. E isso nunca, nunca, nunca vai mudar, Theo. – Sorri e se aconchegou a mim.

- Gostei de tantos “nunca”.

- Somos um, nós três. – Trouxe Helena mais para junto de mim, falando perto da minha boca, olhos nos meus. – E quando

voltarmos das nossas férias na Grécia, podemos ser mais. Quero uma família grande e feliz com você.

- Vai ter tudo o que desejar. – Admirei-a, minha mão acariciando seu cabelo.

- Posso pedir o que eu quiser?

- Tudo.

- Quero um beijo. – Murmurou, emocionada.

- Helena vai chorar. – Avisei sorrindo, já segurando sua nuca, tomando-a para mim. - Quer um beijo?

- Quero...

- Toma... – E a beijei na boca com paixão e desejo, com amor e volúpia, com minha alma.

Fechei os olhos e vi a felicidade.

Ela era minha na forma de Eva e Helena. E de tudo mais que elas trariam para mim.

Senti seu cheiro, seu gosto e a tomei para mim, esquecendo o mundo e que uma vez senti raiva ou tristeza. Esquecendo tudo.

Até que Helena gritou irritada entre nós.

E eu sorri feliz contra os lábios de Eva.

FIM.

Table of Contents

[Série Segredos:](#)

[Dedicatória:](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)